



UNIVERSIDADE DE SALAMANCA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE TEORIA E HISTORIA DA EDUCAÇÃO

TESE DOUTORAL

**A Internet sob a ótica da *história vista de baixo*: uma teia
de significações em pequenos-grandes discursos**

Doutoranda

Maria do Socorro Leão de Sousa Bandini

Diretor

Dr. Joaquín Garcia Carrasco

Salamanca, 2010

Dedicatória

Dedico esta tese à memória de meus pais, em especial de meu pai, que tanto queria filhos doutores. À minha filha, por ter lido, em mim, a importância dos estudos. Ao meu marido, por ter aprendido a ler, em mim, que é preciso continuar.

Agradecimentos

Olhares críticos e generosos acompanharam o percurso desta tese, razão por que agradeço:

A Deus, por ter permitido que eu chegasse até aqui.

Ao Professor Doutor, Joaquín García Carrasco, diretor desta tese, pela forma simples de conversar com seus orientandos, no esclarecimento de dúvidas, troca de informações e, em especial, nas inferências relevantes.

Ao Professor Doutor, John Dawsey, co-tutor desta tese no Brasil, por tão valiosas orientação bibliográfica e leitura comentada.

À Professora Doutora, Regina Pagliucci da Silveira, minha orientadora no Mestrado, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, cuja orientação tem raízes que brotarão, quando se fizer necessário.

À amiga Professora Doutora, Aláide Aparecida Fernandes que, a despeito da atribulada carga horária de trabalho, dispunha-se a uma leitura criteriosa.

À amiga Professora Mestre, Celeste Fragoso Tavares, revisora desta tese.

À amiga Professora Mestre, Ana Lúcia Machado da Silva, pela criticidade construtiva.

Ao jovem amigo, Jacques Eanes Esmeraldo, dedicado diagramador desta tese.

Quero, aqui, homenagear a Universidade de Salamanca, símbolo da educação. A minha permanência nesta Instituição de Cultura significa uma das experiências mais importantes de minha história de vida.



A tecnologia é a resposta, mas qual era a questão?

Cedric Price (1979) *

* Frase inserida num *button* que se tornou popular na década de 1970.

Os alunos da E.E.F. Santa Luzia têm o Mundo da Informação e Comunicação – Internet – em suas mãos e também aos seus pés. Resta, tão-somente, aprender a utilizá-lo como sujeitos-éticos. Eis a questão.



Alunos do *Tonomundo*.
Fonte: Arquivo da investigadora.

**A internet sob a ótica da *história vista de baixo*: uma teia
de significações em pequenos-grandes discursos**

RESUMO

A presente tese situa-se na área dos estudos sobre as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC, do Curso Procesos de Formación en Espacios Virtuales, da Faculdade de Educação, do Departamento de Teoria e História da Educação, da Universidade de Salamanca, sob a orientação do Prof. Dr. Joaquín García Carrasco. O tema aqui desenvolvido versa sobre a importância da Internet, em local de exclusão social, o povoado de Almécegas, no Estado do Ceará, onde essa tecnologia chegou antes da luz elétrica, através da energia solar. Pressupomos que os discursos a respeito da valoração da Internet fundamentam-se nos documentos escritos, oficiais, ou seja, na *história vista de cima*, paradigma tradicional da História. Por hipótese, apresentamos a *história vista de baixo*, novo paradigma da História, constituída pelos discursos orais de pessoas simples e anônimas de Almécegas, para fundamentar a valoração da Internet. Esta tese fundamenta-se numa abordagem inter-transdisciplinar para dizer que a Internet é um mundo de contrários, para bem e para mal, posto que a sociedade também o é. Tal abordagem pauta-se numa investigação qualitativa que, por meio de um olhar etnográfico, realiza uma *observação participante*, nos moldes de Bronislaw Malinowski e do paradigma indiciário, *morelliano* (In: Carlo Ginzburg, 2009), ou seja, a observação dos detalhes, aparentemente sem importância, mas reveladores de significados. No tocante ao caráter geral, objetivamos contribuir com os estudos sobre a importância da Internet. Quanto à especificidade, estabelecemos os objetivos, a saber: 1. examinar o significado de importância da Internet nos discursos da *história vista de baixo*. 2. examinar o significado de importância da Internet nos discursos da *história vista de cima*. 3. verificar a zona de similitudes entre os discursos da *história vista de baixo* e da *história vista de cima*. O *corpus* analisado constitui-se de discursos orais e discursos escritos. A obtenção dos resultados confirma a hipótese apresentada, bem como a sua adequação aos objetivos estabelecidos: a Internet no povoado de Almécegas tem importância de transformadora social.

Palavras-chave: Internet, exclusão social, *história vista de baixo*, *história vista de cima*, inter-transdisciplinar.

RESUMEN

Esta tesis, del Curso Procesos de Formación en Espacios Virtuales, de la Facultad de Educación, del Departamento de Teoría e Historia de la Educación, de la Universidad de Salamanca, bajo orientación del Prof. Dr. Joaquín García Carrasco, se ubica en el área de los estudios sobre las Nuevas Tecnologías de Información y Comunicación – TIC y se delimita al tema sobre la importancia de la Internet en sitios de exclusión social, el pueblo de Almécegas, en el Estado de Ceará, Brasil, donde esa tecnología llegó antes que la luz eléctrica, por medio de la energía solar. Damos por sentado que los discursos respecto la valoración de la Internet se fundamentan en los documentos escritos, oficiales, es decir, en la historia vista desde arriba, paradigma tradicional de la Historia. Por hipótesis, presentamos la historia vista desde abajo, nuevo paradigma de la Historia, constituida por los discursos orales de personas sencillas y anónimas de ese pueblo, para fundamentar la valoración de la Internet. Esta tesis se fundamenta en un planteamiento inter y transdisciplinar para decir que la Internet es un mundo de contrarios, para bien y para mal, puesto que la sociedad también lo es. Tal planteamiento camina por una investigación cualitativa que, por medio de una mirada etnográfica, realiza una observación participante, con base en Bronislaw Malinowski y en el paradigma indiciario, morelliano (In: Ginzburg, 2009), es decir, la observación de los detalles, aparentemente sin importancia y, sin embargo, reveladores de significados. En cuanto al carácter general, objetivamos contribuir con los estudios sobre la importancia de la Internet. En cuanto a la especificidad, establecimos los siguientes objetivos: 1. examinar el significado de importancia de la Internet en los discursos de la historia vista desde abajo. 2. examinar el significado de importancia de la Internet en los discursos de la historia vista desde arriba. 3. Verificar la zona de similitudes entre los discursos de la historia vista desde abajo y de la historia vista desde arriba. El corpus analizado se constituye de discursos orales, extraídos de las entrevistas y conversaciones entre la investigadora y sus informantes, bien como de algunas comunicaciones por e-mails; se constituye, todavía, de discursos escritos, extraídos de los textos de los autores referenciados. La obtención de los resultados confirma la hipótesis presentada, y también su adecuación a los objetivos establecidos: la Internet en el pueblo de Almécegas tiene importancia de transformadora social.

Palabras clave: Internet, Almécegas, exclusión social, historia vista desde abajo, historia vista desde arriba, inter y transdisciplinar.

ABSTRACT

This thesis is in the area of studies on New Information and Communication Technologies – ICT, of the university course called *Procesos de Formación en Espacios Virtuales*, of the Education School, Department of Theory and History of Education of Salamanca University, Spain, under the supervision of Professor Joaquín García Carrasco, Ph.D. The subject matter hereof is on the importance of Internet in areas marked by social exclusion, namely the Almécegas village located in the Brazilian State of Ceará, where such technology arrived even before electricity, by means of solar power. We assume that speeches on Internet value are based on written, or official documents, that is, on history seen from above, a traditional paradigm of History. As a hypothesis, we present the relevance of the history seen from below, the new paradigm of History, consisting in oral speeches of simple and anonymous people from said village, to serve as basis of Internet value. This essay is founded on an inter-transdisciplinary approach to state that Internet is a world of opposites, both for good and evil, since society is also like that. Such approach is made under a qualitative investigation methodology that, through a ethnographic view, performs a participative observation, according to Bronislaw Malinowski's ideas and also to Morelli's clues paradigm (In: Carlo Ginzburg, 2009), that is, observation of details, apparently without any relevance, but revealing important meanings. As regards the general character, this study intends to contribute with studies on the importance of Internet. As to specificity, the following purposes have been set: 1. to examine the meaning of the Internet importance in speeches of history seen from below. 2. to examine the meaning of the Internet importance in speeches of history seen from above. 3. to verify the zone of similarities between the history seen from below and history seen from above speeches. The corpus under analysis consists of oral speeches, compiled from interviews and conversations among the investigator and her informants, as well as from some email messages; it also consists of written speeches taken from texts from the abovementioned scholars. The results achieved confirm the hypothesis submitted, as well as that it is fit to the purposes set: in Almécegas village, Internet is important as a social transformer.

Keywords: Internet, social exclusion, history seen from below, history seen from above, inter-transdisciplinary.

ÍNDICE

O investigador é um solitário. A tese que ora apresento foi pensada, rascunhada, analisada e construída, em grande parte, na solidão da madrugada, como resultado da leitura *bailarina e ruminante* - termos utilizados por Nietzsche – que fui no percurso desta investigação. Não apenas solitário, o investigador é também um egoísta: inquietava-me saber que o dia não podia ter mais de vinte e quatro horas, que o tempo não era só meu – existia a família, os afazeres domésticos, o trabalho –; outra vida, enfim, além dos livros e do computador.

ÍNDICE

PARTE I – INTRODUÇÃO	41
-----------------------------------	----

PARTE II – A TEORIA REVISITADA

CAPÍTULO 1: Os *Annales* e a *Nova História*

1.1 O que é a Nova História	89
1.2 Toda história é escolha	92
1.3 <i>A história vista de baixo</i> : a ruptura com o paradigma tradicional	95
1.4 Os contrários entre os dois modos de contar a história: <i>a vista de cima e a vista de baixo</i>	100
1.4.1 A história é, essencialmente, política / Tudo tem história ...	100
1.4.2 A história é uma narrativa / A história é uma análise das estruturas	101
1.4.3 A história tem duas visões: a de cima e a de baixo	102
1.4.4 A história é baseada em documentos / A história tem outros tipos de fonte.....	103
1.4.5 A explicação histórica visa ao acontecimento / A explicação histórica visa ao acontecimento em todo o seu contexto	104
1.4.6 A história é objetiva / A história tem vozes variadas e opostas	105
1.5. O ceticismo em relação à história oral	106

CAPÍTULO 2: Etnografia, um olhar no e para o campo: a Antropologia Social

2.1 Os postulados de Laplantine	113
2.2 Laplantine apresenta Boas e Malinowski	116
2.3 Os Pensadores.....	119

2.4 A observação participante	121
2.5 Antropologia social: breves considerações	122
2.6 A prática antropológica e sua especificidade	123
2.7 Tudo é etnografia	124

CAPÍTULO 3: Ética: condutora indispensável do pensar humano

3.1 O que dizem os dicionários sobre ética	133
3.2 A ética e seus constituintes	134
3.3 Condições para existência do sujeito ético ou moral	135
3.4 As indagações de Sócrates	138
3.5 Bakhtin e o sujeito ético	139
3.5.1 Em busca de uma completude	139
3.5.2 A ética freiriana.....	144
3.5.3 Ética e espiritualidade	149
3.5.4 Os valores éticos na escola.....	150

PARTE III – OLHARES

CAPÍTULO 4: Um *olhar* para Almécegas: os contextos global e local

4.1 O Contexto Global	161
4.1.1 Nordeste.....	161
4.1.2 O nordestino-sol	164
4.1.3 O Estado do Ceará.....	165
4.1.4 O sol também é vaiado.....	167
4.2 A seca e a religião	170
4.2.1 A crença no Santo de Devoção	170
4.3 A ausência do sol na vida do nordestino	174
4.4 O município de Trairi.....	175
4.4.1 A investigadora chega a Trairi	176

4.5. O contexto local.....	179
4.5.1 O primeiro olhar para Almécegas	179
4.5.2 Os meios de transporte.....	182

CAPÍTULO 5: O primeiro *olhar* e o primeiro *situar-se*

5.1 A Escola de Ensino Fundamental Santa Luzia.....	190
5.2 A Internet Solar	191
5.2.1 O Núcleo Digital Solar da Escola Santa Luzia	194
5.2.2 O novo laboratório de Informática.....	198
5.3 A escola de ‘cara’ nova.....	202
5.4 Protagonistas do Tonomundo	203
5.5 O corpo docente.....	204
5.6 Os contadores da história <i>vista de cima</i> e da história <i>vista de baixo</i>	207
5.6.1 A história <i>vista de cima</i>	208
5.6.1.1 O discurso político do Secretário de Educação de Trairi.....	208
5.6.1.2 A interpretação do repórter do jornal <i>O Estado de São Paulo</i>	209
5.6.1.3 A interpretação do repórter da Revista <i>Época</i>	210
5.6.2 Olhando pelo olhar do professor Raulindo.....	213
5.7 A história vista de baixo.....	214
5.7.1 No artigo do jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> : Internet vem antes da luz em Almécegas	214
5.7.2 Na entrevista com Raulindo	216
5.7.3 No discurso pedagógico dos professores da Escola de Ensino Fundamental Santa Luzia	219
5.7.4 No olhar dos jovens alunos.....	222
5.8 Uma Zona de Similitude	224

CAPÍTULO 6: O segundo *olhar*

6.1 A estrada mais parece uma rinha	231
6.2 Chegando a Trairi	235
6.3 A travessia no Pau-de-Arara.....	235
6.3.1 O motorista do pau-de-arara	235
6.3.2 Conhecendo os passageiros	236
6.3.3 As paradas do pau-de-arara.....	239
6.3.4 Pau-de-arara, um comunicador social.....	240
6.4 A segunda visita à Escola de Ensino Fundamental Santa Luzia	250
6.4.1 Um gesto desbotado	250
6.4.2 Um cartaz anuncia a visita da investigadora	251
6.4.3 O novo laboratório	252
6.4.4 O almoço na escola.....	254
6.4.5 Um estranhamento	255
6.4.6 As entrevistas filmadas.....	256
6.4.7 Entrevista com Antonio.....	257
6.4.7.1 Entrevista com a Maria Apolônio.....	259
6.4.7.2 Entrevista com o professor Raulindo.....	260
6.4.7.3 Entrevista com o ex- aluno e atual Instrutor de Informática, David	262
6.5 Interpretando as entrevistas	263
6.5.1 Na visão de Antonio, a Internet:	263
6.5.2 Para Maria Apolônio, a Internet:.....	263
6.5.3 Raulindo entende a Internet como transformadora social porque:	264
6.5.4 O ex-aluno David, por sua vez, assim representa Internet:	264
6.6 Um ruído	265

6.7 A volta na motoca.....	266
----------------------------	-----

CAPÍTULO 7: O terceiro olhar

7.1 A travessia no carro-lotação.....	273
7.2 A parada para um caldo	275
7.3. Uma demonstração de solidariedade	276
7.4 A chegada em Trairi	277
7.4.1 Conhecendo a Secretaria de Cultura	277
7.5 A terceira travessia para Almécegas no pau de arara.....	279
7.5.1 Trairi é cenário de uma tragédia	280
7.5.2 Trairi e tecnologia.....	281
7.5.3 Munguba, o povoado que não caiu na boca do povo	284
7.5.4 A difícil travessia	284
7.5.4.1 Trechos da estrada para Almécegas	285
7.5.5 Almécegas: pobreza explícita e tecnologia	286
7.6 De volta à Escola Santa Luzia.....	289
7.6.1 A conversa com Sebastião	258
7.6.2 Outro almoço na escola	291
7.6.3 Conhecendo Hugo e Ivone	296
7.6.4 A investigadora conversa com mães de alunos.....	299
7.7 O segundo dia da observação participante	300
7.7.1 A entrevista com Antonio, secretário escolar	300
7.7.2 A entrevista com Raulindo	302
7.8 O que dizem os sujeitos observados.....	308
7.9 Um momento de descontração com os alunos	308
7.9.1 Situando-se nos arredores da Escola	310
7.9.1.1 A conversa com D. Geralda.....	310
7.9.1.2 A conversa com Dona Ídia.....	320
7.9.1.3 Uma mostra da agricultura familiar	322
7.9.2 A Internet nas visões de D. Geralda e D. Ídia	324

CAPÍTULO 8: O quarto olhar

8.1 Notícia do fechamento da E.E.F. Santa Luzia	329
8.2 Entrevista com a Secretária de Educação	330
8.3 Entrevista com a professora Jaqueline	334
8.4 Entrevista com Tainara e Clara	335
8.5 Entrevista com os alunos Robério, Estenio, José Paulo, Manuel, Gabriel e Joel.....	337
8.6 Outros ruídos	349

PARTE IV – A INTERNET PARA BEM E PARA MAL

CAPÍTULO 9: A completeza e incompleteza da Internet: o Teorema de Gödel e as metáforas como discursos fundadores

9.1 A Filosofia e o computador: tudo começou com Leibniz.....	364
9.2 Kurt Gödel e O Teorema da Incompleteza: um discurso fundador.....	368
9.2.1 Falso ou verdadeiro? A Sistematização da Lógica Formal	368
9.2.2 O Teorema da Incompleteza	370
9.2.3 A relação entre o Teorema da Incompleteza e a Internet..	371
9.3 Metáforas: o discurso da incompleteza	373
9.3.1 Aspectos de completeza e incompleteza da Internet: o Teorema de Gödel fundamenta e as metáforas apresentam ...	376
9.3.2 Figura síntese: a Internet metaforizada	403
9.4 Sites de relacionamento: um novo Imaginário	403
9.4.1 O Imaginário da Internet.....	403
9.4.2 Alguns dados sobre a Internet e outros meios de comunicação no Brasil e no mundo.....	406
9.5 Orkut: o machado de corte duplo.....	413

9.5.1 Por que o Orkut faz tanto sucesso entre brasileiros?	415
9.5.2 Orkut: o 'divã' analista.....	418
9.5.3 O vício orkutiano	415
9.5.4 O lado 'vilão' do Orkut.....	418
9.5.4.1 Perfis falsos (fakes ou bogus).....	424
9.5.5.2 Comunidades ofensivas.....	424
9.6 Teoria dos Seis Graus de Separação	427

CAPÍTULO 10: *Tonomundo*: um programa de completudes

10.1 Apresentação	437
10.2 A premiação	438
10.3 <i>Tonomundo</i> , na visão de sua Diretora Educacional	440
10.4 <i>Tonomundo</i> : uma proposta pedagógica humana	442
10.5 Questionário sobre a prática do <i>Tonomundo</i> na Internet	444
10.6 A Internet na E.E.F. Santa Luzia: completeza ou incompleteza?	445
10.7 A Internet na E.E.F. Santa Luzia: aspectos de <i>incompleteza</i> ...	454

CONCLUSÃO	471
------------------------	-----

BIBLIOGRAFIA	491
---------------------------	-----

ANEXOS	505
---------------------	-----

INDICE DE FIGURAS

Figura 1: Os retirantes	162
Figura 2: Criança morta	162
Figura 3: Enterro na rede	163
Figura 4: Um nordestino vítima da seca.....	164
Figura 5: A terra seca, torrada pelo sol	166
Figura 6: Animal morto pela seca.....	166
Figura 7: Cearenses andam sobre a terra petrificada pelo sol	166
Figura 8: Ilustração da 1ª. Notícia sobre a Vaia ao Sol na Praça do Ferreira, divulgada no Jornal O Povo no dia 30 de janeiro de 1942	167
Figura 9: A praça do Ferreira nos dias de hoje	168
Figura 10: Fortalezenses vaiaem o sol (29. Jan. 2009).....	169
Figura 11: Página do jornal O POVO (Online-30.01	169
Figura 12: São José, Santo padroeiro do Ceará	171
Figura 13: Bem-vindo a Trairi.....	177
Figura 14: O centro de Trairi	177
Figura 15: Os dois informantes	177
Figura 16: A investigadora e o Secretário de Educação.....	179
Figura 17: A conversa com o Secretário e Prof. Raulindo	179
Figura 18: Rua principal do povoado de Almécegas	180
Figura 19: Casa de taipa.....	181
Figura 20: Casa de tijolos	181
Figura 21: O pau-de-arara	182
Figura 22: E.E.F. Santa Luzia antes da Internet.....	190
Figura 23: Raulindo mostra o Painel de Energia Solar	191
Figura 24: Placas Fotovoltaicas	191
Figura 25: Casa das baterias	192
Figura 26: O cabo receptor de energia sol.....	193
Figura 27: O conversor de energia solar em elétrica	193
Figura 28: Entrada do laboratório de informática	194
Figura 29: Biblioteca da escola	195

Figura 30: Laboratório de informática	195
Figura 31: O Blog do Programa <i>Tomomundo</i>	196
Figura 32: Alunos em atividades do Projeto Tomomundo	197
Figura 33: A beleza da Lagoa de Almécegas.....	198
Figura 34: O contraste com a pobreza do povoado.....	198
Figura 35: Voluntário	199
Figura 36: O árduo trabalho voluntário.....	199
Figura 37: Preparando a massa.....	199
Figura 38: Carregando tijolos.....	199
Figura 39: Tomando a forma do novo Laboratório	200
Figura 40: Nominando o laboratório.....	200
Figura 41: O novo laboratório está pronto.....	201
Figura 42: Parte interna do novo laboratório	201
Figura 43: Muro da escola decorado com embalagens <i>pet</i>	202
Figura 44: O símbolo de Trairi	202
Figura 45: Outro ângulo da nova escola	202
Figura 46: E.E.F. Santa Luzia – O 1º. Núcleo Digital Solar	203
Figura 47: Alunos <i>Tomomundo</i>	204
Figura 48: A investigadora com alguns professores.....	204
Figura 49: Professor Cícero Elano	205
Figura 50: A postura segura da Profa. Elidiane.....	205
Figura 51: David (de boné), ex-aluno; à frente, Antonio	205
Figura 52: Raulindo e alunos sob a placa fotovoltaica	210
Figura 53: Alunos navegando	211
Figura 54: Zona de Similitude	224
Figura 55: O pau-de-arara e seu motorista	235
Figura 56: Outro ângulo do pau-de-arara.....	235
Figura 57: A investigadora sobe no pau-de-ara	236
Figura 58: Dionísio deixa-se fotografar	237
Figura 59: Dionísio pensativo.....	237
Figura 60: O passageiro José.....	238
Figura 61: José aprecia a estrada.....	238

Figura 62: O vendedor de combustível	240
Figura 63: As compras	241
Figura 64: A moradora corre para dar um recado	241
Figura 65: A caronista	241
Figura 66: A estrada para Almécegas	242
Figura 67: O desconforto	242
Figura 68: A investigadora segura-se firmemente no pau-de-arara.....	242
Figura 69: Uma igreja no caminho do povoado	243
Figura 70: O pagamento da dívida	243
Figura 71: Uma moradora dirige-se ao pau-de-arara	245
Figura 72: José dá a notícia da morte do cunhado da moradora.....	245
Figura 73: O motorista ajuda a passageira idosa a descer.....	246
Figura 74: Dionísio e José mostram seus preciosos relógios	247
Figura 75: A agilidade de Dionísio	248
Figura 76: Dionísio pega suas compras	248
Figura 77: Dionísio vai em direção de sua casa	248
Figura 78: Francisco apresenta sua mãe à pesquisadora	249
Figura 79: A mãe de Francisco solta os cabelos para ser fotografada	249
Figura 80: José entrega a mochila da pesquisadora	250
Figura 81: Cartaz comunica a visita da pesquisadora	251
Figura 82: A amplitude do novo laboratório.....	252
Figura 83: Equipamentos da rádio-escola	252
Figura 84: Raulindo e a investigadora almoçam	254
Figura 85: A volta na motoca	267
Figura 86: O restaurante	275
Figura 87: Duas passageiras tomam um caldo de carne.....	276
Figura 88: Secretaria da Cultura Esporte de Trairi	288
Figura 89 Assessores do Secretário de Cultura	279
Figura 90: Outra viagem no pau-de-arara	279
Figura 91: À espera do resgate.....	281
Figura 92: A forte correnteza do rio.....	281
Figura 93: Casa e parabólica 1	281

Figura 94: Casa e parabólica 2	282
Figura 95: Casa e parabólica 3	282
Figura 96: Casa e parabólica 4	283
Figura 97: Casa e parabólica 5	283
Figura 98: O povoado de Monguba.....	284
Figura 99: Estrada perigosa.....	285
Figura 100: As consequências das chuvas	285
Figura 101: A investigadora agarra-se com dificuldade nas laterais do pau de arara	286
Figura 102: Casa de pau-a-pique e tecnologia parabólica 1	287
Figura 103: Casa de pau-a-pique e tecnologia parabólica 2	287
Figura 104: Casa de alvenaria e parabólica 1	288
Figura 105: Casas de alvenaria e parabólica 2	288
Figura 106: Pobreza explícita e tecnologia parabólica	289
Figura 107: A investigadora desce do pau-de-arara	290
Figura 108: Passageiro entrega a mochila da investigadora.....	290
Figura 109: A investigadora é fotografada por Raulindo, em frente à E.E.F.Santa Luzia.....	291
Figura 110: Arroz, feijão e suco de caju	295
Figura 111: O frango com abóbora	295
Figura 112: A investigadora e o professor Raulindo brindam a saúde e a amizade.....	296
Figura 113: A investigadora conversa com Alberto, pai da aluna Ivone	298
Figura 114: Conversas com as mães dos alunos.....	299
Figura 115: Um momento de desconcentração.....	309
Figura 116: Antes do início das aulas	309
Figura 117: Uma pelada (jogo de futebol na rua), único lazer	310
Figura 118: A casa de D. Geralda.....	310
Figura 119: A investigadora conversa com Dona Geralda	311
Figura 120: A roça de milho de D. Geralda estragada pelo excesso de chuvas	319
Figura 121: A investigadora conversa com D. Ídia.....	321

Figura 122: A plantação de feijão e mandioca	323
Figura 123: A investigadora aponta para uma abóbora.....	323
Figura 124: Investigadora e Profa. Maria das Graças	333
Figura 125: A ex-aluna Tainara.....	336
Figura 126: A ex-aluna Clara	337
Figura 127: Falso ou verdadeiro	369
Figura 128: Capas <i>Parangolés</i>	399
Figura 129: Capa <i>parangolé</i> : o leitor dentro da obra	400
Figura 130: Uma teia de significações	403
Figura 131: Quadro-tempo navegação.....	407
Figura 132: Página El Mundo.....	414
Figura 133: Rede social	428
Figura 134: Doce brigadeiro.....	451
Figura 135: Móviles de Calder	483

PARTE I – INTRODUÇÃO

O pensamento das ciências humanas nasce como pensamento sobre os pensamentos dos outros, sobre exposições de vontades, manifestações, expressões, signos atrás dos quais estão os deuses que se manifestam (a revelação) ou os homens (as leis dos soberanos do poder, os legados dos ancestrais, as sentenças e enigmas anônimos, etc). [...] Estamos interessados na especificidade do pensamento das ciências humanas, voltados para pensamentos, sentidos e significados dos outros, etc., realizados e dados ao pesquisador apenas sob a forma de *texto*. Independentemente de quais sejam os objetivos de uma pesquisa, só o texto pode ser o ponto de partida (Bakhtin, 2003, p. 308).

Introdução

O Tema

A tese em questão situa-se na área de estudos sobre as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC e privilegia uma investigação a respeito da Internet, com base no curso Procesos de Formación en Espacios Virtuales, da Faculdade de Educação, do Departamento de Teoria e História da Educação, da Universidade de Salamanca. O tema, aqui desenvolvido, constitui os sentidos construídos por pessoas comuns, do povoado de Almécegas, lugar de exclusão social, para representar o significado de importância dessa revolução tecnológica. Nesse povoado, a Internet foi instalada na Escola de Ensino Fundamental Santa Luzia - E.E.F Santa Luzia - através da energia solar, inclusão sociodigital pioneira no Brasil.

Na visão de Marcio Pochmann e Ricardo Amorim (2004), a exclusão social pode ser entendida como um processo de natureza transdisciplinar, uma vez que aponta para diferentes adversidades sociais, nas mais distintas relações entre o sujeito excluído e a sociedade, razão por que não cabe associar a existência da exclusão apenas por oposição à inclusão social, posto que na história da humanidade a igualdade não tem sido um traço social; o que evolucionismo sociocultural tem denunciado é a exclusão combinada e desigual, por meio de um processo simultâneo à inclusão, ou seja, o desenvolvimento de um país caminha na dualidade inclusão-exclusão.

Esses autores observam que, nas sociedades mais pobres e/ou desiguais, a exclusão social pode ser mais facilmente

observada, sobremaneira na relação entre os bem-alimentados e os famintos. Entretanto, à medida que as sociedades incorporam-se em novas realidades, a urbanização, por exemplo, surgem outras necessidades para um viver-qualitativo, que ultrapassa a questão da subsistência.

Amaro¹, por sua vez, entende a exclusão social na falta de acesso às oportunidades oferecidas pela sociedade aos seus membros. Com características multidimensionais, a exclusão se configura nos diferentes níveis sociais: ambiental, cultural, econômico, político, em geral cumulativa, manifestando-se em vários ou todos desses níveis. Sendo assim, a exclusão social pode ser definida em seis dimensões da cotidianidade do sujeito excluído: do *ser*, no auto-reconhecimento do eu-digno, do eu-estimado, do eu-único; do *estar*, na sociedade, na família, no convívio com os amigos, na escola e no trabalho; do *fazer*, na realização das tarefas, socialmente reconhecidas; do *criar*, no empreendimento, nas iniciativas assumidas, na definição e concretização de projetos, nas invenções; do *saber*, no acesso irrestrito à informação, necessária à tomada de decisões, e na capacidade crítica para interferir na sociedade; do *ter*, no rendimento, no poder de compra, ou seja, na capacidade aquisitiva.

Assim compreendida, a exclusão social é, portanto, a não oportunidade de instauração do eu-social em algumas ou todas essas dimensões da cotidianidade: o não-ser, o não-estar, o não-fazer, o não-criar, o não-saber, o não-ter.

¹ Rogério Roque Amaro é Prof. Associado no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa - ISTA. As reflexões de Amaro acima constam do texto publicado no Cadernos do ISTA no. 9, s/d.

Esta tese constrói-se num processo narrativo-descritivo, no qual o narrador ora assume a autoria do *eu* testemunha e protagonista, pelo fato de contextualizar-se no relato das experiências vivenciadas; ora o narrador apresenta-se no *eu* oculto e narra em 3ª pessoa, quando se refere à investigadora desta tese e, ainda, numa relação de parceria com o leitor, o narrador distancia-se do *eu* e assume a autoria plural, na pessoa do *nós*. Neste espaço, evocamos as reflexões de Walter Benjamin (1996, p.205-6):

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão - no campo, no mar e na cidade -, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o "puro em si" da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (...). Assim, seus vestígios estão presentes de muitas maneiras nas coisas narradas, seja na qualidade de quem as viveu, seja na qualidade de quem as relata.

O contexto da escolha do tema

Em 2006, quando iniciei o doutorado, as publicações sobre a importância da Internet, em especial, como um recurso tecnológico, para a educação, circulavam pelos corredores acadêmicos em meio a debates, polêmicas e lançamentos de novos títulos. A Internet, como um novo saber-fazer a comunicação, já consolidada no Brasil, em algumas instituições educacionais, desde 1996, ainda é hoje a sugestão do dia nos cardápios dessas e tantas outras instituições,

degustada por estudiosos famintos que, cada vez mais, acreditam nos benefícios que essa rede informacional e comunicacional pode trazer para a saúde dos diversos sistemas de ensino.

Em tal cenário, a constatação dessa importância, não apenas para a educação, mas também para a vida das pessoas, tem sido postulada por uma comunidade de estudiosos, de reconhecido saber científico, detentora de um discurso elitizado, encontrado nos livros, nos congressos, nas conferências, nos seminários; enfim, nos grandes discursos. De certa forma, isso me inquietava. A mim me importava, também, conhecer o discurso das pessoas comuns, anônimas, além do discurso científico – o que têm a dizer tais pessoas sobre uma revolução tecnológica, como a Internet? Em razão disso, nasceu a intenção desta pesquisa. Restava, contudo, saber: onde buscar esses discursos? Onde encontrar o relevante significado da Internet no olhar de pessoas simples?

O meu interesse por outros olhares, que não estavam no contexto acadêmico, intensificou-se quando, ao navegar pela Internet, no ano de 2004, deparei-me com a seguinte notícia: *Internet chega a povoado sem luz elétrica no Ceará*, publicada pelo jornal *O Estado de S. Paulo* (25/08/03). Essa notícia incentivaria um excelente círculo de debate entre meus alunos da universidade, assim pensei. Decidi, então, transformá-la em objeto de debate para os alunos dos primeiros anos dos cursos de Publicidade, Rádio/TV e Relações Públicas, do qual resultou uma entusiasmada discussão com opiniões diversificadas, em ritmo de réplica e tréplica, motivadas pelo fato inusitado de que essa tecnologia, tão

revolucionária, ainda não chegara a muitos desses alunos², mas já estava instalada em um povoado desconhecido, lugar pobre, de intensa exclusão social.

Participaram desse debate setenta alunos e, dentre os argumentos apresentados, as palavras direito e oportunidade foram pontuadas pela maioria dos debatedores para representar o significado que atribuíam a esse acontecimento impar. Os argumentadores, quase por unanimidade, concluíram que aquelas pessoas excluídas tinham o direito à oportunidade de não apenas receberem a Internet, mas também de serem alfabetizadas digitalmente – no momento de tal conclusão, alguns alunos parecem ter percebido, de fato, o relevante significado de se ter acesso à Internet –. Quanto aos argumentos contrários, apenas cinco acharam que, antes, se fazia necessário que o sistema público levasse a luz elétrica, a água potável e projetos que permitissem uma alimentação de qualidade para os moradores desse povoado.

Uma segunda notícia sobre a inclusão digital em Almécegas intensificou ainda mais o meu interesse sobre outros *olhares*, a respeito da Internet: *A luz da inclusão digital - como a internet mudou a vida de Lagoa das Almécegas, comunidade pobre de 800 habitantes no Ceará - onde não há nem conexão com a rede de energia elétrica*, publicada pela revista *Época*, em novembro de 2006.

² A Universidade onde realizei tal atividade é particular e localiza-se na maior cidade brasileira, São Paulo. Até o momento do debate, muitos alunos não possuíam computador e a oportunidade de acesso à Internet acontecia apenas na Universidade, de forma limitada. Para esses alunos, se introduziram essa tecnologia, em um lugar de exclusão social, é porque ela deve ser, de fato, muito importante.

Outro fator que contextualizou a escolha do tema foi a reflexão do meu orientador, quando, em uma de suas aulas sobre as Tecnologias de Informação e Comunicação - TIC, ele, professor Joaquín García Carrasco, colocou em pauta a seguinte questão: *¿busqué en las teorías, pero no encontré nada sobre los pequeños discursos a respecto de las nuevas tecnologías. ¿Dónde están?* Tal questionamento deu início a uma motivada discussão e, nesse contexto, socializei com os presentes as notícias sobre a Internet Solar, o que causou não somente interesse pelo assunto, mas ainda certo espanto.

Pequenos-grandes discursos

O interesse demonstrado tanto pelos meus alunos universitários quanto pelo meu orientador foi fator determinante para o ponto de partida desta investigação: estudar sobre os pequenos discursos, a respeito dessa comunicação tecnológico-midiática, de ponta, sendo que, mais tarde, eu passaria a rotular tais pequenos discursos de pequenos-grandes discursos. Entretanto, após *situarme*³ na cultura do povoado de Almécegas e conhecer os *olhares* de seus moradores, no tocante à Internet, tais discursos deixaram de ser um ponto de partida para ser o *corpus* deste trabalho de campo.

Diante disso, convém esclarecer que o termo pequenos-grandes discursos foi assim criado por mim para demonstrar: 1) esses discursos são pequenos tão-somente pelo fato de suas vozes ecoarem de grupos sociais minoritários-excluídos e não de grupos detentores do saber e do poder socioeconômico-cultural; 2) eles

³ Termo utilizado por Clifford Geertz, que será retomado mais adiante.

também são grandes pelo fato de serem capazes de contribuir para a compreensão e relevância da história da Internet como transformadora social. De antemão, observo que esses discursos, compilados na sua oralidade, compõem a *história vista de baixo*⁴. Por outro lado, os discursos escritos, institucionalizados, sobre a importância da Internet, compilados em livros, artigos, dentre outros, também por mim estudados, compõem a *história vista de cima*⁵.

Por uma proposição completa

De acordo com Kurt Gödel, na leitura de Ernest Nagel e James Newman (2001)⁶, uma proposição baseada apenas em seus próprios axiomas é incompleta. Na busca de uma completude, faz-se necessária a associação desses axiomas com outras áreas de conhecimento. Em razão disso, demos a esta investigação um tratamento inter-transdisciplinar⁷, no qual a Antropologia, a *História vista de baixo*, a Análise do discurso e o Teorema da *incompleteza*, de Gödel, dialogam entre si para dizer que a sociedade não é estática, razão por que sua cultura também não o é.

Nesse sentido, a antropologia aponta a incompleteza das culturas nas reflexões de Clifford Geertz (1989, p. 7). Ao refutar a

⁴ Termo utilizado pela Nova história que constitui um novo paradigma no modo de contar a história (Burke, 1992).

⁵ Paradigma tradicional no modo de contar a história (idem).

⁶ Kurt Gödel, cientista-matemático, apaixonado por Filosofia, nasceu na Áustria. É autor de *Sobre as Proposições Indecidíveis dos Principia Mathematica e Sistemas Correlatos* (1931), que deu origem à Prova de Gödel, também conhecida como o Teorema da Incompleteza. O artigo de Gödel é um marco na história da lógica e da Matemática.

⁷ O termo inter-transdisciplinar implica movimento, de estar entre, através e além das disciplinas. O leitor, com essa visão, 'dança' entre e através de textos, assimila, apreende seus conteúdos, os aceita ou não, ultrapassa-os [leitor *bailarino, ruminante*, referenciado por Nietzsche].

dimensão do *todo complexo* utilizada por Tylor, para conceituar o termo cultura, Geertz salienta que tal noção de abrangência *mais confunde do que esclarece*. Em vista disso, ele entende a cultura, ao estilo de Max Weber, como teias de significação tecidas pelo próprio homem. Teias que são, de modo geral, *sobrepostas ou amarradas umas às outras, (...) simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas*. Daí a idéia de incompletude.

Victor Turner vê as manifestações culturais nas experiências *liminares* e nas *communitas* encenadas nos dramas sociais. Experiências *erfahrung* e *erlebnis*, coletivas e individuais, logo, carregadas de significações diversas, do tamanho do palco da vida de cada ser; a completude e/ou incompletude depende do ponto de vista de cada um. A história não se faz completa, pelo fato de estar em constante abertura para outras histórias, razão por que surgiu a *história vista de baixo*.

A Análise do discurso, por seu turno, também se caracteriza pela incompletude, conforme observamos nas reflexões de Patrick Charaudeau (2008, p. 15)⁸, quando este autor fala a respeito das competências discursivas:

Se nunca acabamos de fazer exegese sobre tal ou tal autor, não é por causa do caráter insondável de seu pensamento, mas, pura e simplesmente, porque nunca deixamos de ter sujeitos, a cada momento, diferentes em sua idiosincrasia, que falam sobre os textos. Pois a análise que produzimos não é mais do que um novo texto a respeito de outro texto, que depende, por sua vez, de um outro texto, que depende, por sua vez, de um outro texto,

⁸ Equipe de tradução coordenada por Ângela M.S. Corrêa & Ida Lúcia Machado.

etc. O sujeito que faz a exegese jamais está seguro de falar pelo (no lugar do) outro. *Ele nunca acabará com essa intertextualidade que se interpõe entre a linguagem e ele.*

Em prosseguimento a essa linha teórica, salientamos que este trabalho não é completo, porque sua autora também não o é. O homem não é completo: *cada ser humano é uma pequena sociedade.*⁹ A propósito dessa incompletude do homem, diz Friedrich Nietzsche, em *Assim falou Zaratustra*, p.13):

A grandeza do homem é ele ser uma ponte e não uma meta; o que se pode amar no homem é ser ele transição e perdição.

Outro tratamento dado a esta tese pauta-se na *observação participante*, de Bronislaw Malinowski (1978), desenvolvida, certamente, não com o rigor de um Malinowski ou de um antropólogo de sua linhagem, mas de uma investigadora em educação inspirada para fazer um experimento etnográfico. Tal ressalva é oportuna, pois esclarece que as condições e características para um trabalho de campo, apontadas pela Antropologia-Etnografia, foram norteadoras para uma investigadora que não era – e não é – etnógrafa, mas estava etnógrafa.

A problematização

A meu ver, todo processo investigativo deve nascer de uma problematização que, por sua vez, leva a inquietações, indagações e

⁹ Novalis (1798), In: GIANNETTI, Eduardo. *O livro das citações*. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

reflexões sobre por que, como e para que as coisas acontecem no mundo e merecem ser investigadas. Depois de conhecer vários estudos sobre as novas tecnologias e seu imaginário, de autores reconhecidos pela comunidade científica, inquietou-me saber se apenas essa visão intelectual sobre a Internet sabe a que veio. Na polifonia das vozes, não existem outras capazes de mostrar o significado de se habitar nesse mundo tecnológico? Assim visto, considerei que se fazia necessário um contraponto, aquele não encontrado nos livros, nos artigos, nas conferências, nos congressos; isso significava buscar uma resposta na contramão do discurso científico.

Almécegas: Internet, um tipo de felicidade

O povoado de Almécegas situa-se na região do nordeste, onde o Índice de Desenvolvimento Humano – IDH¹⁰ é um dos mais baixos do Brasil. A implantação da Internet nesse povoado foi financiada pela empresa *Oi Telemar*, com base no projeto *Oi Futuro*¹¹, em parceria com o Instituto de Energias Renováveis – IDER. Tal implantação objetivou o desenvolvimento do projeto

¹⁰ O Índice de Desenvolvimento Humano – IDH – é um indicador utilizado para se medir o desenvolvimento de uma cidade, região ou nação, criado em 1990, pelos economistas Mahbub ul Haq e Amartya Sen, ganhador de um Prêmio Nobel. Esse indicador verifica a renda familiar, calculada por meio do PIB real, per capita, em dólares e ajustado para refletir a paridade do poder de compra entre os países; a longevidade de uma população (*expressa pela sua esperança de vida ao nascer*) e o grau de maturidade educacional, este avaliado pela taxa de alfabetização de adultos e pela taxa combinada de matrícula nos três níveis de ensino.

¹¹ No Brasil, o termo *Oi* é uma expressão popular de cumprimento, que equivale ao *Hola* do espanhol. Além disso, trata-se de um tipo de telefone celular, de propriedade da empresa de telefonia *Oi-Telemar*.

Tonomundo na E.E.F. Santa Luzia. Conforme mencionado, quando a Internet chegou a esse povoado não havia energia elétrica, instalada apenas em novembro de 2006, três anos após a introdução de placas fotovoltaicas, que recebem a energia solar para, posteriormente, transformá-las em energia elétrica. Almécegas, a despeito de ser um contexto de exclusão social e, por essa razão, carente de outras necessidades básicas, na concepção da *Oi* e do IDER necessitava de tal oportunidade de comunicação e informação, caracterizando-se como um lugar propício para receber essa revolução tecnológica, por meio da energia solar, pelo fato de, ali, o sol entrar sem pedir licença o ano inteiro¹².

Como entender a relação Sol-Internet-Almécegas? Nessa relação, o sol, à sua luz, possibilitou a energização da Internet, inserindo esse povoado no espaço universal da informação e comunicação, fazendo renascer um ser que jazia no isolamento, sem comunicação com outros mundos. Por outro lado, esse mesmo sol, na sua representação social no Nordeste, traz a seca, o flagelo, a morte. Tais passagens do ‘morrer’ e ‘renascer’¹³ evocam os ritos de passagem de Turner (1974) nas experiências *liminares*.

O olhar visionário dos empreendedores das instituições *Oi* e IDER, iluminado pelo sol de Almécegas, parece ter atendido ao apelo de Ezequiel Theodoro da Silva (2003, p. 13):

As questões relativas à leitura na Internet precisam ser

¹² O povoado de Almécegas está no Nordeste e, como quase não chove nessa região, o sol está presente o ano inteiro.

¹³ Grifos da investigadora com a finalidade de mostrar o sentido figurado das expressões utilizadas.

direcionadas para o contexto mais amplo da sociedade brasileira, onde transformações, para melhor, de várias estruturas apresentam-se como urgentes e necessárias. As reflexões e discussões devem mirar um projeto de cidadania com pelo menos dois componentes básicos: (1) o acesso à *informação* e à produção do *saber*, aqui assumidos como instrumentos básicos de trabalho, de desenvolvimento social e de participação política; e (2) o domínio, pelos cidadãos, de *competências* capazes de possibilitar práticas de leitura e de letramento contínuo, aqui entendidas como atividades estruturantes do pensamento-linguagem, do conhecimento e da cultura.

Ao conhecer esse povoado surpreendeu-me saber que a chegada da Internet trouxe um tipo de felicidade para esse lugar. Isso motivou novas indagações: que poder existe nessa sociedade de informação e comunicação, capaz de trazer felicidade para pessoas, tão socialmente excluídas, uma vez que não têm apenas luz elétrica, mas também não têm uma alimentação de qualidade, necessária para o seu desenvolvimento humano? Por que foi tão importante para essa comunidade receber a Internet?

Em conversa com Silvia Fichman (2007)¹⁴, responsável pelas atividades didático-pedagógicas da E.E.F. Santa Luzia, realizadas por meio da Internet, essa educadora declarou:

Antes da chegada da Internet em Almécegas, os alunos andavam olhando para o chão – talvez, isso acontecesse até pela falta da luz elétrica; pode ser que eles precisassem olhar para o chão para enxergar onde pisavam; não sei.

¹⁴ Silvia Fichman é Coordenadora do Laboratório de *Investigação Novos Cenários de Aprendizagem da Escola do Futuro*, da Universidade de São Paulo – USP, Brasil. Essa conversa ocorreu em maio de 2007.

Hoje, eles têm outra postura, andam com a cabeça erguida. Talvez, a Internet tenha contribuído pra isso. A verdade é que eles hoje têm a auto-estima elevada. É isso que a gente quer: investir na auto-estima.

Em comunhão com o ponto de vista de Fichman, Antonio, secretário dessa unidade escolar, quando entrevistado pela investigadora, relatou que os alunos, antes da chegada da Internet *eram um tanto primitivos*, em face de seu acanhamento, pela falta de oportunidade de informação e comunicação.

A visão de Fichman e de Antonio nos remonta ao evolucionismo cultural, bem como às premissas etnocêntricas do século XIX, amparados pelo darwinismo social, que via a sociedade europeia de então como o mais alto grau de um processo evolucionário. Tais visões pautam-se no conceito civilizacional que classificava o homem como superior e/ou inferior; o homem era um exemplo de primitividade, mas necessitado de evolução sociocultural.

François Laplantine (2007, p. 64) elucida essa questão do evolucionismo cultural, na história da revolução industrial inglesa, bem como da revolução política francesa, responsáveis por uma mudança, sem precedentes, nos modos de vida das pessoas e nas suas relações sociais. Por conta dessas mudanças, a sociedade não seria mais a mesma de antes. Terminava um mundo e nascia outro. No final do século XVIII, já eram sentidas essas transformações, mas com reação ao caráter enigmático da existência de sociedades, que permaneceram à margem dos progressos da civilização, cuja explicação é refutada no início desse século: a confiança nas

vantagens da civilização, que considerava *totalmente estranhas a ela própria todas essas formas de existência que estão situadas fora da história e da cultura* (Pauw e Regel, *idem*), sobremaneira, a preocupação pelo o que era expressado na *nostalgia do antigo: o estado de felicidade do homem num ambiente protetor situa-se do lado do estado de natureza, enquanto que a infelicidade está do lado da civilização* (Rousseau, In: Laplantine, *idem*).

Para mais elucidar a antropologia evolucionista, acrescentamos a citação de Laplantine, a seguir (*idem*, p. 65):

Procuremos ver mais de perto em que consiste o pensamento teórico dessa antropologia que se qualifica de *evolucionista*. Existe uma espécie humana idêntica, mas que se desenvolve (tanto em suas formas tecnoeconômicas como nos seus aspectos sociais e culturais) em ritmos desiguais, de acordo com as populações, passando pelas mesmas etapas, para alcançar o nível final que é o da "civilização". A partir disso, convém procurar determinar cientificamente a sequência dos estágios dessas transformações.

O poder de comunicação também é felicidade

Em Almécegas, não encontrei corpos cabisbaixos, de ombros caídos. A mim me foram apresentados corpos, erguendo-se eretos, seguros de seus pontos de vista, com argumentações pertinentes: corpos de propriedades do professor Raulindo Ramos Menezes, demais professores, dos alunos, do secretário escolar da E.E.F. Santa Luzia, bem como de alguns moradores do povoado,

alimentados pela força da inclusão tecnológico-digital e do poder de comunicação, simultânea e em tempo real.

As manifestações discursivas¹⁵, a seguir, trazem uma mostra do impacto do poder de comunicação da Internet, na interação com o novo conhecimento apreendido:

Em abril, para comemorar o Dia do Índio, o professor Raulindo conectou Almécegas com uma tribo de Pernambuco por microfone e webcam. Os índios dançaram diante de alunos incrédulos. É um negócio meio sério, a gente aqui e eles lá, todo mundo se vendo, diz João dos Santos, de 18 anos, aluno do penúltimo ano do ensino fundamental (Revista Época, 2006).

Como interpretar esse discurso de João? O que disse esse aluno, sem dizer? O que está implícito na explicitude de seu discurso? Antes de nos atermos a respostas, acreditamos que breves considerações teóricas sobre a noção de discurso são oportunas.

Na concepção de Charaudeau (2008, p. 168) a noção de discurso, em uso desde a filosofia clássica, recebeu um valor próximo ao do *logos* grego, que apresentava uma oposição entre o conhecimento *discursivo*¹⁶, e o conhecimento *intuitivo*, por uma sucessão de motivos. Na teoria linguística, essa oposição proposta

¹⁵ Essas manifestações discursivas constam do artigo *A luz da inclusão digital*, que se encontra, na sua totalidade, no Anexo desta tese.

¹⁶ Os termos discursivo e intuitivo foram grifados pelo autor.

por Guillaume destacou-se com o crescimento das correntes pragmáticas, em detrimento da corrente estruturalista.

Na visão pragmática,¹⁷ consolidada desde os anos 80, o discurso é polifônico, plural, e sua multiplicação semântica é atribuída a uma modificação na forma de concepção da linguagem. Sendo assim, ele é fortalecido por várias *ideias-força* (idem, p. 170):

- Supõe uma organização transfrástica
- É orientado
- É uma forma de ação
- É interativo
- É contextualizado
- É assumido
- É regido por normas
- É assumido em um interdiscurso

Michel Pêcheux (2002) salienta que a Análise de Discurso, considerada como dispositivo de análise ou como instituição de novos gestos de leitura, apresenta-se como um tipo de conhecimento construído no entremeio e considera o confronto, a contradição entre sua teoria e sua prática de análise, entendendo-se o entremeio tanto no campo das disciplinas, da desconstrução, quanto, especificamente, na relação do histórico com o linguístico, que constitui a materialidade exclusiva do discurso.

Retomamos, agora, o discurso do aluno João:

¹⁷ As correntes pragmáticas (o estudo da língua em seu uso efetivo) surgem a partir da década de 60. Seus estudiosos defendiam que o estudo da língua deveria sair da dimensão da frase (corrente estruturalista) e passar para a dimensão do texto e do seu contexto.

É um negócio meio sério, a gente aqui e eles lá, todo mundo se vendo.

Nesse contexto de interação entre os alunos e uma tribo de índios, no discurso de João a palavra *sério* contém implícita uma carga semântica de deslumbramento, importância, privilégio; uma carga emocional, enfim, que ultrapassa a dimensão da frase – quase nos é possível visualizar os olhos do aluno brilharem, os músculos de seu corpo em movimentos, seu coração bater, por força desse momento ímpar de comunicação com o mundo desconhecido –. Na expressão *a gente aqui* João se assume como dois sujeitos narradores dessa experiência *liminar*,¹⁸ o eu e o outro, numa relação em que o eu incorpora o outro para assumir a responsabilidade da significação atribuída à experiência vivenciada.

Outra mostra do significado de importância da comunicação simultânea, propiciada pela Internet, pode ser verificada no discurso do professor Raulindo:

Já vi gente com os olhos cheios d'água ao ver fotos do Pão de Açúcar, do Cristo Redentor, da Praia de Copacabana.

Esse contexto de recepção e percepção do conhecimento constrói-se, também, pela emoção de quem ainda não tinha visto essas imagens, consideradas importantes ícones socioculturais¹⁹. Assim, a felicidade da comunicação em tempo real faz emergir

¹⁸ Teoria de Victor Turner em *The Ritual Process* (1966).

¹⁹ Segundo o professor Raulindo, uma das grandes curiosidades dos moradores de Almécguas era em relação a esses símbolos culturais da cidade do Rio de Janeiro.

corpos-natureza, *não apenas de uma natureza neles, mas de dupla natureza*, conforme Maurice Merleau-Ponty (2006, p. 341), entrelaçados com o mundo do conhecimento. Como diz Lev Vigotski (2001, p.145):

Os gregos diziam que a filosofia nasce da surpresa. Em termos psicológicos isso é verdadeiro se aplicado a qualquer conhecimento no sentido de que todo conhecimento deve ser antecedido de uma sensação de sede. O momento da emoção e do interesse deve necessariamente servir de ponto de partida a qualquer trabalho educativo.

Em comunhão com as reflexões de Vigotski, Humberto Maturana (2006, p. 129-130) salienta que na nossa cotidianidade ao nos movermos de uma emoção para outra *mudamos nosso domínio de ações* e isto é entendido por nós como uma mudança de emoção. Dito de outra forma é o nosso agir na emoção de um instante, num domínio funcional, que se responsabiliza pelo o que fazemos naquele momento como uma ação única naquele domínio funcional. Por esta razão, se o nosso desejo é compreender qualquer atividade humana, faz-se necessário atentarmos *para a emoção que define o domínio de ações no qual aquela atividade acontece e, no processo, aprender a ver quais ações são desejadas naquela emoção*.

As reflexões de Lucia Santaella (2004, p. 14) ilustram também esse tipo de aprendizagem do corpo biológico-cultural, corpo-mente, corpo-emoção, por meio da interação com a Internet. Para essa autora, mente e corpo são indissociáveis, quando se navega no ciberespaço. Embora o corpo demonstre

imobilidade, no momento em que a mente viaja, os sentidos internos desse corpo, *que dá suporte às inferências mentais de quem navega*, fazem emergir *um corpo sensorialmente febril, internamente agitado*, em face do nível de atividade que desempenha. Diz, ainda, Santaella:

Por trás do instantâneo movimento nervoso do mouse e do hipnotismo ocular, processam-se inferências lógicas sintonizadas com processos perceptivos complexos, numa junção inconsútil das atividades mentais com atividades perceptivo-corporais (idem).

Diante disso, entendemos que o evento Internet-Almécegas, em face de sua marcante representatividade, nos traz à lembrança a noção de experiência de Turner (John Dawsey, 2005), na dimensão dos ritos de passagem. Este autor referencia Dilthey para descrever a experiência vivida, *erlebnis*. Assim, os discursos analisados apontam para a completude de um saber adquirido, demonstrada em forma de expressão.

Professores de Almécegas

Os professores da E.E.F. Santa Luzia são, também, socialmente excluídos, considerando que não recebem as mesmas oportunidades e condições de trabalho recebidas por seus pares dos centros urbanos: os salários são mais baixos, R\$ 700,00, setecentos reais, mensais, [aproximadamente 230 Euros], para o exercício letivo de 40 horas semanais, em dois períodos diários de quatro horas. Eles não têm as mesmas oportunidades para fazer cursos de

aperfeiçoamento, pelo fato de tais cursos serem oferecidos em cidades distantes ou por não terem recursos financeiros para a continuidade de seus estudos; não têm oportunidades de leituras complementares, pois em sua comunidade – e muito menos na escola onde trabalham – não existe uma biblioteca diversificada com títulos teóricos imprescindíveis para a sua formação docente, para aquisição de novos conhecimentos, nem para entretenimento.

A chegada da Internet ao povoado, entretanto, possibilita a alfabetização digital desses professores e os inclui no mundo da informação e comunicação. A instalação de uma rede com dez computadores, nessa unidade escolar – a única no povoado – todos conectados à Internet, permite que esses professores se tornem alfabetizadores de seus alunos e de pessoas da comunidade. Nessa relação com a Internet, o professor sai da condição de pessoa que ensina e passa para a de quem aprende, no momento de sua alfabetização digital; logo, de professor para aluno. Tal mudança de papéis pode ser relacionada com a noção de *communitas* de Turner (1966, 95-97), na passagem de um estado para outro, situada à margem da estrutura social, em momentos *extraordinários*, que se caracterizam pela *efemeridade*.

Esse processo de informatização, no entanto, por si só, não basta, pelo fato de implicar apenas uma habilitação básica, estagnada. A propósito, é oportuno citar, mais uma vez, Silva²⁰ (2003, p.53), para quem não resta dúvida de que

o grande problema para a superação do analfabetismo digital e/ou para a aprendizagem do manejo de

²⁰ Respeitado ensaísta brasileiro na área de leitura.

computadores pelas novas gerações reside num elemento-chave: o professor. Sem que o professor esteja objetivamente habilitado para o uso dos computadores, incluindo aqui o domínio dos principais programas e das principais linguagens para a produção/recepção de informações virtuais serão mínimas as chances de uma socialização da Internet em nosso meio ou, se quiser, será muito lento esse processo, retardando sobremaneira o usufruto dos seus benefícios pela maioria da população brasileira.

Internet: um processo e não apenas uma ferramenta

Em comunhão com as afirmações de Silva, num processo de ensino-aprendizagem não importa a condição sociocultural do professor envolvido; seja dos grandes centros urbanos, seja dos centros rurais, excluído ou não, ele constitui a identidade indispensável para qualquer estratégia de ensino e, no que diz respeito à inclusão digital, não poderia ser diferente, pois tal inclusão também implica um processo e o desenvolvimento deste deve ter em sua liderança um professor-mediador capacitado. Diante disto, lembramos Manuel Castell (1999 p.69): *as novas tecnologias de informação não são simplesmente ferramentas a serem aplicadas, mas processos a serem desenvolvidos.*

Na E.E.F. Santa Luzia a implantação da Internet configura-se como um processo didático-pedagógico, em desenvolvimento, por meio do programa *Tonomundo*²¹, elaborado pela *Escola do Futuro*, da Universidade de São Paulo - USP, com propostas de atividades direcionadas para o aluno, professor e comunidade. Esse programa

²¹ Este Programa *Tonomundo* é apresentado no capítulo 10.

tem a parceria da empresa de telefonia *Oi Telemar*, com base no projeto *Oi Futuro*. A propósito, em uma comunicação on-line, por e-mail, com André Luiz Jesus do Couto, um dos coordenadores da *Oi Futuro*, ao ser questionado sobre a motivação que deu origem à Internet solar, em Almécegas, esse empreendedor declara²²:

Tecnicamente foi a única forma viável na época. O distrito de Trairi, onde a escola se localiza, não dispunha de energia elétrica. O *Oi Futuro* buscou uma parceria com o IDER (Instituto de Energias Renováveis), em Fortaleza, e o projeto virou realidade. Quanto às motivações pedagógicas, a escola Santa Luzia faz parte do projeto piloto do *Tonomundo*. Àquela altura era importante trabalharmos com a hipótese de que um laboratório de informática conectado à internet, uma comunidade virtual para a formação de professores, com o intuito de capacitá-los para melhor articular as suas aulas e as relações na comunidade, eram fundamentais para o desenvolvimento local. Acertamos. O que na época era hipótese, uma aposta, hoje é a realidade como política pública em 3 estados e 5 municípios brasileiros, totalizando 600 escolas. Trairi e as demais 67 escolas do *Tonomundo*, que compõem o projeto piloto brasileiro, provaram que se esperássemos o ciclo normal do desenvolvimento, essas comunidades demorariam muito mais tempo para alcançar os resultados que alcançaram em termos da articulação da cidadania e melhoria da escola como um todo (junho, 2008).

O impacto da Internet

Erick Felinto (2005, p.53) entende que compreender o impacto produzido por uma tecnologia, num imaginário cultural, tem a mesma importância da avaliação de suas repercussões econômicas, sociais e materiais. Crystal, referenciada por Luiz Antonio Marcuschi (2005, p.19), por sua vez, entende que esse

²² Essa declaração foi enviada por e-mail para a investigadora desta tese.

impacto é menor como revolução tecnológica *do que como revolução dos modos sociais de interagir linguisticamente.*

Na concepção do professor Raulindo, Formador Mediador Local – FML,²³ esse impacto é assim explicado para a investigadora:

Quando a Internet chegou aqui, antes da energia elétrica, ela realmente causou um impacto muito grande na comunidade. Éramos isolados do resto do mundo, uma localidade rural, longe da sede [do município de Trairi] 17km, onde não tinha energia elétrica, onde não tem ainda saneamento básico, pouquíssimas pessoas tem um radio a pilha em casa. Então, éramos isolados do resto do mundo no sentido de informação, de comunicação; então a Internet, quando chegou, mudou porque conseguimos ter informações muito rápido, muito imediatista; as pessoas passaram a ter conhecimento do que acontecia no resto do mundo, ali mesmo na sede do município, coisas que não sabíamos. A informação, a Internet trouxe isso realmente pra comunidade. O impacto foi esse, a questão da informação. Éramos uma comunidade perdida, em relação ao conhecimento e, de repente, veio a Internet, que hoje sabemos que é o canal mais rápido de informação e é uma coisa que é real: aconteceu tá na Internet. Então, o foco, o *boom* da Internet naquela época foi isso, a oportunidade de informação.

A chegada da Internet, em Almécegas, é entendida nesta tese como evento sociocultural. Observamos que existe uma tendência na prática conversacional para sinonimizar evento e acontecimento, razão por que consideramos oportuno apresentar algumas reflexões teóricas a esse respeito. Mikhail Bakhtin (1997) propõe uma visão fenomenológica de evento. Em tal concepção está o evento do ser, instaurado no mundo, de forma concreta e dinâmica, na ação, no

²³ O FML tem como função coordenar as atividades realizadas por meio da Internet. Raulindo foi treinado pela Escola do Futuro da Universidade de São Paulo – USP, sob a coordenação da professora Silvia Fichman, para essa função. Professores de 16 municípios brasileiros, com baixo IDH, receberam esse treinamento.

postulado, apreendido não de forma inseparável ou teórica, como conteúdo, como dado, mas na sua apresentação à consciência dos sujeitos.

Marshal Sahlins (2003, p. 15), por sua vez, estabelece uma relação entre estrutura e evento. Segundo esse autor, *um evento transforma-se naquilo que lhe é dado como interpretação*, razão por que não se trata apenas de um acontecimento do fenômeno; o evento somente adquire o seu significado histórico, quando apropriado *por e através do esquema cultural* ²⁴. O evento é a ligação entre um *acontecimento e a estrutura (ou estruturas)* e o encerramento do fenômeno em si mesmo, no seu valor significativo, este seguido de sua capacidade histórica específica.

Ao instalar a Internet em Almécegas as instituições *Oi Futuro* e IDER instauraram seres no mundo da informação e da comunicação: o ser professor, o ser aluno, o ser morador desse povoado. Por outro lado, a instituição pública de ensino no Brasil, como um todo, mantém-se distante dessa realidade. Segundo Vieira (2007, p. 244), a escola ainda não se apropriou desse novo saber-fazer a comunicação, no tocante ao uso da tecnologia para ler e escrever, por meio de um suporte eletrônico, bem como no tocante ao conhecimento desse novo leitor; nem mesmo existe um consenso escolar, quanto ao modo de concepção da leitura virtual ou ao modo de problematizar a instrucionalidade de seu ensino. Nesse contexto, a maioria dos professores das instituições públicas não foi capacitada para lidar com as tecnologias da informação e

²⁴ Cita como exemplo o evento da chegada do capitão Cook às Ilhas Havaianas, evento apropriado pela cultura local.

comunicação no ensino. Assim, a nosso ver, esses professores ainda não foram lançados no mundo pelas autoridades competentes.

Tal realidade causa-nos estranhamento, considerando que é do conhecimento de muitos, ainda que não possuam os atuais aparelhos de comunicação que, na contemporaneidade, o homem pensa e age tecnologicamente. A título de ilustração, há alguns anos, quando um diabético necessitava medir a taxa de glicemia, recorria a um exame laboratorial; hoje, em dez segundos, esse exame é feito em casa, por meio de um pequeno aparelho, com mais ou menos de 15 cm, mas que apresenta um resultado confiável; o hipertenso, por sua vez, controla a sua pressão arterial em casa, utilizando um aparelho digital em forma de relógio de pulso.

As ligações telefônicas, por exemplo, podem ser transferidas do local do assinante para outras localidades. Em se tratando da comunicação por e-mail, de transmissões pela televisão, já existem alguns modelos de telefonia celular, cujos aparelhos possuem um *modem* para conectar-se com computadores, via entrada USB²⁵; existem, também, aparelhos com televisor digital; o GPS²⁶ constitui outra revolução, para localização de endereços, aparelho utilizado não apenas em veículos automotores, mas também em

²⁵ Universal Serial Bus. Barramento plug-and-play relativamente lento (12 mbps) que pode ser usado por vários tipos de dispositivos. Cada porta pode ser compartilhada por vários dispositivos. Fonte: www.guiadohardware.net/artigos/significado-siglas/.

²⁶ Global Positioning System, instrumento de navegação por satélite, criado para fins militares. O GPS é um aparelho que recebe os sinais enviados por satélite e, por meio deles, localiza pessoas e lugares. Trata-se de uma tecnologia recente, usada efetivamente, pela primeira vez na Guerra do Golfo nos anos 90-91. Alguns anos depois, o aparelho foi liberado para o uso de civis e passou a ser comercializado. O aparelho que se compra em lojas hoje em dia, custando entre 300 e 400 Reais, é simples se comparado ao que se usa em aviões e navios.

determinados modelos de celular. Além disso, existem, as facilidades para compras, depósitos bancários, pagamentos e, até, certos exames médicos, como é o caso do DNA²⁷, para verificação de paternidade, investigações policiais, doenças contagiosas, dentre outros serviços. Temos, ainda, as últimas invenções tecnológicas, na área da comunicação, tais como: o iPhone, o iPod Touch, o iPad, o SmartPhone e outros que, certamente serão lançados a cada seis meses.

Felinto (2005, p.8) também se manifesta a respeito dessa cultura tecnológica:

Quando estamos atendendo ao telefone, assistindo à televisão, registrando momentos com as câmeras digitais, enviando fax e/ou nos comunicando pelo computador; essa cultura adentrou de tal forma a nossa vida, que muitas vezes sequer percebemos a sua importância. No entanto, quando os aparelhos advindos dessa tecnologia parecem se voltar contra nós – na pane do computador, na má recepção do celular – sentimos o quão dependentes nos tornamos dessas tecnologias. E, por vezes, tendemos a enxergá-los como seres vivos, dotados de vontade própria e inteligência.

Nesse quadro das escolas brasileiras, nos parece que estão em jogo duas questões: a criatividade e a resistência ao novo. Segundo Ricardo Marins Ibañes, (1991), uma pessoa é criativa quando tem capacidade para solucionar os seus problemas, a

²⁷ Esses serviços podem ser encontrados, por exemplo, nos sites: www.exactgene.com.br ; www.dnarapido.com.br; www.plugbr.net > Científicos.

despeito das adversidades sociais e das situações inesperadas. Em se tratando de inesperado, convém lembrar Edgar Morin (2005,p. 30): *O inesperado surpreende-nos. É que nos instalamos de maneira segura em nossas teorias e ideias, e estas não têm estrutura para acolher o novo.* Nessa mesma concepção, o Diretor das Bibliotecas da Academia de Ciências da China argumenta que as pessoas pensam de modo tradicional, quando estão sentadas em cadeiras tradicionais. Mas, se essas pessoas querem, de fato, promover mudanças, é necessário remover o lugar onde estão sentadas.²⁸

Gabrile Perissé (2004, p. 186), por seu turno, assim reflete sobre criatividade, fazendo uso de um conceito artístico:

Criatividade é poder dar uma forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo da atividade, trata-se, nesse “novo”, de novas ocorrências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar.

Para esse autor, os verbos relacionar, ordenar, configurar, significar trazem uma carga sugestiva muito intensa. Neles percebe-se a ausência do divorcio e o desejo do encontro. O êxtase criador implica criar relações, aprofundar relações, ordenar essas relações, na configuração e estruturação de uma realidade significativa e, portanto, valiosa. Viver, criativamente, é promover o encontro e este promove relações, compreensão, união. *O ser humano, ser relacional por definição, estabelece vínculos significativos entre realidades aparentemente distantes* (idem). Ao encontrar afinidades

²⁸ Citado por Hernández em (2007, p.11).

intimas entre coisas e pessoas, recria a realidade e recriar a realidade significa operar novos modos de unidade em diferentes planos de existência.

Sendo assim, as escolas públicas brasileiras parecem carentes de gestores criativos e resistentes a mudanças. A declaração contida nos PCN²⁹ (2002, p. 15) mostra tal resistência:

(...) a discussão sobre a incorporação das novas tecnologias na prática de sala de aula é muitas vezes acompanhada pela crença de que elas podem substituir os professores em muitas circunstâncias. Existe o medo da máquina como se ela tivesse vida própria.

Para que e como investigar

Os objetivos: geral e específicos

O processo investigativo desta tese conduz ao objetivo geral, qual seja, contribuir com os estudos sobre a importância da Internet. Com referência à especificidade, estabelecemos objetivos para a compreensão dos significados de importância da Internet, em local de exclusão social, o povoado de Almécegas. Tais significados, extraídos dos discursos da *história vista de baixo*, dialogam com os discursos da *história vista de cima*, em busca de uma zona de similitude.

Ao considerarmos que a *história vista de baixo*, com base nos postulados teóricos estudados, constrói-se na oralidade das pessoas

²⁹ Parâmetros Curriculares Nacionais do Brasil, elaborado pelo Ministério de Cultura e Educação – MEC.

comuns, os objetivos específicos visam à teia de significações tecidas pelos sujeitos observados, nesse povoado, para representar o significado de importância da Internet nos discursos, a saber:

1. da *história vista de baixo*:

1.1 do professor Raulindo, ressaltando que seus depoimentos constituem o *corpus* de maior relevância, para a compreensão do significado da Internet, pelo fato de esse educador ter vivenciado, de forma mais abrangente, e diariamente, o impacto causado por essa tecnologia no povoado, na relação com os professores, alunos e demais funcionários da E.E.F. Santa Luzia, bem como na relação com a comunidade.

1.2. de alguns professores e alguns alunos dessa unidade escolar.

1.3. dos ex-alunos David, Hugo, Ivone, Clara e Tainara.

1.4. de pais de alunos

1.5. de pessoas da comunidade de Almécegas.

Ao considerarmos, também, com base na teoria estudada, que a *história vista de cima*, se constrói nos documentos escritos, institucionalizados, elitizados, os objetivos específicos, aqui estabelecidos, visam às significações construídas pelos autores de tais documentos, para representar a importância da Internet, nos discursos, a saber:

2. da *história vista de cima*:

2.1. os discursos extraídos da reportagem do Jornal O Estado de São Paulo.

2.2. os discursos extraídos da reportagem da Revista Época

2.3 os discursos do professor Raulindo. Aqui, observamos que o discurso desse professor compõe a história vista de cima, pelo fato de ter sido extraído de sua monografia Trairi na era virtual ³⁰. Portanto, um documento escrito e oficial. Assim, as manifestações discursivas de Raulindo formam os dois tipos de história, conforme suas fontes.

2.4 os discursos do representante da Oi Futuro, um dos responsáveis pela implantação da Internet em Almécegas.

2.5 o discurso da professora Silvia Fichman, coordenadora do Programa *Tonomundo*.

2.6 os discursos metafóricos dos autores estudados, para mostrar a via de mão dupla da Internet.

O pressuposto e a hipótese

Temos por pressuposto que os estudos sobre a significação de importância da Internet fundamentam-se, de modo geral, nos discursos dos documentos escritos, institucionalizados, ou seja, nos discursos que compõem a *história vista de cima*, os quais também são afiançados por seus pares, num ir e vir recursivo de complementação e consolidação, o que implica, a nosso ver, uma incompletude neste procedimento. Em vista disso, apresentamos, por hipótese, que a *história vista de baixo*, a despeito de ser representada nesta tese, pelos discursos orais de pessoas simples, anônimas, é relevante para a compreensão da importância da Internet, não somente em um local de exclusão social, mas também em todos os contextos sociais.

³⁰ Monografia apresentada à Universidade Estadual Vale do Acaraú, como requisito para obtenção do título de Especialista em Gestão Escolar.

O procedimento metodológico

O desenvolvimento desta tese caminha em direção a uma investigação qualitativa, com a finalidade de confirmar a hipótese apresentada, bem como alcançar os objetivos estabelecidos. Esse percurso segue os seguintes passos:

1. Leitura bibliográfica para a fundamentação teórica;
2. Pesquisa de campo que envolve as etapas:

a) conhecimento do contexto-social do povoado de Almécegas, por meio de uma *observação participante*, registrada por filmagem, fotos, conversas, entrevistas, cuja finalidade é o *situar-se* da investigadora na cultura local, para mais compreender as particularidades dos sujeitos observados. Para tanto, fez quatro visitas a esse povoado: a primeira foi no dia 07 de fevereiro de 2007, a segunda em 14 de fevereiro de 2008, a terceira nos dias 16 e 17 de junho de 2009 e a quarta no dia 22 de junho de 2010.

b) conversas:

- na primeira visita, a investigadora conversou com o professor Raulindo, também diretor da Escola de Ensino Fundamental Santa Luzia e coordenador das atividades com a Internet, na função de Formador Mediador Local – FML; com professores, secretário escolar, Antonio Marques, e com o ex-aluno, David, atual instrutor de informática para adultos da comunidade.

- na segunda visita, a conversa se deu com o Sr. Dionísio e Sr. José, durante a viagem para Almécegas, no pau-de-arara. Ao chegar à escola, a investigadora conversou com o professor Raulindo, com a professora Maria Apolônio, com Antonio e David.

- na terceira visita, a investigadora conversou com a Sra. Maria, durante o percurso para Almécegas, no pau-de-arara.

c) entrevistas:

- as primeiras entrevistas foram realizadas no município de Trairi, no dia 07 de fevereiro de 2007, com o Secretário de Educação e o professor Raulindo, antes da ida da investigadora a Almécegas. Ao chegar a esse povoado, no mesmo dia, entrevistou o professor Raulindo, os professores Cícero Elano, Elidiane, o secretário escolar, Antonio, e o ex-aluno David.

- no dia 14 de fevereiro de 2008, por ocasião da segunda visita ao povoado, a investigadora entrevistou o professor Raulindo, a professora Maria Apolônio, Antonio e David.

- no dia 16 de junho de 2009, em Trairi, entrevistou o assessor do Secretário de Cultura, desse município, na sede da Secretaria de Cultura e Esporte, e dois de seus coordenadores. No mesmo dia, já no povoado de Almécegas, entrevistou o professor Raulindo, Antonio, o aluno Sebastião, os ex-alunos Hugo e Ivone e o Sr. Alberto, pai de Ivone. No dia 17 de junho de 2009, entrevistou as moradoras Geralda e Ídia.

d) levantamento e análise dos pequenos-grandes discursos, sobre o significado de importância da Internet, extraídos:

- do discurso jornalístico: Revista *Época* e Jornal *O Estado de São Paulo*;
- das conversas com professores e alunos da Escola de Ensino Fundamental Santa Luzia;
- das conversas com pessoas da comunidade;
- das entrevistas realizadas.

Todos esses momentos foram às vezes rascunhados, fotografados, outras vezes filmados para, depois, serem transcritos em forma de texto e/ ou diálogo.

Como dissemos no parágrafo introdutório, do tópico em questão, o desenvolvimento desta tese caminha em direção a uma investigação qualitativa. Esse tipo de investigação, conforme os conhecimentos apreendidos pela investigadora, durante as aulas das professoras Maria José Rodriguez e Maria Cruz Sánchez³¹, requer uma metodologia com o propósito de aproximar o investigador do conhecimento da realidade social, sob um enfoque direcionado para observar, descrever e interpretar essa realidade social. Assim sendo, nesse tipo de investigação, o processo é cíclico e as amostras de análise não são extensas, pois o trabalho investigativo é realizado com características específicas, observando as pessoas em um contexto natural e cotidiano, analisando seus

³¹ Professoras do curso de doutorado, Formação em Espaços Virtuais, da Faculdade de Educação, da Universidade de Salamanca.

discursos, por meio de conversas e entrevistas etnográficas, com a inclusão da análise de relatos e documentos.

O *modus operandi* utilizado para essa investigação qualitativa, pauta-se na etnografia, com base na *observação participante*, resultado da grande inovação de Malinowski. Esta modalidade de observação prioriza não apenas o contexto tecnológico de Almécegas, mas também o contexto sociocultural, por meio da tessitura dos sentidos construídos por pessoas simples, moradoras desse povoado, a respeito da Internet. O propósito de tal *observação participante* é analisar o significado de importância da Internet, em relação à influência e à interferência dessa tecnologia na escola, na comunidade e na vida dessas pessoas, nos moldes do paradigma indiciário, conhecido pelo termo *morelliano* (In: Carlo Ginzburg, 1989): a observação dos detalhes, aparentemente sem importância, no entanto, reveladores de significados – uma *descrição densa*, na visão de Geertz (1989), uma descrição etnográfica, o *detalhe do detalhe*, na visão de Boas (In: Laplantine, 1988, p.77). Pauta-se, também, num processo teórico-analítico.

As andanças da investigadora pelo povoado possibilitaram o seu *situar-se*³² na cultura local, no sentido de compreendê-la para *expor a sua normalidade sem reduzir a sua particularidade* (idem, p.10). Para melhor explicar esse olhar etnográfico, consideramos relevante citar outra passagem de Geertz (idem, p. 14):

O etnógrafo “inscreve” o discurso social: *ele o anota*. Ao fazê-lo, ele o transforma de acontecimento passado, que

³² Termo utilizado por Geertz (1989), que será retomado adiante.

existe apenas em seu próprio momento de ocorrência, em um relato, que existe em sua inscrição e que pode ser consultado novamente. (...) Paul Ricoeur, de quem foi emprestada e um tanto distorcida toda a idéia da inscrição da ação, pergunta, "O que a escrita fixa?" " Não o acontecimento de falar, mas o que foi "dito", onde compreendemos, pelo que foi "dito" no falar, essa exteriorização intencional constitutiva do objetivo do discurso graças ao qual o *sagen* - o dito - torna-se *Aussage* - a enunciação, o enunciado. Resumindo, o que escrevemos é o *noema* ("pensamento", "conteúdo", "substância") do falar. É o significado do acontecimento do falar, não o acontecimento como acontecimento.

Isto posto, entendida a Internet, em Almécegas, como um evento sociocultural, com base no conceito semiótico³³ de cultura, de Geertz (1989), a cultura como teias de significação³⁴, observamos que as significações construídas pelos sujeitos observados nesse povoado são relevantes para a compreensão desse evento sociocultural, pois *a cultura (está localizada) na mente e no coração dos homens* (Geertz, idem, p. 8, citando Ward Goodenough). Vista sob esse ângulo, a cultura não é padronizada, uniforme e nem completa. Assim, o que importa é saber se a Internet é ou não importante, conforme o ponto de vista de cada sujeito observado.

³³ 1. Ciência que estuda a relação entre os signos, lingüísticos ou não, e os seus significados. (Dicionário Houaiss, 2001, p. 673). 2. *A semiótica retoma o projeto da semiologia de F. de Saussure e se coloca como objeto o estudo da vida dos signos no seio da vida social. O termo semiótica, no seu emprego moderno, foi utilizado, por primeiro, por Ch.S. Pierce. A semiótica que ele idealizou é a doutrina dos signos. Em J. Derrida, a semiótica visa aos modos de significação. O domínio da semiótica é o texto como prática significante* (Jean Dubois et al, 2001, p537).

³⁴ 1. O que as coisas querem dizer. 2. O sentido da palavra; acepção, significado. 3. Aquilo que alguma coisa significa (Dicionário Aurélio, 1975, p.1299).

A fundamentação teórica

Esta tese fundamenta-se nos discursos:

1) da Ética, em Bakhtin (1997), a respeito do ato ético e do sujeito ético; na questão da *responsividade*, Bakhtin (2003); nas reflexões éticas de Paulo Freire (1996); nos constituintes éticos apontados em Marilena Chaui (2001), bem como no diálogo entre Mario Sergio Cortella e Yves La Taille (2009) sobre os valores éticos na escola.

2) da Antropologia-Etnografia, privilegiando-se os autores: Laplantine (1988, p. 33), para quem a antropologia, uma ciência do homem por excelência, *diz respeito a todos nós*; Malinowski que deu à antropologia a condição de uma “ciência” da alteridade, indiferente ao empreendimento evolucionista de reconstituição das origens da civilização, dedicada ao estudo das particularidades de cada cultura (idem, p. 80). Esse autor cria a *observação participante*, modelo de um estudo intensivo de uma sociedade estranha ao seu observador. São relevantes, também, os estudiosos Franz Boas (In: Laplantine, idem, p. 77), para quem, num trabalho de campo, tudo deve ser observado, de forma detalhada. Clifford Geertz (1989), por meio de suas reflexões, quando entende a cultura como expressão de significados. Victor Turner (1974), por sua vez, contribui com a antropologia da experiência e seus ritos de passagem e Benjamin (1996) com seu ensaio *O Narrador*.

3) da Historiografia, com base na Nova História e Escola dos Anales, com ênfase nos dois modos de saber-contar a história: a *história vista de cima* e a *história vista de baixo*. Esta representa

uma ruptura com o paradigma tradicional de se investigar a história.

4) da Pedagogia, nos conceitos de interatividade, desenvolvidos por Marco Silva (2006); nos estudos de Paulo Freire (1996), a respeito dos *saberes necessários à prática educativa*; nas reflexões de Vigostki (2001), no tocante à aprendizagem por meio da emoção; nas reflexões pedagógicas de Maturana (2008), sobre formação humana e sua capacitação, bem como nas concepções de outros estudiosos que escreveram a respeito de metodologias pedagógicas, que podem ser aplicada à Internet-Educação.

5) da Filosofia, relevando-se Gödel e seu *Teorema da Incompleteza*, que dialoga com a noção de incompletude das culturas de Geertz (1989) e Turner (1974) e da História. Fundamenta-se, ainda, nas reflexões de Nietzsche e sua *Segunda Consideração Extemporânea: Da utilidade e desvantagem da história para a vida* (1874, In: Dias, 2003), uma crítica ao sistema de ensino alemão, bem como em *Nietzsche e a Educação* (Larrosa, 2005).

6) da Análise do Discurso – AD. Considerando que o tema é desenvolvido com base em um *corpus* discursivo, para demonstrar os significados de importância da Internet, apresentamos as noções de discurso, a explicação do termo sentido, bem como a questão dos implícitos. Tais postulados justificam a presença da AD nesta tese, nos estudos de Charredeau e Dominique Maingueneau (2008), Oswald Ducrot (1987) e Michel Pêcheux (1990).

7) das metáforas utilizadas por alguns estudiosos, que refletiram e escreveram a respeito das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC, para representar a Internet como

a arte interativa do *parangolé*, da *liquidez*, dos *oceanos*, das *janelas*, da *religião* e do *labirinto*. Tais discursos metafóricos são expandidos no capítulo 9 que, associados ao capítulo 10, assumem uma intenção didático-pedagógica em relação ao uso dessa tecnologia na escola.

Esclarecemos que esta tese não apresenta capítulos específicos de fundamentação teórica para os itens 4, 5 e 6, pelo fato de tais suportes teóricos encontrarem-se distribuídos no corpo do texto, quando se fez necessário. Portanto, somente os capítulos 1, 2 e 3 são especificamente teóricos.

Organização da tese

Esta tese organiza-se por quatro partes, a saber:

Parte I: Introdução. Apresentação da tese ao leitor.

Parte II: *A teoria revisitada*. Nesta parte parafraseamos os teóricos lidos, com a finalidade de compreender e interpretar os sentidos por eles construídos e, por meio deles, construímos os nossos próprios sentidos para estabelecer relações com o *corpus* investigado. Esta parte compõe-se por três capítulos:

Capítulo 1: *Os Analles e a Nova História*. Apresentação do modo tradicional de investigar a história, a *história vista de cima*, bem como da ruptura com esse tradicionalismo, isto é, um novo modo de saber-relatar a história, a *história vista de baixo*.

Capítulo 2: *Etnografia, um olhar no e para o campo: a Antropologia Social.* Este capítulo apresenta as contribuições dos estudos antropológicos e etnográficos.

Capítulo 3: *A ética, o ato ético e sujeito ético, condutores indispensáveis do pensar humano.* Os estudos sobre a ética são inúmeros, razão por que este capítulo apresenta a revisitação de parte desses estudos teóricos, iniciando com as acepções deste termo na visão dicionarista. Na nossa concepção, a ética constitui um discurso fundador para o pensar-humano. O presente capítulo versa sobre a questão ética e seus constituintes, com a apresentação de relevantes reflexões de Bakhtin e outros estudiosos, norteadores para a compreensão do bem e do mal.

Parte III: Olhares. Nesta parte apresentamos, de forma mais detalhada, o lugar retórico observado, qual seja, o povoado de Almécegas. Quatro capítulos organizam esta parte:

Capítulo 4: *Um olhar para Almécegas: os contextos global e local.* As informações contidas neste capítulo permitem que o leitor se familiarize com o Estado do Ceará e o município de Trairi, contextos globais, onde se localiza o povoado de Almécegas, contexto local do trabalho de campo.

Capítulo 5: *O primeiro olhar e o primeiro situar-se na cultura local.* Apresentação das observações feitas na primeira visita da investigadora, ao município de Trairi, bem como ao povoado de Almécegas.

Capítulo 6: *O segundo olhar.* Neste segundo *situar-se* foi possível uma maior aproximação da investigadora com a cultura

local, especialmente pelo fato de ter realizado a sua primeira viagem de pau-de-arara, do município de Trairi ao povoado de Almécegas.

Capítulo 7: *O terceiro olhar.* Neste capítulo, o *situar-se* da investigadora, na cultura local, permitiu um olhar mais *denso*, pelo fato de ter permanecido dois dias no povoado de Almécegas.

Capítulo 8: *O quarto olhar.* O capítulo em questão apresenta a investigação sobre a veracidade da notícia sobre o fechamento da E.E.F. Santa Luzia e a repercussão dessa notícia junto ao povoado de Almécegas. Além disso, apresenta algumas entrevistas realizadas.

Parte IV: *A Internet para bem e para mal.* Apresenta como discurso fundador o *Teorema* de Kurt Gödel. Dois capítulos organizam esta parte:

Capítulo 9: *A completeza e incompleteza da internet: o teorema de gödel e as metáforas como discursos fundadores.* Embora a maioria dos estudiosos manifeste um postulado teórico otimista, entusiasmado, no tocante à Internet, em face das grandes facilitações que essa tecnologia oferece, não devemos esquecer que em todo tipo de comunicação existe uma via de mão dupla, para bem ou para mal. Em se tratando da Internet, quando os seus recursos são utilizados na escola, sem a mediação de um professor, portador de uma metodologia pedagógica adequada, o uso dessa tecnologia implica um aspecto de *incompleteza*. Logo, uma Internet para mal.

Capítulo 10: *Tonomundo: um programa de completudes.* Este capítulo apresenta o programa *Tonomundo*, realização da Escola do

Futuro, da Universidade de São Paulo, e avalia o processo de desenvolvimento das atividades realizadas com a Internet na E.E.F. Santa Luzia.

Para finalizar esta introdução e estimular a leitura do primeiro capítulo, *A Nova História*, nos parece oportuna a apresentação de *O Queijo e os Vermes* (Ginzburg, 1998), obra de inquestionável valor da Nova História Cultural, *uma das mais apaixonantes histórias sobre a Inquisição e sobre a cultura popular e erudita da época, através da vida de Menochio, o moleiro, e sua espantosa cosmogonia* (The New York Review of Books, 1998).

Ao olhar por meio do olhar de Menochio, este acusado de ser herege, pela Inquisição Papal, do século XVI, Ginzburg conta a história de um julgamento, cuja sentença era extremamente longa: uma das acusações *era a de que o réu sustentava que o mundo tinha a sua origem na putrefação* (idem, p. 11). Com esse trabalho Ginzburg rompe com o paradigma tradicional, a *história vista de cima*, e adota o novo paradigma, a *história vista de baixo*, postulados contextualizados no capítulo, a seguir.

PARTE II – A TEORIA REVISITADA

CAPÍTULO 1 – OS *ANNALES* E A *NOVA HISTÓRIA*

Estou procurando resgatar o pobre descalço, o agricultor ultrapassado, o tecelão do tear manual 'obsoleto', o artesão 'utopista' e até os seguidores enganados de Joanna Southcott, da enorme condescendência da posteridade. Suas habilidades e tradições podem ter-se tornado moribundas. Sua hostilidade ao novo industrialismo pode ter-se tornado retrógrada. Seus ideais comunitários podem ter-se tornado fantasias. Suas conspirações insurrecionais podem ter-se tornado imprudentes. Mas eles viveram nesses períodos de extrema perturbação social, e nós, não (Thompson, 1965, p.12-13, In: Burke, 1991, p.41-42).

1. Os Annales e a Nova História

Apresentamos neste capítulo os postulados teóricos sobre o paradigma tradicional, no modo de investigar e contar a história, a *história vista de cima*, bem como o novo modo que representa uma ruptura com esse tradicionalismo, a *história vista de baixo*. Tais postulados dão suporte à teia de significações sobre a importância da Internet tecida por esses dois modos de contar a história. De posse dessas significações, a investigadora busca para esta tese uma zona de similitude entre a *história vista de baixo* e a *história vista de cima*, quando apresenta o evento Internet-Almécegas.

1.1 O que é a Nova História

O que é a chamada nova história? Quanto ela é nova? É um modismo temporário ou uma tendência de longo prazo? Ela irá - ou deverá - substituir a história tradicional, ou as rivais podem coexistir pacificamente? Questiona Burke (1992, p. 9).

Segundo esse autor, a expressão nova história é mais conhecida na França, exemplificada na coleção de ensaios com o título *La nouvelle histoire*, editada por Jacques Le Goff, que também contribuiu com a edição de uma coleção de ensaios de três volumes a respeito dos "novos problemas", "novas abordagens" e "novos objetos". Com base nesses exemplos, a nova história é

made in France: o país da nouvelle vague e do nouveau roman, sem mencionar la nouvelle cuisine. Mais exatamente, é a história associada à chamada École des Annales, agrupada em torno da revista Annales: économies, sociétés, civilisations (idem).

Uma nova corrente da historiografia francesa ergue-se contra o domínio da Escola Positivista. O filósofo Henri Berr, para quem a história era uma coisa muito diferente de um exercício de erudição, a base de uma ciência dos progressos da humanidade, foi um dos primeiros intelectuais a reagir contra essa escola positivista, metódica. Em 1900, Henri Berr cria a "*Revista de Síntese*", que vai dirigir durante meio século.

Dosse (2003, p. 91), por seu turno, observa que a escola dos *Annales*, mais do que outras escolas históricas deixou-se influenciar pela sociedade contemporânea, atendendo a suas sugestões e intimações. Os criadores dessa escola revigoraram o elo que une passado e presente. Logo, essa escola não pode ficar alheia aos valores dominantes da sociedade técnica e moderna, instalada no início do século 20 na Europa. Isto posto, a escola dos *Annales* surge quando a escola metódica manifesta a sua preocupação com a erudição, privilegiando a dimensão política, com grande ênfase no acontecimento. Segundo Bourdieu e Martin (idem), esse movimento renovador *despreza o acontecimento e insiste na longa duração; deriva a sua atenção da vida política para a atividade econômica, a organização social e a psicologia coletiva*. Sendo assim, o grupo *Les Annales* insiste em aproximar a história das outras ciências humanas.

A nova concepção de história - a *nouvelle histoire* - associada à chamada *École des Annales*, num agrupamento com a *Revista Annales: économies, sociétés, civilisations*, diverge dos historiadores tradicionais, que entendem a história como sendo, fundamentalmente, a narratividade dos acontecimentos; a nova história, por sua vez, prioriza a *análise das estruturas* (Burke, 1992, 90

p.12), não privilegia o estudo das épocas, mas os relatos particulares. Antes desse movimento, a documentação referia-se ao evento-autor, depois, ao campo econômico-social, tornando-se uma história massiva, serial e reveladora dos aspectos de durabilidade, de permanência e de estruturas sociais. Instaurada a história renovada, os documentos passam a relatar a vida do dia-a-dia das pessoas anônimas, a vida produtiva, a vida comercial, o consumo, as crenças, as diversas formas de vida social (Reis, 1994, p. 126).

Nos corredores acadêmicos, o contexto era de transição, de mudanças e, depois da fundação dos *Annales*, conforme Bourdieu e Martin (2000, p. 131), *o historiador quis-se e fez-se economista, antropólogo, demógrafo, psicólogo, lingüista*. Dizem, ainda, esses estudiosos:

A história é, se se pode dizer, um dos ofícios menos estruturados da ciência social, portanto um dos mais flexíveis, dos mais abertos. A História continuou, dentro desta mesma linha, a alimentar-se das outras ciências do homem. Há uma história econômica, uma maravilhosa história geográfica, uma demografia histórica; há mesmo uma história social. Mas se a história omnipresente põe em causa o social no seu todo, é sempre a partir deste movimento do tempo. A História dialética da duração é o estudo do social, de todo o social; e, portanto, do passado e também do presente (idem).

Nessa acepção, os novos historiadores não apenas se adaptam ao meio, mas também o aceitam e o consideram um documento, capaz de resgatar não só o passado como também de

complementá-lo, por meio de revelações escondidas, talvez, por histórias inexploradas (Sharpe, In: Burke, 1992). Sobre esse dever-adaptar-se ao meio, Febvre (1989, p.22) afirmou: *O homem razoável adapta-se ao meio; o homem insensato tenta adaptar o meio; essa é uma razão porque todos os progressos são obras de imbecis.*

De acordo com tal concepção, os adeptos ao novo modo de investigar a história refutam o modo tradicional de fixar o olhar no passado, no grande feito e seu feitor, indiferente às vozes das massas que, também, têm o que contar. Esses novos contadores da história redirecionam o seu olhar para o presente, mas sem desprezar o passado, na defesa de um tempo pluridirecional, não-global, de múltiplas vozes, argumentando que a história não pode ser conhecida e, sobremaneira, não pode ser produzida com base em uma compreensão especulativa e revolucionária do tempo histórico. Assim, faz-se necessário equilibrar a aceleração do tempo, enfatizar o lado repetitivo, cíclico, resistente, inerte e constante da vida dos homens. Tal mudança sugerida pelas ciências sociais exigia desse novo olhar uma revisão radical de sua concepção de tempo-histórico, capaz de construir outro modo de saber-contar a história, criadora de um novo tempo-histórico que privilegia as vozes comuns, ainda que oriundas das massas.

1.2 Toda história é escolha

Para Febvre (2003, p. 19), toda *história é escolha*, pois cabe ao historiador criar os seus materiais, até mesmo recriá-los, ou seja, o historiador deve acrescentar o seu ‘ponto’³⁵ aos outros que lhe são

³⁵ O grifo é da autora desta tese.

apresentados. Dessa forma, pode resgatar o passado, estabelecer um objetivo, detectar um problema a ser resolvido, levantar uma hipótese de trabalho para ser confirmada. Já na chamada *escola metódica*, o historiador não deveria escolher os fatos, pois acreditava que a escolha negava o caráter científico da pesquisa.

Ao afirmar que *elaborar um fato é construir* e que *toda a história é uma escolha*, Febvre³⁶ (In: Dosse, 2003, p. 114) deixa um legado intelectual que enfatiza a importância da necessidade de uma história engajada, capaz de compreender e fazer compreender, isto é, uma ciência humana constituída por fatos e textos questionadores e problematizadores da existência humana, uma história problemática e não automática, engajada para preencher as lacunas inerentes à condição humana.

Bloch, assim como Febvre, (In: Dosse, 2003) condenava o método investigativo-historicista da *história vista de cima*. Com relação aos documentos históricos, Bloch (idem) afirma que os documentos dispostos pela história não devem se restringir aos escritos; sugere, assim, a não utilização exclusiva dos documentos escritos e aponta outros materiais com o valor da história, tais como arqueológicos, artísticos, numismáticos entre outros, os quais devem ser considerados, sem a limitação de apenas explorar novos documentos, mas também descobrir outros, por meio do deslocamento dos lugares sociohistóricos dignos de serem observados.

³⁶ Leçon d'ouverture au Collège de France, 13 dez., 1933, reeditado em *Combats pour l'histoire*, p. 7-8.

Nesse sentido, Lucien Febvre (idem, p. 144) prioriza uma história do saber-fazer compreender, ou seja, uma ciência humana construída por acontecimentos e textos questionadores, bem como problematizadores da existência humana. Diz ele:

Peço-lhes que vão para o trabalho à maneira de Claude Bernard, com uma boa hipótese na cabeça. Que nunca se façam colecionadores de fatos, ao acaso, como dantes se fazia pesquisadores no cais.

Essa visão de Febvre, que sinalizava para uma História problemática e não automática, capaz de preencher as lacunas inerentes do ser humano, era, também, a visão da escola dos *Annales*. O novo tempo histórico novo, e nisso parece haver uma maior unanimidade entre os membros do grupo, rejeita a hipótese do progresso, pois essa ideia implicaria a apreensão da história como a realização de certos valores, característicos de um mundo moderno, dominado pelo materialismo rigoroso de uma física, tratada como uma geometria do mundo, que esvaziava a matéria de toda a qualidade, reconduzindo-a, com todo o seu ardor, para o objetivo. A hipótese do progresso pressupõe, especulativamente, a existência de um tempo objetivo e global. A *nouvelle histoire*, no entanto, ao negar a existência de um tempo progressivo, isto é, contínuo, cumulativo e irreversível, defende a tese de um tempo pluridirecionado que não é global, mas múltiplo.

1.3 A história vista de baixo: a ruptura com o paradigma tradicional

Na corrente principal da história - a história elitizada -, os feitos eram fundamentados sob a ótica da *história vista de cima* (Sharpe³⁷, In: Burke, 1992). Alguns estudiosos, não apenas historiadores, incomodados com esse enfoque buscam novos procedimentos de investigação, que pudessem resgatar os acontecimentos do passado, nas classes sociais inferiores, nas massivas vozes das pessoas comuns. Nascia, então, um novo saber-contar³⁸ a história, ou seja, a *história vista de baixo* (idem). Um dos exemplos são as cartas que o soldado raso, da 51ª. Infantaria Britânica escreveu a sua esposa. Eis uma delas Sharpe (idem 1992, p.39):

Os três dias de luta terminaram. Estou salvo, isto é o que importa. Descreverei agora, e em toda oportunidade, os detalhes do grande acontecimento, ou seja, o que pude dele observar... A manhã do dia 18 de junho surgiu sobre nós e nos encontrou ensopados de chuva, entorpecidos e tremendo de frio... Você muitas vezes me censurou por fumar, quando eu estava em casa no ano passado, mas devo dizer-lhe que, se eu não tivesse um bom estoque de tabaco nessa noite, poderia ter morrido ³⁹.

Sharpe (idem, p.40) salienta, também, que durante as duas últimas décadas, historiadores, que trabalhavam em diferentes países, diferentes períodos para estudar diferentes tipos de história,

³⁷ Assistente-sênior da História da Universidade de York.

³⁸ Termo assim criado pela autora deste trabalho.

³⁹ The Letters of Private Wheeler, 1809-1828, ed. B.H. Liddell Hart, Londres, 1951, p. 168-72 .

se deram conta da capacidade para a exploração de novas perspectivas do passado, proporcionados por narrativas como a correspondência do soldado Wheeler a sua esposa.

No tocante a experiências narrativas, Benjamin (1996, p. 198) infere que as histórias que passam de pessoa a pessoa constituem a fonte a que recorreram todos os narradores, ressaltando que, dentre as narrativas escritas, as melhores são aquelas que menos se diferenciam das orais, *contadas pelos inúmeros narradores anônimos* (idem). Entre estes, dois grupos interpenetram-se numa multiplicidade de formas, sendo responsáveis pela tangibilidade do narrador: o marinheiro comerciante que vem de long e tem muito para contar; o honesto *camponês sedentário* que não saiu do seu país, mas conhece suas histórias e tradições (idem).

A *história vista de baixo*, em refuta ao tradicional modo de contar a história, desde os tempos clássicos, quando os historiadores privilegiavam apenas o relato dos feitos dos grandes, considera os movimentos coletivos tanto quanto as ações individuais, com as tendências e os acontecimentos. Esse novo tipo de história, também chamada de *História Oral ou Método Biográfico*, é o registro da história de vida de indivíduos que, ao focalizar suas memórias pessoais, constroem também uma visão mais concreta da dinâmica de funcionamento e das várias etapas da trajetória do grupo social ao qual pertencem: São relatos subterrâneos, à margem da história oficial. Nele, o registro de experiências vividas pelos informantes, em fitas magnéticas de áudio ou vídeo, constitui um instrumento fundamental para a compreensão do passado recente.

O suporte teórico-histórico para tal concepção partiu de Hobsbawm⁴⁰ na sua declaração de que a *história das pessoas comuns tem início com a história dos movimentos de massa no século dezoito, (...) com o crescimento do movimento trabalhista* (Burke, 1992, p.45). Apesar da influência de historiadores marxistas ingleses, por meio da história britânica do trabalho, o livro do francês Emmanuel Le Roy Ladurie, *Montaillou*, que tematiza uma comunidade medieval camponesa dos Pirineus, talvez tenha causado maior impacto sobre a *história vista de baixo*, argumenta Hobsbawm (idem, 47).

O desenvolvimento desse método da história oral trouxe independência para o cientista social, que não depende mais, exclusivamente, dos documentos escritos para estudar o passado, possibilitando ainda que indivíduos das categorias sociais excluídas da história oficial possam ser ouvidos, com a finalidade de registrar, para análises futuras, a sua própria visão de mundo, bem como a visão do grupo social ao qual pertencem.

Outra característica da pesquisa pela história oral é que ela pressupõe uma parceria de cumplicidade entre entrevistador e entrevistado, construída ao longo do processo de pesquisa, numa relação baseada na confiança mútua, que espera alcançar objetivos comuns e essa relação possibilita a construção de uma imagem do passado muito mais abrangente e dinâmica. A História Oral, na condição de estudo da memória coletiva, é reveladora de mentalidades.

⁴⁰ E.J. Hobsbawm, *History from Below – Some Reflections*, em *History from Below*, ed. Krantz, p. 15.

Assim,

(...) aqueles que escreveram a *história vista de baixo* não apenas proporcionaram um campo de trabalho que nos permite conhecer mais sobre o passado: também tornaram claro que existe muito mais, que grande parte de seus segredos, que poderiam ser desconhecidos, ainda estão encobertos por evidências inexploradas. [...] A história vista de baixo ajuda a convencer aqueles de nós nascidos sem colheres de prata em nossas bocas, de que temos um passado, de que viemos de algum lugar. Mas também, com o passar dos anos, vai desempenhar um importante papel, ajudando a corrigir e a ampliar aquela história política da corrente principal que é ainda o cânone aceito nos estudos históricos britânicos (Sharpe, In: Burke, 1992, p. 62).

Sharpe (idem, p. 57) prossegue afirmando que quem escreve a *história vista de baixo* utiliza a *descrição densa* de Geertz, ainda que não adote o conceito semiótico de cultura desse autor.

Sob influência das ciências sociais, a história também sofreu uma mudança no campo das técnicas e dos métodos. Se antes a documentação era relativa ao evento e ao seu produtor, agora ela é relativa ao campo econômico-social: ela se torna massiva, serial, revelando, também, o duradouro, a permanência, as estruturas sociais: *Os documentos se referem à vida cotidiana das massas anônimas, à sua vida produtiva, à sua vida comercial, ao seu consumo, às suas crenças, às suas diversas formas de vida social* (REIS, 1994, p.126).

Nessa cotidianidade encontramos a *liminaridade* discutida por Turner (1974), para quem as experiências *liminares*, ainda que associadas à marginalidade estrutural, promovem a revitalização social. Ao prosseguir nessa discussão, ele salienta (idem, p.97):

Liminality implies that the high could not be high unless the low existed, he who is high must experience what is like to be low. No doubt something of this thinking, a few years ago, lay behind Prince Philip's decision to send his son, the heir apparent to the British throne, to a bush school in Australia for a time, where he could learn how "to rough it"⁴¹.

Turner cita Arnold van Gennep (1960) para ressaltar o que esse autor chama "fase liminar"⁴² dos *rites de passage*⁴³, definidos por ele próprio como *ritos que acompanham toda mudança de lugar, estado, posição social de idade* (idem, p. 94).

A nova história privilegia, portanto, a documentação massiva e involuntária em relação aos documentos voluntários e oficiais. Nesse sentido, os documentos são arqueológicos, pictográficos, iconográficos, fotográficos, cinematográficos, numéricos, orais, enfim, de diversas modalidades. Todos os meios são válidos, quando o propósito é preencher as lacunas, colocar significados nos silêncios das fontes, a despeito dos riscos, e de serem considerados como antiobjetivos.

⁴¹ O grifo é do autor.

⁴² Idem

⁴³ Idem

1.4 Os contrários entre os dois modos de contar a história: a *vista de cima* e a *vista de baixo*

1.4.1 A história é, essencialmente, política / Tudo tem história

Burke (idem, p. 10) apresenta a *ousada* frase vitoriana de Sir John Seeley, Catedrático de História em Cambridge, *História é a política passada: política é a história presente*, para dizer que, de acordo com os adeptos do paradigma tradicional, a história é essencialmente política e a política foi admitida para ser essencialmente relacionada ao Estado, ou seja, mais nacional e internacional, do que regional. Entretanto, dentro dessa perspectiva a história da Igreja não estava incluída como uma instituição e nem o que o teórico militar Karl von Clausewitz definiu como *a continuação da política por outros meios*, ou seja, a guerra. No tocante a outros tipos de história, como é o caso da história da arte, a história da ciência, embora o paradigma tradicional não os excluíssem totalmente, não deixavam de ser marginalizados, pelo fato de não atenderem aos interesses dos "verdadeiros"⁴⁴ historiadores.

A despeito desse cenário, a nova história passa a se interessar por toda a atividade humana. *Tudo tem uma história*, declarou o cientista J.B.S. Haldane. Com isso, ele queria dizer que tudo tem um passado e este pode ser reconstruído e relacionado ao restante do passado, concepção responsável pelo surgimento da expressão *história total*, tão cara aos historiadores dos *Annales* (idem, p. 11):

⁴⁴ O grifo é de Peter Burke.

A primeira metade do século testemunhou a ascensão da história das idéias. Nos últimos trinta anos nos deparamos com várias histórias notáveis de tópicos que anteriormente não se havia pensado possuírem uma história, como, por exemplo, a infância, a morte, a loucura, o clima, os odores, a sujeira e a limpeza, os gestos, o corpo (como apresentado por Roy Porter, p. 291), a feminilidade (discutida por Joan Scott, p. 63), a leitura (discutida por Robert Darnton, p. 199), a fala e até mesmo o silêncio. O que era previamente considerado imutável é agora encarado como uma "construção cultural" sujeita a variações, tanto no tempo quanto no espaço (Burke, idem).

A nosso ver, nessa concepção anterior de caráter de imutabilidade, depois considerada uma construção cultural, passível de variações no tempo e no espaço, está a noção de *incompleteza* da história.

Retomando Burke (idem), esse autor salienta que nessa ascensão da história das idéias está implícito a noção de relativismo cultural, na sustentação filosófica da nova história de que a realidade é social ou culturalmente constituída. Esse relativismo cultural põe fim à tradicional dicotomia: o que é central e o que é periférico na história.

1.4.2 A história é uma narrativa / A história é uma análise das estruturas

Burke (idem, p. 12) postula que o paradigma tradicional compreende a história como essencialmente uma narrativa dos acontecimentos. A nova história, por sua vez, preocupa-se mais com

a análise das estruturas. Esse autor cita uma das obras mais famosas da história de nossa época, o *Mediterranean* de Fernand Braudel, na qual rejeita a história dos acontecimentos, considerada por ele nada mais do que *a espuma nas ondas do mar da história*. Diz, ainda, Braudel que as mudanças econômicas e sociais *de longo prazo*, bem como as mudanças geo-sociais *de muito longo prazo* é o que, de fato, importa. Burke observa que, embora tenham surgido rejeições a esse ponto de vista e os acontecimentos já não fossem tão refutados, como antes, *a história das estruturas de vários tipos continua a ser considerada muito seriamente*.

1.4.3 A história tem duas visões: a de *cima* e a de *baixo*

A visão de cima está presente na história tradicional, restrita aos grandes feitos dos grandes homens, estadistas, generais ou ocasionalmente eclesiásticos. Sendo assim, aos demais grupos sociais coube um papel secundário no drama da história, regra revelada pelas reações à sua transgressão: o relatório do escritor russo Alexandre Pushkin, a respeito de uma revolta de camponeses e de seu líder Pugachev, recebeu o comentário do czar Nicolau de que "tal homem não tem história" [o grifo é de Burke]; quando nos anos 50, um historiador britânico escreveu uma tese sobre um movimento popular na Revolução Francesa, um de seus examinadores quis saber por que ele se preocupava com aqueles bandidos.

Jim Sharpe (In: Burke, idem, p. 40) mostra a preocupação de vários novos historiadores com a *história vista de baixo*, ou seja, com as opiniões das pessoas comuns e com sua experiência da mudança social. Esses historiadores têm dado muita atenção à

história da cultura popular; os historiadores da Igreja, por exemplo, já estudam a história da Igreja tanto na visão de baixo quanto na de cima. Os historiadores intelectuais direcionam a sua atenção não somente para os grandes livros ou para as grandes ideias, mas também para a história das mentalidades coletivas ou para a história dos discursos ou "linguagens", a linguagem da escolástica, por exemplo, ou a linguagem forense.

1.4.4 A história é baseada em documentos / A história tem outros tipos de fonte

De acordo com o paradigma tradicional, a história deveria ter a sua base em documentos. Burke cita Ranke e sua grande contribuição sobre as limitações das fontes narrativas, denominadas crônicas pelo autor, bem como a ênfase dada por Ranke à necessidade de *basear a história escrita em registros oficiais, emanados do governo e preservados em arquivos*. Essa contribuição, no entanto, negligenciou outros tipos de evidência. Assim escreve o Burke:

O período anterior à invenção da escrita foi posto de lado como "pré-história". Entretanto, o movimento da "história vista de baixo" por sua vez expôs as limitações desse tipo de documento. Os registros oficiais em geral expressam o ponto de vista oficial. Para reconstruir as atitudes dos hereges e dos rebeldes, tais registros necessitam ser suplementados por outros tipos de fonte (1992, idem, p.13).

Essas evidências são visuais e/ou orais, mas existe também a evidência estatística: dados comerciais, populacionais, eleitorais,

dentre outros dados. Burke informa que o ápice da história quantitativa deve ter sido nos anos 50 e 60, quando alguns entusiastas afirmaram que apenas os métodos quantitativos eram confiáveis, o que provocou reações contrárias a tais afirmações e, de certo modo, contrárias também aos métodos quantitativos. A despeito disso, o interesse por uma história quantitativa, embora mais modesta, ainda continua, como é o caso da criação, em 1987, na Grã-Bretanha, de uma Associação para a História e Computação.

1.4.5 A explicação histórica visa ao acontecimento / A explicação histórica visa ao acontecimento em todo o seu contexto

Burke (idem) observa que, segundo o paradigma tradicional, *memoravelmente enunciado* pelo filósofo e historiador R.G. Collingwood, "Quando um historiador pergunta 'Por que Brutus apunhalou César?' ele quer dizer 'O que Brutus pensou, o que fez com que ele decidisse apunhalar César?'" [o grifo é do autor]. Tal explicação histórica recebeu críticas de novos historiadores, especialmente porque esse tipo de explicação erra no tocante à variedade de questionamentos dos historiadores, regularmente preocupados tanto com os movimentos coletivos quanto com os individuais, tanto com as tendências quanto com os acontecimentos:

Por que, por exemplo, os preços se elevaram na Espanha no século dezesseis? Os historiadores econômicos não concordam em sua resposta a essa questão, mas suas várias respostas (em termos de importações de prata, crescimento da população etc.) estão muito distantes do modelo de Collingwood. No famoso estudo de Fernand Braudel sobre o Mediterrâneo do século dezesseis, publi-

cado pela primeira vez em 1949, apenas a terceira e última parte, dedicada à história dos acontecimentos, faz perguntas remotamente semelhantes às de Collingwood, e mesmo aí o autor apresenta um tipo muito diferente de resposta, enfatizando os constrangimentos do seu protagonista, o Rei Felipe II, e a ausência de influência do rei sobre a história de sua época (idem, p. 14-15).

1.4.6 A história é objetiva / A história tem vozes *variadas e opostas*.

O paradigma tradicional diz que a História é objetiva e a tarefa do historiador é apresentar aos leitores os fatos, ou, conforme salientou Ranke em uma frase muito referenciada, dizer "como eles realmente aconteceram" [o grifo é de Burke]. Lord Acton, por sua vez, em uma famosa carta destinada a seu grupo de colaboradores da *Cambridge Modern History*, publicada a partir de 1902, insistiu com eles que "o nosso Waterloo deve ser tal que satisfaça do mesmo modo a franceses e ingleses, alemães e holandeses" e que seus leitores deveriam ser incapazes de dizer onde um colaborador iniciou e outro continuou.

Ainda, de acordo com Burke (idem, p. 15), tal concepção é, de modo geral, considerada irrealista nos dias de hoje, pois não conseguimos evitar os preconceitos em relação à cor, credo, classe ou sexo, nem evitar olhar o passado de um ponto de vista particular. Nesse sentido obvio, emprega-se o relativismo cultural tanto na própria escrita da história quanto nos seus chamados objetos, razão por que nossas mentes não refletem diretamente a realidade e nossa percepção de mundo obedece a uma estrutura de

convenções, esquemas e estereótipos, entrelaçados numa variação cultural. Nesse contexto, percebemos os conflitos de forma mais realçada, por meio de pontos de vista opostos e não como Acton, que tentou a articulação de um consenso. Assim, nos transportamos do ideal da Voz da História para o da heteroglossia, definida como "vozes variadas e opostas" [expressão grifada por Burke].

1.5 O ceticismo em relação à história oral

Existem estudiosos contrários à valorização da narrativa oral. Segundo Pryn (In: Burke, 1992, p. 163), muitos dos historiadores da modernidade, de sociedades alfabetizadas, são céticos em relação ao valor das histórias na reconstrução do passado. Nesse contexto, A.J.P. Taylor se diz totalmente cético: *Velhos babando acerca de sua juventude? Não!* Em comunhão com o pensamento de Taylor, muitos historiadores acham, por exemplo, *que as histórias do povo de Terkel, da Depressão e da Segunda Guerra Mundial, jamais edificam hipóteses históricas importantes sobre aqueles grandes acontecimentos* (idem).

De um ponto extremo, na acepção ceticista de Arthur Marwick, em *The Nature of History*,

a história baseada exclusivamente em fontes não-documentais, como, por exemplo, a história de uma comunidade africana, pode ser uma história mais imprecisa e menos satisfatória do que uma extraída de documentos, mas de todo modo é uma história (idem,p.164).

Em outro extremo, Gwyn Prins (In: Burke, *ibidem*) afirma que não pode haver uma história adequada, se não houver documentos.

A concepção esquerdista de Marx também se manifestou, quando exemplificou o modo de produção asiático nas aldeias indianas, que *simplesmente assavam ao sol, reproduzindo-se, improdutivamente*, “intocadas pelas nuvens tempestuosas do céu político⁴⁵” (*ibidem*).

Assim, a *História Nova* opõe-se ao paradigma tradicional de análise histórica e se interessa por todas as ações do homem, uma vez que tudo tem história e a história da história, ou seja, tudo tem múltiplas histórias. Nessa concepção de estudo, o aspecto permanente pode ser, culturalmente (re) construído e sujeito a modificações espaço-temporal, posto que a realidade é socioculturalmente constituída, em face de sua incompletude.

O capítulo, a seguir, apresenta os postulados teóricos sobre a etnografia, bem como os princípios fundamentais necessários para um trabalho de campo com qualidade.

⁴⁵ O grifo é de Marx.

**CAPÍTULO 2 – ETNOGRAFIA, UM OLHAR NO E PARA
O CAMPO: A ANTROPOLOGIA SOCIAL**

O pesquisador é, ainda, refém do seu informante. A mim, me inquietava a razão de Malinowski:

A pesquisa etnográfica, por sua própria natureza, exige que o pesquisador dependa da assistência e auxílio de outros, o que ocorre muito mais freqüentemente na etnografia do que em outros ramos científicos (*Os Pensadores*, 1978, p. 16).

2. Etnografia, um olhar no e para o campo: a Antropologia Social

Informamos na introdução desta tese que a nossa abordagem investigativa caracteriza-se por um olhar etnográfico, razão por que construímos este capítulo com a apresentação de reflexões relevantes de alguns estudiosos que escreveram sobre etnografia.

O termo etnografia está contido nas terminologias gregas: *ethnos* = povo e *grapho* = descrever. Descrever um povo. Para desenvolver uma pesquisa etnográfica é necessário que o pesquisador vá até o local a ser estudado, conviva com seus moradores, com a finalidade de conversar com eles, procurar conhecê-los, buscar suas significações – seus pontos de vista – a respeito dos acontecimentos, das pessoas e das coisas que fazem parte do seu universo. Só depois disso é que o investigador poderá definir as suas impressões e estas constituem uma interpretação de segunda mão, pois, *by definition, only a “native” makes first order ones: it’s his culture* (Geertz, p. 15).

2.1 Os postulados de Laplantine

O antropólogo francês François Laplantine (2007) nos informa que a idéia de se criar uma ciência para estudar o homem é muito recente. Somente no final do século XVIII surge um saber científico ou, como disse esse autor, *pretensamente científico*, que considera o homem como um objeto de conhecimento; nessa concepção, a natureza deixa de ser esse objeto e, o então saber científico, pela primeira vez, pensa em aplicar ao homem os métodos que, nessa

época, eram utilizados pela física ou biologia. Nessa perspectiva, surge a antropologia na constituição de importante evento na história do pensamento do homem sobre o homem. Cabe ressaltar, contudo, que ainda hoje, talvez, não conheçamos as proporções das consequências de tal evento.

Esse pensamento tinha sido até então mitológico, artístico, filosófico, mas nunca científico no que dizia respeito ao homem em si. Trata-se, desta vez, de fazer passar este último do estatuto de sujeito do conhecimento ao de objeto da ciência (idem, p.14)

Nessa concepção, investiga-se o primeiro objeto da ciência, nas chamadas sociedades *longínquas*, caracterizadas como restritas, quase sem contatos com grupos vizinhos e dotada de tecnologia pouco desenvolvida, cujas atividades e funções sociais são também consideradas menores. Tais sociedades, classificadas como “simples”, permitirão, portanto, a compreensão laboratorial da organização “complexa” de nossas próprias sociedades, afirma Laplantine. Ressalta ele, contudo, que a antropologia não implica apenas o estudo de tudo que compõe uma sociedade, mas *o estudo de todas as sociedades humanas, ou seja, das culturas das humanidades como um todo em suas diversidades históricas e geográficas* (idem, p. 20).

Laplantine afirma, ainda, que a etnografia, propriamente dita, tem o início de sua existência no momento em que se observa que o *pesquisador deve ele mesmo efetuar no campo* sua própria pesquisa e que essa observação direta integra-se à própria pesquisa. Em

razão disso, nos primeiros meses do século XX, ocorre uma expressiva mudança, revolucionária, na antropologia:

(...) ela põe fim à repartição das tarefas, até então habitualmente divididas entre o observador (viajante, missionário, administrador) entregue ao papel subalterno de provedor de informações, e o pesquisador erudito, que, tendo permanecido na metrópole, recebe, analisa e interpreta - atividade nobre! - essas informações. O pesquisador compreende a partir desse momento que ele deve deixar seu gabinete de trabalho para compartilhar a intimidade dos que devem ser considerados não mais como informadores a serem questionados, e sim como hóspedes que o recebem e mestres que o ensinam. Ele aprende então, como aluno atento, não apenas a viver entre eles, mas a viver como eles, a falar sua língua e pensar nessa língua, a sentir suas próprias emoções dentro dele mesmo. Trata-se, como podemos ver, de condições, estudo radicalmente diferentes das que conheciam o viajar do século XVIII e até o missionário ou o administrador, século XIX, residindo geralmente fora da sociedade indígena e obtendo informações por intermédio de tradutores e informadores: este último termo merece ser repetido. Em suma, a antropologia se torna pela primeira vez uma atividade ao *ar livre*, levada, como diz Malinowski, "ao vivo", em uma "natureza imensa, virgem e aberta" (idem, p.75-76).

Tal atividade, ainda hoje chamada de trabalho de campo, *longe de ser visto como um modo de conhecimento secundário servindo para ilustrar uma tese é considerado como a própria fonte de pesquisa* (idem, p.76), influenciando, desde então, a nova geração de etnólogos, dos primeiros anos do século XX, que estudaram intensamente as populações do mundo inteiro. Dentre eles, Radcliffe-Brown que, em 1906 e 1908 estudou os habitantes

das ilhas Andam; em 1909 e 1910, Seligman dirigiu uma missão no Sudão. Alguns anos mais tarde, Malinowski volta a Grã-Bretanha influenciado pelo pensamento e sistemas de valores revelados pela população de um pequeno arquipélago melanésio que, por sua vez, influenciou um sem número de pesquisas etnográficas, resultando em publicações de obras em ritmo ininterrupto. Em 1901, Rivers, um dos fundadores da antropologia inglesa, estuda os Todas da Índia; após a Primeira Guerra Mundial, Evans-Pritchard estuda Azandés (tradução francesa 1972) e os Nuer (trad. Franc. 1968); Nadel, os Nupes da Nigéria; Fortes, os Tallensi; Margaret Mead, os insulares da Nova Guiné, dentre outros estudos.

2.2 Laplantine apresenta Boas e Malinowski

Dos vários pesquisadores, que contribuíram para a elaboração da etnografia e da etnologia contemporânea, Laplantine considera como os mais importantes Franz Boas e Bronislaw Malinowski. O primeiro era, antes de qualquer coisa, um homem de campo e com ele testemunhamos uma legítima virada da prática antropológica. Suas pesquisas, totalmente pioneiras, iniciadas a partir dos últimos anos do século XIX (em particular entre os Kwakiutl e os Chinook de Colúmbia Britânica), eram conduzidas por um ponto de vista que hoje qualificaríamos como microssociológico:

No campo, ensina Boas, *tudo* deve ser anotado: desde os materiais constitutivos das casas até as notas das melodias cantadas pelos Esquimós, e isso detalhadamente, e no detalhe do detalhe. Tudo deve ser objeto da descrição mais meticulosa, da retranscrição mais fiel (por exemplo, as diferentes versões de um mito, ou

diversos ingredientes entrando na composição de um alimento), Lapalantinié (idem, p.77).

O pesquisador Franz Boas foi, ainda, um dos primeiros etnógrafos preciso na descrição de suas observações, um conservador metódico do patrimônio coletado. Considerado um mestre, de incontestável valor, foi o grande pedagogo responsável pela formação da primeira geração de antropólogos americanos na primeira metade do século XX (Kroeber, Lowie, Sapir, Herskovitz, Linton e, em seguida, R. Benedict, M. Mead).

Na concepção desse pesquisador, não há objeto nobre nem objeto indigno da ciência: *as piadas de um contador são tão importantes quanto a mitologia que expressa o patrimônio metafísico do grupo* e, especialmente, o modo como as sociedades tradicionais, por meio das vozes dos mais humildes, nelas incluídos, classificam suas atividades mentais e sociais, deve ser valorizado. Sendo assim, Franz Boas apresenta a constituição do que hoje conhecemos como etnociências.

Malinowski monopolizou a cena antropológica, de 1922, ano de publicação de sua primeira obra, *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*⁴⁶, até sua morte, em 1942 (idem p.79). Ainda que esse pesquisador não tenha sido o primeiro a viver com as populações que estudava, e a coletar o material de que necessitava de seus idiomas, adotou *essa compreensão por dentro*, e para tanto se afastou do mundo europeu. Foi o estudioso que mais conseguiu penetrar na mentalidade dos outros, durante as suas duas

⁴⁶ A idéia principal do livro é mostrar, por meio da visão antropológica, como acontece o *Kula*, sistema comercial de trocas circular, místico, sem a noção de posse, conhecida atualmente.

permanências nas ilhas Trobriand, ou seja, Malinowski *compreendeu de dentro, por uma verdadeira busca de despersonalização, o que sentem os homens e as mulheres que pertencem a uma cultura que não é nossa*. Por assim pensar e agir, Malinowski acreditava que uma sociedade deve ser estudada em sua totalidade, tal como funciona *no momento mesmo onde a observamos*.

Enquanto Franz Boas estabelecia longos repertórios, e vários de seus discípulos, nos Estados Unidos, buscavam correlações entre o maior número possível de variáveis, Malinowski, que via nesse tipo de trabalho uma aberração, buscava o contrário, acreditando que, *a partir de um único costume, ou mesmo de um único objeto (por exemplo, a canoa trobriandesa) aparentemente muito simples, aparece o perfil do conjunto de uma sociedade* (In: Laplantine, p.80).

Malinowski foi discípulo de Frazer, mas para as observações em campo eles adotam abordagens diversas: em *O Ramo de Ouro*, considerada uma obra épica da humanidade, Frazer pergunta: “como nossa sociedade chegou a se tornar o que é?” Já, Malinowski, em *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, quis saber: “o que é uma sociedade dada em si mesma e o que a torna viável para os que a ela pertencem, observando-a no presente através da interação dos aspectos que a constituem?” (81). Com ele a antropologia se torna uma “ciência” da alteridade, que não reconhece o empreendimento evolucionista de reconstituição das origens da civilização, dedicando-se ao estudo das lógicas particulares características de cada cultura.

A metodologia na etnografia de Malinowski, voltada para a compreensão por dentro, foi assim observada por Firth:

“Um historiador”, escreve Firth, “pode ser surdo, um jurista pode ser cego, um filósofo pode a rigor ser surdo e cego, mas é preciso que o antropólogo entenda o que as pessoas dizem e veja o que fazem”. Ora, a grande força de Malinowski foi ter conseguido fazer ver e ouvir aos seus leitores aquilo que ele mesmo tinha visto, ouvido, sentido. Os *Argonautas do Pacífico Ocidental*, publicado com fotografias tiradas a partir de 1914 por seu autor, abre o caminho daquilo que se tornará a antropologia audiovisual (idem, p. 86).

2.3 Os Pensadores

Ainda, de acordo com os autores de *Os Pensadores* (1978, p.IX), até o fim do século XIX, os antropólogos, em quase sua totalidade, ainda não tinham conhecido um representante dos povos considerados primitivos sobre os quais escreviam. Seus estudos eram baseados em material histórico e arqueológico a respeito das civilizações clássicas e orientais, bem como nas informações contidas nos relatos de viajantes, colonos, missionários e funcionários dos governos coloniais sobre sociedades tribais. No entanto, não se pode negar algumas exceções, especificamente na América, como é o caso de Morgan, que trabalhou com informantes iroqueses, e de Cushing, que viveu cinco anos entre os índios Zuni. Mas, a tradição do trabalho de campo estabeleceu-se, de fato, nos Estados Unidos, em 1883-1884, com Boas, por meio de uma pesquisa entre os esquimós e de um trabalho de pesquisas de campo entre os índios da costa noroeste.

No final do século, multiplicaram-se na Europa os estudos de antropólogos e missionários, com formação antropológica, que traziam observações feitas diretamente sobre populações tribais. Em 1899, os estudos desenvolvidos por Spencer e Gillen, entre os aborígenes australianos, demonstraram definitivamente o grande potencial do trabalho de campo e a contribuição das informações obtidas por meio de observação direta para a resolução dos problemas teóricos colocados pela antropologia (idem). A obra desses autores inspirou três outros trabalhos importantes, que traziam uma reflexão inovadora em seu próprio campo: As formas elementares da vida religiosa, de Durkheim (1858-1917), Totem e Tabu, de Freud (1856-1939), e A família entre os aborígenes australianos, o primeiro livro de Malinowski, todos publicados em 1913.

A publicação da obra de Spencer e Gillen coincide com a realização (1888-1889) da famosa expedição Cambridge ao estreito de Torres (entre Austrália e Nova Guiné), organizada por Hadden e da qual participaram, entre outros, Seligman e Rivers (1864-1922). Tratava-se, pois, de uma equipe de renomados especialistas, realizando simultaneamente uma série de investigações científicas na mesma região. Em 1901, Riveres trabalhou entre os Todda. Seligman, em 1904, empreendeu um *survey* monumental de toda Nova Guiné Britânica e, nos anos seguintes, com sua mulher, entre os Vedda do Ceilão e as tribos do Sudão britânico.

Quando Malinowski chegou à Inglaterra, todos esses pioneiros já estavam formando a primeira geração de investigadores de campo e Radcliffe-Brown (1881-1954) havia acabado de concluir sua pesquisa entre os Andamaneses, realizada entre os anos de

1906 e 1908 (embora só publicada em 1922). Nessa mesma época, a publicação de *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, em 1922, de Malinowski, não representou apenas uma adição à etnografia da Melanésia, *mas procedeu a uma verdadeira revolução na literatura antropológica* (Os Pensadores, 1978, p.VI).

Ainda na concepção dos autores de Os Pensadores, a grande inovação de Malinowski no trabalho de campo implicou a prática do que se conhece hoje, como *observação participante*, um marco da história da antropologia moderna, que consiste em uma nova forma de investigar, por meio de uma observação detalhada e atenta. Sob a sua influência, vieram outras etnografias clássicas, como *Naven* de Gregory Bateson, *Nós, os Tikopia* de Raymond Fyrth.

2.4 A observação participante

Na *observação participante* (Malinowski, 1978, p. 18-9), os resultados da pesquisa científica, em qualquer ramo do conhecimento humano, devem ser apresentados de maneira clara e absolutamente honestos. O relato honesto de todos os dados é talvez ainda mais necessário que em outras ciências. Na etnografia, o autor é, ao mesmo tempo, o seu próprio cronista e historiador.

Para J.G. Frazer (1922, In: Os pensadores, 1978, p.VI), o método utilizado por Malinowski é caracterizado pela preocupação de considerar a natureza complexa do ser humano, observando-o em sua totalidade, ciente de que o homem é uma criatura tanto dotada de paixões quanto de razão, e não poupa esforços para descobrir a base não apenas racional, mas também emocional do comportamento humano. No prólogo de *Argonautas do Pacífico Ocidental*, obra referenciada até hoje como um dos mais importantes

relatos etnográficos, Malinowski afirma que, sem dúvida, o valor de um trabalho etnográfico está na cobertura total que ele faz dos aspectos estudados de uma comunidade: o social, o cultural e o psicológico. Ainda, segundo ele, esses aspectos são de tal forma interdependentes que um não pode ser estudado e entendido a não ser levando-se em consideração todos os demais (Malinowski, 1921, idem, p.12).

2.5 Antropologia social: breves considerações

Com relação à antropologia social, Laplantine (2007, p.115) informa que, da forma como é produzida, em especial na Inglaterra, com a representatividade de Malinowski, sobretudo de Radcliffe-Brown (1968), essa disciplina pauta-se em convicções que lembram os princípios da antropologia simbólica, que insistia na *coerência lógica dos sistemas de pensamento*; a antropologia social, por sua vez, destaca a *coesão das instituições*, o caráter *integrativo* da família, da moral e, sobremaneira, da religião, princípios defendidos por Durkheim (1979), citado por Laplantine (idem).

As antropologias, simbólica e social, se distanciam em suas perspectivas, considerando que essa alteridade, da qual se pretendia mostrar o significado profundo, bem como o valor inestimável, pode também ser encontrada dentro de cada sociedade, em face da expressiva diferenciação existente no interior dos grupos sociais que compõem uma mesma cultura. Neste caso, se o interesse pelos sistemas de representações permanece (mitologia, magia, religião), significa que existe a vontade de mostrar o lugar e a função que lhes pertencem dentro de um conjunto maior: a sociedade global em questão. Assim, *o que é explicativo precisa ser*

explicado. A antropologia simbólica realiza em aspectos diversos a sofisticação redundante do discurso dos próprios atores sociais, ou, mais notadamente, pelos detentores do saber de uma parte do grupo. Diante disso, Laplantine questiona:

Perguntamo-nos agora: o que mostram, mas também dissimulam, esses discursos suntuosos que expressam menos a sociedade em sua realidade, do que a sociedade em seu ideal? Assim, ao estudo da cultura como sistema de relações vividas, Malinowski, um dos primeiros, pede que se substitua o estudo da sociedade como sistema de relações reais, que escapam aos atores sociais: "Os objetivos sociológicos nunca estão presentes no espírito dos indígenas". O antropólogo é quem deve descobrir as leis de funcionamento da sociedade (2007, p.115-116).

Convém ressaltar que os autores Radcliffe-Brown (1968), Evans-Pritchard (1969), Roger Bastide (1970), Henri Desroche (1973), Georges Balandier (1974), Louis-Vincent Thomas (1975)) não aceitavam a distinção entre a antropologia social e a sociologia; para Radcliffe-Brown a antropologia social não é profundamente diferente da sociologia, é uma "sociologia comparativa". Por outro lado, Evans-Pritchard (1969) afirma que a Antropologia Social *deve ser considerada como fazendo parte dos estudos sociológicos. É um ramo da sociologia cujo estudo se liga mais especificamente às sociedades primitivas* (In: Laplantine, 2007, p. 117).

2.6 A prática antropológica e sua especificidade

Quanto à especificidade da prática antropológica, em síntese por nós elaborada, Laplantine (idem, p. 149-199) a caracteriza como:

1. Uma ruptura metodológica: a prioridade dada à experiência pessoal do “campo”;
2. Uma inversão temática: o estudo do infinitamente pequeno e do cotidiano;
3. Uma exigência: o estudo da totalidade;
4. Uma abordagem: a análise comparativa;
5. As condições de produção social do discurso do antropólogo;
6. O observador, parte integrante do objeto de estudo;
7. Antropologia e Literatura;
8. As tensões constitutivas da prática antropológica.

2.7 Tudo é etnografia

Geertz (1989, p. 4-5), por sua vez, declara: *In anthropology, or anyway social anthropology, what the practioners do is ethnography*. E ao compreendermos o que é etnografia e a sua prática é que podemos começar a entender o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento. É necessário ressaltar, no entanto, que isso não implica uma questão de métodos; a prática da etnografia caracteriza-se pelo estabelecimento de relações, pela seleção de informantes, transcrição de textos, levantamento de genealogias, mapeamento de campos, manutenção de um diário e outros procedimentos. Mas, o que define, de fato, um empreendimento de pesquisa de campo, é o modelo do esforço intelectual que ele representa: (...) *an elaborate venture in, to borrow a notion from Gilbert Ryle, “thick description.”* (idem, p. 6).

O termo *descrição densa*, no significado utilizado por Ryle⁴⁷ (Geertz, idem), traz implícita a noção de uma descrição rica em detalhes. Por meio dessa descrição, o observador, para melhor desenvolver o seu trabalho de campo, deve estar atento às significações atribuídas às coisas, aos fatos, aos acontecimentos e às pessoas, ou seja, estar sempre atento aos movimentos dos sujeitos observados).

Esse antropólogo postula que uma descrição *densa* apresenta quatro características, a saber:

- Ela é interpretativa.
- O que ela interpreta é o fluxo do discurso social.
- A interpretação consiste em salvar o dito no discurso, de modo que ele não se extinga, e fixá-lo em formas pesquisáveis.
- Ela é microscópica.

Geertz diz, ainda, que o desafio do etnógrafo é entender a complexidade contida em uma multiplicidade de formas conceituais, das quais muitas estão sobrepostas ou amarradas, umas às outras, sendo, simultaneamente, estranhas, irregulares e implícitas, *a não ser quando como deve fazer, naturalmente, de acordo com as rotinas mais automatizadas da coleta de dados*. De certa forma, o etnógrafo precisa primeiro apreender e depois apresentar, em todos os níveis de atividades do seu trabalho de campo, mesmo o mais rotineiro, a entrevistar informantes, observar rituais, deduzir os termos de parentesco, traçar as linhas de propriedade, fazer o senso doméstico, escrever seu diário. Assim,

⁴⁷ O texto sobre a descrição densa de Ryle encontra-se no anexo deste trabalho.

Doing ethnography is like trying to read (in the sense of “construct a reading of) a manuscript – foreign, faded, full of ellipses, incoherencies, suspicions emendations, and tendentious commentaries, but written not in conventionalized graphs of sound but in transient examples of shaped behavior (idem, p. 10).

Geertz transcreve uma passagem de Wittgenstein, quando este diz que a transparência de algumas pessoas, de quem falamos, nem sempre é o que mais importa. O caráter enigmático do ser humano também é uma característica importante:

We ... say of some people that they are transparent to us. It is, however, important as regards this observation that one human being can be a complete enigma to another. We learn this when we come into a stranger country with entirely stranger traditions; and, what is more, even given a mastery of the country's language. We do not *understand* the people. (And not because of not knowing what they are saying to themselves.) We cannot find our feet with them (p. 13).

Assim visto, o etnógrafo deve *situar*-se na cultura do local que observa. Esse autor compreende o termo *situar* como algo *enervante*, parcialmente bem-sucedido e é nisto que consiste a investigação etnográfica como experiência pessoal. O que é importante nesse modo de investigação é procurarmos, na significação mais completa da palavra, muito mais do que tão-somente falar com os sujeitos observados, *é conversar com eles, o que é muito mais difícil* (idem, p.13).

A etnografia constitui, portanto, um método utilizado pela antropologia na coleta de dados, com base no contato intersubjetivo entre o pesquisador e seu objeto de estudo, seja ele de uma tribo indígena ou de qualquer outro grupo social a ser observado, analisado, interpretado.

A revisitação da teoria, do presente capítulo, contribuiu para que a investigadora concluísse que sua história, como professora, coordenadora e diretora de escola, tem sido pautada nos princípios etnográficos, embora não o soubesse. Na sua relação com os alunos, procurava conhecer as suas histórias de vida, por meio de conversas, visitas às famílias, tendo por hábito registrar todas as atividades de ensino-aprendizagem com fotografias, exposições, relatos, depoimentos. Sendo assim, a investigadora já praticava a etnografia. Em conversas com outros educadores, era frequente alguém dizer que o professor, em determinadas situações, faz papel de pai, mãe, assistente social, psicólogo, terapeuta; a essa mudança de papéis podemos acrescentar, hoje, o papel do etnógrafo.

O capítulo seguinte versa sobre a questão ética e seus constituintes, com a apresentação de relevantes reflexões de Bakhtin e outros estudiosos, norteadoras para a compreensão do bem e do mal.

**CAPÍTULO 3 – ÉTICA: CONDUTORA INDISPENSÁVEL
DO PENSAR HUMANO**

Chamo de causa adequada aquela cujo efeito pode ser percebido clara e distintamente por ela mesma. Chamo de causa inadequada ou parcial, por outro lado, aquela cujo efeito não pode ser compreendido por ela só (Spinoza, 2008, p. 263).

3. A ética: condutora indispensável do pensar humano

A meu ver, a ética implica um discurso fundador para toda e qualquer relação humana, bem como para todo e qualquer tema a ser investigado e desenvolvido. Os estudos sobre a ética são inúmeros, razão por que este capítulo apresenta a revisitação de parte desses estudos teóricos, iniciando com as acepções deste termo na visão dicionarista. Na nossa concepção, a questão ética constitui um discurso fundador para o pensar-humano trazido para o corpo desta investigação.

3.1 O que dizem os dicionários sobre ética

Apresentamos os significados da palavra ética, de acordo com os principais dicionários consultados no Brasil:

1) Aurélio⁴⁸: Estudo dos juízos de apreciação que se referem à conduta humana suscetível de qualificação do ponto de vista do bem e do mal, seja relativamente a determinada sociedade, seja de modo absoluto. [Cf. *moral* (1) e *hética*, 591].

2) Caldas Aulete⁴⁹: (filos.) A ciência da moral; moral (p. 794).

3) Houaiss: 1. Conjunto de preceitos sobre o que é moralmente certo ou errado. 2. Parte da filosofia dedicada aos princípios que orientam o comportamento humano.

⁴⁸ Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1 ed. 10ª. Impressão, Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

⁴⁹ Hamílcar de Garcia e Antenor Nascente. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa Caldas Aulete*. 5 ed. Rio de Janeiro, Delta, 1987.

Nas concepções acima, a ética está diretamente relacionada a valores que nos possibilitam a percepção do bem e do mal, os quais compõem a moral. Segundo Chauí (2001, p. 335), o senso moral e a consciência moral afloram conforme nossas emoções e se referem aos valores justiça, honradez, espírito de sacrifício, integridade, generosidade; a sentimentos provocados pelos valores admiração, vergonha, culpa, remorso, contentamento, cólera, amor, dúvida, medo. Tais valores, ainda que sofram variações, estão submersos a um valor mais profundo: o bom⁵⁰ ou o bem. Os sentimentos e as ações, resultados de uma opção entre o bom e o mau ou entre o bem e o mal, subentendem-se, de forma mais profunda, *ao nosso desejo de afastar a dor e o sofrimento e de alcançar a felicidade, seja por ficarmos contentes conosco mesmos, seja por recebermos a aprovação dos outros.*

3.2 A ética e seus constituintes

Chauí (idem, p. 337) entende que a conduta ética requer um agente consciente, conhecedor da diferença entre bem e mal, certo e errado, permitido e proibido, virtude⁵¹ e vício. A consciência moral não só conhece tais diferenças, mas também se reconhece capacitada para valorar os atos e as condutas, em conformidade com os valores morais, razão por que é responsável por suas ações e seus sentimentos, bem como pelas consequências do fazer e do

⁵⁰ É bom aquilo que faz com que se conserve a proporção entre movimento e repouso que as partes do corpo humano têm entre si; e, inversamente, é mau aquilo que faz com que as partes do corpo humano tenham, entre si, uma proporção diferente entre movimento e repouso (Benedictus Spinoza, idem, p. 313).

⁵¹ Benedictus de Spinoza entende que virtude e potência são a mesma coisa, ou seja, a virtude, referida ao homem, é sua própria essência ou natureza, à medida que ele tem o poder de realizar coisas que podem ser compreendidas exclusivamente por meio das leis e sua natureza (Ética, Edição Bilingüe Latim-Português, Ethica, 2 ed. , São Paulo, Autêntica, 2008, p.269)

sentir. *Consciência e responsabilidade são condições indispensáveis da vida ética.* Escreve a autora:

A consciência moral manifesta-se, antes de tudo, na capacidade para deliberar diante de alternativas possíveis, decidindo e escolhendo uma delas antes de lançar-se na ação. Tem a capacidade para avaliar e pesar as motivações pessoais, as exigências feitas pela situação, as conseqüências para si e para os outros, a conformidade entre meios e fins (empregar meios imorais para alcançar fins morais é impossível), a obrigação de respeitar o estabelecido ou de transgredi-lo (se o estabelecido for imoral ou injusto). A vontade é esse poder deliberativo e decisório do agente moral. Para que exerça tal poder sobre o sujeito moral, a vontade deve ser *livre*, isto é, não pode estar submetida à vontade de um outro nem pode estar submetida aos instintos e às paixões, mas, ao contrário, deve ter poder sobre eles e elas (idem, p. 337).

Assim, prossegue Chaui, o campo ético constitui-se de valores e obrigações, formadores do conteúdo das virtudes, ou seja, das condutas morais, realizadas pelo sujeito moral, principal constituinte da existência ética.

3.3 Condições para existência do sujeito ético ou moral

Ainda, de acordo com as reflexões dessa autora (idem, p.337-38), a pessoa ética tem a sua existência reconhecida, quando preenche as condições, a saber:

- é um ser consciente de si e dos outros: capacidade para

refletir e de reconhecer⁵² o outro como sujeito ético igual a ele;

- é um ser dotado de vontade⁵³: capacidade para controlar e orientar desejos, impulsos, tendências, sentimentos, em conformidade com a sua consciência; capacidade para deliberatória e decisória, quanto à diversidade de alternativas possíveis;

- é um ser responsável: capacidade para reconhecer-se como sujeito-autor da ação, para avaliar os efeitos e consequências de tal ação sobre si e os outros sujeitos, assumindo-a e respondendo por ela;

- é um ser livre⁵⁴: capacidade para oferecer-se como causa interna de suas emoções, modo de agir, ações, pelo fato de não submeter-se aos fatores externos, que possam forçá-lo e constrangê-lo a sentir, a querer e a fazer alguma coisa. A liberdade do sujeito ético não se caracteriza no poder de escolha entre vários possíveis, mas no poder da autodeterminação, impondo para si mesmo as regras de conduta.

Sendo assim, o campo ético compõe-se de dois pólos internamente ligados: o agente ou sujeito moral e os valores morais ou virtudes éticas. Na concepção do agente ou sujeito mo-

⁵² O reconhecimento não se opõe à razão; em vez disso, concorda com ela e pode dela surgir (Spinoza, *idem*, 325).

⁵³ A vontade não pode ser chamada causa livre, mas unicamente necessária (Spinoza, *idem*, p.55). Não há, na mente, nenhuma vontade absoluta ou livre: a mente é determinada a querer isto ou aquilo por uma causa que é, também ela, determinada por outra, e esta última, por sua vez, por outra, e assim até o infinito (*idem*, p. 145).

⁵⁴ O homem que se conduz pela razão é mais livre na sociedade civil, onde vive de acordo com as leis comuns, do que na solidão, onde obedece apenas a si mesmo (*idem*, p. 349)

ral a ética exige a distinção entre passividade e atividade. O sujeito passivo se deixa governar e arrastar por seus impulsos, inclinações e paixões, pelas circunstâncias, pela boa ou má sorte, opinião alheia, medo dos outros, vontade de um outro, não recorrendo à sua própria consciência, vontade, liberdade e responsabilidade. O sujeito ativo ou virtuoso controla interiormente seus impulsos, suas inclinações e paixões, discute com sua consciência e com os outros o significado dos valores e dos fins estabelecidos, questionando se estes devem e como devem ser respeitados ou transgredidos por outros valores e fins já existentes. Ademais, avalia sua capacidade para estabelecer as suas próprias regras de conduta, para consultar a sua razão e sua vontade antes de agir. O sujeito ativo é, portanto, um sujeito autônomo.

Do ponto de vista dos valores, a ética evidencia o modo como a cultura e a sociedade estabelecem para si aquilo que julgam ser a violência, o crime, o mal, o vício e, em contraparte, aquilo que julgam ser o bem e a virtude. A ética caracteriza-se como relação intersubjetiva e social, razão por que não se faz alheia ou indiferente às condições históricas, políticas, econômicas e culturais da ação moral. A ética é universal para a sociedade que a institui porque seus valores são obrigatórios para todos os seus membros e relaciona-se com o tempo e a História, *transformando-se para responder a novas exigências da sociedade e da cultura, pois somos seres históricos e culturais e nossa ação se desenrola no tempo* (idem, p. 338).

Além do sujeito ou pessoa moral e dos valores ou fins morais, o campo ético constitui-se também de outro elemento: os meios para que o sujeito realize os fins. No entanto, nem todos os meios

justificam-se em si, somente aqueles em conformidade com os fins da própria ação. Assim, para fins éticos são necessários meios éticos.

3.4 As indagações de Sócrates

Chauí (idem) nos informa que, por meio dos escritos de Platão e Aristóteles, a ética ou filosofia moral inicia-se com Sócrates no Ocidente. Este filósofo tinha por hábito percorrer as praças e ruas de Atenas para saber dos atenienses a respeito dos valores nos quais acreditavam e respeitavam ao praticarem suas ações. As perguntas de Sócrates revelavam que os atenienses respondiam sem pensar no que diziam, repetindo o que lhes fora ensinado desde a infância. Sócrates queria saber a respeito do sentido dos costumes estabelecidos, isto é, os valores éticos ou morais da coletividade, transmitidos de geração a geração; perguntava, também sobre as disposições de caráter, como as características pessoais, sentimentos, atitudes, condutas individuais que levavam ao respeito ou à transgressão dos valores da cidade e por que isso acontecia.

Ao indagar a respeito da virtude e do bem Sócrates faz uso de dupla interrogação: interroga a sociedade para saber se a virtuosidade e a bondade correspondem, efetivamente, à virtude e ao bem e interroga os indivíduos para saber se, na prática de suas ações têm a consciência do significado e finalidade destas; se seu caráter ou sua índole são virtuosos e bons realmente. Logo, tal indagação é dirigida à sociedade e ao indivíduo.

As indagações de Sócrates inauguram a ética ou filosofia moral, pelo fato de definirem o campo no qual valores e obrigações morais podem ser estabelecidos, quando encontram o seu ponto de

partida: a consciência do agente moral.

É sujeito ético moral somente aquele que sabe o que faz, conhece as causas e os fins de sua ação, o significado de suas intenções e de suas atitudes e a essência dos valores morais. Sócrates afirma que apenas o ignorante é vicioso ou incapaz de virtude, pois quem sabe o que é bem não poderá deixar de agir virtuosamente (Chauí, idem, p. 341).

A Sócrates devemos o início da filosofia moral e a Aristóteles a diferença entre saber teórico e saber prático. O primeiro saber constitui o conhecimento de seres e fatos que existem e agem independentemente de nós e sem nossa intervenção ou interferência, como é o caso do conhecimento teórico da Natureza. O segundo, por seu turno, o conhecimento daquilo que só existe como consequência de nossa ação e, portanto, dependente de nós. A ética é um saber prático. O saber prático diferencia-se conforme a prática, considerada como práxis ou como técnica. A ética refere-se à práxis.

3.5 Bakhtin e o sujeito ético

3.5.1 Em busca de uma completude

Os lugares da completude são alcançados por um único caminho: o da ética. Iniciando-se a caminhada por ele, atingiremos o objetivo pretendido. Se Gödel propõe a associação de uma determinada área de conhecimento a outras, para que uma proposta seja completa, a ética assume essa característica plural, posto que

está no homem e o homem é plural, está no sujeito ético, também plural.

O alcance de um objetivo supõe o ato de pensar e este, por sua vez, conforme Bakhtin (1997), é singular porque se caracteriza num sujeito único; apenas o ato de pensar pode ser ético, porque é por meio dele que o sujeito é convocado. Diz ainda, Bakhtin (2003, p. 128):

O homem vivente se estabelece ativamente de dentro de si mesmo no mundo, sua vida conscientizável é a cada momento um agir: eu ajo através do ato, da palavra, do pensamento, do sentimento; eu vivo, eu me torno um ato; contudo, não expresso nem determino imediatamente a mim mesmo através do ato; por seu intermédio realizo uma significação concreta, semântica, mas não a mim mesmo enquanto algo determinado e determinável; só o objeto e o sentido se contrapõem ao ato. Neste está ausente o elemento do auto-reflexo do indivíduo atuante, que se movimenta em um contexto objetivo, significativo: no mundo de objetivos estritamente práticos, de valores políticos e sociais, de significações cognitivas (atos de cognição), de valores estéticos (atos de criação ou de percepção artística) e, por último, no campo propriamente moral (no mundo dos valores estritamente éticos, na *relação imediata com o bem e o mal*⁵⁵).

Assim prosseguindo, Bakhtin (idem) postula que esse mundo de praticidade determina, de modo total e axiologicamente, o ato para o próprio *sujeito atuante* e, para a própria *consciência atuante*,

⁵⁵ O grifo é de Bakhtin.

seu ato não carece de herói, isto é, da *determinidade* do indivíduo, mas tão-somente de objetivos e valores que o direcionam e incorporam. A consciência atuante apenas pergunta: por quê? para quê? como? está ou não certo? cabe fazer isso ou não? é necessário ou não? vai dar certo ou não? Entretanto, ela jamais pergunta: quem sou? o que sou e como sou? *Para mim, minha determinidade (eu sou assim) não integra a motivação do ato* (ibidem).

O ato de pensar um objetivo pauta-se também no conhecimento e este sem ato implica abstração e parcialidade. Um conhecimento é pleno, quando alguém o pensa e o ato é o movimento do pensamento, é o seu vir-a-ser, continua Bakhtin (1997).

Na concepção de Bakhtin (2003, p. 328), não se pode entregar a palavra apenas ao falante. Embora o autor (falante) tenha os seus direitos inalienáveis sobre ela, o ouvinte também os tem e, além deste, aquelas vozes encontradas, antecipadamente, pelo autor – porque não há palavra sem dono –, têm também os seus direitos. *A palavra constitui um drama do qual participam três personagens (não é um dueto mas um trio). Ele não é representado pelo autor e é inadmissível que seja introjetado (introjeção no autor).*

Bakhtin (idem, 328-333) fala sobre a *responsividade*, que implica juízo de valor, na compreensão da língua e do enunciado. O enunciado, de modo geral, em seu sentido figurado, almeja a justiça, a veracidade, a beleza e a verdade, etc. Tais valores não se determinam na sua relação com a língua (como sistema puramente linguístico), mas nos diferentes tipos de relação com a realidade,

com o sujeito falante e com outros sujeitos (alheios). No diálogo, o enunciado ocorre no âmbito de uma compreensão responsiva de um terceiro invisivelmente presente, pelo fato de situar-se acima de todos os parceiros do diálogo (*cf. a compreensão da prisão fascista ou do inferno em Thomas Mann como a inaudibilidade absoluta, como a ausência absoluta do terceiro*).

O referido terceiro não é algo místico ou metafísico (ainda que em determinada concepção de mundo possa adquirir semelhante expressão); é o elemento constitutivo do enunciado total, que numa análise mais profunda pode ser nele descoberto. Isso decorre da natureza da palavra, que sempre quer ser *ouvida*, sempre procura uma compreensão responsiva e não se detém na compreensão *imediate* mas abre caminho sempre mais e mais à frente (de forma ilimitada).

Assim, compreendemos que na *responsividade* está o exercício da prática, pelos leitores responsivos, não apenas de dar resposta, mas também de buscar respostas, por meio da intertextualidade, isto é, uma relação dialógica entre os diversos gêneros textuais. Na leitura responsiva, o leitor-responsivo responde não apenas ao seu próprio texto, mas ainda a outros textos, ou seja, ele responde ao seu *eu* e ao *eu* do *outro* (grifos da investigadora): um pai e uma mãe respondem ao filho, compreendendo-o, ensinando-o, aceitando-o, amando-o; o filho, por sua vez, responde a eles; um marido responde à sua esposa e ela a ele; o professor responde ao aluno e este ao professor; os amigos dão respostas entre si, patrões e empregados também. Todas as relações

humanas, enfim, devem responder-se, uns aos outros, até que se forme toda uma cadeia ético-responsiva.

Ilustramos neste espaço, o contexto do trânsito como exemplo de um cenário para a prática da *responsividade* ética e/ou não-ética, no exercício ou não da cidadania; a demonstração de cidadania acontece quando, por exemplo, um motorista cede, gentilmente, a passagem para outro motorista, um desconhecido; quando avisa, com um toque da buzina, que a porta do carro ao lado não está bem fechada. Por outro lado, a prática da não-cidadania acontece quando, na falta dessa gentileza, esse motorista não permite a ultrapassagem solicitada e/ou ignora o risco que corre o motorista, do carro ao seu lado, ao dirigir com a porta do carro mal fechada.

Com relação, ainda, à *responsividade*, escreve Bakhtin:

Para a palavra (e conseqüentemente para o homem) não existe nada mais terrível do que a *irresponsividade*. Nem a palavra deliberadamente falsa é absolutamente falsa e sempre pressupõe uma instância que a compreende e a justifica, ainda que seja na forma: *no meu lugar* qualquer um mentiria (, idem, p. 333).

Na compreensão de Bakhtin (1997, p. 36) o ato ético em sua própria realização – não por seu conteúdo – de algum modo sabe e possui o ser da vida singular, diz respeito a um sujeito único. Orienta-se nele e o faz na sua totalidade tanto em relação ao conteúdo semântico como em sua faticidade verdadeira e singular. No seu interior, o ato ético entende não somente o contexto unitário, mas também o contexto singular e concreto, o contexto último e com

ele relaciona também seu sentido assim como seu feito, quando trata de realizar responsabilmente a única verdade do feito e do sentido em sua unidade concreta. Para o ato ético é necessário, sem dúvida, tomar o ato não apenas como um feito contemplado extrínsecamente ou concebido teoricamente, mas desde o interior em sua responsabilidade.

Esta responsabilidad del hecho es el recuento de todos sus factores: de la significación semántica, de la realización fáctica en toda su historicidad e individualidad concreta; la responsabilidad del acto conoce un plan único, un contexto unitario en el cual sólo es posible el significado teórico, la facticidad histórica y el tono emocional y volitivo figuran como momentos de una solución global, de tal modo que todos estos momentos heterogéneos desde un punto de vista abstracto no se empobrecen y se toman en toda su plenitud y en toda su verdad; por lo tanto, el acto ético posee un plan unitario y un principio común que los engloban en su responsabilidad (idem).

Tais reflexões de Baktin sobre *responsividade*, somadas às suas reflexões sobre ato ético, nos permitem dizer que o sujeito ético é um sujeito-responsivo, que não se furta a dizer aquilo que o *outro* deseja e necessita ouvir, ou seja, que não se nega a dar respostas, atendendo às necessidades do eu, do tu e do outro.

3.5.2 A ética freiriana

Em *Pedagogia da Autonomia* (2008, p. 14), Freire reaproxima-se da questão da inconclusão do homem, de sua introdução num

permanente movimento de busca, para rediscutir *a curiosidade ingênua e a crítica, virando epistemológica*, na insistência de que *formar* é muito mais do que tão-somente *treinar* o aluno no desempenho de destrezas. Por essa razão, salienta a responsabilidade ética dos educadores no exercício da tarefa docente.

A ética freiriana é a ética universal do ser humano. Assim diz Paulo Freire (idem, p. 16):

A ética de que falo é a que se sabe traída e negada nos comportamentos grosseiramente imorais como na perversão hipócrita da *pureza* em *puritanismo*. A ética de que falo é a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe. É por esta ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou com adultos, que devemos lutar. E a melhor maneira de por ela lutar é vivê-la em nossa prática, é testemunhá-la, vivaz, aos educandos em nossas relações com eles. Na maneira como lidamos com os conteúdos que ensinamos, no modo como citamos autores de cuja obra discordamos ou com cuja obra concordamos. Não podemos basear nossa crítica a um autor na leitura feita por cima de uma ou outra de suas obras. Pior ainda, tendo lido apenas a crítica de quem só leu a contracapa de um de seus livros.

Assim visto, ainda que não aceitemos determinadas concepções pedagógicas, devemos expor aos alunos as razões por que nos opomos a elas e essa criticidade deve ser embasada em verdades. Dessa forma, o preparo científico do professor deve

coincidir com sua retidão ética, cujas obrigações são: formação científica, correção ética, respeito aos outros, coerência, capacidade de lidar com as diferenças e não permitir que os problemas pessoais interferiram na relação com o outro.

É não só interessante, mas profundamente importante que os estudantes percebam as diferenças de compreensão dos fatos, as posições às vezes antagônicas entre professores na apreciação dos problemas e no equacionamento de soluções. Mas é fundamental que percebam o respeito e a lealdade com que um professor analisa e critica as posturas dos outros. (...) Não podemos nos assumir como sujeitos da procura, da decisão, da ruptura, da opção, como sujeitos históricos, transformadores, a não ser assumindo-nos como sujeitos éticos. Neste sentido, a transgressão dos princípios éticos é uma possibilidade, mas não é uma virtude. Não podemos aceitá-la (idem, p. 17).

A ética universal do ser humano constitui a marca da natureza humana, indispensável à convivência humana. Natureza-processo que abriga o ser humano mais do que o ser no mundo, mas *Presença no mundo*, com o mundo e com os outros, *Presença* que, ao reconhecer o *não-eu* reconhece a si própria, que se pensa a si mesma, interfere, transforma-se, diz-se fazedora e sonhadora, constata, compara, avalia, valora, decide, rompe. Nessa relação de poder-fazer a decisão, a avaliação, a liberdade, a ruptura, a opção, instaura-se a necessidade da ética e impõe-se a responsabilidade. *Ética se torna inevitável e sua transgressão possível é um desvalor*,

jamais uma virtude (idem, p. 18).

Esse educador postula acerca de saberes demandados pela prática educativa em si mesma, qualquer que seja a opção política do educador, cabendo ao leitor o exercício de perceber qual dos saberes corresponde à prática progressista e/ou à prática conservadora ou, ainda, perceber se implica uma exigência da prática educativa em si própria, independentemente de sua cor política ou ideológica.

Nesse saber-fazer a educação, por uma pedagogia da autonomia, Freire sugere que a prática do professor tenha como base os seguintes saberes:

1. *Não há docência sem discência.* Nessa prática, ensinar exige:

- rigorosidade metódica
- pesquisa
- respeito aos saberes dos educandos
- criticidade
- estética e ética
- corporeificação das palavras pelo exemplo
- aceitação do novo e rejeição a discriminação
- reflexão crítica sobre a prática
- o reconhecimento e a assunção da identidade cultural

2. *Ensinar não é transferir conhecimento.* Esse contexto de ensino-aprendizagem exige:

- a consciência do inacabado
- o reconhecimento de ser condicionado
- o respeito à autonomia do ser do educando
- a capacidade do bom senso
- humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores

- apreensão da realidade
- alegria e esperança
- a convicção de que a mudança é possível
- curiosidade

3. *Ensinar é uma especificidade humana.* Nessa prática docente, ensinar exige:

- segurança, competência profissional e generosidade
- comprometimento
- compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo
- liberdade a autoridade
- tomada consciente de decisões
- saber escutar
- reconhecer que a educação é ideológica
- disponibilidade para o diálogo
- querer bem aos educandos

Freire declara não ter jamais entendido a educação como prática de uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura reacionalista, mas como prática

estritamente humana, sem que lhe faltasse a disciplina intelectual gerada pelo rigor necessário. Assim esclarece esse educador:

Estou convencido, porém de que a rigorosidade, a séria disciplina intelectual, o exercício da curiosidade epistemológica não me fazem necessariamente um ser mal-amado, arrogante, cheio de mim mesmo. Ou, em outras palavras, não é a minha arrogância intelectual a que fala de minha rigorosidade científica. Nem a arrogância é sinal de competência nem a competência é causa de arrogância. Não nego a competência, por outro lado, de certos arrogantes, mas lamento neles a ausência de simplicidade que, não diminuindo em nada seu saber, os faria gente melhor. Gente mais gente.

3.5.3 Ética e espiritualidade

Maturana e Sima (2008, p. 43), argumentam a respeito da ética e da espiritualidade, as quais, segundo os autores, não têm a ver com a razão, mas com a emoção. A ética relaciona-se à preocupação pelas consequências das próprias ações sobre o outro, razão por que, para ter preocupações éticas, a pessoa deve ser capaz de olhar o outro *como um legítimo outro em convivência comigo, quer dizer, o outro tem que aparecer diante de mim na biologia do amor. O amor é a emoção que funda a preocupação ética* (idem).

Esses autores diferenciam ética de moral. A ética fundamenta-se no amor, a moral na exigência do cumprimento de valores, quando há rompimento das coerências ou nas formas de aceitação destes numa comunidade. Em relação à experiência espiritual, esta implica um saber adquirido de ampliação da

consciência, *de pertença a um âmbito mais amplo de existência e, como tal, também se funda no amor que abre o espaço de legitimidade à coexistência de tudo* (ibidem).

3.5.4 Os valores éticos na escola

Cortella e La Taille (2009), o primeiro filósofo e o segundo psicólogo, dialogam sobre valores éticos na escola. Cortella quer saber se os valores estão presentes na escola e La Taille responde:

Na minha experiência, em relação à educação especificamente, o que se vê é uma preocupação com valores derivada, na verdade, de uma queixa de comportamento, ou seja, geralmente ligada a aspectos disciplinares e de respeito. Não se trata da preocupação ética com a formação do cidadão, mas de resolver problemas objetivos, concretos (em realidade, talvez muitas vezes fantasiados, mas que são considerados “objetivos” por parte dos professores). Assim, acho que há um problema de convivência dentro da escola, mas eu diria que isso vale também para o conjunto da sociedade. Parece-me que existe uma crise de confiança nas relações entre as pessoas: elas consideram as relações humanas cada vez mais violentas, nas quais predominam insensibilidade e desconfiança. Então, penso que a preocupação com o “tema dos valores” – referimo-nos aqui, claro, a *alguns valores*, porque, a rigor, tudo é valor – revela uma crise, um mal-estar moral e ético.

La Taille, ao contrário de Maturana, diferencia moral e ética. Moral diz respeito aos deveres e, conforme Paul Ricoeur, o termo ética está para as questões relativas à vida boa, à felicidade.

Outro tema discutido por Cortella e La Taille é o caminho do erro à ética. Na concepção do primeiro, o erro situa-se, de modo especial, na construção do conhecimento e este não existe sem a possibilidade de erro. Alerta o filósofo que *não se deve confundir erro com negligência, desatenção ou descuido* (idem, p. 79). Assim, prossegue Cortella:

É inadmissível que, como professores, a gente admita a negligência, a desatenção ou o descuido naquilo que se ensina e no modo como se ensina. O erro sim, claro, ocorre [...] Aliás, o erro não é algo para ser punido, mas para ser corrigido. O que deve ser punido é a negligência, a desatenção o descuido. Há quem diga que a gente aprende com os erros, o que é uma bobagem. Aprende-se com a correção dos erros. Se a gente aprendesse com os erros, era só ir errando bastante, era o melhor método pedagógico. Costumo dizer que o erro é como o cogumelo. Todo cogumelo é comestível – lembrando-se sempre que alguns o serão uma única vez. Assim também ocorre com o erro – só cometeremos alguns deles uma vez. Então, não se confunda erro com negligência, desatenção ou descuido. E como você bem o observou, um docente que não dá valor ao modo como ensina nem ao conteúdo ensinado talvez devesse realizar outro tipo de trabalho. Porque certamente não dá para ter respeito por alguém que despreza a inteireza daquele tipo de conhecimento e banaliza tanto o modo de transmissão quanto seu conteúdo. (idem, p.79-80).

La Taille (ibidem) concorda com Cortella e complementa dizendo que os alunos percebem essa atitude do professor e que a pessoa [o professor] não se respeita e, no fundo, ele *não tem nenhum prazer, não sente nenhuma alegria especial com aquele*

conteúdo. Para o psicólogo, isso significa um erro, mas também é necessário questionarmos qual a vocação de ser professor. Ao citar sua própria experiência diz: *No meu caso, a vocação para ser professor universitário estava relacionada, sobretudo, ao conhecimento... Acredito que dar aulas é uma decorrência natural de gostar daquele conhecimento.*

Cortella (idem, 81) enfatiza a questão apresentada por La Taille: *para que serve o que faço*. De acordo com o filósofo, sempre que inicia uma orientação para mestrandos e doutorandos, especificamente, quando o aluno está em fase de pesquisa, a este solicita, antes de qualquer coisa, um *arrazoado* de um estudo inicial, uma reflexão sobre a importância de sua disciplina, de seu estudo. Dito de outra forma: *Que falta faria se não existisse educação física no currículo? Ou se não existisse matemática na grade curricular? O que mudaria na vida dos alunos?* Como as respostas para tais questões requerem certo tempo para serem encontradas, nessa construção de argumentação, o aluno vai ao mesmo tempo percebendo como é a sua relação com seu objeto de pesquisa.

La Taille:

— A pessoa se engaja.

Em prosseguimento a esse proveitoso diálogo, Cortella (idem, 82) provoca mais uma vez seu orientando, depois que este justifica porque escolheu aquele objeto de pesquisa: e que falta faria se você não existisse na Educação? Que falta faz você na escola? Tais questões são importantes para dar início ao estudo do ponto de vista

ético. Aqui, o filósofo utiliza o termo falta em duas dimensões: que falta faz o aluno? Isto é, no que ele falha, quais são as suas faltas; e no sentido de por que o aluno precisa estar na escola? Por que faz isso, qual a razão? Qual é o motivo que o move?

La Taille:

Mas é perfeitamente compreensível que o aluno faça essa pergunta [para que serve isso], hoje, pelo materialismo, pelo uso instrumental que se faz de tudo. Às vezes, me chama atenção o professor não dar essa resposta. Talvez ele também não saiba para que serve. Ou melhor dizendo, talvez entenda que a única finalidade que serviria como resposta seria um uso pragmático. Mas à ciência muitas vezes compete um ético, um servir para o sentido, digamos que é o prazer e a alegria com o exercício da própria ciência. E talvez muitas pessoas não sintam isso.

Aos quinze anos, Cortella fez essa pergunta para um professor, que ensinava a fórmula de cálculo da raiz do delta, na equação do segundo grau, obtendo como resposta: — Um dia você vai saber. Segundo o filósofo, o professor provocou nele um efeito extremamente curioso, que o levou ao desinteresse pelo assunto. [...] *tomei a decisão mais sábia possível para alguém com 15 anos. Pensei: eu vou esperar esse dia chegar. Então não preciso me interessar por isso agora.*

Ainda, para Cortella, tal pragmatismo juvenil também é manifestado no nosso trabalho docente, quando pedimos aos alunos universitários, que leiam um texto para a próxima aula e não o

utilizamos como foi solicitado. Por essa razão, há sempre um aluno que cobra o tratamento do texto solicitado: *Professor, o senhor não vai tratar do texto que pediu pra gente ler?* Caso responda que tratei de outro modo, indiretamente, ele retruca: *Mas eu perdi a tarde inteira lendo esse texto!* O aluno não diz eu usei, no lugar de perdi. Então, o pragmatismo está relacionado a uma noção de tempo perdido.

La Taille:

— É o instrumental.

Cortella concorda com Taille e prossegue:

Se há algo que a filosofia, a arte, a ciência e a religião necessitam é de tempo útil. Mas o tempo útil é aquele que se usa e não se perde. Há pessoas que dizem frases desesperadoras, como: “ Você não teria uma sugestão de um livro para eu passar o tempo? Vou viajar, preciso de um livro para matar o tempo...” . Mas por que essa pessoa quer matar o tempo? Para mim, os livros vivificam o tempo; não o matam. Então, acredito que o não-pragmatismo (e, portanto, o não-imediatismo) é um dos valores que precisam estar presentes no nosso cotidiano (idem, 87).

O diálogo entre esses dois pensadores finaliza a Parte I desta tese, bem como este capítulo. A Parte II, *Olhares*, inicia com o capítulo 4, no qual a investigadora propicia ao leitor informações sobre os contextos global e local, do povoado de Almécegas, *lugar* retórico de sua *observação participante*.

PARTE III – OLHARES

**CAPÍTULO 4 – UM *OLHAR* PARA ALMÉCEGAS: OS
CONTEXTOS GLOBAL E LOCAL**

(...) o etnógrafo que se propõe estudar apenas a religião, ou somente a tecnologia, ou ainda exclusivamente a organização social, estabelece um campo de pesquisa artificial e acaba por prejudicar seriamente o seu trabalho (Malinowski, 1978, p.24).

4. Um *olhar* para Almécegas: os contextos global e local

4.1 O Contexto Global

4.1.1 Nordeste

O Nordeste é uma região seca, coberta pelas chuvas apenas quatro meses ao ano. Essa região, em especial os seus períodos de grande estiagem, tem sido objeto de estudo de antropólogos, sociólogos e pesquisadores estatísticos e tema constante na literatura romanceada, na poesia, na música e na pintura. Palco de uma história de flagelo, fome e perdas, o cenário da seca deu à luz fortes personagens para romances regionalistas, dentre os quais destacamos *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, obras de relevante representação para a literatura brasileira.

Esse cenário influenciou a poesia e a música brasileiras e, ainda, a pintura, óleo sobre tela, de Décio Portinari. Para uma melhor compreensão do leitor, a respeito desse problema social, escolhemos a série de quadros *Retirantes*⁵⁶, de Portinari:

⁵⁶ Termo utilizado para representar os nordestinos que saem das suas cidades, em busca da sobrevivência em outros lugares.



Figura 1: Os retirantes.

Fonte: www.puc-campinas.edu.br/portinari/retirante*



Figura 2: Criança morta

Fonte: www.puc-campinas.edu.br/portinari/retirante

* Nesta Tese, as figuras que não trazem a referência da fonte são do arquivo da investigadora.



Figura 3: *Enterro na rede*

Fonte: www.puc-campinas.edu.br/portinari/retirante

Ilustramos esse drama social, evocando a idéia de passagem de Turner, com a série *Retirantes* de Portinari, por meio de quatro processos: 1) ruptura (*breach*): uma família de nordestino rompe com a sua cidade natal e com seu grupo social, em busca de sobrevivência (Quadro 1); 2) crise e intensificação da crise: os desafios enfrentados pelos retirantes, durante a travessia pelas terras secas, provoca a perda de uma criança, vítima da fome, da sede e do sol castigante; 3) ação reparadora: o sol repara a sua ação, a morte da criança; assim, põe fim ao sofrimento da criança, bem como ao da família que sofria por vê-la padecer (Quadro 2) ; 4) desfecho: harmonia ou cisão social. O enterro da criança é o reconhecimento de um laço que se rompeu, uma separação sem volta. Nesse cenário, temos um desfecho para o sofrimento da criança, o fim da vida, bem como um desfecho para a família: os

sulcos formados pela dor da perda de um ente querido, jamais serão preenchidos (Quadro 3).

4.1.2 O nordestino-sol

A seca nordestina sinaliza para uma relação do nordestino com o sol, que se tem perpetuado nas antíteses fuga\retorno, alegria\tristeza, fraqueza\fortaleza, vida\morte, palco de um drama social que nos remonta aos rituais de passagem de Victor Turner (1974), um distanciamento do homem da sua estrutura social, para depois retornar com novo status.

Freyre (2004, p. 45) em uma de suas narrativas sobre a seca lamenta:

(...) esse Nordeste de figuras de homens e de bichos se alongando quase em figuras de El Greco.



Figura 4: Um nordestino vítima da seca

Fonte: Freyre, 2004.

A despeito dessa irregularidade climática que mata nordestinos, vítimas da fome e da sede, essa região desenvolve-se na sua área turística: cidades litorâneas com belas praias, procuradas não apenas por turistas brasileiros, mas também por estrangeiros. Para atender ao turismo, os governos locais investem na construção de parques aquáticos, complexos hoteleiros e pólos de ecoturismo.

4.1.3 O Estado do Ceará

Com uma área de 148.825,6 km² de extensão geográfica, o Estado do Ceará tem na irregularidade de chuvas a sua maior característica climática, sendo um dos Estados do Nordeste que mais sofre as graves consequências da seca, desde a época da colonização do Brasil – em um período de grande seca, o Imperador Dom Pedro II manifestou a sua solidariedade, dizendo: *Venda-se a última pedra da Coroa, contanto que não morra de fome nenhum cearense* (Queiroz, 1996, p 83).

No livro *O Nosso Ceará* (1996), Rachael de Queiroz⁵⁷ e sua irmã Maria Luiza fazem o registro fotográfico de um período de seca:

⁵⁷ Pioneira do moderno romance brasileiro, primeira mulher a entrar na Academia Brasileira de Letras, Rachel de Queiroz ganhou com amplos méritos o “Prêmio Luis de Camões de Literatura”, em 1993, sobretudo em virtude do extraordinário êxito do romance *Memorial de Maria Moura* (Editora Siciliano). É autora também do clássico *O Quinze* (85 edições).



Figura 5: A terra seca, torrada pelo sol
Fonte: Rachel de Queiroz, 1996.

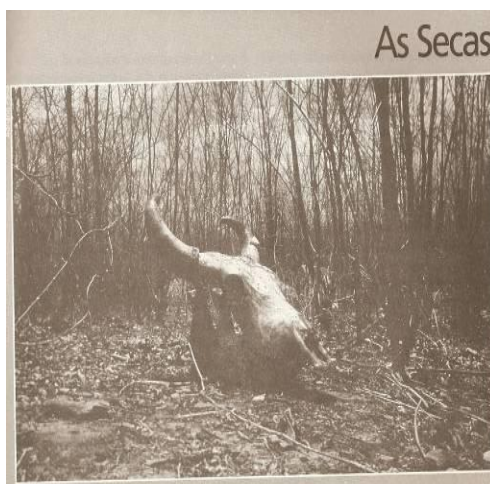


Figura 6: Animal morto pela seca
Fonte: Rachel de Queiroz, 1996.



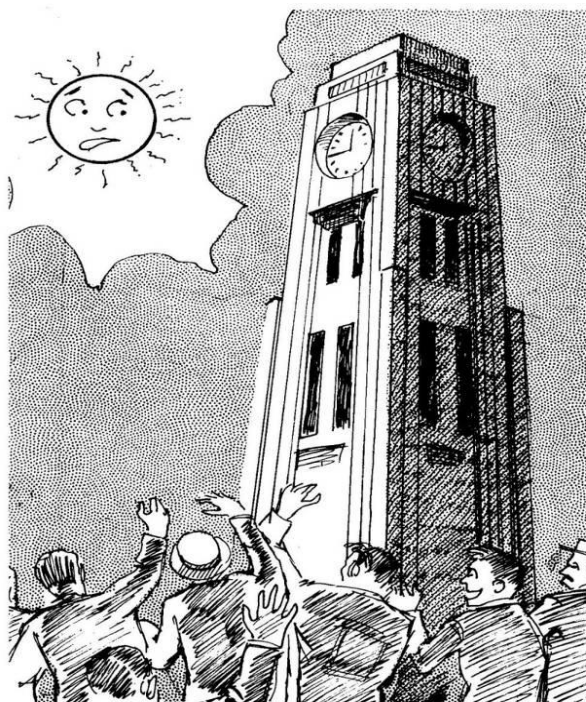
Figura 7: Cearenses andam sobre a terra petrificada pelo sol.
Fonte: Rachel de Queiroz, 1996.

As histórias sobre os retirantes nordestinos têm mostrado que eles sempre retornam para suas cidades, quando as intempéries dão uma trégua. Não obstante o sofrimento, causado pela inconstância climática, que todo ano assombra o nordestino, ora com a falta de chuvas, ora com o excesso delas, esse brasileiro é

também conhecido pelo seu humor, às vezes inusitado, conforme notícia que se segue.

4.1.4 O sol também é vaiado

Uma notícia divulgada pelo jornal *O Povo* (2009), periódico da cidade de Fortaleza, capital do Estado do Ceará, traz um acontecimento, que demonstra o humor irreverente do cearense, bem como outra inusitada relação nordestino-sol. A intenção é divulgar o dia em que se comemora a vaia ao sol em Fortaleza, o dia 30 de janeiro (ver artigo *Molecagem e Cearensidade* no anexo desta tese).



Rubens de Azevedo reconstitui, no seu lápis mágico, a Vaia do Sol na Praça do Ferreira (dia 30 de janeiro de 1942).

Figura 8: A Vaia ao Sol na Praça do Ferreira.

Fonte: *O Povo* (1942)

Conta a história que, na Praça do Ferreira, em Fortaleza, no dia 30 de janeiro de 1942, o jornal *O Povo* divulgou a notícia *O Sol recebeu tremenda vaia*. Depois de receber uma generosa

caída de chuvas, que anunciava a tão esperada chegada do inverno, com um agradável frescor de clima frio, sem o costumeiro calor que castiga o cearense, o astro rei resolve mostrar a cara. Por tal indesejada aparição, o sol foi vaiado, pela primeira vez, em praça pública. Ceará enfrentava um forte período de seca e a chuva vinha aliviar um pouco o grande calor na época. A partir de então, no dia 30 de janeiro de cada ano, o cearense se reúne na Praça do Ferreira, centro de Fortaleza, para dar uma grande vaia no sol que, indiferente, não deixa de marcar a sua presença, a despeito da rejeição histórica.



Figura 9: A Praça do Ferreira nos dias de hoje
Fonte: Arquivo Marcelo Teles (1991).



Figura 10: Fortalezenses vão ao sol (29. Jan. 2009).
 Fonte: Jornal O Povo, 2009.



Figura 11: Página do jornal O POVO (Online-30.01.2010)
 Fonte: O Povo (2010).

4.2 A seca e a religião

4.2.1 A crença no Santo de Devoção

Outro aspecto da identidade cultural do cearense é a sua fervorosa religiosidade. Por conta disso, ele entrega a Deus, e aos santos de devoção, a responsabilidade pela resolução de seus problemas. Para bem ilustrar esse aspecto cultural do nordestino, apresentamos um anúncio publicitário, classificado em primeiro lugar, num concurso internacional de publicidade, na categoria criatividade, cujo tema é a seca no Ceará⁵⁸. Nesse anúncio⁵⁹, o produto divulgado para a venda é o Jornal *Diário*, periódico da cidade de Fortaleza. O publicitário utiliza a figura de São José, padroeiro do Ceará, considerado um santo milagroso, que faz chover.

Embora a seca em toda região do Nordeste tenha a sua explicação na variação de perda de umidade das massas de ar tropicais e dos ventos, em geral secos, que ora avançam ou recuam do território brasileiro, os nordestinos, dentre estes os cearenses, atribuem a chegada das chuvas ao santo padroeiro São José. Na ilustração a seguir, um exemplo de tal devoção:

⁵⁸ É pertinente ressaltar que o texto em questão foi apresentado na dissertação de mestrado, da autora desta tese, na qual investigou os implícitos nas expressões lingüísticas do anúncio publicitário, como reveladores de aspectos da identidade cultural do brasileiro.

⁵⁹ Anúncio produzido pela agência de publicidade *Integra Comunicações*, Fortaleza Ceará, em comemoração ao dia de São José, padroeiro do Ceará. Esse anúncio foi premiado em concurso no ano de 2000 na cidade de New York



Figura 12: São José, Santo padroeiro do Ceará
 Fonte: *Integra Comunicações* (2000).

O texto, a seguir, é a transcrição do que consta do anúncio, na parte inferior, à direita, e trata de um convite que o enunciador publicitário faz ao leitor do jornal *Diário*, para que reze com ele a oração a *São José*:

Hoje é dia de São José. Reze com a gente. ⁶⁰ Ó glorioso São José, a quem foi dado o poder de tornar possíveis as coisas humanamente impossíveis, vinde em nosso auxílio nas dificuldades em que nos achamos. Tomai sob a vossa poderosa proteção as causas que vos confiamos, para que tenham uma solução favorável (faz-se o pedido). Ó pai amantíssimo, em vós depositamos toda nossa confiança. Que ninguém possa jamais dizer que vos invocamos em vão. Já que tudo podeis junto a Jesus e Maria mostrai-nos que vossa bondade é igual ao vosso poder. São José, a quem Deus confiou o cuidado com a mais santa família que jamais houve, sede o pai e protetor das nossas e impetrai-nos a graça de vivermos e morrermos no amor de Jesus e Maria. São José do Perpétuo Socorro rogai por nós que recorremos a vós. Amém. **Obrigado, São José, por estar atendendo tão bem às nossas preces, mandando a chuva que o Ceará tanto precisa.**

⁶⁰ As expressões em negrito foram grifadas pela edição do jornal.

O enunciador-publicitário diz para o leitor: *Para que chova no Ceará é preciso ter fé. Um pingo que seja.* Com este recurso linguístico, associado à imagem do Santo, ele procura persuadir o leitor, explorando um dos maiores aspectos da identidade cultural do nordestino que é a religiosidade. E, para mais interagir com esse leitor, convida-o para com ele rezar a oração de *São José*. Ao final da leitura da oração, o *milagre* acontece e o narrador, o enunciador-publicitário, agradece a São José por ter atendido as suas preces, bem como a do leitor cearense, *mandando a chuva que o Ceará tanto precisa*. A chuva milagrosa está representada nos pingos que *molham* o jornal, feitos com o uso da técnica marca d'água, um recurso das novas tecnologias. Dessa forma, o enunciador-publicitário apresenta o jornal *O Diário* como uma empresa que se solidariza com o sofrimento das vítimas da seca, os cearenses, razão por que merece a credibilidade e a adesão desse futuro leitor.

As festas religiosas do dia de São José são comemoradas em 19 de março e, quando chove nesse dia, significa que choverá, pelo menos, quatro meses ao ano, tempo suficiente para o plantio e colheita dos produtos que alimentarão os cearenses até o final do ano. No entanto, é muito comum o *milagre* de *São José* não acontecer em março e, nesse caso, a situação fica desesperadora para os cearenses, assim como para os moradores de Almécegas.

De que forma interpretar a relação entre o homem e *São José*?

As informações sobre a identidade cultural do brasileiro, que se seguem, com base nas reflexões de antropólogos e sociólogos brasileiros, auxiliam na compreensão dessa relação. Para Freyre

(1977), a identidade cultural do brasileiro implica uma questão global, cujas respostas para essa questão estão impregnadas da historicidade do país, do povo, da nação, do lugar e tempo a que se referem e do tempo e lugar relativos às ideias de seus intérpretes. Portanto, interpretação de um país *é sempre uma obra intuitiva de sensibilidade e inteligência, de arte e de filosofia* (Barros: 13-14).

O Brasil, apesar de sua imensidão geográfica e de suas disparidades étnico-regionais iniciais e, também, de ser muito jovem (tem 508 anos, mais jovem do que a Universidade de Salamanca, por exemplo), é considerado uma dotada de maior homogeneidade cultural e do mais alto grau de integração étnica, entre todas as nações do mundo. Barros (idem) ressalta que o brasileiro é, universalmente, reconhecido pelo seu espírito de abertura, acolhimento e calor nas relações pessoais. Esse tipo de relacionamento pessoal, anticonvencional, sobrepõe as diferenças existentes entre as pessoas, criando um clima de convivência ecumênica, variedade única de relacionamento humano, facilmente percebida por qualquer visitante estrangeiro, bem como por qualquer brasileiro que visite outros países.

No tocante às tentativas de demarcação de fronteiras, entre o mundo social e o mundo natural, o Brasil é marcado pela religião, bem como pela presença da natureza, destacando-se dois fatos importantes: primeiro, a natureza, que além de ser boa para se viver, também constitui uma riqueza inesgotável para livre exploração; segundo, a religião, também compreendida como resposta para a solução de seus problemas [como é o caso dos cearenses que esperam pelo milagre das chuvas no dia de São José].

Ante esse cenário, a fervorosa crença significa que nenhum esforço é necessário; um golpe de sorte virá, um dia, de algum lugar para concretizar os sonhos de superação de todos os problemas cruciais – tudo aparece como dado sem que se tenha necessidade de construir, ou seja, o modo de construção do brasileiro se funda, por um lado, na convicção de que tudo se fará por milagre, uma vez que suas potencialidades são inesgotáveis; por outro lado, tem na desigualdade e na hierarquia, sua pedra de toque, i.e, como já foi dito por Fares (2000), isso significa que o arcaico é a condição para o moderno, pois explicita o lugar atópico do etos brasileiro.

4.3 A ausência do sol na vida do nordestino

O cearense é refém de duas oscilações climáticas: a falta de chuvas, em parceria com um sol inclemente, e a ausência do sol, em cumplicidade com o excesso de chuvas. Perseguido pela primeira oscilação, esse nordestino passa fome, pelo fato de a seca não permitir o plantio do milho, do feijão, da mandioca, da banana, do caju, produtos básicos para a sua alimentação. Por essa razão, pede a Deus para que mande a chuva de que tanto necessita. No outro extremo, o sol esconde-se para fazer chegar uma chuva rigorosa, abundante, impiedosa, deixando cidades inteiras debaixo d'água, casas totalmente alagadas e o povo desabrigado, sem teto, sem lar, isolados, com fome, porque a terra vira rios, lagoas, grandes açudes e provocando mortes. O sertão vira mar.⁶¹ Quando isso acontece, o cearense se culpa, acreditando que não soube rezar, como se pode

⁶¹ Essa catástrofe aconteceu no período de maio a junho de 2009, em toda a região do Nordeste, especialmente no Ceará, Estado onde se localiza o povoado de Almécegas, um dos lugares mais atingidos pelo excesso de chuvas. Já no mês de janeiro, desse mesmo ano, quando a investigadora faria a sua última visita ao povoado, as chuvas não permitiram a sua ida ao povoado.

observar na letra da música *Súplica cearense* (interpretação de Luíz Gonzaga, composição de Gordurinha e Nelinho):

Oh! Deus, perdoe este pobre coitado
Que de joelhos rezou um bocado
Pedindo pra chuva cair sem parar

Oh! Deus, será que o senhor se zangou
E só por isso o sol arretirou
Fazendo cair toda a chuva que há

Senhor, eu pedi para o sol se esconder um tiquinho
Pedi pra chover, mas chover de mansinho
Pra ver se nascia uma planta no chão

Oh! Deus, se eu não rezei direito o Senhor me perdoe,
Eu acho que a culpa foi
Desse pobre que nem sabe fazer oração

Meu Deus, perdoe eu encher os meus olhos de água
E ter-lhe pedido cheinho de mágoa
Pro sol inclemente se arretirar

Desculpe eu pedir a toda hora pra chegar o inverno
Desculpe eu pedir para acabar com o inferno
Que sempre queimou o meu Ceará

4.4 O município de Trairi

Segundo a historiadora Maria Pia de Sales, Trairi nasceu como aldeia em 1608, com a chegada dos índios Pitiguaras às margens do rio Trairi e, entre o século XVI e a metade do século XVII, ainda se encontrava na condição de aldeia. No final do Século XVII, chegam os primeiros portugueses que se estabeleceram para constituir famílias; em meados do século XVIII essa ocupação se intensifica em Trairi, quando os colonos Nicolau Tolentino, Marinheiro Cunha, Manuel Barbosa, Xavier de Sousa, João Verônica e Antônio Barros de Sousa estabeleceram fazendas na região. Em razão disso, o povoado ganha a categoria de Vila e posteriormente a Município. A evolução política de Trairi é marcada por uma trajetória

repleta de instabilidades, sendo alvo de constantes alterações; a conquista da condição de município, em novembro de 1863, é suprimida e restaurada em várias ocasiões, tornando-se definitiva somente em 22 de novembro de 1951 e instalada em 25 de março de 1955 com o desmembramento do município de Paracuru.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, esse município situa-se no centro-norte do Estado do Ceará, ocupando uma área de aproximadamente 924,56 km², que corresponde a 0,62% do território do Estado. Possui 48km de extensão linear na direção norte-sul e 41km na direção leste-oeste, limitando-se ao norte, com o município de Itapipoca e o oceano Atlântico, ao sul com o Município de São Luis do Curu, a sudeste, com o município de São Gonçalo do Amarante, a sudoeste, com o município de Tururu, a oeste, com o município de Itapipoca e a leste com município de Paraipaba. De acordo com Divisão Político-Administrativa do Estado do Ceará, que estabeleceu 20 Áreas Administrativas, Trairí está na região 2, cuja sede é o município de Itapipoca. A divisão territorial do município compreende 03 distritos: a Sede, o distrito de Mundaú e o distrito de Canaã. O principal acesso ao município é feito pela rodovia estruturante Costa do Sol Poente de apoio ao turismo, CE085, que o interliga à capital e aos municípios vizinhos de Itapipoca e Paraipaba.

4.4.1 A investigadora chega a Trairi

No dia 7 de fevereiro de 2007, a investigadora chega a Trairi, acompanhada de alguns familiares. Depois de uma viagem de quatro horas, em um carro de passeio, sob um sol escaldante e calor de 38 graus. Aproxima-se de dois moradores que, serenamente,

descansavam sob a sombra de uma árvore, apoiados em suas bicicletas, uma delas com o bagageiro lotado de compras. Ao perguntar onde ficava a Secretaria de Educação, prontamente, os dois competiram entre si para atender ao solicitado. A cordialidade demonstrada por esses homens chamou a atenção dos visitantes; a propósito, cordialidade é outro marcante aspecto da identidade cultural do brasileiro, em especial do nordestino, conhecido por sua hospitalidade.



Figura 13: Bem-vindo a Trairi



Figura 14: O centro de Trairi



Figura 15: Os dois informantes

Ao chegarmos à Secretaria de Educação, fomos recebidos pelo professor Raulindo Menezes, então coordenador do projeto *Tonomundo*, em desenvolvimento na Escola de Ensino Fundamental Santa Luzia. Raulindo apresentou a investigadora ao Secretário de Educação, José Cavalcante Arnaud que, atenciosamente, declara: “é uma honra poder contribuir com uma tese de doutorado e, além disso, Almécegas viajará até a Espanha”. Essa visita fora agendada, por telefone, pela pesquisadora, quando esta se encontrava em Fortaleza, com a mediação de uma funcionária da Secretaria de Educação de Trairi.

Depois da apresentação, o Secretário reuniu-se com os professores do município de Trairi. Enquanto aguardava o término da reunião – uma espera de, aproximadamente, uma hora e meia – a investigadora conversou com o professor Raulindo, com a finalidade de saber o que a Internet representava para Almécegas e para a cidade de Trairi. Terminada a reunião, o Secretário também participa dessa conversa e, durante mais ou menos quarenta minutos, falou sobre o evento cultural-tecnológico acontecido naquele povoado.

O Secretário demonstra interesse pelo curso que a investigadora faz em Salamanca – pergunta sobre a opção pela Espanha e não pela Universidade de São Paulo, instituição onde ela concluiu sua graduação; além disso, indaga sobre o tema da tese e autores estudados – de entrevistadora a investigadora passou à entrevistada –. As fotos, a seguir, registram esse encontro:



Figura 16: A investigadora e o Secretário de Educação.



Figura 17: A conversa com o Secretário e Prof. Raulindo.

4.5. O contexto local

4.5.1 O primeiro *olhar* para Almécegas

A estrada que leva a esse povoado nos apresenta um cenário de alta exclusão social: ruas sem asfalto, construídas com barro e

piçarra⁶², o que provoca uma grande nuvem de uma poeira vermelha, seca, que penetra pelas nossas bocas, narinas, parecendo chegar aos pulmões; casas muito pobres, a maioria de pau-a-pique⁶³. Mas esse cenário apresenta, também, a marca de um progresso que chegou ao povoado, em novembro de 2006: postes com a instalação de energia elétrica, resultado das reivindicações da comunidade, feitas por meio da Internet solar, instalada na escola Santa Luzia, em 2003.



Figura 18: A Rua principal do povoado

⁶² Do espanhol, *pizarra*. Terra misturada com areia e pedra; cascalho (Dic. Aurélio, p. 1082).

⁶³ Parede feita de ripas ou varas entrecruzadas e barro; taipa (idem).



Figura 19: Casa de taipa



Figura 20: Casa de tijolos

Atualmente, a população de Almécegas é de, aproximadamente, 1.000 habitantes, dentre os quais a maioria é analfabeta. As principais, e quase únicas, atividades econômicas são constituídas da pesca e da agricultura familiar⁶⁴. No entanto, tais atividades dependem da generosidade da natureza para enviar as chuvas do inverno, as esperadas águas de março, uma vez que não existem políticas concretas para resolver a escassez de água que todo ano castiga o Estado do Ceará. O cearense, entretanto, parece não se dar conta desse descaso político, por conta de sua religiosidade.

4.5.2 Os meios de transporte

No povoado de Almécegas não existe transporte público e seus habitantes se deslocam em caminhões, de propriedade privada, chamados pau-de-arara, tet conforme foto abaixo:



Figura 21: O pau-de-arara
Fonte: Revista Época, 2006.

⁶⁴ Plantações caseiras de milho, feijão, abóbora e mandioca feitas nos terrenos onde moram as famílias. Algumas famílias plantam também coqueiro, cajueiro e batata doce.

Esse transporte sai do povoado todos os dias às 6h da manhã, com destino a Trairi, para levar os estudantes do ensino médio, que estudam nesse município, bem como os moradores que necessitam ir ao médico, resolver assuntos bancários, dentre outras necessidades. O pau-de-arara permanece na cidade até às dez horas da manhã, esperando os passageiros cumprirem seus compromissos para trazê-los de volta a Almécegas. Os professores da E.E.F Santa Luzia também utilizam esse meio de transporte – apenas três, com melhor situação financeira não o fazem porque têm moto.

A apresentação do pau-de-arara encerra este capítulo. No seguinte, apresentamos o relato da primeira viagem da investigadora ao povoado de Almécegas, o seu primeiro *olhar* para o impacto da Internet na cultura local.

**CAPÍTULO 5 – O PRIMEIRO *OLHAR* E O PRIMEIRO
*SITUAR-SE***

Doing ethnography is like trying to read (in the sense of “construct a reading of) a manuscript – foreign, faded, full of ellipses, incoherencies, suspicions emendations, and tendentious commentaries, but written not in conventionalized graphs of sound but in transient examples of shaped behavior (Geertz p. 10).

5. O primeiro *olhar* e o primeiro *situar*⁶⁵-se

No dia 07 de fevereiro de 2007, fiz a minha primeira vez ao povoado de Almécegas para conhecer a Internet solar e os significados a ela atribuídos. Não fui sozinha, mas acompanhada de meu marido, minha filha, uma irmã e uma sobrinha, sob a argumentação destes de que era perigoso ir desacompanhada a um lugar desconhecido, distante da capital cearense, Fortaleza. A bem da verdade, o que eles queriam, de fato, era fazer um passeio e também conhecer o lugar-objeto de minha pesquisa de doutorado.

Esse povoado situa-se ao norte do município de Trairi a uma distancia de 17 Km, no Estado do Ceará, região nordeste do Brasil, e a 140 km de Fortaleza. Entretanto, para realizar esse trabalho de campo, percorri uma distancia, entre a cidade de São Paulo, onde moro, e esse povoado, de 3. 690 km – três mil, seiscentos e noventa quilômetros; viajei de São Paulo para Fortaleza e, de Fortaleza para Trairi em transporte automotivo; deste município para Almécegas, de pau-de-arará.

⁶⁵ Situar-nos, um negócio enervante que só é bem-sucedido parcialmente, eis no que consiste a pesquisa etnográfica como experiência pessoal. Tentar formular a base na qual se imagina, sempre excessivamente, estar-se situado, eis no que consiste o texto antropológico como empreendimento científico. Não estamos procurando, pelo menos eu não estou, tomar-nos nativos (em qualquer caso, eis uma palavra comprometida) ou copiá-los. Somente os românticos ou os espíões podem achar isso bom. O que procuramos, no sentido mais amplo do termo, que compreende muito mais do que simplesmente falar, e conversar com eles, o que é muito mais difícil, e não apenas com estranhos, do que se reconhece habitualmente. "Se falar *por* alguém parece ser um processo misterioso", observou Stanley Cavell, "isso pode ser devido ao fato de falar a alguém não parecer de maneira alguma misterioso" (Geertz, 1989, p. 10).

5.1 Escola de Ensino Fundamental Santa Luzia



Figura 22: E.E.F.Santa Luzia antes da Internet

Fonte: Arquivo da Escola.

Inaugurada no dia 17 de agosto do ano de 1992, a Escola de Ensino Fundamental Santa Luzia é uma extensão da Escola de Ensino Fundamental Antônio Urçulino Alves. Essa unidade escolar dispõe de três salas de aula, um laboratório de informática, com dez computadores, todos interligados à Internet, uma impressora, uma webcam, uma biblioteca, uma cantina, dois banheiros, um pátio e uma área para recreação. O quadro de funcionários é formado pelo diretor escolar, seis professores, um agente administrativo (o mesmo que secretário escolar), uma coordenadora pedagógica, um Formador Mediador Local – FML, que coordena a parte pedagógica das atividades com a Internet. Conta, ainda, com três auxiliares de serviços gerais e dois vigias. Os ciclos de ensino oferecidos vão da Educação Infantil ao Ensino Fundamental II (até a 7ª série) à Educação de Jovens e Adultos. Esses cursos funcionam em três períodos e tem um corpo discente constituído por 160 alunos.

5.2 A Internet Solar

A Internet Solar chegou à Escola de Ensino Fundamental Santa Luzia – E.E.F. Santa Luzia no dia 18 de agosto de 2003, através de um núcleo formado por 06 (seis) placas solares fotovoltaicas, 06 (seis) baterias de grades (para caminhão) e 01(um) conversor de energia.



Figura 23: Raulindo mostra o Painel de Energia Solar



Figura 24: Placas Fotovoltaicas

Placas Solares fotovoltaicas que recebem e enviam a energia para a casa das baterias

Placas receptoras da energia solar

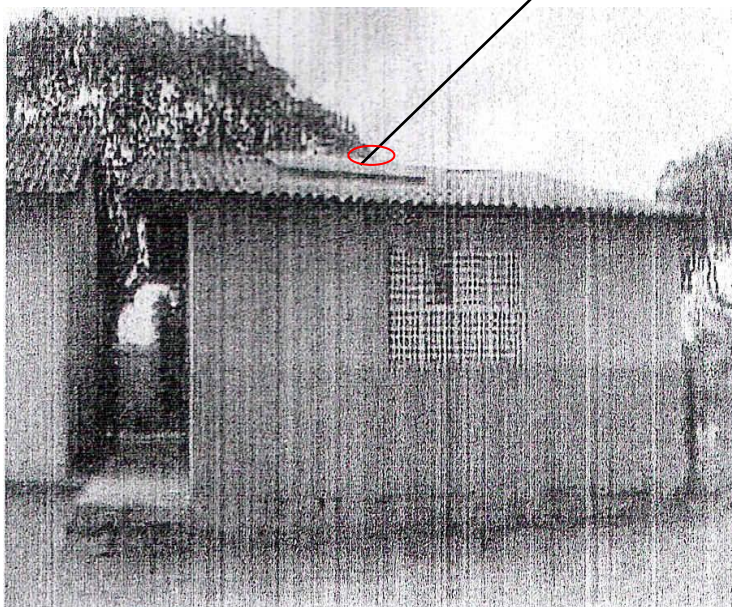


Figura 25: Casa das baterias

Fonte: Arquivo da escola.

As placas solares fotovoltaicas absorvem a luz do sol, transferindo a energia solar para um conversor que a envia para a casa das baterias; essa fonte de energia retorna para o conversor, que a converte em energia elétrica, calculada e distribuída, apenas, para iluminar as dependências da escola e alimentar os computadores, o aparelho de TV, o vídeo, as caixas de som e o microfone.

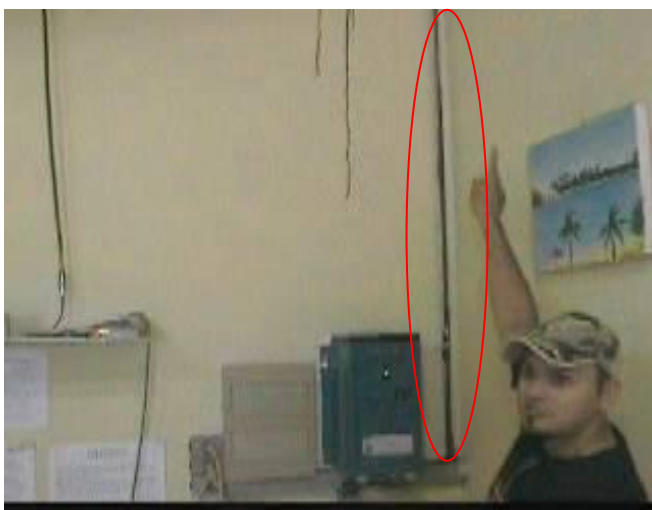


Figura 26: O cabo receptor de energia solar



Figura 27: O conversor de energia solar em elétrica.

Essas placas foram doadas pela Organização Não Governamental - ONG, Instituto de Desenvolvimento de Energias Sustentáveis e Renováveis -IDER, que se preocupa com o meio-ambiente, cuja bandeira político-social é a defesa do desenvolvimento sustentável, contribuindo para uma cultura

localizada que fortaleça a participação popular no processo de tomada de decisão e priorize a preservação, bem como a utilização do meio-ambiente, no que diz respeito a um crescimento eficiente e racional, por meio de ações capazes de atender às necessidades das pessoas, situando-as e atualizando-as no presente e no futuro.

5.2.1 O Núcleo Digital Solar da Escola Santa Luzia

O projeto Núcleo Digital Solar – NDS é de autoria do Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Energias Renováveis (IDER), cujo objetivo, além do acesso às novas tecnologias e à web, é a capacitação de jovens da área rural em informática. O primeiro núcleo foi inaugurado no dia 18 de agosto de 2003 na comunidade de Almécegas.



Figura 28: Entrada do laboratório de informática.

Na mesma sala funcionam o laboratório de informática e a biblioteca. Esta recebeu o nome do professor Raulindo Ramos Menezes, Formador Mediador Local – FML, responsável pela coordenação das atividades com a Internet.



Figura 29: Biblioteca da escola.

De modo geral, o hábito de leitura não é vigente entre os alunos brasileiros, mas com a chegada da Internet em Almécegas, em face do projeto *Tomomundo*, por meio das atividades voltadas para esse recurso tecnológico, essa prática tem se tornado mais regular, de acordo com as declarações do professor Raulindo.



Figura 30: Laboratório de informática.



Figura 31: O Blog do Programa *Tonomundo*.

Raulindo apresenta à investigadora o *blog Tonomundo*, no qual estão inseridas os 16 (dezesesseis municípios, socialmente excluídos, mas sócio digitalmente incluídos na sociedade de informação e comunicação, bem como as escolas que receberam a Internet). Nessa página web, estão registradas todas as atividades pedagógicas elaboradas pela USP, e os resultados do desenvolvimento de tais atividades, realizadas por alunos e professores, coordenados por Raulindo.



Figura 32: Alunos em atividades do Projeto *Tonomundo*.

Fonte: Arquivo da Escola

As dificuldades apresentadas para a utilização do laboratório e da biblioteca, em um único espaço, provocaram a necessidade de construir-se um espaço específico para o desenvolvimento das atividades com a Internet. Com a parceria da *Telemar*, foi possível a construção de um novo laboratório de Informática, que receberá mais dez computadores, subsidiados por essa empresa de telefonia. Esse laboratório será alimentado por energia elétrica, contudo, o laboratório Internet-Solar permanecerá na unidade escolar para ser utilizado durante o dia, com a finalidade de economizar energia elétrica e ainda como atração turística.

A título de mera informação, uma turista americana, artista plástica, em visita ao povoado, para conhecer a Lagoa de Almécegas⁶⁶, tomou conhecimento da Escola *Santa Luzia*, bem como de seus projetos, e decidiu fazer uma doação de três mil dólares para a construção de uma sala de arte. A seguir, algumas

⁶⁶ A Lagoa de Almécegas é uma atração turística, embora não haja no local infraestrutura adequada para receber turista.

fotos da Lagoa de Almécegas, um contraste com a pobreza, bem como as terras secas e empoeiradas das ruas do povoado:



Figura 33: A beleza da Lagoa de Almécegas.



Figura 34: O contraste com a pobreza do povoado.

5.2.2 O novo laboratório de Informática

Esse novo laboratório de informática foi construído pela empresa Oi Futuro e pela Organização Não Governamental – ONG, IDER, em parceria com a comunidade. Ele possui um espaço interno de 6m². Sua construção foi resultado da grande repercussão devido à introdução da Internet na escola. Tal evento mudou não apenas a ‘cara’ da Escola de Ensino Fundamental Santa Luzia, mas também a

198

consciência política de todas as pessoas envolvidas nas atividades com a Internet.

Nas imagens, a seguir, voluntários da comunidade constroem o novo Núcleo Digital Solar. Sob um forte sol, que se recusa a retirar-se do povoado, pais de alunos e moradores, voluntários em mutirão, empenham-se nessa construção:



Figura 35: O Voluntário.
Fonte: Arquivo da escola.



Figura 36: O árduo trabalho voluntário.
Fonte: Arquivo da escola.



Figura 37: Preparando a massa.
Fonte: Arquivo da escola.



Figura 38: Carregando tijolos.
Fonte: Arquivo da escola.



Figura 39: Tomando a forma do novo laboratório.
Fonte: Arquivo da escola.



Figura 40: Nominando o Núcleo.
Fonte: Arquivo da escola.

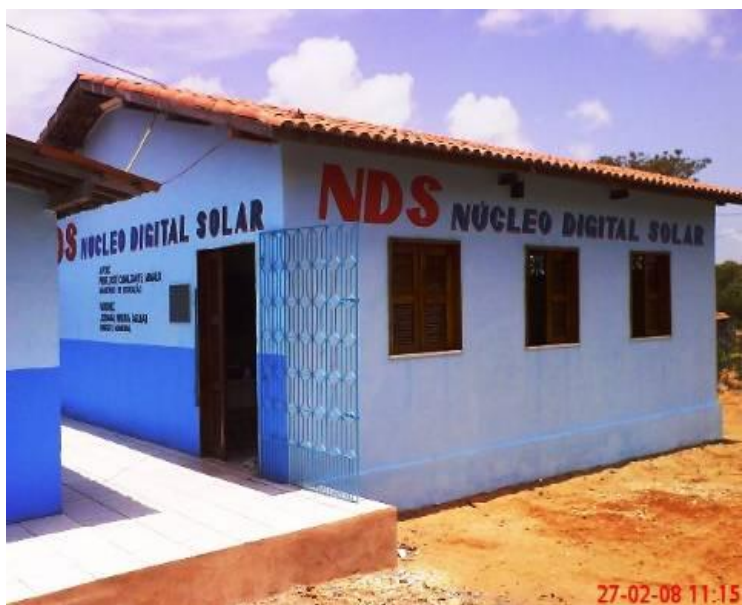


Figura 41: O novo laboratório está pronto.
Fonte: Arquivo da escola.



Figura 42: Parte interna do novo laboratório.
Fonte: Arquivo da escola.

As últimas imagens testemunham a alegria pela conquista do objetivo estabelecido. Felizes com a chegada da Internet, que elevou a autoestima de professores, alunos e comunidade, a E.E.F. Santa Luzia passa por uma mudança radical.

5.3 A escola de ´cara ´ nova



Figura 43: Muro da escola decorado com embalagens *pet*.



Figura 44: O s´mbolo de Trairi.



Figura 45: Outro ˆngulo da nova escola



Figura 46: E.E.F. Santa Luzia – O 1º. Núcleo Digital Solar.

5.4 Protagonistas do *Tonomundo*

Os alunos, na foto abaixo, são os participantes das atividades transdisciplinares, desenvolvidas na E.E.F. Santa Luzia, constantes do *Tonomundo*. Tais atividades, pautadas em valores ético-morais, oportunizam o nascimento de sujeitos-atores protagonistas:



Figura 47: Alunos Tonomundo.
Fonte: Arquivo da escola.

5.5 O corpo docente



Figura 48: A investigadora com alguns professores.
Fonte: Arquivo da escola.



Figura 49: O Professor Cícero Elano.



Figura 50: A postura da Profa. Elidiane.



Figura 51: David (de boné), ex-aluno; à frente, Antonio.

Nessa primeira visita, os professores se mostraram receptivos, participantes. Dos seis que pertencem ao quadro docente, três encontravam-se na escola e a eles soma-se o ex-aluno, David, hoje instrutor de informática (de boné, na foto), que atende aos pais dos alunos e pessoas da comunidade no período noturno. Nessa mudança de papéis, na relação aluno-Internet, observamos mais um momento de *communitas*, conforme as reflexões Turner: o ex-aluno David, aluno do Ensino Médio em outra unidade escolar, assume o papel de professor de informática.

De forma cordial, descontraída e segura, os professores e David falaram a respeito de seus alunos, suas atividades e sobre a relação Internet-Escola – a linguagem não-verbal, gesticulada, facilmente percebidas nas fotos apresentadas, demonstram uma postura de quem sabe a que veio –.

É pertinente esclarecer que, nessa primeira *observação participante*, o material coletado pela investigadora não foi extenso, pelo fato de a escola ainda não ter iniciado as atividades letivas. Por essa razão, consideramos importante utilizar, como observação indireta, não-participante, os discursos a respeito da Internet contidos nas reportagens feitas pelo jornal O Estado de S. Paulo e revista Época. Aqui, retomamos Boas: *no campo tudo deve ser anotado* [e nada deve ser desprezado].

Por conseguinte, nesse primeiro olhar buscamos compreender o significado de importância da Internet nos discursos compilados pela referida imprensa, bem como nos discursos coletados pela investigadora, quais sejam: do professor Raulindo Ramos de Menezes, dos professores Cícero Elano, Elidiane, do

secretário escolar, Antonio (na foto 52), e do ex-aluno David. Logo, os discursos extraídos da imprensa compõem a *história vista de cima* e os discursos orais, depois de transcritos pela investigadora, a *história vista de baixo*.

5.6 O lugar retórico dos contadores da *história vista de cima* e da *história vista de baixo*

Neste *lugar retórico*⁶⁷, interpretamos os discursos desses dois modos de contar a história, para verificar o significado de importância da Internet. A *história vista de cima* é composta por dois textos⁶⁸ da mídia impressa: os artigos da Revista Época e do Jornal O Estado de S. Paulo e pelo discurso documentado do professor Raulindo, extraído de sua monografia *Trairi na era virtual*. A *história vista de baixo* compõe-se pelos discursos dos moradores de Almécegas, professores e alunos da E.E.F. Santa Luzia, contidos nos depoimentos dados aos repórteres da imprensa mencionada. Compõem, também, esse tipo de história, as entrevistas feitas pela investigadora por ocasião de sua primeira visita ao povoado. Portanto, nesse procedimento metodológico, a investigadora faz uso da *observação participante* tanto de forma direta quanto de forma indireta.

⁶⁷O lugar da argumentação. Termo utilizado por Chaim Perelman e Lucie Olbrecht Tyteca em *O Tratado da Argumentação* (1996).

⁶⁸Esses textos encontram-se no Anexo deste trabalho na sua impressão integral

5.6.1 A história vista de cima

5.6.1.1 O discurso político do Secretário de Educação de Trairi

Por ocasião de minha primeira visita a Trari, conversei com o então Secretário de Educação para saber a respeito da representação da Internet em Almécegas. Foi ele a primeira pessoa que procurei, com a finalidade de coletar informações que me permitissem compreender a importância dessa tecnologia em um local tão socialmente excluído. Considerando que o Secretário assumiu uma postura política, não proporcionando à investigadora, justificativas que possibilitassem a compreensão que buscava, o discurso, a seguir, não foi inserido no *corpus* de análise desta tese, que se propõe a mostrar a importância da Internet, sob o aspecto transformador social. Apesar disso, entendemos que tal discurso deve ser apresentado ao leitor:

A minha idéia é criar sete escolas de referência. Essas sete escolas têm uma razão de existir. Nós temos cinco distritos e duas grandes escolas. Escolas com espaços esportivos, educativos para o lazer, com biblioteca etc. A minha intenção é interligar essas escolas como pólos de difusão do conhecimento e tecnologia. Mas nós temos a idéia e não temos recursos. Tanto que eu estou fazendo um concurso para que eu tenha em cada escola um monitor de arte, um monitor de pintura, de música, de informática e todas as conotações artísticas e culturais. Mas nós temos a idéia e não temos o recurso. Quando eu cheguei aqui, as duas maiores escolas não tinham computador, agora têm. Esse laboratório de informática não é refém da escola, ele é da comunidade. Eu quero

trabalhar a educação à distancia, o curso profissionalizante, interagir com outras pessoas. A minha idéia é essa, o projeto está pronto, o que me falta são apoiadores e financeiros, pois precisaremos mudar a estrutura da escola, porque apesar de ser uma escola de distrito, essa escola não está com o ambiente adequado, com a sala que eu idealizei. Então teríamos que criar um espaço para isso, o que não seria muita coisa. E quem sabe no futuro disseminar isso para as escolas polos. Hoje, tenho um projeto com 24 escolas polos; são polos porque, geograficamente, atenderiam a todos os campos do município, para que as pessoas interagissem e usassem a Internet como meio de comunicação, formação etc. O projeto está parado aí. Ele merece um olhar muito cuidadoso da academia, para saber de quem está fazendo mestrado e doutorado se a fundamentação é possível, se o projeto tem sustentabilidade. Não adianta colocar um monte de centros de referência como o que já temos aqui e depois não ter dinheiro para manter.

5.6.1.2 A interpretação do repórter do jornal *O Estado de S. Paulo*

Os fragmentos discursivos compilados do artigo, a seguir, demonstram os significados de importância da Internet para esse povoado, na interpretação do repórter do Jornal O Estado de S. Paulo.

Internet vem antes da luz em Almécegas (Cruz, 2005, p. 6)

Instalado há dois anos, o centro de acesso tornou-se uma janela para o mundo para os habitantes de Almécegas.

Na representação do repórter Cruz, do jornal O Estado de S. Paulo, a Internet, implícita na expressão linguística, o *centro de acesso*, significa a entrada dos moradores de Almécegas no mundo das comunicações. Em tal representação a tela do computador é metaforizada na figura de uma janela que se abre para esse mundo, como oportunidade de acesso irrestrito à comunicação e ao conhecimento.

5.6.1.3 A Interpretação do repórter da Revista Época

Os fragmentos discursivos extraídos do artigo *A luz da inclusão digital*, a seguir, foram selecionados para mostrar a representação da Internet, em Almécegas, na interpretação do repórter da Revista Época. Tais fragmentos demonstram os pontos de vista do seu autor, no que diz respeito aos significados de importância dessa tecnologia para o esse povoado.



Figura 52: Raulindo e alunos sob a placa fotovoltaica.



Figura 53: Alunos navegando.

A luz da inclusão digital (Freitas, 2006, p 58-59)

(...) município de Trairi, Ceará - vivia às escuras.

Mas, hoje, as tomadas da escola do povoado são alimentadas pela preciosa energia gerada por placas solares. E o isolamento chegou ao fim em agosto de 2003.

As máquinas foram instaladas para melhorar as condições de ensino das crianças e jovens e da alfabetização de adultos. Fizeram bem mais que isso. Elas trouxeram uma revolução para a vida da pequena comunidade - inclusive para a família de Valdenir. Sem notícias dele desde 1978, sua irmã mais nova, Neci, teve a idéia de procurá-lo pela internet. Acabou descobrindo seu endereço e telefone.

O entusiasmo dos mais jovens atraiu os mais velhos. No início, eles iam à escola apenas conhecer o laboratório, ver um computador. Aos poucos, começaram a buscar conteúdo com a ajuda dos professores. Desde setembro, além de pesquisas na internet e conversas por e-mail, o equipamento tem sido usado para cadastramento do CPF dos moradores.

É também por meio do computador que foram desenvolvidos projetos de preservação ambiental. (...) Organizados, exigiram da Prefeitura a coleta regular. Desde 2005, o caminhão do lixo percorre o povoado toda terça-feira.

Em três anos, o laboratório ficou pequeno. Para ampliá-lo, a comunidade se mobilizou e ergueu uma sala maior, mais clara e arejada. O material de construção e os novos computadores foram doados. A mão-de-obra é da própria comunidade.

Lagoa das Almécegas⁶⁹ é uma exceção num país em que a maioria da população não tem acesso à internet. Em lugares assim, o computador é uma raridade.

Em suas manifestações discursivas, o repórter Freitas representa a Internet como a luz solar que tirou o povoado da escuridão e do isolamento, e contribui para aumentar a qualidade do ensino da E.E.F. Santa Luzia. Além disso, essa tecnologia revolucionou a comunidade, quando possibilitou que uma família encontrasse um parente de quem não tinha notícias há 38 anos.

Ainda, para Freitas, a Internet aproximou gerações: os jovens (alunos) dos mais velhos (pais e outros adultos da comunidade). A curiosidade destes, em relação aos computadores, cedeu lugar ao interesse pela busca de conteúdos, com o auxílio dos professores, uma aproximação da comunidade com a escola. Além de proporcionar buscas e entretenimento, nas conversas por e-mails, a Internet faz o cadastramento do Certificado de Pessoa Física – CPF dos moradores de Almécegas, desenvolve projetos de preservação ambiental e aumenta a consciência política da comunidade, que passou a exigir melhorias sociais, como a coleta de lixo. E, com a chegada Internet, a Lagoa de Almécegas, lugar de exceção pelo fato de ter recebido algo raro, como o computador, recebeu um endereço, uma identidade social.

Em vista dessas representações de Freitas, na concepção da investigadora a Internet ‘exercitou’ a cidadania, ao oferecer oportunidades para o desenvolvimento humano das pessoas desse

⁶⁹ O povoado é também chamado de Lagoa das Almécegas, devido a uma lagoa que recebeu esse nome, ponto turístico do povoado.

povoado, razão por que tem significado de transformadora social.

5.6.2 Olhando pelo *olhar* do professor Raulindo

Dissemos na introdução desta tese (p. 15) que os discursos, na sua oralidade, compõem a *história vista de baixo*, razão por que incluímos as manifestações discursivas, orais, do professor Raulindo para compor a *história vista de baixo*. Aqui, entretanto, os pontos de vista de Raulindo constituem a *história vista de cima*, pelo fato de terem sido compilados de sua monografia *Trairi na era virtual*, um documento oficial.

Nas linhas seguintes, apresentamos os fragmentos discursivos selecionados, dessa monografia, para demonstrar os significados de importância da Internet. Na interpretação da investigadora, Raulindo diz, ora explicitamente, ora implicitamente, que a Internet significa:

a) diminuição da distância entre o mundo da informação e os seres internautas:

A presença das novas tecnologias na escola é necessária para que haja um estreitamento entre o conhecimento e os seres.

b) diminuição das desigualdades sociais:

A energia solar trouxe para a comunidade de Almécegas, especialmente para a E. E. F. Santa Luzia, a oportunidade dos nossos discentes terem a chance de se igualar aos demais alunos de outras localidades, de outras cidades,

os quais já tinham acesso diretamente e constantemente aos meios de comunicação e lazer.

Esclarecemos que na expressão *energia solar* está implícita a referência à Internet na escola.

c) liberdade e conhecimento:

A energia solar nos livrou literalmente da escuridão da ignorância, da escuridão do obsoletismo, da escuridão da desigualdade e exclusão.

d) nova estratégia de ensino-aprendizagem:

Oportunizou atualmente, que os nossos alunos tenham uma aula mais atrativa, mais prazerosa e também proporcionou ao professor a chance de criar uma aula inovadora, utilizando recursos audiovisuais.

5.7 A história vista de baixo

5.7.1 No artigo do jornal O Estado de S. Paulo: *Internet vem antes da luz em Almécegas*

O texto em questão apresenta, também, a *observação participante* do repórter do jornal, por meio das entrevistas que fez com o aluno Hugo, e seu padrasto, Pedro, com o professor Raulindo, e com o pai da aluna Ivone, Alberto. A seguir, os fragmentos discursivos selecionados pela investigadora:

'A gente fala com pessoas de outros lugares', aponta Hugo.

'Saber usar o computador é importante', afirma Pedro, padrasto de Hugo, que participou do mutirão que construiu o centro de informática. 'É o que vale hoje.'

'As crianças desenvolveram mais visão crítica', explica Raulindo. 'Antes, ficavam acanhadas na sala de aula. O professor perguntava e elas não respondiam. Com os computadores, passaram a ter mais facilidade de se comunicar.'

'Antes, tínhamos que enterrar o lixo, apesar de saber do impacto negativo no ambiente. Havíamos mandado vários ofícios para prefeitura, sem resposta', lembra Raulindo. Foi a gincana eletrônica que acabou por sensibilizar a administração local.

'Rapaz, a Ivone diz que acessa a internet, faz desenho, conhece outras pessoas lá de fora', conta o pai da menina [Alberto]. 'É muito importante para ela e para' gente. É um orgulho muito grande ver que, na idade em que ela está, a Ivone consegue conhecer, pelo computador, várias coisas que existem no mundo'.

Para Alberto, a internet é muito importante para a comunidade:

A gente já consegue cadastrar o CPF aqui mesmo, sem ter que ir para o centro de Trairi', explica o pai de Ivone. 'Já pode fazer um pedido de salário-maternidade ou aposentadoria, sem pegar fila. Ele teve contatos com o computador, onde viu fotos das praias da região, mas ainda não sabe como usá-lo. É bom demais para a gente.

Tais fragmentos mostram a interpretação desses sujeitos discursivos: a Internet permite a comunicação, que ultrapassa o povoado; o computador tem importância de valor; a Internet desenvolve a visão crítica e acaba com o acanhamento das crianças, facilitando a sua comunicabilidade em sala de aula. A conquista social da coleta do lixo foi resultado de uma gincana eletrônica; a Internet propiciou que um pai sinta orgulho de sua filha; fez o cadastramento do CPF, o pedido de salário-maternidade ou aposentadoria; e, ainda, oportunizou o acesso às fotografias das praias da região.

De posse dessas interpretações, a investigadora faz a sua leitura para dizer o que esses sujeitos-históricos discursivos, por ela indiretamente observados, dizem sem dizer: a Internet, em Almécegas, é representada com o significado de transformadora social. Nessa transformação, ela consegue o que o professor não conseguiu em sala de aula: aumentar a auto-estima do aluno, tornando-o ativamente participante, capaz de responder as perguntas feitas pelo professor.

5.7.2 Na entrevista com Raulindo

Em entrevista feita pela investigadora, com Raulindo, esse professor assim representa a Internet:

a) é uma ferramenta pedagógica capaz de resgatar os jovens, atraindo-os para a escola, e de auxiliar o professor:

Eu trabalho nessa escola há cinco anos. Quando eu cheguei à escola tinha um índice de reprovação altíssimo

e de evasão muito alto também. E esse projeto resgatou os alunos e a Internet serviu para o jovem como um atrativo e para o professor como auxílio. Então, foi uma ferramenta pedagógica muito boa.

b) contribui para a prática da leitura e da escrita:

Todos os alunos da pré-escola à 8ª série têm um horário pré-determinado para usar o computador. E o professor durante a semana tem que dar a sua aula usando o computador. Assim, os alunos passaram a ter a prática de ler e escrever com os computadores. Então nós incentivamos o aluno.

c) é alfabetizadora:

No início nós tínhamos uma visão errada, achávamos que o aluno para poder acessar um computador deveria antes ser alfabetizado, saber ler e escrever. Hoje nós vemos que não, podemos alfabetizar o aluno com o computador, se torna até mais fácil. Então estamos alfabetizando, dando reforço e aí os alunos começam a entender que precisam ler, precisam escrever para ter um melhor acesso e mexer no computador. Esse foi um dos pontos mais fortes de mudança na minha opinião.

d) muda a postura dos alunos:

A questão da postura social também mudou. Eles [os alunos] eram acanhados, quando fazíamos uma pergunta eles ficavam calados e hoje não, eles batem papo, usam comunidades.

e) contribui para a formação do leitor:

Eu acredito que a Internet sendo bem orientada contribui para a formação do leitor. A Internet é como a TV tem o lado bom e o lado negativo. Ela tem o poder de informar, mas também pode criar um criminoso. Então ela contribui para a formação do leitor desde que ela seja bem utilizada e bem orientada. Como a nossa Internet é educativa, eles estão sempre acessando sites que vão auxiliar na educação, não se pode entrar em qualquer site, existem regras, alguns sites são bloqueados.

f) auxilia na formação do leitor-autor e autônomo:

Nós temos muitos projetos de conscientização com a comunidade. Então, a pessoa sendo bem orientada vai saber interferir nas ações que estão acontecendo. Ela passa a ser autora, a ter autonomia e entender o que ele esta lendo. O que nós buscamos é isso. Queremos que elas entendam, que saibam interpretar o que estão lendo. Mas esse é um processo muito longo. Não se pode mudar a cultura de uma comunidade em apenas três anos. Estamos lidando com pessoas muito carentes, que nunca tiveram o hábito da leitura. É uma comunidade formada por agricultores e pescadores. Estamos começando agora. Então, três anos ainda é muito pouco para termos um resultado definitivo, mas está melhorando. A gente percebe que ao ler um texto eles já estão dando opinião. Usamos muito os fóruns na Internet para eles conversarem com outros alunos de outras cidades e viverem outra realidade.

5.7.3 No discurso pedagógico dos professores da Escola de Ensino Fundamental Santa Luzia

Em entrevista feita pela autora desta investigação, quando em sua primeira visita à escola Santa Luzia, em fevereiro de 2007, dois dos seis professores dessa escola responderam a seguinte questão: o que representou a chegada da Internet solar em Almécegas, se esse povoado, além de não ter luz elétrica, na época, ainda hoje não tem outras necessidades básicas para o seu desenvolvimento humano?

Para o professor Cícero Elano, a Internet:

a) trouxe mudança para o povoado:

(...) foi um acontecimento muito importante. A Internet mudou o nosso povoado porque trouxe a oportunidade de comunicação com o mundo lá fora;

b) é poder de comunicação: socializador e crítico:

(...) o poder da comunicação é muito importante porque permite a socialização, aumenta a visão crítica das pessoas; quando as pessoas da nossa comunidade começaram a conhecer coisas novas, o que acontece no mundo afora, elas passaram a ter mais condições de uma visão crítica dos acontecimentos, a entender melhor as coisas e também aprenderam a se socializar mais, conversando mais com as outras pessoas, sobre as coisas que viam pela Internet.

c) é civilizadora:

O que seria da humanidade sem a comunicação? A comunicação é a relação que se dá entre a civilização e a sociedade. A gente vai se civilizando mais, se socializando mais, a partir das informações que a gente consegue pela Internet.

d) é mais do que uma revolução tecnológica:

Para os alunos da nossa escola foi muito mais do que uma revolução, devido à importância que a Internet representa como poder de comunicação, pela oportunidade que eles tiveram para pesquisar e conhecer tudo que precisam. Foi muito bacana, mesmo.

Na visão da professora Elidiane, a Internet significa:

a) direito à oportunidade de desejar, sonhar:

Apesar de o nosso povoado ser um lugar muito distante e sem luz elétrica, a Internet foi muito importante pra nós, principalmente para os nossos alunos, porque os nossos alunos também têm desejos, eles também sonham.

b) o conhecimento do novo:

Então, a Internet foi uma oportunidade pra eles conhecerem coisas, que pra eles eram novas, mas pra muita gente não.

c) o merecimento pela educação consciente:

Os nossos alunos são conscientes; você jamais vai ver os nossos alunos riscando uma carteira, a nossa escola não

é estragada, é simples, mas não é pichada. Eles são educados, pedem licença, falam por favor, muito obrigado, bom dia, posso entrar? Eles merecem ter oportunidades. Aqui, nós fazemos trabalhos de conscientização, eles fazem trabalho de limpeza ambiental, de reflorestamento.

d) é elevação da auto-estima:

A Internet também aumentou a auto-estima deles.

e) a contribuição para uma metodologia teórico-prática:

(...) contribuiu com a questão de trabalhar a teoria com a prática. Por exemplo, quando eu trabalho com uma letra de música, a gente pesquisa na Internet a biografia do autor, a gente baixa a música e canta; é muito melhor trabalhar assim.

Antonio, secretário escolar, também manifestou seu ponto de vista. Para ele, a Internet oportuniza:

a) o conhecimento do novo;

Nunca tinham assistido a uma partida de futebol, muito menos a copa do mundo; no ano passado, com a copa, isso aqui [a sala de informática da escola] ficou cheio, todo mundo veio ver.

b) a socialização pela comunicação:

Isso deu oportunidade de socialização, além do poder da comunicação. Ver um jogo que estava acontecendo na Europa foi muito importante.

c) o entretenimento:

Além da questão da comunicação, da socialização, tem também a questão do lazer, do entretenimento.

Quando Antonio pontua a questão da socialização, refere-se à oportunidade que a Internet propiciou de reunir no mesmo espaço-tempo, professores, alunos e comunidade para, juntos, assistirem ao jogo de futebol.

5.7.4 No olhar dos jovens alunos

As alunas, do 8º. e 9º. Anos, por sua vez, valorizam a Internet pelo fato de esta tecnologia auxiliar nos trabalhos escolares, oferecer a oportunidade de comunicação com outros universos e conhecer outras pessoas:

Clara, 8º. Ano, 12 anos:

A chegada da Internet aqui em Almécegas trouxe para a comunidade escolar a motivação para os alunos aprenderem.

Tainara, 8º. Ano, 12 anos:

A Internet me ajuda muito nas pesquisas dos trabalhos escolares e na vida pessoal me ajuda na comunicação com as outras pessoas.

Maria Brenda, 9º. Ano, 13 anos:

Representou muitas mudanças, e oportunidades de conhecer pessoas de outros lugares, e aprender coisas novas, foi muito importante a Internet em nossa comunidade. (...) Se você precisa fazer um dever [tarefa escolar] pesquisado vai para a Internet; é muito prático, tem brincadeiras que você melhora a escrita e a leitura.

Carla, 9º. Ano, 14 anos:

Muito aproveitamento para o meu conhecimento e foi uma ferramenta a mais para a nossa aprendizagem. Conhecer o mundo sem sair de casa [da escola, pois a aluna não tem computador].

No ponto de vista de David, ex-aluno e instrutor de informática, a Internet é:

a) oportunidade para os pais conhecerem vários assuntos:

Eu sou ex-aluno daqui e agora eu trabalho dando aula com informática para os pais dos alunos. A Internet é muito importante pra nós, porque eu coloco vários assuntos no quadro e eles pesquisam na Internet e eu ajudo a procurar. É muito legal. Não dá pra fazer muita coisa com eles, porque eles trabalham o dia todo e estudam à noite, mas não dá pra ficar muito, porque as placas solares não funcionam sem o sol e quando escurece não dá pra entrar na Internet. Mas é muito legal trabalhar com eles com a Internet.

5.8 Uma Zona de Similitude

Nos discursos das histórias *vista de baixo* e *vista de cima*, a Internet é representada para bem, na construção do Eu-social.

ZONA DE SIMILITUDE:

A Internet é Transformadora Social

O discurso oral

- Eleva a auto-estima.
- Trouxe os pais e comunidade para a escola. É oportunidade também para os pais conhecerem vários assuntos. Oportuniza ao aluno o direito de desejar, sonhar.
- Aproxima gerações
- É democrática: diminui a distância entre o internauta e o conhecimento.
- É geradora de oportunidades sociais
- Uma nova estratégia de ensino: aula atraente
- Uma ferramenta para superação de limites
- A saída da caverna: liberdade e conhecimento.
- E socializadora e civilizadora. Deu uma nova identidade para Almecegas.

O discurso elitizado

- Acaba com o acanhamento do aluno, aumenta a auto-estima: o aluno anda de cabeça erguida.
- Integra escola-comunidade.
- É poder de comunicação simultânea, em tempo real. Aumentou a consciência política da comunidade.
- Aproxima o jovem (aluno) do velho (pai ou pessoa da comunidade); ex- aluno e professor ensinam o mais velho a navegar na Internet.
- É nivelamento democrático-social, órgão expedidor de documento.
- Contribui para uma metodologia teórico-prático.
- É acesso irrestrito ao conhecimento: tirou o povoado de Almecegas da escuridão e do isolamento.

A Internet na visão da história *vista de baixo*

A Internet na visão da história *vista de cima*

Figura 54: Zona de Similitude

O quadro-síntese, Zona de similitude, apresenta um repertório de significações da *história vista de cima* e da *história vista de baixo*, no tocante à importância da Internet, em Almécegas, por ocasião da primeira *observação participante* da investigadora. Tais significações demonstram as semelhanças entre as duas histórias no modo de representar essa tecnologia. Além das semelhanças com os discursos oficiais da *história vista de cima*, os discursos da *história vista de baixo* atribuem um grau valorativo maior de representação, em face do contexto de exclusão social de seus sujeitos discursivos, bem como do contexto da emoção nas experiências vivenciadas por meio da Internet. Logo, o ponto de vista da pessoa simples, anônima e socialmente excluída, é relevante para um saber-relatar a história desse novo mundo comunicacional.

As representações de valoração da Internet, nesses dois sujeitos-históricos que, embora advindos de classes sociais distintas, entendem a significação de importância da Internet, por meio de semelhantes pontos de vista. Assim, tanto o grande discurso quanto o grande-pequeno discurso compreendem o poder de informação e comunicação da Internet como sendo de um alto grau de valoração. Logo, nesse saber-dizer o que significa a Internet, a *história vista de baixo* é tão importante quanto a *história vista de cima*.

Isto posto, consideramos oportuno finalizar este capítulo, retomando Laplatine (2007, p. 155):

De acordo com Laplatine, é sobretudo na história que assistimos a um deslocamento radical do campo da curiosidade. Trata-se de ir do público para o privado, do Estado para o parentesco, dos "grandes homens" para os

atores anônimos, e dos grandes eventos para a vida cotidiana. Sob a influência da escola dos *Annales*, a história contemporânea, pelo menos na França, tornou-se

uma história antropológica, isto é, uma história das mentalidades e sensibilidades, uma história da cotidianidade material.

No próximo capítulo, o *segundo olhar* da investigadora objetiva compreender mais a história da Internet, bem como observar outras manifestações culturais. Contracenando com o pau-de-arara, a investigadora relata a cotidianidade desse povoado, nos dramas sociais que lhes são apresentados no percurso da travessia, escritos na estrada Trairi-Almécegas. Nada mais adequado do que essa estrada, com suas casas de pau-a-pique, construídas artesanalmente, para servir de palco das narrativas orais, das histórias anônimas relatadas pelo olhar da investigadora.

CAPÍTULO 6 – O SEGUNDO *OLHAR*

[...] a oposição à evidência oral é muito mais fundamentada no sentimento do que no princípio. A geração mais velha dos historiadores que ocupam as cátedras e detêm as rédeas é instintivamente apreensiva em relação ao advento de um novo método. Isso implica que eles não mais comandem todas as técnicas de sua profissão. Daí os comentários depreciativos sobre os jovens que percorrem as ruas com gravadores de fita (Paul Thompson, 1978,p.63).

6. O segundo olhar

6.1 A estrada mais parece uma *rinha*

Em 14.02.2008, a investigadora faz a sua segunda viagem ao povoado de Almécegas. Às 06h00 da manhã, desse dia, partiu da Estação Rodoviária dos Pobres⁷⁰, num carro-lotação⁷¹, rumo ao município de Trairi. Esse tipo de transporte, de modo geral, é velho, mal conservado, ilegal. Seus proprietários são pessoas de baixa renda, razão por que não têm condições para comprar um carro mais novo e pagar um alvará⁷² à prefeitura de onde moram, condição legal exigida para o transporte-lotação. O carro que leva a investigadora à Trairi era da marca Chevrolet, quatro portas, vermelho e não fugia das características já citadas: velho, mal conservado e ilegal.

De início, senti medo, mas, entre viajar de ônibus e demorar quase cinco horas para chegar ao destino, optei pelo carro-lotação, pois este chegaria três horas antes, conforme informação do motorista. Resolvi arriscar. A porta do banco de trás, onde me encontrava, estava com a trava quebrada e só podia ser fechada e aberta por fora. Os bancos estavam com a forração rasgada e sem cinto de segurança; o motor, por sua vez, devia estar bom, considerando que não apresentou nenhum problema mecânico durante a viagem.

⁷⁰ Esse terminal de ônibus é assim conhecida no bairro Bezerra de Menezes, por não ter as mesmas instalações de qualidade que existem na Rodoviária principal de Fortaleza.

⁷¹ Qualquer tipo de carro de passeio, particular, utilizado para transportar os passageiros, de forma diferenciada dos transportes públicos: é mais rápido, deixa os passageiros nos locais por eles indicados, razão por que a passagem é mais cara.

⁷² Autorização para levar passageiros

O carro-lotação partiu pontualmente às 06h00. Não podia ser diferente, pelo fato de o motorista pretender sair na frente do ônibus para atrair mais três passageiros no percurso, com a finalidade de compensar os gastos com o combustível, razão por que excedeu o limite de velocidade para manter-se à frente do ônibus. Antes de pegar a estrada *Sol Poente*, que leva à Trairi, o motorista informou-me que buscaria dois passageiros em suas casas e isso atrasaria a viagem; nesse momento, eu era a única passageira. Que podia fazer? Tratava-se do *modus operandi*, necessário para a sua sobrevivência.

Os dois passageiros entraram no carro. Desse momento em diante, o motorista passou a dirigir, de forma desvairada, para ultrapassar o ônibus que já mantinha uma distância ameaçadora à sua frente. Finalmente, conseguiu a ultrapassagem.

Quando saímos da divisa entre a cidade de Fortaleza e o município vizinho, Caucaia, fui surpreendida com mais uma informação do motorista: considerando a condição ilegal do carro, do motorista e, também, a nossa ilegalidade, passageiros ‘cúmplices’ da contravenção, disse ele que era preciso sair da estrada e fazer um atalho para fugir da fiscalização rodoviária: caminhos tortuosos, sem asfaltos, estradas de barro com pedregulhos. Feito isso, não demorou muito para que víssemos que não éramos os únicos ‘malfeitores’. À nossa frente, uma nuvem de poeira acusava outro carro que, também, fugia da fiscalização.

— Não dá pra ficar atrás desse cara comendo poeira. Vou passar na frente dele, disse o motorista.

O rapaz que estava ao seu lado respondeu:

— É isso aí, macho, devolve a poeira pro outro.

Deu-se início, então, a outra desvairada corrida do nosso motorista, para ultrapassar o carro que nos fazia engolir a poeira. Aqui, a pesquisadora transporta-se para o relato de Geertz (1989, p.185-197) sobre as brigas de galos em Balinese. A estrada onde nos encontrávamos parecia uma rinha; os dois motoristas, o que estava à frente e o nosso, proprietários de seus ‘galos’ – os carros – confrontavam-se, fincando seus ‘esporões’, ora na marcha, ora no acelerador, atirando-se *um ao outro, batendo as asas, estirando a cabeça e batendo com os pés, numa explosão de fúria animal* (idem, p. 192), para produzir manobras e arrancadas perigosas, indiferentes aos sentimentos de seu ‘público’ – nós, passageiros –. O corpo do motorista acompanhava os movimentos das manobras e da velocidade, ora para esquerda, ora para direita; a cabeça estirava-se para frente, em posição de ataque, como se pudesse alcançar o adversário antes mesmo de seu ‘galo’, ou seja, de seu carro.

Em certo momento, o ‘galo’, onde me encontrava *consegue atingir o outro com um golpe do esporão* (ibidem): vence a batalha e ultrapassa para o lugar dianteiro. Agora, a cabeça do motorista executa dois movimentos: primeiro, olha pelo retrovisor, para ver o outro ‘galo’ abatido; depois, para o banco de trás, em busca do aplauso de seu ‘público’; apenas a senhora ao meu lado manifesta-se dizendo: *Agora é ele quem vai comer poeira*.

O cenário onde apresentam as brigas de galos é formado, em geral, pelos galos, seus donos e um expressivo público torcedor,

entusiasta, barulhento. É uma briga cruel, que provoca ferimentos graves ou morte dessas aves. Na *rinha* para Almécegas, ao contrário, motorista e carro eram, ao mesmo tempo, ‘dono do galo’ e ‘galo’. Ambos saem vitoriosos do embate, sem ferimentos, orgulhosos de seus feitos, numa relação criador-criatura, dominador-dominado. O público, por sua vez, pequeno, silencioso e, no meu caso, medroso; apenas um ‘torcedor’, o passageiro da frente, parece não ter sentido medo, posto que comemorou a perigosa ultrapassagem.

Depois de percorrermos alguns quilômetros, chegamos na entrada no município de Caucaia, onde subiu o passageiro que completaria a lotação. Agora, restava apenas rezar e torcer para que nenhum contratempo a mais acontecesse. E não aconteceu, a despeito de o motorista continuar dirigindo com seus ‘esporões’ fincados, o que assustou somente a mim; os demais pareciam acostumados a serem conduzidos dessa maneira, posto que assistiam ao espetáculo do ‘motorista-galo’ com a certeza do desfecho esperado: chegar bem ao destino e no tempo esperado.

A imprudência do motorista, no excesso de velocidade e nas ultrapassagens perigosas, me causou muito medo. Durante todo o trajeto, silenciosamente, fiz as minhas orações, pedindo proteção para que nada de grave acontecesse. Depois de quatro horas e dez minutos, às 10h10, cinquenta minutos antes do ônibus, chegamos bem. Ainda que tensa, dolorida e muito cansada, eu estava inteira.

6.2 Chegando a Trairi

O local onde o motorista deixou a investigadora era bem próximo de onde ela deveria pegar outro transporte para o povoado de Almécegas. Dessa vez, faria a sua primeira viagem no pau-de-arara, que sairia às 11:00 – teria de esperar cinquenta minutos, tempo suficiente para se recompor do cansaço da arriscada travessia.

6.3 A travessia no *Pau-de-Arara*

6.3.1 O motorista do pau-de-arara

A investigadora localizou o motorista do pau-de-arara, Francisco. Apresentou-se e explicou sobre o objetivo de sua ida ao povoado de Almécegas e combinaram a respeito do preço da viagem (R\$ 10,00) e horário de saída. Em seguida, fotografou o motorista e seu transporte, tendo sido, também, fotografada por ele.



Figura 55: O pau-de-arara e seu motorista.



Figura 56: Outro ângulo do pau-de-arara



Figura 57: A investigadora sobe no pau-de-arara

6.3.2 Conhecendo os passageiros

Já me encontrava no pau-de-arara, quando subiram dois passageiros: Dionísio, com 77 anos, e José, 73 anos. Apresentei-me a eles e expliquei-lhes o que ia fazer em Almécegas; em seguida, conversei com eles sobre o povoado e sobre as condições do clima – o calor era quase insuportável – . A conversa era sempre iniciada pela investigadora. Ao serem questionados sobre a introdução da Internet no povoado, antes da chegada da luz elétrica, Dionísio adiantou-se para responder:

— Achei bom, achei vantagem. A Internet vindo na frente, a luz vem atrás; e veio. Graças a Deus!

Nesse momento, Dionísio tirou o chapéu, apontou para o céu, reverenciando e agradecendo a Deus por esse feito em Almécegas. Entender um agradecimento, a Deus, pelo alimento que se recebe é tarefa fácil. Mas, quando uma pessoa, socialmente excluída, que não tem nem mesmo uma alimentação de qualidade, agradece a Deus pela chegada de uma tecnologia de ponta não o é. Será que apenas a religiosidade do cearense, explica os sentidos construídos por Dionísio, quando associa a chegada da Internet em seu povoado a uma providência divina? Aqui, retomamos Geertz (1989, p. 7):

Fazer a etnografia é como tentar ler (“no sentido de construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escritos não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado.



Figura 58: Dionísio deixa-se fotografar



Figura 59: Dionísio pensativo

Dionísio continuou:

— Foi muito bom, nós não tinha nada, agora temu.

A investigadora quis saber o que eles não tinham e agora têm.

— A energia elétrica, que trouxe a televisão, o rádio; antes só tinha rádio de pilha. Agora nós pode ver o jogo, a muler as novela; já vimu até o papa na televisão. O santo Papa.

Dionísio faz mais uma reverência com o chapéu, agora para o Papa.



Figura 60: O passageiro José



Figura 61: José aprecia a estrada

O depoimento de Dionísio parece ter encorajado José que, sem esperar que a investigadora lhe perguntasse, fez sinal de que também queria falar.

— *Essa Internet é importante pro nossos fios, porque é muito bom para o futuro deles. A minha fia, a de 14 anos, é uma beleza na Internet; a pequena só tem sete anos, mas já ta aprendendo também na escola. Eu tenho 73 anos, mas tenho uma fia de sete anos; é minha mesmo.*

Essa fala de José afigura-se, também, como um texto *desbotado*. O idoso falava do desempenho da filha de 14 anos na Internet. Entretanto, ao mencionar a filha de sete anos, sublinha que esta é filha dele mesmo. Como entender a preocupação de José, ou seja, a sua necessidade de fazer a investigadora acreditar que ele, apesar da idade avançada era pai, de fato, de uma menina de sete anos?.⁷³

6.3.3 As paradas do pau-de-arara

Convém ressaltarmos que as paradas do pau-de-arara não eram apenas para fazer descer e/ou subir passageiros. Ao contrário do que acontece com os transportes coletivos, dos grandes centros urbanos, as paradas desse veículo objetivam motivos diversos, cotidianos, para atender às necessidades dos moradores de Almécegas. Por exemplo, em uma delas, o pau-de-arara parou diante de uma casa porque José precisava falar com o proprietário. No entanto, quem atendeu foi uma menina, de mais ou menos 12 anos⁷⁴. A pessoa procurada não se encontrava e José pediu para que a menina lhe transmitisse o recado de que precisava falar com ele. Em outro momento, o motorista parou para um garoto de, aproximadamente, 16 anos, vender gasolina, em vasilhame pet, para os passageiros. Dionísio comprou o combustível, não sem antes justificar:

⁷³ A mim me parece que José não queria apenas dizer que a filha de sete anos era dele mesmo, mas, isto sim, mostrar a sua virilidade aos 73 anos, o seu vigor sexual, característica machista do homem nordestino.

⁷⁴ Soube por José que se tratava da filha do morador. A menina, com o corpo ainda em formação, vestia uma camisola curta, transparente, o que permitia uma exposição natural e, de certa forma ingênua, de seu corpo menina-mulher. José conversa com ela. Observo que ele percorre com interesse o corpo da menina; olhos de macho. Dionísio, por sua vez, balança a cabeça, negativamente, como quem reprova algo: a exposição da menina ou a atitude de José?

— Eu tenho energia na minha casa, mas eu compro porque a minha patroa gosta; é bom pra acender o fogo mais ligeiro.

A investigadora quis perguntar que tipo de fogo. Não achou necessário, mas acredita que devia ser do fogão à lenha, ou carvão, pois nem todas as famílias do povoado possuem fogão a gás.



Figura 62: O vendedor de combustível

6.3.4 Pau-de-arara, um comunicador social

O pau-de-arara não é apenas um meio de transporte para os moradores do povoado. É muito mais do que isso: um comunicador social, prestativo e solidário, outra forma de saber-fazer transportar pessoas e suas práticas cotidianas. Ele ajudou o garoto do combustível a vender o seu produto; permitiu que Dionísio levasse o combustível para que sua esposa acendesse o fogão à lenha mais rápido; transportou as compras feitas, em Trairi, por alguns passageiros, e também aquelas encomendadas ao motorista por moradores do povoado de Almécegas, conforme o registro fotográfico na página seguinte:



Figura 63: As compras

Esse ‘comunicador social’ presta, ainda, outros tipos serviços: recebeu um recado de uma senhora para ser transmitido a outra pessoa; deu carona a uma moça, que caminhava pela estrada, preocupado com o forte sol que lhe castigava a pele. Dionísio justificou a ‘solidariedade’ do pau-de-arara:

— Ela não pagou porque ia andar bem pouquinho no pau-de-arara; pra não pegar aquele solzão todo na cabeça, o motorista mandou ela subir.



Figura 64: A moradora corre para dar um recado

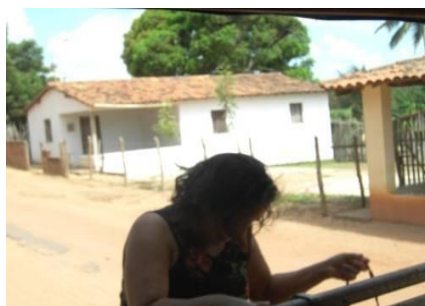


Figura 65: A caronista.

A viagem no pau-de-arara não é mais confortável do que a viagem no carro-lotação, mas é menos perigosa. Devido à estrada de terra, com piçarra, e aos bancos feitos com ripas de madeira, esse veículo trepida muito, fazendo com que nossas cabeças alcancem o teto do caminhão. E, por ser aberto nas laterais da

carroceria, os passageiros ‘comem’ muita poeira na estrada. Esse meio de transporte, contudo, tem algo muito mais interessante: é palco de um *metateatro*⁷⁵, com personagens e suas histórias de vida para contar; um palco onde são encenados dramas sociais de seus passageiros.



Figura 66: A estrada para Almécegas.

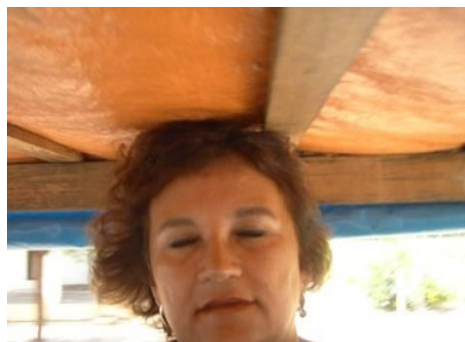


Figura 67: O desconforto.

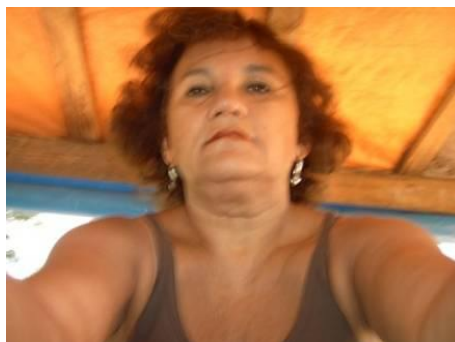


Figura 68: A investigadora segura-se firmemente no pau-de-arara.

As fotos da investigadora mostram o desconforto da viagem no pau-de-arara. A trepidação, devido às péssimas condições da estrada, faz com que ela bata com a cabeça no teto do transporte.

⁷⁵ Expressão tomada de empréstimo de Turner (1974).

Além disso, é necessário fechar os olhos por conta da nuvem de poeira provocada pela ventania.



Figura 69: Uma igreja no caminho do povoado.

Outra curiosa função do pau-de-arara foi a parada para que o passageiro José pagasse uma dívida de R\$ 50,00, feita ao pai do garoto que aparece ao fundo, na foto abaixo:



Figura 70: O pagamento da dívida.

Depois de pagar sua dívida, José olhou para a investigadora e disse:

— Eu tava devendo 50⁷⁶ conto pro pai dele. Eu diche que pagava hoje, e

⁷⁶ Por 50 conto entenda-se R\$ 50,00 reais, moeda brasileira.

paguei. Palavra também é dívida; eu paguei duas vez: com dinheiro e com a minha palavra.

Com base nas reflexões bakhtinianas, em *Hacia uma filosofia del acto* (1997), José pensou o pensamento de fazer a dívida, pensou o pensamento de pagá-la, assinou pelo seu ato e, como sujeito-ético, pagou a dívida.

Após narrar a sua história sobre a dívida feita e a palavra dada, José gargalhou, orgulhoso de si, de sua honestidade, de seu brio nordestino – até a gargalhada de José constitui um ato-ético assinado – . Dionísio, por sua vez, afiançava tudo que o amigo dizia com um balanço positivo da cabeça – inclusive a gargalhada – , endossando, também eticamente, a assinatura do ato de José.

Mas a incumbência do pau-de-arara ainda não chegara ao fim. Tinha mais. Tratava-se, agora, de dar uma notícia de morte a uma senhora, com idade já bem avançada ou aparentemente avançada, talvez, devido à exposição diária ao forte sol, durante as longas caminhadas, o que provoca um envelhecimento precoce da pele. Os adultos aparentam mais idade por esse motivo e os mais jovens menos idade, por conta da desnutrição. O motorista buzinou em frente a uma casa, recuada da estrada, para chamar a atenção de um casal que descansava na varanda. A mulher encontrava-se deitada em uma rede, e o homem, também aparentando idade avançada, sentado em um banco. O casal demorou para entender que o chamado era para eles. Em razão disso, José acenou com a mão; a mulher levantou-se da rede com dificuldade e, apoiando-se a um bastão, feito com um galho de árvore, veio até o caminhão – o homem apenas olhou em direção ao pau-de-arara –.



Figura 71: Uma moradora dirige-se ao pau-de-arara



Figura 72: José dá a notícia da morte do cunhado da moradora

José a cumprimentou. Dionísio, também, tirando o chapéu:

- Bom dia comade! Tá passando bem?
- Com a vontade de Deus.
- A senhora já sabe do cumpade Zé?
- Seio que tá no hospitá.
- Ele num resistiu, cumade. Deus levou.
- Num diga, cumpade. Que Deus o tenha!
- A senhora vai pro funeral?
- Num posso cumpade, eu também num tô bem... Olha a

minha perna! Viu como eu custei pra sair da rede e chegar até aqui? Eu fazia muito gosto de ir mesmo, mas num posso.

— Eu explico pro pessoal, cumade. Num se avexe não. Inté mais vê.

— Inté, cumpade, vai com Deus.

— Amém.

A pessoa que falecera era cunhado dessa senhora. Ela usava um vestido preto, o que significa sinal de luto⁷⁷ por um parente próximo que perdera há pouco tempo.

Depois de dar a notícia de morte, o pau-de-arara para mais uma vez. Agora, para a passageira que estava no banco da frente descer.



Figura 73: O motorista ajuda a passageira idosa a descer

E continua a viagem. Em dado momento, José percebe o relógio de Dionísio e os dois iniciam um diálogo:

⁷⁷ No interior do Nordeste, em lugares pequenos, como o povoado de Almécegas, ainda faz parte da cultura local velar-se o defunto – como eles costumam dizer – na própria casa, e usar luto, com roupa preta, durante, pelo menos, quatro meses.

— Cumpade, esse seu relógio é novo, disse José.
— Não é novo, nem velho. Mais num faiz muito tempo que comprei, não.
— É bom? Trabaia Bem?
— Se é... Nunca atrasou. Que hora é no teu?
— 12 e quinze.
— Tá igual no meu... Olha. O teu é mais novo que o meu?
— Eu num sei quando o cumpade comprou o seu, mas o meu foi nas festas de fim de ano. O meu também é bom.... Parece com o seu.
— Eta máquina boa, nunca me deixou na mão... Num para por nada! Disse Dionísio.
— O meu também.

José virou-se para a investigadora e disse:

— Professora, já que a senhora tirou tantos retratos da gente, tira um dos nosso relógio.



Figura 74: Dionísio e José mostram seus preciosos relógios.

A viagem prossegue por mais alguns quilômetros, quando chega o fim do trajeto para Dionísio. Ele se despede de todos e tira o chapéu, quando se dirige à investigadora; depois, pega suas

compras e some em meio à vegetação, a caminho de sua casa.
[Espero encontrá-lo na minha próxima ida a Almécegas].



Figura 75: A agilidade de Dionísio.



Figura 76: Dionísio pega suas compras.



Figura 77: Dionísio vai em direção de sua casa.

A próxima parada é na casa da mãe do motorista, pois ele precisa cumprimentá-la, saber como ela está. A mãe vem ao encontro do filho e os dois conversam rapidamente:

— Bênção, mãe!

— Deus te abençoe, meu fio.

Falavam baixo. Não escutei tudo, mas entendi quando mencionou a professora que estuda na Espanha. Após alguns instantes, ele trouxe a mãe para apresentar-me. Perguntei a Francisco se poderia tirar uma foto dos dois. Quando soube que seria fotografada, a mãe do motorista soltou os cabelos, penteando-os com as mãos.



Figura 78: Francisco apresenta sua mãe.



Figura 79: A mãe de Francisco solta os cabelos para ser fotografada

A penúltima parada foi na casa de um morador, que encomendara ao pau-de-arara um rolo de arame farpado. Logo em seguida, chegamos ao meu destino, a Escola de Ensino Fundamental Santa Luzia, principal local de minha observação participante a respeito da Internet. Nesse momento, José, que continuaria a viagem, esperou que eu descesse, para entregar-me a minha mochila [também gostaria de revê-lo].



Figura 80: José entrega a mochila da pesquisadora

Nessa parada, sobem algumas crianças. Aqui, termina a minha primeira travessia no pau-de-arara. Quanto ao seu motorista, provavelmente, o reencontrarei, pois é irmão do ex-aluno, David, instrutor de informática da escola.

6.4 A segunda visita à Escola de Ensino Fundamental Santa Luzia

Fui recebida pela professora Antonia que, timidamente, conduziu-me ao novo laboratório de informática, já concluído, enquanto aguardaria a chegada do professor Raulindo.

6.4.1 Um gesto *desbotado*⁷⁸

No momento em que acompanhava a professora Maria Apolônio, em direção ao laboratório, passei por uma sala de aula, onde estava a professora Elidiane, dando aulas de reforço para alguns alunos. A professora não me cumprimentou, fingindo não me ver. Apesar disso, esperei que, após o término de suas aulas, fosse ao laboratório cumprimentar-me, falar comigo. Isso não aconteceu, o

⁷⁸ Expressão que Geertz tomou de empréstimo de Ryle (Geertz,1989)

que me causou estranhamento; afinal, por ocasião da minha primeira ida a essa escola, ela fora a mais receptiva de todos, a mais falante. Ademais, todas as vezes que telefonei⁷⁹ de São Paulo ou de Fortaleza, para falar com Raulindo, era ela quem sempre atendia às ligações e de maneira muito atenciosa.

6.4.2 Um cartaz anuncia a visita da investigadora

A segunda visita da pesquisadora à E.E.F Santa Luzia foi informada aos professores, por meio de um cartaz-comunicado, elaborado pelo professor Raulindo.

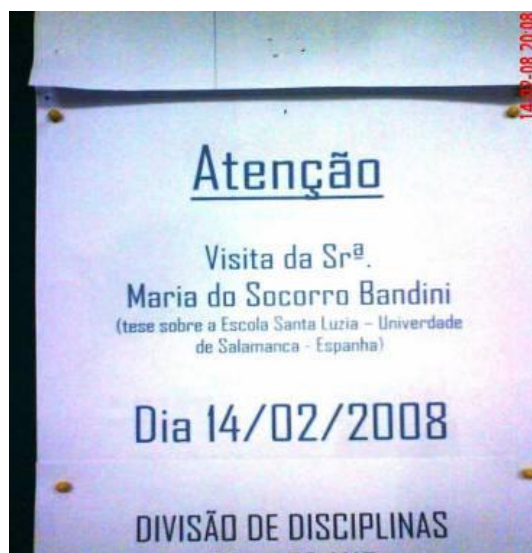


Figura 81: O cartaz comunica da visita da investigadora.

⁷⁹ Observamos que a escola não tem linha telefônica própria, mas um telefone público, que serve também à comunidade.

6.4.3 O novo laboratório

A seguir, a primeira foto mostra o atual Laboratório de Informática, local onde a investigadora se reuniu com alguns professores e Raulindo. As três fotos posteriores mostram alguns ângulos da rádio da escola, conquista relacionada à Internet.



Figura 82: A amplitude do novo laboratório.



Figura 83: Equipamentos da rádio-escola.

A professora Maria Apolônio deixou-me no laboratório e foi chamar o secretário da escola Antonio, que me recebeu com a mesma atenção e interesse pelo meu trabalho, demonstrando certo orgulho, pelo fato de seus depoimentos contribuírem para a minha investigação de doutorado. Enquanto Raulindo não chegava,

252

conversamos sobre a escola, a Internet, as mudanças ocorridas, como a introdução da Rádio Escolar. No entanto, por uma questão hierárquica, nada foi registrado, oficialmente, pois, segundo eles, era necessário aguardar o diretor da escola, Raulindo, para que eu iniciasse meu trabalho de campo. Por esse motivo, até esse momento, foram apenas anfitriões.

Raulindo chegou, desculpando-se pelo atraso, pois participara de duas reuniões na Secretaria de Educação: uma com o próprio secretário e outra com a coordenação pedagógica da secretaria. Segundo ele, Trairi estava um *rebolicho* só e o motivo disso era a anunciada chegada do embaixador americano, bem como do representante do Banco Mundial, instituição que contribui para o projeto *Tonomundo*. Raul interrompeu a sua própria fala para dizer que já passara da hora do almoço e perguntou-me se poderíamos comer primeiro, pois acordara muito cedo e *estava morrendo de fome*. Convidou-me para almoçar com ele.

— Maria, podemos ir conversando, enquanto o almoço fica pronto. Tudo bem?

Concordei e ele passou a falar das mudanças, desde a minha primeira visita, iniciando pela Rádio Escola Santa Luzia:

— Mais uma melhoria para a escola, por conta da Internet. Lembra, Maria do Socorro, que quando você veio aqui a primeira vez, você me perguntou se a Internet no povoado era transformadora social? Lembra que eu falei que ela trouxe a coleta de lixo, a luz elétrica; que ela mudou a consciência política da comunidade, porque agora eles sabem reivindicar as coisas? Pois é, agora, veio a rádio.

Outra vez Raulindo interrompeu sua fala, devido à chegada do almoço:

— Pronto, o almoço chegou, disse Raulindo.

6.4.4 O almoço na escola



Figura 84: Raulindo e a investigadora almoçam.

Raulindo desculpou-se pelo *fraco almoço*, *mas era o que havia na escola de mais rápido para se fazer*, disse. Um prato pronto, com um pouco de arroz e farofa de grão de soja. Essa refeição, apesar de um pouco seca e quase sem temperos, muito me agradou, pois sou vegetariana. Confesso que tive receio que servissem qualquer tipo de carne, em especial de bode, de carneiro; ou ainda, de frango criado em casa, solto no quintal; por ser assim criada, essa ave come tudo que encontra pela frente, inclusive, insetos; é conhecida como frango caipira. Ressalto que as carnes de vaca, carneiro e bode são alimentos raros na mesa dessa comunidade. A base da alimentação dos alunos e professores é fornecida pela prefeitura de Trairi. Em época de grande seca,

entretanto, a alimentação recebida é o chamado alimento seco: grãos, cereais, biscoitos. Além desse prato, foi servido um refrigerante, cuja marca desconhecia.

Além do receio de que servissem algum tipo de carne, a mim me preocupava, também, ter de recusar algo que não costumo comer, pois esse tipo de atitude poderia ser interpretada como ofensa, rejeição.

Enquanto comíamos, conversávamos. Segundo Raul, teríamos de aproveitar aquele momento porque, às 15:30, faria uma reunião com alguns alunos do projeto. Quis saber por que Antonio e a professora Maria Apolônio não almoçavam conosco. Raulindo respondeu que já tinham almoçado na cozinha, pois ficaram com vergonha de comer na minha companhia: *para esse tipo de situação eles são tímidos*, disse Raulindo.

6.4.5 Um estranhamento

Embora tivesse avisado sobre a minha visita, com uma antecedência de dez dias, Raulindo se esqueceu de convidar os alunos e professores, entrevistados pela imprensa, em 2004, conforme lhe solicitara. Meu objetivo com isso era saber se eles ainda tinham os mesmos pontos de vista apresentados naquela ocasião. Quanto aos professores, estes foram avisados, mas apenas dois permaneceram na escola: Maria Apolônio e Elidiane; esta, no entanto, não quis participar de minha investigação, o que não me causou estranhamento, pois, como já disse, sequer cumprimentou-me no momento de minha chegada. Perguntei a Raulindo se teria acontecido algo com ela:

— Acontecer, não aconteceu nada. Você sabe como é; nem sempre as pessoas reagem da mesma forma. Eu acho que é má-vontade, falta de colaboração; e não é só com você não. Você não sabe como é difícil conseguir alguma coisa aqui. Com o Antonio a Maria Apolônio é diferente. Você viu. Eles te atenderam, quando eu nem estava aqui, e estão até agora aqui com a gente.

Essa indiferença de Elidiane me reporta a Malinowski, quando este estudioso afirma que o pesquisador depende da generosidade do seu informante, sem a qual não alcança os objetivos de suas observações:

A pesquisa etnográfica, por sua própria natureza, exige que o pesquisador dependa da assistência e auxílio de outros, o que ocorre muito mais freqüentemente na etnografia do que em outros ramos científicos (In: *Os Pensadores*, 1978, p. 16).

6.4.6 As entrevistas filmadas

Após o almoço, a investigadora entrevistou o professor Raulindo, a professora Maria Apolônio, o secretário Antonio e o ex-aluno David. Os textos completos da transcrição dessas entrevistas encontram-se no Anexo desta tese; devido às longas falas de alguns entrevistados, em especial do professor Raulindo, apresentamos, a seguir, apenas os fragmentos relevantes para a análise do significado de importância da Internet.

6.4.7 Entrevista com Antonio

Investigadora:

— Antonio, passado um ano de minha primeira visita ao povoado, você continua representando a Internet como transformadora social?

Antonio:

— Na verdade, a educação por si só, ela já tem um papel social muito profundo em qualquer setor da comunidade. E quando na educação existe uma ferramenta tão importante como a Internet, essa responsabilidade social aumenta e muito. No caso da nossa comunidade não é diferente. Aqui, a gente continua como transformador social, por meio da Internet, que é um meio de comunicação muito forte; é bem mais fácil a gente reivindicar nossos direitos, mostrar também para os alunos seus deveres de ir buscar os seus direitos, junto aos órgãos sociais públicos e órgãos privados, que tem ajudado muito a nossa escola e a nossa comunidade como um todo. Hoje nós trabalhamos muito no social, com a questão ambiental; a energia solar por si já representa uma questão ambiental e a gente faz questão hoje mesmo, depois da chegada da energia elétrica, de manter a energia solar, por uma questão econômica, economizar energia, principalmente, pela questão educacional, ambiental, dentro da escola. Isso representa um fator claro e direto para os alunos. É bem mais forte pra eles presenciarem esse fator aqui dentro da escola do que simplesmente estudar em livros a questão do meio ambiente e preservação. Então, se torna muito mais prático e eficiente quando eles convivem com essa questão ambiental dentro da escola. E também não deixa de ser um fator social muito importante pra comunidade, hoje, que é a questão ambiental, muito além de uma questão educacional, porque é também uma questão de sobrevivência social.

Investigadora:

— Você tem observado, nesses quase cinco anos, mudança de hábitos comportamentais, sociais, nos alunos, professores e demais funcionários da

escola, bem como na comunidade? Essas mudanças têm a contribuição da Internet?

Antonio:

— Com certeza. O desenvolvimento de qualquer ser humano inicia com a comunicação. Nossos alunos, antigamente bem reservados – eu posso até ser um pouco radical, mas é a realidade –, eles eram bem primitivos, mas com a chegada da Internet eles começaram a se comunicar entre si e até entre outras pessoas de estados diferentes do Brasil e até de outros países. Então, aí, começou todo o desenvolvimento pela comunicação, porque é o fator principal de desenvolvimento ser humano. Então, eles começaram a se desenvolver intelectualmente, na questão de se expressar com outras pessoas, de buscar temas na Internet para estudar e divulgar, conhecimentos gerais, como um todo. Foi um desenvolvimento completo para os alunos e até para a comunidade, porque, quando os alunos saem da escola, com o conhecimento, eles passam para seus pais, seus irmãos, e foi expandido o conhecimento na comunidade, que até então era muito difícil chegar na comunidade. A chegada da Internet, na nossa escola, não é assim um fator que veio como novidade para todo mundo e depois todo mundo saiu. Ela continua sendo uma novidade até hoje. A gente consegue muitos projetos, consegue fazer eventos, por meio dela, porque também ela é uma ferramenta muito importante; fazemos projetos de grande valor; por exemplo: temos aqui uma rádio-escola e foi através dela que tivemos contato com uma ONG, em parceria com a Internet, porque, na verdade, ela é uma rádio-web, ela serve tanto pra entretenimento como para pesquisa, e na verdade uma rádio não tem só a função de música e entretenimento, ela tem também a função pedagógica para debates, com a sala de aula, debates com professores e alunos e divulgação de eventos pra comunidade. Temos aqui uma rádio-escola, graças a Internet, que contribuiu para fazermos contato com essas ONGs e é isso que a gente pretende continuar, buscando novos projetos pra escola e pra comunidade e não deixar que outras coisas venham a substituir o valor da Internet, em uma comunidade, em uma escola, principalmente, o valor pedagógico da Internet.

6.4.7.1 Entrevista com a Maria Apolônio

Maria se apresenta:

— Meu nome é Maria Apolônio da Silva. Sou professora da Educação Infantil, Maternal Pré 1 e Pré 2. A Internet trouxe uma parte boa pra gente, porque ela ajuda a gente a pesquisar novos estudos pra criança. Por exemplo, na Educação Infantil, eu pesquiso pequenos vídeos pra passar pra eles, pesquiso o modo de como repassar a Educação Infantil pra eles. Então, ela favorece muito a gente. Nesses quatro anos, foi muito rico a presença da Internet na Escola.

Investigadora:

— Como transformadora social, já sabemos algumas melhorias que a Internet trouxe para comunidade e para a escola. Mas, você acha que essa transformação social, pela Internet, tem tido continuidade?

Professora Maria Apolônio:

— Sim, porque com a vinda da Internet os alunos conheceram o mundo, que não conheciam antes, o mundo virtual. Eles pesquisam pra fazer as tarefas escolares. E, agora, com a radio, eles estão super desenvolvidos, toda semana eles estão aqui pra fazer o programa de radio deles. Eu sinto que eles se desenvolveram muito e há mais integração entre a comunidade e a escola, porque, através da Internet, a comunidade se integrou mais na escola, porque tem o laboratório e esse laboratório a gente usa pra fazer vários tipos de pesquisa, a comunidade vem pra escola pra saber alguma coisa. No tempo do cadastro do CPF, a comunidade vem pra fazer o cadastro, não paga nada; então, melhorou muito a integração da comunidade com a escola.

6.4.7.2 Entrevista com o professor Raulindo

Investigadora:

— Raulindo, nesta minha segunda visita ao povoado de Almécegas, gostaria que você falasse, mais uma vez, sobre o que a Internet significou e continua significando para a escola e para a comunidade. Ela é uma transformadora social?

Raulindo:

— Quando a Internet chegou na escola ela conseguiu abrir um leque de informação e conhecimento muito grande e a comunidade chegou junto da escola. A Internet social porque a comunidade entrou junto pra construir o laboratório de informática, com as nossas ONGs, que são parceiras, e a prefeitura de Trairi. Envolveu a comunidade dentro da escola, a informação ficou mais rápida, mais precisa, ela ficou democrática, a informação, porque todo mundo tem acesso a esse laboratório, à Internet: os alunos, os professores, a comunidade vem aqui se informar. Os alunos, como já falei, tem uma fonte de pesquisa muito grande, os professores, eles participam, mesmo que não usem a Internet eles usam o computador para elaborar as suas provas; usam a Internet pra pesquisar suas aulas; às vezes, o livro didático tem um link, então eles vêm aqui e pesquisam, eles entram nesse site e cresce mais ainda as suas aulas, conhecem mais sobre suas aulas; nós tivemos recentemente, em 2007, o projeto *Damas*; foi um projeto inteiramente online, alunos da escola de Almécegas jogavam com alunos do Rio de Janeiro. A Internet possibilitou esse intercambio.

— E não era apenas um jogo; os alunos se apresentavam, diziam o nome, idade, em que série estavam, perguntavam para o outro: — como é a sua cidade? — Ah, eu moro na zona rural, na zona urbana. — E qual é a diferença? Então eles viam as diferenças entre as cidades; houve uma grande interação entre esses alunos, entre saber o que era uma zona rural e a zona urbana; a gente conseguia perceber a diferença entre alunos da zona rural e urbana no Rio de Janeiro. Logo em seguida a esse jogo, inclusive, o vencedor foi a escola Duque de Caxias, do Rio de Janeiro, o segundo lugar foi daqui de Almécegas e o terceiro lugar foi também da Duque de Caxias de Caxias. E esse projeto teve toda uma parte

pedagógica, porque eles iam pesquisar a origem do jogo de damas, quem criou o jogo de dama, fazer redações, publicar no *blog* da escola, discutir. Mas a Internet é isso aí. Ela possibilita essa informação, a democratização do conhecimento, que acho é o mais importante, porque todo mundo pode acessar, adquirir conhecimento.

— E mudou, justamente, essa questão de Almécegas, esse trabalho não ficou só em 2003, ele tá até hoje, graças a Deus, tá dando certo, e a gente tá continuando esse projeto. E nós estamos sendo reconhecidos, inclusive por essa tese, é um reconhecimento do nosso trabalho, divulgou Almécegas. Ela [refere-se à investigadora] tá vindo lá de Salamanca, na Espanha, para fazer a tese sobre a nossa escola, que é uma honra pra gente. Porque é um reconhecimento do nosso trabalho, que mostra que a Internet pode, realmente, modificar vidas, comunidades. E, futuramente, nós estaremos recebendo, também a visita do embaixador dos Estados Unidos, agora, no final de fevereiro, para realmente conhecer esse projeto, pra saber, pra ver como esse projeto da Internet, à energia solar, que somos o 1º do Brasil, modificou a realidade da escola, a realidade pedagógica da escola, a realidade social, a realidade cultural da comunidade de Almécegas. Inclusive, à continuação da Internet, nesse laboratório de informática, veio junto a radio-escola, que é uma radio feita, também pelos alunos. Nós ganhamos esses equipamentos da ONG Catavento, comunicação e educação, porque a gente já fazia esse trabalho e de divulgação pela Internet, no nosso portal e agora a gente tá continuando na radio e o nosso trabalho, o nosso produto vai ser divulgado pelo nosso portal.

— Então, a radio-escola é resultado da Internet na nossa escola. Com a Internet houve um aumento da autoestima da população, dos nossos alunos. Hoje, se você comparar a postura dos nossos alunos, em 2003, antes da chegada da Internet, e a postura atual, você percebe a diferença. Antes, os alunos eram acanhados, não se manifestavam; era complicado a gente trabalhar porque eles tinham vergonha de falar, de perguntar. E hoje – não que a Internet seja uma varinha de condão, que tocou e transformou cem por cento, porque a gente sabe que a educação é um processo lento, é gradativo, que demora bastante – ; mas melhorou. Hoje, percebemos que o aluno, a comunidade em si, os professores têm a autoestima elevada. O aluno se expressa melhor, ele escreve melhor; isso

já mudou; podia ser melhor, mas tá melhorando; já é valido. Hoje, a gente percebe aluno, na sala de aula, melhorou, porque isso aqui [aponta para o laboratório e seus equipamentos] conseguiu possibilitar isso; a Internet conseguiu trazer conhecimento pra ele se expressar melhor, procurar, pesquisar, que fosse descobridor de seu próprio conhecimento. Lógico, que tem toda uma orientação da gente; eu, como coordenador desse projeto e coordenador da escola; tem o Antonio, que ajuda, também; os próprios professores, que vêm aqui . O professor de historia vem pra cá e elabora uma aula pela Internet, o vídeo é visto aqui, ao vivo, em tempo real. Então, Internet trouxe toda essa informação, conhecimento cognitivo, conhecimento de mundo. Então, a Internet é sim, uma transformadora social.

6.4.7.3 Entrevista com o ex- aluno e atual Instrutor de Informática, David

A investigadora solicita que David fale sobre o que a Internet ainda representa, não apenas para a escola, mas também para o povoado de Almécegas.

— Quando recebemos a Internet, em 2003, pensávamos que era coisa de momento. Não era. Ao passar dos meses, dos anos, o pessoal da comunidade passou a frequentar a escola para usar a Internet, tirar seu CPF e, além disso, passou a vir mais projeto, através da Internet. Outro item fundamental e importante é que a partir de 2003, os alunos tiveram mais empenho para aprender a se expressar melhor e, além disso, os professores tiveram mais oportunidade, mais uma opção, com essa ferramenta, para facilitar mais o ensino. Como meus alunos de informática são mais idoso, passam o dia trabalhando, chegam aqui cansados, quando chegam aqui no laboratório, tem uma autoestima melhor, porque vê foto, sabem mais coisas, tem mais aprendizado. Retornam, no outro dia, mais animados, querendo aprender mais.

6.5 Interpretando as entrevistas

O objetivo das entrevistas realizadas era constatar a persistência das significações de importância da Internet como transformadora social. Tais significações sinalizam esse papel da Internet nas manifestações discursivas dos entrevistados.

6.5.1. Na visão de Antonio, a Internet:

- é ferramenta importante que aumenta a responsabilidade social.
- é meio de comunicação muito forte, permite que o educador continue como transformador social, facilitando a reivindicação de direitos junto aos órgãos sociais públicos e privados.
- contribui para a mudança de hábitos comportamentais e sociais: os alunos saíram da condição de primitivos, tendo sido desenvolvidos pelo poder de comunicação dessa tecnologia. O desenvolvimento foi intelectual, na questão de se expressar com outras pessoas, de buscar temas na Internet para estudar e divulgar; um desenvolvimento completo para os alunos e até para a comunidade, porque os alunos expandiram os conhecimentos apreendidos pela Internet para os pais, irmãos e comunidade.
- tem valor pedagógico.

6.5.2 Para Maria Apolônio, a Internet:

- contribuiu para o desenvolvimento dos alunos
- aumentou a integração comunidade-escola
- presta serviços sociais, como o cadastramento do CPF.

6.5.3 Raulindo entende a Internet como transformadora social porque:

- abriu um leque de informação e conhecimento muito grande.
- trouxe a comunidade para a escola, promovendo maior integração e envolvimento; a construção do novo laboratório de informática é um exemplo disso.
- democratizou a informação.
- possibilitou intercâmbios entre os alunos de Almécegas e do Rio de Janeiro
- modificou vidas, comunidades, a realidade da escola, a realidade pedagógica da escola, a realidade social, a realidade cultural da comunidade.
- trouxe radio-escola, feita pelos alunos.
- elevou a autoestima da população, dos nossos alunos, dos professores.
- os alunos perderam o acanhamento e passaram a se expressar melhor, escrever melhor.
- permitiu que o aluno fosse descobridor de seu próprio conhecimento
- trouxe o conhecimento cognitivo e o conhecimento de mundo.

6.5.4 O ex-aluno David, por sua vez, assim representa Internet:

- é prestadora de serviços sociais: cadastramento do CPF
- integrou a comunidade com a escola
- contribuiu para que os alunos tivessem mais empenho para aprender e se expressar melhor
- é outra ferramenta, facilitadora do ensino
- é motivo de ânimo para a aprendizagem dos mais velhos que, mesmo cansados, pelo dia trabalhado, à noite, estudam informática.

6.6 Um ruído

Raulindo, após falar de maneira entusiastamada, sobre os benefícios trazidos pela Internet, assumiu um ar de seriedade, ou mesmo de preocupação, para dizer que as coisas não estavam tão bem, quando da minha primeira visita. Parecia incomodado, constrangido:

— Sabe, Maria do Socorro, as coisas mudaram um pouco. É que a Internet, você sabe, trouxe a luz elétrica e também a televisão. Mesmo que sejam poucos os que têm televisão, quem não tem vai na casa de quem tem. E o que é que acontece: tem o jogo de futebol, programa de auditório, filme... Então, já tem aluno do projeto Tonomundo que inventa que tá doente, com dor de barriga, dor de cabeça, pra não fazer as atividades do projeto, na Internet, e vai assistir televisão.

Para Raulindo era difícil entender que, assim como a Internet implica uma inovação para esses alunos, a televisão também o é.

Raulindo interrompeu a sua fala para comunicar-me que, às 17:00, sairia de Trairi o último transporte para Fortaleza; comunicou-me, ainda que, àquela hora, 14:45, não havia mais transporte de Almécegas para Trairi. Restava-me, então, pegar uma carona numa moto, emprestada por uma professora, para que David me levasse a Trairi, por R\$ 10,00.

Em razão dessa interrupção de Raulindo, necessária pelo fato de eu não poder dormir em Trairi, onde há apenas duas pousadas, e não fizera reservas, – em Almécegas não existe nenhum tipo de hospedagem – a continuidade da nossa conversa se dará na minha próxima visita.

6.7 A volta na motoca⁸⁰

A moto que me levaria a Trairi é de propriedade da professora Elidiane [de Elidiane?], informou-me David. Raulindo leu no implícito de minha interrogação e, prontamente, respondeu-me:

— Não se preocupe, Maria, ele vai dividir o dinheiro com ela, ironizou.

— *Vamos, professora! Senão, a senhora não vai chegar a tempo para pegar o lotação*, alertou-me David, entregando-me um capacete. Em seguida, passou a ensinar como eu deveria equilibrar-me na moto:

— *Se eu fizer uma curva pra direita, quando eu virar o corpo pra direita, a senhora vira o seu também.*

Bem que eu sabia disso, pois não seria a primeira vez que andaria numa moto. No entanto, não quis tirar o encanto de seu protagonismo. Subi na moto, não sem antes pedir a Raulindo que registrasse esse momento com a máquina fotográfica.

⁸⁰ Termo por eles utilizados para designar uma moto, quando esta é considerada pequena, não potente.



Figura 85: A volta na motoca.

Com esse registro fotográfico finalizamos o capítulo 6. No próximo, o olhar da investigadora para Almécegas e suas implicações socioculturais é mais duradouro, posto que lá permaneceu por dois dias. Assim, foi-lhe possível *situar-se* mais ainda na cultura desse povoado e, especialmente, verificar se as significações de importância da Internet, na visão das pessoas observadas nas duas visitas anteriores, mantêm-se persistentes em suas representações.

CAPÍTULO 7 – O TERCEIRO *OLHAR*

Se é possível, e até necessário, *distinguir* aquele que observa daquele que é observado, parece-me, em compensação, impensável dissociá-los. Nunca somos testemunhas objetivas observando sujeitos, e sim observando outros sujeitos (Laplantine, 2007, p.169-70).

7. O terceiro *olhar*

7.1 A travessia no carro-lotação.

Nos dias 16 e 17 de junho de 2009, a investigadora faz a sua terceira viagem para Almécegas. Desta vez, a estrada não parecia uma rinha. O motorista do carro-lotação, que transporta a investigadora, é um senhor de, aproximadamente, 60 anos, que dirige de forma responsável e tranquila; seu carro apresenta bom estado de conservação. Seu nome é João.

Além da investigadora, quatro pessoas também vão para Trairi: uma no banco da frente e três no banco de trás. O motorista conhece o passageiro do banco da frente. Uma conversa entre eles chama a atenção da investigadora, que passa a fazer anotações sobre essa conversa:

Motorista:

— Você conhece algum grupo de reisado? Tô fazendo um trabalho de resgate da memória de Trairi, um resgate da história de Trairi. Quero também encontrar objetos antigos que mostrem o passado histórico de Trairi. Se você conhecer alguém que tem me avise.

— Conheço sim, e dos bons, é muito bonito.

— Um dos objetivos disso é que pode aparecer algum estudante interessado em conhecer a história de Trairi e não temos. O que nós tínhamos sumiu tudo.

Essa demonstração de interesse pela cultura de Trairi que chamou a atenção da investigadora. Os dois conversam, também,

sobre as péssimas condições da estrada, a difícil situação dos motoristas de caminhão de cargas, o tipo de vida que levam. Observam as pedreiras que surgem, cruelmente desgastadas pela falta de ética do homem. Quando percebem a presença de alguns tratores na estrada, motorista e passageiro lamentam:

— Pouco a pouco a máquina substitui o homem. É máquina pra cavar e para pra tirar a terra.

— E pra levar também, completa o passageiro da frente.

Em outro momento, disse o motorista:

— Foi tanta chuva nesses meses que essa mata que você tá vendo aí ficou toda embaixo d'água, só apareciam as pontinhas da mata.

De repente, o motorista muda o tema da conversa e passa a falar de uma Maria José, que ambos conhecem:

— É... A Maria José resolveu encontrar um camarada pra viver com ela.

— Pois num é! Ela ainda é nova, viúva... É bom que arrume a sua vida. Ele é um cabra trabalhador, tem mais ou menos a idade dela, disse o conhecido de João.

Um caminhão carregado com telhas ultrapassa o nosso carro. João comenta:

— Em Trairi não fazem telhas.

— Só tijolo, disse o passageiro da frente.

— Essas aí devem ser de Russas.

Os olhos observadores de João, bem como do passageiro da frente, demonstram a consciência político-social dos dois, implícita nessas manifestações discursivas, no tocante à preocupação com a preservação da natureza, a substituição do homem pela máquina, à Maria José.

7.2 A parada para um caldo

O motorista resolve dar uma parada para tomar um caldo.



Figura 86: O restaurante.

A investigadora aproxima-se de João, enquanto este espera o caldo que solicitara:

— O senhor não se importa de conversar um pouco comigo? Sou professora e estou pesquisando sobre a Internet, em Almégas, para o meu curso de doutorado em Salamanca, na Espanha. Achei muito interessante a sua conversa com passageiro da frente sobre o resgate histórico de Trairi. O senhor desempenha algum papel cultural lá?

— Eu sou coordenador de cultura na prefeitura de Trairi. Já fui Secretário de Cultura e por isso tenho esse interesse. Sou aposentado da rede ferroviária.

João convidou a investigadora para ir à Secretaria de Cultura de Trairi: *certamente, o Secretário Márcio gostaria de conhecê-la, de saber sobre a sua pesquisa*, afirma João.

O caldo de carne chegou e a investigadora afastou-se para que João ficasse à vontade.

7.3. Uma demonstração de solidariedade

A investigadora observa as duas passageiras que dividiam o banco de trás com ela. A mais jovem, à frente na foto abaixo, também pede um caldo e, ao saber que a senhora, sentada ao fundo, não tinha dinheiro, para comprar algo, pede um para ela também, numa demonstração de solidariedade.



Figura 87: Duas passageiras tomam um caldo de carne.

7.4 A chegada em Trairi

7.4.1 Conhecendo a Secretaria de Cultura

Ao chegar à Secretaria de Cultura, a investigadora foi apresentada a Dedé Pacheco, assessor do Secretário de Cultura, Marcio, que se encontrava em reunião. O assessor convida a investigadora para ir a sua sala:

— Ela é uma professora que estuda na Espanha, Dedé. Tá pesquisando sobre o povoado de Almécegas, a Internet de lá, disse João.

Dedé solicita à investigadora informações sobre sua pesquisa. Depois, fala sobre a Internet-Almcégas:

— A Internet mudou a realidade de Almécegas, em termos de comunicação, de acessibilidade a informação, disse Dedé. Mas tem alguns problemas. Não sei se a senhora sabe, mas Almécegas é dividida por questões política-geográfica. Parte da Lagoa de Almécegas pertence ao município de Paraipaba e parte pertence a Trairi. Os eleitores também são divididos e isso impede o desenvolvimento local, do povoado, porque a Lagoa não é explorada turisticamente de forma adequada e quem sofre é a comunidade. Almécegas é dividido ao meio pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

João entra na conversa e diz:

— Não é feita a reurbanização da Lagoa, que está sendo ocupada de forma desordenada pelos barraqueiros. Eles estão até desmatando a mata e as barragens da lagoa não tem manutenção. Não sei como não aconteceu um estrago com essa chuva toda que caiu. Isso é um perigo.

— Almécegas é rico em recursos hídricos e isso não é bem explorado, acrescenta Dedé.

— É, não existe uma exploração do turismo sustentado, continua Dedé. Olha, nós também temos um projeto lá, fizemos um projeto, a semana do meio ambiente em 2007. A SEMACE – Secretaria do Meio Ambiente do Ceará - colaborou com a gente. Nós levamos para plantar na escola de Almécegas uma muda da planta Almécegas, que foi o que deu origem ao nome do povoado. Foi plantada Também uma no povoado. Pergunte lá que todo mundo sabe. A senhora pode ver a planta, se não morreu.

Após ouvir Dedé, a investigadora desculpa-se pelo fato de precisar finalizar a conversa, pois o pau-de-arara, que a levará a Almécegas, sairá em vinte minutos. Agradece, então, a atenção dispensada por João e Dedé e solicita autorização para tirar algumas fotos:



Figura 88: Secretaria da Cultura e Esporte de Trairi.



Figura 89: Assessores do Secretário de Cultura.

7.5 A terceira travessia para Almécegas no pau de arara



Figura 90: Outra viagem no pau-de-arara

O pau-de-arara saiu de Trairi as 10h00. Além da investigadora viajavam mais cinco passageiros, moradores do povoado. Dentre eles, Maria, que veio de Fortaleza no carro-lotação, juntamente com a investigadora, era uma das passageiras do pau-de-arara. Maria demonstrou curiosidade pela presença da investigadora, quando esta falou para o motorista que desceria na escola Santa Luzia, e perguntou:

— A senhora vai trabalhar na escola de Almécegas?

— Não, vou fazer uma pesquisa com professores, alunos e pessoas da comunidade a respeito da Internet.

Maria não esperou ser questionada e declarou:

— A Internet foi uma coisa muito boa para Almécegas. Agora o pessoal dão valor para o povoado porque tem Internet. Em Munguba [outro município de Trairi] não tem. As coisa que tem na escola Santa Luzia em Munguba não tem. Lá na escola tem muita coisa boa, por causa da Internet. É muito bonito ver a sala dos computador. Se aprende muita coisa boa. Almécegas agora tá na boca do povo no mundo todo e Munguba não.⁸¹

O que disse Maria sem dizer? O não-dito de Maria diz que o povoado de Almécegas tem um novo endereço, uma nova identidade social. Ademais, ganhou evidência, saiu do anonimato, viajou pelo mundo, passou a ser conhecido e comentado em outros lugares, ultrapassando fronteiras.

7.5.1 Trairi é cenário de uma tragédia

Por força do largo período de chuvas, nos meses de janeiro a junho do ano de 2009, o rio de Trairi aumenta o seu volume de água. Apesar do perigo que isso representa, o rio torna-se um espaço de lazer para as crianças, que passam a saltar da grade da ponte. Entretanto, um garoto de dez anos não foi feliz em um desses saltos e faleceu. Na foto abaixo, moradores aguardam o resgate do corpo do garoto:

⁸¹O fato de Almécegas ter recebido a visita da mídia impressa e televisiva talvez tenha levado Dona Maria a pensar que o povoado tornou-se conhecido no mundo todo.



Figura 91: À espera do resgate.



Figura 92: A forte correnteza do rio.

7.5.2 Trairi e tecnologia

Atravessamos a ponte de trairi a caminho do povoado de Almécegas. Durante esse percurso, observamos, conforme fotos a seguir, que muitas casas, apesar da aparência de pobreza, exibem uma antena parabólica, anunciando a chegada da energia elétrica e, por consequência, da televisão.



Figura 93: Casa-parabólica 1.



Figura 94: Casa-parabólica 2.



Figura 95: Casa-parabólica 3.



Figura 96: Casa-parabólica 4.



Figura 97: Casa-parabólica 5.

7.5.3 Munguba, o povoado que não *caiu na boca do povo*

O povoado de Munguba, na foto abaixo, faz divisa entre Trairi e Almécegas, citado por Dona Maria, moradora de Almécegas, que viajou no pau-de-arara com a investigadora, aquela que disse que *Almécegas tá na boca do povo*.



Figura 98: O povoado de Munguba.

7.5.4 A difícil travessia

Conforme mencionado, anteriormente, nos meses de janeiro a junho de 2009, ao contrário das grandes estiagens (períodos de seca), houve excesso de chuvas em toda a região nordestina, provocando uma situação de calamidade com alagamentos, plantações perdidas, rios transbordados, estradas estagnadas e cidades inteiras embaixo d'água. O povoado de Almécegas também foi muito atingido por esse excesso de chuvas. Nas fotos seguintes uma mostra da precariedade da estrada que leva a esse povoado.

7.5.4.1 Trechos da estrada para Almécegas



Figura 99: Estrada perigosa.



Figura 100: As consequências das chuvas.

A precariedade da estrada, escorregadia e esburacada, torna a viagem perigosa, provocando medo e insegurança nos passageiros, considerando que o pau de arara, em face de sua estrutura, com bancos formados por tábuas e uma cobertura feitas de ripas de madeira, apresenta instabilidade e desequilíbrio, quando necessita realizar manobras de curvas. Algumas vezes, ao atravessar os buracos cheios d'água, parecia que esse transporte ia virar – era assustador – . Se o desconforto já é grande, numa estrada em condições normais, nesse dia era quase insuportável.



Figura 101: A investigadora agarra-se nas laterais do pau de arara.

7.5.5 Almécegas: pobreza explícita e tecnologia

Em momento anterior, referimo-nos à presença da tecnologia parabólica, quando ainda estávamos no município de Trairi. Contudo, ao entramos no povoado de Almécegas, o contraste entre

a pobreza explícita das casas de pau a pique, uma das maiores características da exclusão social, local, e a imponência das antenas parabólicas, tal contraste chega a ser surrealista.



Figura 102: Casa de pau-a-pique e tecnologia parabólica 1.



Figura 103: Casa de pau-a-pique e tecnologia parabólica 2.



Figura 104: Casa de alvenaria e parabólica 1.

Embora algumas casas sejam de alvenaria, o paradoxo exclusão social e inclusão tecnológica não deixa de ser surpreendente ao olhar do visitante.



Figura 105: Casa de alvenaria e parabólica 2.

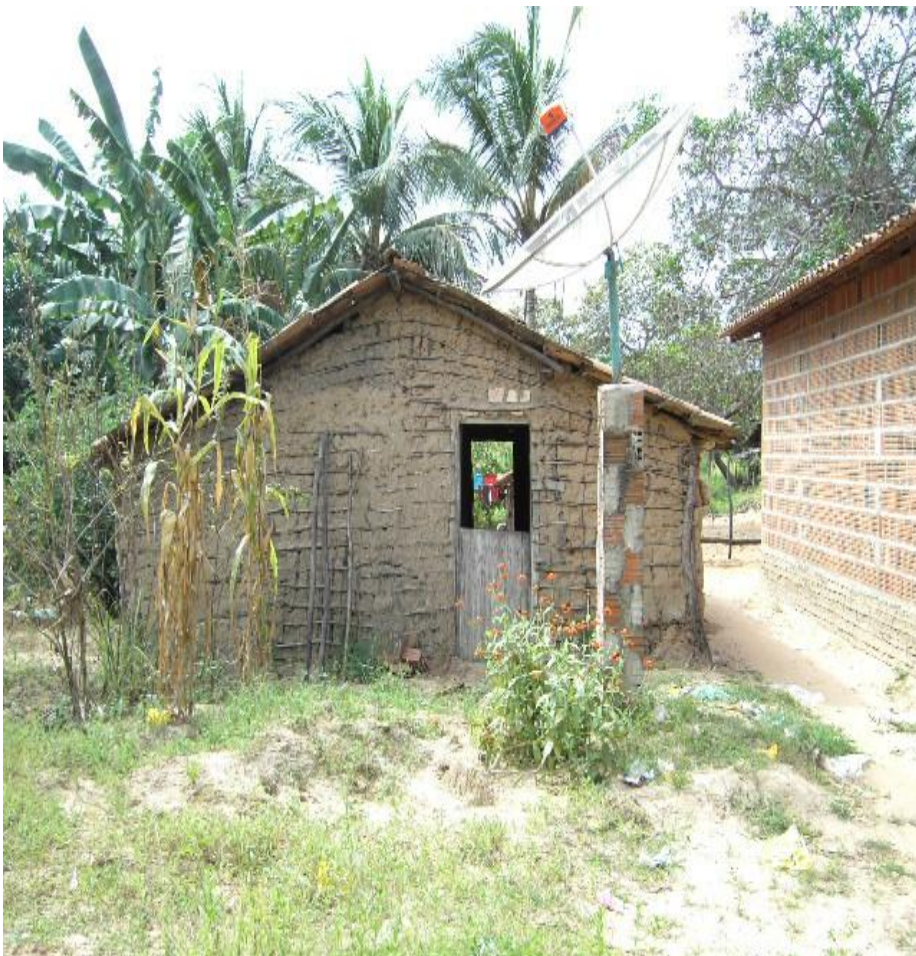


Figura 106: Pobreza explícita e tecnologia parabólica.

7.6 De volta à Escola Santa Luzia

O pau-de-arara deixa, mais uma vez, a investigadora na Escola Santa Luzia, às onze horas da manhã do dia 16.06. 2009.



Figura 107: A investigadora desce do pau-de-arara.



Figura 108: Passageiro entrega a mochila da investigadora.



Figura 109: A investigadora é fotografada por Raulindo, em frente à E.E.F.Santa Luzia.

Fui recebida pelo professor Raulindo, que me deu as boas vindas. Comuniquei-lhe que, desta vez, pousaria aquela noite em Trairi e voltaria ao povoado no dia seguinte para continuar o meu trabalho de campo e melhor *situar-me* na cultura local. Raulindo parece contente com esta notícia. Após esse contato inicial, nos dirigimos para o laboratório de informática, onde se encontra Antonio Marques, secretário escolar. Conversamos, os três, por aproximadamente uma hora e meia, a respeito do objetivo de minha terceira visita à escola e ao povoado: verificar como continua a relação Internet-escola e povoado.

7.6.1 A conversa com Sebastião

O aluno Sebastião encontra-se, também, no laboratório, navegando na Internet. Aproveitei a oportunidade para conversar com ele. Apresentei-me, falei sobre a minha pesquisa e, depois de sua concordância em conversarmos um pouco, pedi que se apresentasse:

— Meu nome é Sebastião, eu tenho 15 anos e trabalho no projeto rádio-escola

Investigadora:

— Sebastião, quando a Internet chegou em Almécegas, você tinha que idade?

— Eu tinha 10 anos.

Investigadora:

— Você se lembra esse acontecimento?

— Lembro que a Internet ficava na sala da biblioteca que é hoje. Mas eu me aprofundi mais na Internet com a chegada da rádio. Os professores ensinavam a gente a mexer na Internet, entrar, falar, até a mexer na parte técnica.

Investigadora:

— Como você utiliza a Internet hoje na sua vida?

Sebastião:

— Utilizo pra fazer pesquisas escolares, fazer programas....

Investigadora:

— A importância que você vê na Internet é só em relação a pesquisas, trabalhos de escolas, ou você vê outras importâncias?

— Ah! Vejo me divertir também, quando eu não tenho nada pra fazer em casa eu venho aqui na escola e eu faço meu espaço de lazer aqui, em vez de estar em outros lugares.

Investigadora:

— Quando cheguei aqui no laboratório, você estava navegando... Você navegava em que site?

Sebastião:

— Tava navegando no site do grupo esporte, porque a gente faz programa de esporte aqui e a gente precisa tá bem por dentro do assunto

Investigadora:

— Então você pesquisa para fazer a sua programação de rádio?

Sebastião:

— É. Eu faço a parte de esporte com meu amigo Misael, faço *Esporte na Área* todas as segundas, ao meio dia. A gente ficou agora uns dias sem fazer programa, mas a comunidade tava reclamando porque tava sentindo falta.

Investigadora:

— A comunidade sentiu falta de quê?

Sebastião:

— A gente se divertir com eles, mandar alô pra eles... Quando a gente passou alguns dias sem mandar alô eles ficavam pedindo; a gente também falava dos jogos daqui da comunidade.

Investigadora:

— Então a comunidade sentiu falta das informações sobre classificação de jogos, campeonatos, os jogos que seriam realizados... Eles sentiram falta dessas informações?

Sebastião:

— Sentiu sim, porque ficavam desinformados e só sabiam quando os outros falavam pra eles, mas quando a gente falava, eles ficavam sabendo e aí a pessoa aprende.

A investigadora pediu que ele falasse sobre a importância da Internet na vida de um jovem.

— Na minha opinião, a Internet na vida de um jovem pode trazer muitas coisas boas e coisas ruins também, depende da consciência do jovem que tá navegando na Internet. Ela pode trazer muitas informações sobre educação e pode até falar sobre empregos e a gente pode pesquisar também sobre história, matemática e tudo sobre educação.

A investigadora agradece a colaboração de Sebastião. Em seguida, é chamada por Raulindo, pois o almoço estava à mesa.

7.6.2 Outro almoço na escola

Nesse dia, o cardápio traz arroz e feijão, aparentemente, sem temperos, cozidos em água e sal; frango cozido com abóbora, acompanhados de um suco de caju⁸². Raulindo mostrou-se preocupado, pelo fato de eu não comer frango:

⁸² Fruta regional, cujos derivados, castanha, doce, sucos são muito apreciados dentro e fora do país. Uma produção agrícola muito rendosa para o Estado do Ceará e Brasil, devido ao alto índice de exportação.

— Ô Maria do Socorro, você devia ter me avisado, pra mim procurar outra coisa... Podia ter mandado comprar uns ovos, fazer uma fritada. Tá certo que, aqui, a gente não tem variedades, principalmente nessa época de muita chuva, que estraga toda a agricultura, mas a gente dava um jeito.

Procurei tranquilizá-lo e, depois de levar alguns segundos, para convencê-lo de que eu gostava muito de abóbora, iniciamos o nosso almoço.



Figura 110: Arroz, feijão e suco de caju.



Figura 111: O frango com abóbora.



Figura 112: A investigadora e o professor Raulindo brindam a saúde e a amizade.

7.6.3 Conhecendo Hugo e Ivone

A meu pedido, Raulindo convidou dois ex-alunos, Hugo e Ivone e o Sr. Alberto, pai de Ivone, os quais foram entrevistados pela Revista *Época* em 2006. O meu propósito, ao solicitar a presença dos três, era saber se eles mantinham o mesmo ponto de vista a respeito da Internet.

Os ex-alunos, Hugo e Ivone, agora no Ensino Médio, em uma escola no município de Trairi, bem arrumados, cabelos bem cuidados, foram ao encontro da investigadora na E.E.F. Santa Luzia. O tempo de conversa com eles deveria ser curto, pois estavam quase de saída para mais um dia de aula, razão por que a investigadora, depois de apresentar-se e explicar sobre sua pesquisa, solicita que os jovens apenas falem a respeito da importância que veem na Internet. Pergunta a investigadora:

— Quando a Internet chegou a Almécegas, vocês estavam com apenas nove anos de idade. O que vocês pensaram na época a respeito da Internet e o que pensam agora? Qual a importância da Internet na vida de vocês?

Hugo:

— Foi muito importante. Eu comecei logo a aprender informática e continuo até hoje na outra escola, mas eu sempre venho aqui pra pesquisar e fazer meus deveres. Mas a Internet não é só importante para os deveres, ela é importante para muitas coisas, que a gente pode aprender nela. A gente tem muita informação, muito conhecimento, aprende coisas novas; a gente se comunica com pessoas de outros lugares, outros jovens. Com a informática eu acho que posso ter um futuro melhor, aprender uma profissão e conseguir um bom emprego. Ela não é importante só quando a gente tá na escola, é importante também na nossa vida. Eu não tenho computador em casa, mas eu vou às vezes na *lun house*, em Trairi, pra navegar na Internet.

Investigadora:

— O que você busca, quando navega na Internet?

— Depende. Se for para fazer um dever da escola eu pesquiso o que os professores mandam, mas se for só para me divertir eu procuro muitas coisas: jogo, notícias, falo com os meus amigos... Muitas coisas.

Em entrevista anterior, Hugo declarou sua vontade de ser dentista.

Ivone:

— Eu também acho a Internet muito importante. Sempre achei. É importante pros trabalhos da escola, pra gente conhecer outras coisas, outras pessoas. A gente se informa muito pela Internet, sabe do que acontece no Brasil e no mundo. Ela também é importante pra nossas vidas, pra gente conseguir um

futuro melhor, ser alguém na vida. Foi uma coisa muito importante pra Almécegas, pra todos os alunos e para os professores, porque a gente tem aula pela Internet. A aula fica mais animada, a gente fica mais motivada.

— Eu navego mais, quando eu venho aqui pra pesquisar pra escola, pra fazer os deveres da escola.



Figura 113: A investigadora conversa com Alberto, pai da aluna Ivone.

A entrevista com o Sr. Alberto foi filmada, mas o som não ficou bom, pouco se consegue entender da fala do entrevistado. A investigadora aborda os depoimentos dados por Alberto para a imprensa, em 2004, e pergunta se ele continua representando a Internet com a mesma importância. O pai de Ivone mantém seus pontos de vista, fala de modo entusiasmado sobre os benefícios da Internet, ressaltando as melhorias para o povoado, argumentando que falta, agora, a Internet ajudar para que a Rádio-Escola seja oficializada. Mais uma vez, Alberto fala sobre a filha Ivone; a menina deseja ser professora e continua muito interessada em aprender a utilizar melhor o computador. Atualmente, estuda numa escola de

Ensino Médio, em Trairi, mas sempre procura a ex-escola, Santa Luzia, para fazer suas pesquisas escolares.

7.6.4 A investigadora conversa com mães de alunos



Figura 114: Conversa com as mães dos alunos.

A investigadora aproveita um momento da reunião do professor Raulindo, com as mães dos alunos, para conversar a respeito da importância do acompanhamento delas em relação ao desempenho escolar de seus filhos, demonstrando interesse pelo que eles fazem na escola, o que levam de tarefas para fazer em casa, ressaltando sempre a importância da trilogia: família-filhos-escola.

Raulindo solicita à investigadora que aborde, também, o significado da televisão, em especial no que diz respeito ao *negligenciamento de alguns alunos e também de suas famílias*, quanto ao desempenho escolar que, segundo ele, com a chegada da televisão ficou comprometido; há casos de alunos que faltam às aulas, deixam de fazer as tarefas, pelo fato de passarem grande parte do dia assistindo a programas de televisão, conforme relata

Raulindo para a investigadora, momentos antes da reunião com as mães:

— Tem criança que levanta às sete horas da manhã – estuda à tarde – ligam a tv e ficam ate 11:00h, 12:00h na tv assistindo desenhos animados, tendo vários deveres pra concluir, terminar, e vem pra escola sem nenhum dever pronto; e aí entra a questão da família e aí a gente se pergunta: cadê o pai? cadê a mãe dessa criança, que não orienta: — meu filho, você tem que ter horário pra tudo, pra fazer seu dever, pra assistir tv, pra tomar banho, pra almoçar... Mas, não o que a gente vê aqui é que não tá tendo esse acompanhamento.

O assunto foi abordado pela investigadora, sob o olhar atento das mães, as quais, no entanto, não manifestaram muito interesse em apresentar pontos de vista a respeito da televisão, salvo raras exceções, numa demonstração implícita de cumplicidade com a novidade televisiva.

Terminada essa breve e improvisada palestra, Raulindo manifesta-se:

— Foi muito importante o que você falou. Gostei muito. Elas [as mães] não falaram muito, mas acho que vão pensar que tem que ter hora pra televisão e para os estudos [e também para Internet, maior preocupação de Raulindo].

7.7 O segundo dia da *observação participante*

7.7.1 A entrevista com Antonio, secretário escolar

Investigadora:

— Antonio, qual a relação entre a Internet e a Rádio-escola?

Antonio:

— Existe toda uma relação com a Internet e a chegada rádio-escola. Tudo começou com a comunicação que a gente teve a procura de novos parceiros e isso é possível através da Internet, fica até mais fácil. Então, a gente encontrou a ONG [Organização Não-Governamental] Catavento que é a responsável pela implantação da rádio-escola através da Internet. Então, também para a execução, para o funcionamento da rádio-escola a Internet também continua até hoje sendo muito importante. Mas voltando ao assunto da questão da implantação, existiu toda uma preocupação ambiental; no projeto *Tonomundo*, a partir daí, a comunicação também para essa preservação do meio ambiente na comunidade, aí surgiu a rádio-escola como uma parceria nessa preservação ambiental da comunidade e a conscientização da escola; então, foi através da Internet mesmo, foi um ponto primordial para a chegada da rádio-escola na comunidade.

Investigadora:

— Qual a contribuição da rádio para comunidade, que serviços ela presta?

Antonio:

— Um dos principais serviços da rádio-escola é a comunicação da rádio pra comunidade, que a gente pode fazer através mesmo da rádio, em vez de tá mandando recado pelos alunos, comunicado, assim, por exemplo, na questão de reunião na escola. Mas, além disso, existe toda uma informação além da escola; na questão de informação cultural são feitas apresentações com os alunos para a comunidade, são feitas divulgações de evento na escola, também; na questão ambiental, principalmente porque a gente trabalha muito na questão ambiental, os alunos fazem rádio-teatro, rádio-novela, fazem enquetes; saem na comunidade, conscientizando também sobre as questões sociais, no caso para evitação de doenças, como dengue, por exemplo. A gente faz todo um processo e isso é

possível através da rádio-escola. A gente faz todo um movimento para evitar alguns problemas sociais e isso é possível através da rádio-escola.

7.7.2 A entrevista com Raulindo

O texto da entrevista realizada com o professor Raulindo encontra-se, na sua íntegra, no Anexo desta tese e, por ser muito extenso, apresentamos neste espaço somente os fragmentos de maior relevância, para demonstrar, mais uma vez, o significado de importância da Internet na visão desse educador.

A investigadora pergunta a Raulindo se a Internet continua com a mesma representação de transformadora social para o povoado de Almecégas. O professor responde:

— Quando a Internet chegou aqui, antes da energia elétrica, ela realmente causou um impacto muito grande na comunidade. (...) O impacto foi esse, a questão da informação.

— Hoje, em 2009, já chegou a energia elétrica na comunidade. Chegando a energia elétrica, veio a televisão(...) Com a televisão o acesso à Internet, ao nosso laboratório pela comunidade diminuiu um pouco, porque a televisão é uma novidade.

— É mais fácil sentar em frente a uma televisão e só receber a informação. Na Internet, você tem que interagir também: optar por esse site ou não, por aquela informação... Mas você tem que ler, se você não gostar: não, acho que não achei a resposta que tava procurando, tem que ir atrás da outra. A televisão, não, você senta e só recebe.

— Nossa escola foi a primeira a receber uma Internet educativa à energia solar no Brasil, somos pioneiros, só que, infelizmente, houve um distanciamento dos alunos e da comunidade; (...) por mais que a gente oriente o uso da Internet, incentive, fale na radio: gente o laboratório tá aberto pra comunidade, venha, acesse, tenha mais conhecimento... Mas a tv, realmente, como falei, que é uma coisa mais fácil, de você sentar e assistir, e apenas ouvir, e apenas receber aquela informação. Inclusive tem alunos que fingem estar doentes, inventam qualquer desculpas pra tá em casa porque vai passar um jogo, ou um filme interessante e aí mandam dizer que tá doente, ou dizem pra mãe que tá doente. A tv é maravilhosa, quando ela é bem usada, da mesma forma da Internet; ela tem duas vias, ela é boa e é ruim; quando a Internet é orientada, como disse antes, usada com ética, usada pro bem, usada pra que tenha um objetivo, realmente sadio, ela é positiva, da mesma forma da tv, mas, se o aluno deixa de cumprir suas tarefas escolares e fica a maioria do tempo assistindo tv, assistindo programas, que não vão contribuir pro seu crescimento educacional, aí ela se torna negativa. Temos exemplos aqui claríssimos na comunidade: tem criança que levanta às sete horas da manhã – estudam a tarde – ligam a tv e ficam ate 11:00h, 12:00h assistindo desenhos animados, tendo vários deveres pra concluir e vem pra escola sem nenhum dever pronto; e aí entra a questão da família e aí a gente se pergunta: cadê o pai? cadê a mãe dessa criança, que não orienta: — meu filho, você tem que ter horário pra tudo, pra fazer seu dever, pra assistir tv, pra tomar banho, pra almoçar... Mas, não, o que a gente vê aqui é que não tá tendo esse acompanhamento.

Essa mudança no cenário do povoado, especialmente, na escola, parece ter abatido, de fato, o professor Raulindo. Seu discurso é nostálgico, melancólico. Um texto *desbotado* (Geertz,1989, p.7) – a investigadora questiona sobre a Internet e ele fala mais sobre a televisão – . A sua escola não tem mais o burburinho do entra e sai de alunos, fora do horário letivo, de pessoas da comunidade, curiosos e ansiosos para navegarem na Internet. Raulindo, talvez, receie ter perdido um pouco de seu protagonismo.

A investigadora argumenta que esse distanciamento dos alunos e da comunidade da Internet é um processo natural, pois, da mesma forma que essa tecnologia significou uma ruptura na rotina cotidiana do povoado – por três anos a Internet era única novidade – a televisão passou a ser o outro novo evento. Ademais, a televisão tem outro fator atraente, que é a sua programação: o futebol, as novelas, os filmes. É possível que, depois de se satisfazerem com esses impactos da novidade televisiva, alunos e comunidade voltem a dividir o tempo livre entre a Internet e a televisão.

Raulindo prossegue na sua melancolia:

— Nós temos projetos, utilizando a Internet, para trazer a comunidade novamente pra cá:

- O *Esporte na Área*. Os alunos pesquisam na Internet o campeonato que tá em evidência, os jogos, como estão os times da comunidade, quem vai jogar em que dia... Eles fazem toda essa programação, utilizando a Internet, editam no computador o programa de rádio e colocam na nossa rádio- poste, porque nossa rádio é uma rádio-escola que tem corneta nos postes de energia elétrica e ai eles passam pra comunidade. É semanal;
- O *Planeta Culinário*, que fala de alimentação saudável;
- O *Fique Sabendo*, sobre o tema do dia e atualidade. O aluno é orientado a vir pra Internet, pesquisar a notícia, mas ele também pode trazer essa notícia da televisão. Então, aquele assunto que tá em pauta pode vir da televisão ou da Internet. Um assunto muito falado foi a questão da dengue [doença infecciosa transmitida pelo mosquito *aedes aegypti*], quando teve aquele foco imenso no Rio e em outras capitais. Trabalhamos essa questão da dengue.

- O *Era uma Vez*, voltado para o público infantil. São contos e músicas. Os alunos leem os livros que têm na biblioteca de contos infantis e recontam essa historinha na rádio-escola. Esse programa eles fazem ao vivo, é chamado de rádio-teatro. Primeiro, leem o livro e Chapeuzinho vermelho e outros, e recontam de uma maneira resumida para os alunos de educação infantil, mas é transmitido em toda a escola.
- O *Fé na Escola*, que foi um pedido da comunidade e dos alunos, programa voltado. Como nossa comunidade é quase cem por cento católica, esse programa é voltado pra tirar [rezar] o terço todas as terças-feiras, às três horas da tarde e, no final da noite, tem uma mensagem bíblica. Um aluno do 8º. ou 9º. anos convida uma pessoa da capela, no caso, a D. Ídia, que é a responsável pela igreja e pela capela; eles vem aqui ao vivo e todas terças-feiras tiram o terço, que é irradiado para toda comunidade pela rádio-poste.
- O programa *Músicas Marcantes*. Eles gostam muito. Temos uma caixinha e o aluno, todos os dias, coloca a sua música preferida; eles colocam o nome do autor, o nome da música, o cantor e a dedicatória, isso já para estimular a questão da escrita, da leitura. Nós falamos pro aluno que a sua música só vai tocar se nós entendermos a sua letra; a equipe da rádio, que é formada pelos alunos, vai lá antes, seleciona essa música, coloca na Internet e aí toca naquele horário, no intervalo, pela manhã e tarde.
- Tem também a *Radio-notícia*, feita pelo núcleo gestor, no caso, o Antonio, secretário da escola, e eu. Nós damos notícias da escola, quando vai acontecer as reuniões, as avaliações; também falamos sobre algum serviço comunitário de saúde, da comunidade. Como às vezes o médico só vem uma vez por semana, a gente utiliza a radio; as vezes também só vem o enfermeiro; então, a gente também informa: olha, tal dia, comunidade, o médico ou enfermeiro vem na casa de D. Maria – porque não tem um posto [posto médico] aqui; então, é na casa de alguém, que o médico ou enfermeiro vai consultar, de tal hora a tal hora. A radio faz também esse serviço de utilidade publica.

— A Internet trouxe muitas coisas boas, foi uma grande mensageira de informações, está sendo, e veio também com ela a evidencia da nossa escola. Nós ganhamos essa radio da ONG [Organização Não Governamental] *Catavento*, que trabalha com educação e comunicação em fortaleza; os professores foram capacitados em fortaleza e os alunos, vinham professores de Fortaleza pra cá, capacitar os alunos, aos sábados e domingos durante seis meses. E ela [a radio-escola] tem todo apoio, toda assitência técnica, e a programação orientada por esses professores era feita por um jornalista, um pedagogo e um psicólogo, trabalhando junto aqui com eles durante seis meses.

A investigadora indaga se a significação que Raulindo e professores atribuíam à Internet, como transformadora social, ainda persiste depois dos sete anos da chegada dessa tecnologia ao povoado:

— Ela conseguiu tirar as pessoas do anonimato, dessa questão da ignorância, de não ter conhecimento, de não ter informação; hoje, as pessoas podem sentar numa roda de conversa e conversar sobre vários assuntos, que viram na Internet e antes, não. Aqui é uma comunidade rural, só se falava de pesca, de lavoura, de agricultura, alguma coisa desse tipo; hoje, não, as pessoas conseguem falar de assuntos mundiais, da crise mundial, mesmo não entendendo muito; falar das guerras, da fome que tá no mundo; da questão educacional mesmo: Ah, por que lá no Rio de Janeiro é diferente? Por que em São Paulo é diferente daqui? Por que em Belo Horizonte investem tanto em educação e aqui, em Trairi, não investem? Isso porque ela leu na Internet. Então, a Internet conseguiu dar uma luz à comunidade, em relação à informação e eu acredito, Maria, que a informação é tudo. Quando uma pessoa é bem informada, ela faz a coisa errada, se ela quiser, ou ela não faz, se ela também não quiser.

— Essa luz do conhecimento conseguiu, realmente, transformar as pessoas, transformar os sujeitos, porque, hoje, conseguem ter confiança, a autoestima dela melhorou, porque ela tem conhecimento e quando você tem o conhecimento, você se sente mais forte. A Internet consegue transformar o ser num agente transformador. Mas, antes da Internet – também não vou dizer que a

Internet foi cem por cento causadora disso... Lógico, aí eu estaria sendo muito pretencioso – , mas, há seis anos, eu tô aqui há sete anos, quando chegou a Internet, os alunos eram acanhados, era aquele aluno que não tinha coragem de expor sua opinião, de dar sua idéia; andavam, realmente, de cabeça baixa, literalmente, porque tinham vergonha de falar porque, se abrisse a boca iam falar uma besteira, iam falar algo errado e hoje, não. (...) hoje, ele consegue, realmente, andar de cabeça levantada e olhar no seu olho e conversar com você, porque ele tem a informação e isso dá segurança; quando você tem informação, qualquer pessoa, em qualquer âmbito: escolar, trabalho, não sei, social, se você tá numa roda de amigos e você não tem segurança, não tem conhecimento daquele assunto, você fica inseguro de falar sobre alguma coisa, não é verdade?

— Você viu ontem, o depoimento de um pai⁸³, ele estudou no EJA – Educação de Jovens e Adultos –, mas você percebe a maneira dele de falar; ele é um agricultor, mas tem uma postura diferente das outras pessoas, porque ele procurou, ele teve a oferta [aprender a navegar], aceitou e procurou [a informação]. (...) ele tem confiança do que ele tá falando, porque se ele se informou.

— Você percebe essa autoconfiança, mesmo nas pessoas analfabetas, pergunta a investigadora.

— Também, também. Justamente, eles vêm aqui, são analfabetos, mas perguntam, a gente navega junto com eles e eles acreditam, realmente; eles têm a consciência de que a Internet é algo bom, é algo que consegue tirar a pessoa da escuridão, como eu falei antes, da ignorância, e dar uma informação, que é necessária pra formação desse agente transformador, né? Tem pessoa, aqui na comunidade, que você até já conversou com ela, que tirou o chapéu, não é isso? O seu Dionísio, ele tem 76 anos e ele dá graças a Deus porque a Internet está na comunidade; e ele sabe ler pouco, é um agricultor, mas tem a consciência que a

⁸³ Raulindo refere-se ao Sr. Alberto, pai da aluna Ivone, ambos entrevistados, em 2004, pelo repórter da Revista Época, a respeito da Internet Solar em Almécegas.

Internet foi algo muito grandioso na comunidade, algo que transformou a comunidade, que veio pra melhorar a escola, pra melhorar a educação, pra melhorar a qualidade de vida da comunidade.

7.8 O que dizem os sujeitos observados

Em seus depoimentos, os narradores da história Internet-Almécegas, mantém a significação que construíram, a respeito dessa sociedade de informação e comunicação, para representá-la como transformadora social: eleva a autoestima dos alunos, professores e pessoas da comunidade; auxilia os professores para tornar as aulas mais atraentes; traz melhorias socioculturais para o povoado. Toda essa transformação tem um único 'sujeito-agente': o poder da informação e comunicação da Internet, o gigante gênio da lâmpada que tirou Almécegas da escuridão e do isolamento, conforme declaração de Raulindo.

7.9 Momentos de descontração com os alunos

No segundo dia, 17 de junho, antes do início das aulas, e da *observação participante*, a investigadora dedicou um momento de seu tempo para interagir, de forma descontraída, com os alunos da E.E. F. Santa Luzia.



Figura 115: Um momento de descontração.



Figura 116: Antes do início das aulas.



Figura 117: Uma pelada (jogo de futebol na rua), único lazer.

7.9.1 Situando-se nos arredores da Escola

7.9.1.1 A conversa com D. Geralda



Figura 118: A casa de D. Geralda.



Figura 119: A investigadora conversa com Dona Geralda.

Investigadora:

— Dona Geralda, sou professora e estou fazendo uma pesquisa para um trabalho que vou apresentar na Universidade de Salamanca, na Espanha. A minha pesquisa é sobre a importância da Internet para o povoado de Almécegas, que chegou antes da energia elétrica. O que a senhora achou desse acontecimento? A senhora considerou importante?

D. Geralda:

— É muito importante, eu acho importante, sabe por quê? Se uma pessoa quer saber onde tá uma pessoa da família, só é ali que sabe. É muito importante isso aí pra gente. Eu acho, sabe?

Investigadora:

— A senhora tem filhos na escola?

D. Geralda:

— Não é filho, é um neto.

Investigadora:

— Ele pratica na Internet?

— Eu não sei dizer se ele já tá conseguindo...O Raul é quem deve saber... Ele já sabe Raul? De uns tempo pra cá, ele tá muito interessado nos estudos dele. Eu, primeiramente, agradeço muito a Deus e a esse daí [aponta para Raulindo], que trouxe muitas coisa boa pra esse colégio. Depois que ele chegou no colégio tem chegado muita coisa boa, computador pro alunos... É muito bom pra comunidade.

Investigadora:

— A senhora sabe que a Internet chegou em 2003 e só funcionou graças ao sol, porque não tinha energia elétrica. Foram colocadas aquelas placas na escola, os raios solares passam por essas placas e depois são transformados na energia necessária para fazer a Internet funcionar. Nós sabemos, também, que, no período de grande seca, de falta de chuva, o sol, em vez de trazer coisas boas, alegrias, traz tristezas porque não chove. A senhora presenciou esses períodos de muita seca? A senhora sempre morou aqui?

D. Geralda:

— Nasci e me criei aqui.

Investigadora:

— E teve períodos de muita seca?

D. Geralda:

— A seca de 58 foi um ano muito seco. Foi o tempo mais terrível que vi na minha vida. Foi um sofrimento. Não tinha chuva, não tinha planta, não tinha nada... Foi muito seco, mesmo. Foi um ano muito seco, seco, seco. Não tinha nada, foi dois anos de seca, 58 e 59.

Investigadora:

— A senhora mora aqui com seus netos?

— Moro aqui com dois filho e meu marido. E dois netos. Eu vivo com meu marido e meus neto.

Investigadora:

— Seus filhos já são adultos?

D. Geralda:

— Tudo adulto.

Investigadora:

— E eles trabalham em que?

D. Geralda:

— Aqui trabaia só na roça, tudo na roça.

Investigadora:

— E a roça é na sua casa mesmo?

D. Geralda:

— Sim, é tudo aqui.

Investigadora:

— Então vocês plantam no próprio terreno onde moram?

D. Geralda:

— Sim, é tudo aqui mesmo...

Investigadora:

— E vocês plantam o quê?

D. Geralda:

— A gente planta mandioca, feijão, milho...

Investigadora:

— É daqui que vocês tiram o sustento da família?

D. Geralda:

— É

Investigadora:

— E seu marido é aposentado?

D. Geralda:

— È, aposentado, mas só no dinheiro [referência ao tipo de aposentadoria, sem vínculo empregatício, sem contribuição para o INSS, ou seja, um benefício do governo para idosos sem fonte de renda].

Investigadora:

— A senhora também é aposentada?

D. Geralda:

— Sou aposentada.

Investigadora:

— E os filhos?

D. Geralda:

— Trabaia tudo aqui, na roça. Aqui não tem emprego.

Investigadora:

— Tem de ir pra Trairi, né? Ou para lugares maiores, como Fortaleza.

D. Geralda:

— É, tem que ir pra Trairi. Tem muito sobrinho meu que já é tudo formado nos estudos, mas não tem emprego.

Investigadora:

— E nesse período de seca, como vocês vivem do que plantam na roça, fica difícil, não? E aí, como é que vocês fazem? Eu estou vendo alí uma plantação de milho...

D. Geralda:

—É mio.

Investigadora:

— Esse ano, vocês não tiveram problema? Ou tiveram problema porque choveu demais?

D. Geralda:

— É, choveu demais e estragou tudo...Não deu nada. O feijão estragou, o milho também...

Investigadora:

— Então, se não chove, se tem muito sol...

D. Geralda:

— Não dá nada.

Investigadora:

— Se chove muito...

D. Geralda:

— Também num dá nada.

Investigadora:

— Existe aqui, uma crença... Conversei com algumas pessoas, e já li sobre isso...Aqui, acreditam muito no dia de São José, não é?

D. Geralda:

— É... Muito.

Investigadora:

— O que a senhora tem pra falar sobre isso?

D. Geralda:

— São José é um dia muito importante, porque, quando chega o dia de São José, todo mundo fica sabendo que vai chover muito, porque ele é um santo muito milagroso. E aí, quando chega o mês de março a gente começa a rezar aquele terço de São José e quando no derradeiro terço, é muita chuva, muita mesmo.

Investigadora:

— São quantos terços?

D. Geralda:

— São nove terço...

Investigadora:

— Rezam nove terços pra pedir a chuva?

D. Geralda:

— Sim, nove terço.

Investigadora:

— E, quando chega no último terço, a chuva vem?

D. Geralda:

— Aí, é muita chuva!

Investigadora:

— Então, nessa seca grande que a senhora citou, em 58, nesse caso, o que aconteceu, não foram rezados os terços?

D. Geralda:

— A gente rezou, mas parece que não vogou.

Investigadora:

— O que a senhora acha que pode ter acontecido pra São José não ter atendido nessa época?

D. Geralda:

— Eu num sei... Acho que é porque a gente num tava merecendo, né? Porque, quem é filho do pecado, né, tem que sofrer também. Eu penso assim: quem é pecador não pode viver só na bondade, tem que sofrer também. Somo todo pecador, então, a gente tem que sofrer também.

Investigadora:

— Nesse caso tem de aceitar o sofrimento?

D. Geralda:

— Tem que aceitar.

D. Geralda continua...

— Eu agora, nesse mês passado, eu andei bem pertinho de morrer... Quando chegarum comigo no hospitá, eu não tinha mais nem fé de voltar viva pra cá... Mas, como Deus é bom...Eu não tenho muita saúde... Mas tô aqui, bataiando com meus fio....

Investigadora:

— Tá aqui, agora, conversando comigo, contribuindo para o meu trabalho...

D. Geralda:

— Pois num é! É uma alegria, um prazer muito grande que eu tenho... Quem sabia que eu ia falar com uma pessoa dessa ... Pois é, eu nunca sabia que ia falar com uma pessoa tão maravilhosa, tão importante, né, Raul?

Investigadora:

— Maravilhosa é a senhora...Dando o seu depoimento, contribuindo com meu trabalho... Eu queria filmar um pouquinho a sua roça, a plantação de milho, pode ser?

D. Geralda:

— Pode, mas o mio já tá seco.



Figura 120: A roça de milho estragada pelo excesso de chuvas.

De repente, D. Geralda muda, totalmente, o rumo da conversa e, dirigindo-se a Raulindo diz:

— Raul, hoje chorei tanto de saudade da minha fia!

Investigadora:

— Faz quanto tempo que a senhora não vê a sua filha?

D. Geralda:

— Faz quatro anos. Ela tá em São Paulo. Ai, tô com tanta saudade da minha fia!

Investigadora:

— Quanto tempo faz que a senhora não fala com ela?

D. Geralda:

— Faz uns três mês que ela mandou essa foto, da mina neta, pelo cunhado. Ela é tão linda! Tô com tanta saudade da minha neta! [D. Geralda não conhece a neta. Talvez, confunda a vontade de conhecê-la com saudade].

A investigadora conversa mais um pouco com D. Geralda, fora do alcance da filmadora. Em seguida, dirige-se para a casa de outra moradora.

7.9.1.2 A conversa com Dona Ídia

— Dona Ídia! Chama Raulindo pela moradora.

Dona Ídia atende ao chamado.

Raulindo:

— Tudo bem, D. Ídia? Olha, eu quero apresentar à senhora a professora Maria do Socorro. Ela tá fazendo uma pesquisa sobre a importância da Internet em Almécegas e gostaria de saber o que a senhora pensa sobre isso... Tudo bem?

D. Ídia:

— E nois vamo conversar em pé ou vamo sentar?



Figura 121: A investigadora conversa com D. Ídia.

Investigadora:

— D. Ídia, já conversei com algumas pessoas da comunidade, porque estou fazendo uma pesquisa sobre a importância da chegada da Internet, em Almécegas, e gostaria, também, de ouvir a sua opinião, saber o que representa pra senhora a chegada dessa revolução tecnológica, que é a Internet, antes mesmo da energia elétrica. Quando a Internet foi instalada, por meio da energia solar, vocês não se perguntaram por que não trouxeram, antes, a energia elétrica,

uma rede de esgoto, um saneamento básico? Tinham que trazer, primeiro, essa Internet para Almécegas? O que a senhora acha?

D. Ídia:

— Eu achei que foi uma coisa muito boa, foi muito importante pra comunidade. Coisas que a gente nunca pensaria que chegasse aqui em nossa comunidade, mas tá aí e é por causa dela que Almécegas, que é a nossa comunidade, tá no mundo inteiro! A gente já passou em jornal, tantas pessoa vem aqui filmar a nossa casa, e aí a gente acha que isso é muito importante... Pro nosso fio também, porque a gente nunca pensaria que um dia eles sentaram ali pra fazer algumas coisa tão importante na Internet. Eu achei que aquilo ali [a Internet] foi até mesmo melhor do que a energia, porque não tem gasto nenhum, é grátis e a luz a gente paga, a energia a gente tem que pagar [D. Ídia solta uma bela gargalhada, pelo seu próprio dito]. E tudo o que você quer saber você vai lá e você sabe, a gente se comunica com o mundo inteiro. Eu achei que foi uma coisa muito boa, foi muito importante pra nossa comunidade.

O fotógrafo avisa que a fita está no final. O tempo é suficiente, apenas, para D. Ídia apresentar a sua roça para a investigadora:

— Se a vizinha mostrou a dela eu também quero mostrar a minha.

7.9.1.3 Uma mostra da agricultura familiar

Dona Ídia leva a investigadora para conhecer a sua agricultura familiar, de onde tira o sustento de sua família.



Figura 122: A plantação de feijão e mandioca.



Figura 123: A investigadora aponta para uma abóbora.

As imagens fotográficas acima mostram que a agricultura familiar é feita sem a preparação adequada do terreno, entregue à própria sorte do plantador, este desassistido pelos órgãos públicos que representam seu município, bem como seu povoado.

7.9.2 A Internet nas visões de D. Geralda e D. Ídia

Os grandes-pequenos discursos dessas moradoras confirmam a persistência das significações construídas para valorar a chegada da Internet, antes da energia elétrica, como transformadora social, na oportunidade da informação e comunicação. Além de propiciar o reconhecimento, a saída do anonimato do povoado, posto que Almécegas *tá no mundo inteiro*, conforme as palavras de Dona Ídia, a Internet propicia a comunicação dos moradores desse povoado com pessoas de outros mundos.

As conversas com D. Geralda e D. Ídia finalizam o capítulo 7. No capítulo 8, a investigadora vai à busca de informações a respeito de uma notícia sobre o fechamento da única escola do povoado de Almécegas, a E.E.F. Santa Luzia.

CAPÍTULO 8 – O QUARTO OLHAR

A maioria dos homens são maus juizes quando seus
próprios interesses estão envolvidos.

Aristóteles (Século IV A.C.)

Capítulo 8 – O quarto olhar

Este capítulo trata da notícia do fechamento da única escola do povoado de Almécegas, a E.E.F. Santa Luzia. Essa notícia chegou ao conhecimento da investigadora, por meio de um e-mail enviado pelo professor Raulindo. Abaixo, cópia deste e-mail:

8.1 Notícia do fechamento da E.E.F. Santa Luzia

RE: Ajude a realizar um sonho da turma do 9º ano –
Conquistadores do Amanhã

De: **Raulindo Ramos Menezes**
(raulindoramos@hotmail.com)

Enviada:terça-feira, 19 de janeiro de 2010 12:44:08
Para: Maria Bandini (mbandini@hotmail.com)

Oi,Maria!

Gostaria de lhe informar outras coisa, é triste! Estou saindo da Escola e do Programa Tonomundo e provavelmente a nossa escola feche em 2011, pois não temos mais alunos. Esse ano a escola funcionará com apenas 60 alunos.

Eu estarei somente essa semana aqui na escola. Tentei ponderar junto a SEDUC de todas formas, mostrando a importância dessa escola para o Trairi, mas infelizmente nada foi modificado. Porque se realmente quisessem, dava para fazer turmas seriadas até o 4º ano nessa escola ou turmas do 6º ao 9º ano.

É isso Maria, as nossas vidas aqui estão uma loucura só!

Desejo sorte pra vc e muita paz!

Sucesso no seu trabalho e espero ter ajudado em alguma coisa, por mais pequena que tenha sido!

Adorei lhe conhecer....Aprendi muito com vc Maria!

Um forte abraço e um 2010 maravilhoso!

Atenciosamente,

Prof. Raulindo Ramos Menezes

8.2 Entrevista com a Secretária de Educação

Em 22 de junho de 2010, a investigadora visita pela quarta vez o povoado de Almécegas, preocupada com essa notícia. Necessário se fazia, então, buscar uma confirmação e, caso fosse confirmado esse fechamento, investigar se o Núcleo Digital Solar, atual laboratório de informática da escola Santa Luzia, também seria fechado. Para tanto, busca, em primeira mão, informações junto à atual Secretária de Educação, professora Maria das Graças:

Investigadora:

— Professora, depois de três visitas ao povoado de Almécegas, de coletar depoimentos de pessoas da comunidade, professores, alunos, especialmente, do professor Raulindo, que estava à frente da coordenação da E.E.F. Santa Luzia; depois de conversar com a professora Silivia Fichman, da USP, do André da Oi futuro, um dos responsáveis pela instalação da Internet em Almécegas, em todas essas conversas, entrevistas, os depoimentos de todos foram altamente positivos: a Internet levou um tipo de felicidade para um povoado que é considerado um lugar de exclusão social, que não tem as necessidades básicas para o desenvolvimento humano, como saneamento, água potável, mas que se sentiu feliz com a chegada dessa tecnologia, antes mesmo da energia elétrica. Hoje, na quarta visita ao povoado, gostaria de saber o motivo do fechamento dessa escola, previsto para 2011, e se o Núcleo Digital, também será fechado.

Secretária:

— Primeiro, quando se fala em fechamento, a gente não tá fechando nenhuma [escola], até mesmo porque a escola vai ficar como um apoio pra a comunidade e o levantamento que a gente vem fazendo é que o número de aluno não dá mais condições para o funcionamento por seriação. O que aconteceu no município todo é a nucleação [algumas escolas funcionam como núcleos e delas

passam a fazer parte escolas de outros povoados]. Essa nucleação ... qual o motivo dela? Pelo número de aluno formam-se as turmas pela seriação. Lá [na escola Santa Luzia], é uma prova que existem duas três séries para formar uma turma; não tem mais aluno suficiente para a seriação. Então existe a multiseriada – acho que a senhora já é conhecedora –; na multiseriada, muitas salas funcionam com até três, quatro séries diferentes numa sala só, para que essa turma seja formada. Então, o que acontece, tá estudando aluno da pré-escola junto com aluno do primeiro, do segundo e do terceiro anos; isso tá levando a um nível de aprendizagem péssimo; não tá tendo aprendizagem pelos alunos, por quê? Se para uma professora, com uma série só, já é difícil, imagine com três séries numa sala de aula. O professor não tem condições de ensinar alunos de três séries numa sala de aula. Então, o que acontece: o professor tá fingindo que tá ensinando e o aluno tá fingindo que tá aprendendo. É o que está acontecendo em mais doze escolas do município. Não estão fechadas por inteiro, porque a gente tá deixando pra comunidade e à responsabilidade da associação, para que exista outro projeto... No caso lá [escola Santa Luzia], já tem o projeto digital, o laboratório digital, que jamais será fechado, porque a escola de Almécegas vai ficar lá como o apoio da comunidade, da associação, já que tem o laboratório digital para que seja apoio de outra escola e vai ficar também para o uso da comunidade.

— Tem uma previsão... Se no próximo ano, tiver aluno para Educação Infantil... Talvez não dê, porque o número de alunos que tá saindo para o Ensino Médio, não tá entrando aluno suficiente para formar um núcleo de Educação Infantil. A gente tem um projeto de funcionamento da Educação Infantil em tempo integral. Almécegas vai ser um desses projetos.

— Tem de fato uma proposta para fechar a escola, mas a gente vai avaliar... As salas de Almécegas serão transferidas para o Munguba, então a escola vai passar a ser da escola-núcleo do município de Munguba. Mas o laboratório digital vai ficar para o uso da comunidade e também do município de Munguba. E também existe o projeto de formar lá [na escola Santa Luzia] o Núcleo de Educação Infantil em tempo integral, pois lá, na Educação Infantil, tem junto aluno do maternal e da pré-escola. Então, quando a professora atende um aluno

do maternal, o outro fica brincando, quando dá atenção à pré-escola, o outro fica brincando e, assim, não dá.

— Os alunos estudarão na parte da manhã e à tarde terão outras atividades para que as mães possam trabalhar. Como lá já tem o laboratório de informática, nós temos também projeto de alfabetização para o adulto, por meio do laboratório de informática, pois eu tenho uma experiência, pela Internet, que é muito mais fácil aprender a ler pelo teclado do computador do que pelo livro.

A investigadora explica que sua preocupação se dá pelo fato de ter associado o fechamento da escola ao do Núcleo Digital, pois, se isso acontecesse, acabariam, de vez, as oportunidades oferecidas pela Internet, especialmente, a alunos e professores de aquisição do conhecimento e da comunicação com outros universos, considerando que alunos e professores da escola Santa Luzia não têm computador em casa. A Secretária tranquiliza a investigadora:

— Eu sou uma educadora, a vida inteira trabalhei com alfabetização e também gosto muito de trabalhar com a comunidade. Então, tenho essa preocupação de uma educação de qualidade. A questão da natalidade é um problema, porque nascem poucos meninos e a gente não tem crianças suficientes para formar turmas. Vou sentar com Raulindo em Julho, apesar de ser mês de férias, para montarmos um projeto, para que não só a comunidade de Almécegas, de outros municípios, de outras escolas possam utilizar o laboratório digital de lá.

A seguir, registro fotográfico do encontro entre a investigadora e professora Maria das Graças:



Figura 124: Investigadora e Profa. Maria das Graças

A Investigadora entrevista, também, o professor Raulindo, hoje trabalhando na Secretaria de Educação de Trairi, junto ao Proinfo – Programa Nacional de Informática na Educação. Com a autorização da Secretária de Educação, Raulindo acompanha a investigadora à escola Santa Luzia para mais uma conversa com alunos do *Tonomundo* e professores.

Embora no texto do e-mail, enviado à investigadora, Raulindo argumente: *se realmente quisessem, dava para fazer turmas seriadas até o 4º ano nessa escola ou turmas do 6º ao 9º ano*, na entrevista concedida à investigadora, após o encontro com a professora Maria das Graças, esse professor Raulindo repete as justificativas manifestadas pela Secretária de Educação, razão por que não transcrevemos a sua fala. Ele ainda se disse surpreso com as declarações da Secretária. Ao ser perguntado sobre a repercussão, junto a professores, alunos e comunidade, apenas declara o professor:

— Para comunidade e alunos a repercussão não foi muito negativa porque os alunos vão de ônibus. A prefeitura já comprou um ônibus pra isso. Agora,

quanto aos professores, notei que eles estão desanimados. Depois que eu sai daqui [da escola Santa Luzia], a diretora que assumiu – é a mesma da escola de Munguba e ela não queria assumir – , ela quase não bota os pés aqui. Você viu, né? Tá diferente, o mato [em volta da escola] tá grande...

8.3 Entrevista com a professora Jaqueline

Jacqueline, professora de Historia e Geografia, chega ao laboratório para conversar com a investigadora. Antes, manifesta para Raulindo certa insatisfação com respeito ao atual ambiente da escola, dizendo que tudo está diferente e quase não frequenta o laboratório.

Depois desse desabafo confessional, expressa a sua opinião sobre a Internet na escola.

— A Internet veio ajudar muito, principalmente os alunos, porque, aqui, é uma comunidade esquecida; eles viajam muito na Internet, até melhor do que nós [professores], porque eles tiveram instruções, o Raul foi instrutor deles. Ajuda a nós também, porque tivemos oportunidade de conhecer muitas coisas novas, crescemos. A Internet foi importante também para o povoado, porque não é só o aluno que acessa, a comunidade também vem aqui, acessar. A Internet facilitou muito a minha vida como professora, as aulas ficam mais dinâmicas.

A investigadora pergunta se o entusiasmo dos alunos com a Internet continua.

— Continua. Quando a gente vem aqui com os alunos eles ficam deslumbrados com o que veem aqui; por eles, a aula todo dia era na Internet. E tá melhorando muito, porque um colega professor, o Cícero, criou e-mails para os alunos e agora ele manda os deveres [tarefas escolares], fala com os alunos pela Internet... Tá muito bom.

A professora não quis estender-se no assunto. Aqui, é pertinente observar certa contradição entre o desabafo confessional da professora a Raulindo e sua fala a respeito da Internet. Ressaltamos que Jaqueline não fazia parte do corpo docente – reduzido de 6 (seis) para 4 (quatro) professores – , quando da primeira visita da investigadora; nas segunda e terceira visitas não se encontrava na escola. Nesse momento, chega ao laboratório o secretário escolar, Antonio. Este, também, demonstra seu descontentamento, no que diz respeito ao atual contexto de ensino, confidenciando que o laboratório está quase em desuso: *praticamente, quem usa são os ex-alunos, pois os alunos matriculados do Tonomundo vêm pouco*, declara Antonio – consequência, talvez, do desinteresse da atual diretora dessa unidade escolar, reflete a investigadora – .

8.4 Entrevista com Tainara e Clara

As ex-alunas, Tainara e Clara, chegam, também, ao laboratório para elaboração de trabalhos, solicitados pela escola de Ensino Médio, onde estudam atualmente. A presença das meninas confirmam a declaração de Antonio, quando disse que o laboratório é mais usado por ex-alunos. Nesse momento, de fato, não havia alunos do ano letivo em questão. A necessidade de navegação na Internet, das ex-alunas, para cumprimento dos trabalhos escolares, comprovam a importância da manutenção do Núcleo Digital da escola Santa Luzia.

Raulindo apresenta as meninas à investigadora e esta inicia a entrevista:

Investigadora:

— Quando estive aqui, nas visitas anteriores, não tive a oportunidade de conversar com vocês. Poderia conversar agora? Gostaria que falassem um pouco sobre a importância da Internet, pode ser?

As meninas concordaram.

Tainara (14 anos):

— Eu sempre venho aqui. Desde o ano passado, eu deixei a escola, mas sempre venho aqui, porque tive uma experiência muito boa aqui, fui presidente do grêmio. A Internet, quando entrou na minha vida eu tinha sete anos, quando eu naveguei na Internet a primeira vez eu tinha oito anos foi muito importante. Eu navego na Internet desde os oito anos de idade; aprendi a navegar sozinha. Então, ajudou muito nos meus trabalhos escolares, nos trabalhos de grêmio. Tive acesso também à rádio-escola. Então, a Internet foi uma peça fundamental na minha vida também, porque estou no Ensino Médio e tem muitos trabalhos que são muito difíceis e eu encontro o que preciso na Internet.



Figura 125: A ex-aluna Tainara

Clara (14 anos):

— A Internet pra mim é como uma ferramenta na educação, sempre procuro buscar conhecimentos na Internet, o que eu não conhecia antes eu encontro na Internet. A Internet é muito importante pra mim, também para conhecer novas pessoas, novas amizades. Conheci muitas coisas novas na Internet, conheci muitos lugares, o tipo das pessoas se vestirem, o jeito de viver, o que comem. Conheci outras escolas, como a escola da Medalha Milagrosa, em Fortaleza, que é muito legal também; as meninas de lá são como a gente, a diferença é que é uma escola particular, para quem pode pagar.



Figura 126: A ex-aluna Clara

Tainara e Clara demonstraram desenvoltura, não se intimidaram com o gravador nem com a filmadora.

8.5 Entrevista com os alunos Robério, Estenio, José Paulo, Manuel, Gabriel e Joel

Terminada a entrevista com Tainara e Clara, a investigadora conversa com os alunos Robério, Estenio, José Paulo, Manuel,

Gabriel e Joel. Ressaltamos que os meninos não se encontravam em atividades no laboratório e foram chamados por Raulindo para serem entrevistados, atendendo ao pedido da investigadora, que considerava importante coletar opiniões atuais sobre a importância da Internet nessa escola.

Investigadora:

— Vocês já sabem que estou fazendo uma pesquisa para minha tese de doutorado, que acontece na cidade de Salamanca, na Espanha. O objetivo maior da minha pesquisa é saber sobre a importância da Internet para vocês como alunos e numa vida futura. Que contribuição a Internet pode trazer para a vida de vocês?

Investigadora:

— Fale o seu nome...

Robério (14 anos):

— O importante na Internet é pesquisar sobre as questões das escola... E só. Foi só.

Investigadora:

— Você conheceu coisas novas na Internet?

Robério

— Conheci.

Investigadora:

— O que você conheceu de novo?

Robério:

— Aprendi mais a mexer nos computador...

Roberio associa o saber-lidar com o computador à navegação para conhecer coisas novas.

Investigadora:

— Quando você navegou na Internet, conheceu outras cidades, outros países?

Robério:

— Nham... Nhum...

O menino apenas balbucia algumas palavras e sons incompreensíveis.

Investigadora:

— Você nunca fez esse tipo de pesquisa na Internet, para conhecer outras cidades, como Rio de Janeiro, São Paulo, outros países... Você nunca viu nada do que acontece lá fora?

Robério:

—Nhaum... Nhaum

Robério, talvez por timidez, por dificuldade para compreender o que pergunta a investigadora, ou dificuldade para expressar-se, não fala de modo compreensível, com a fluência compatível para a sua idade, emitindo, às vezes, alguns sons, que mais pareciam grunidos.

A investigadora pergunta ao professor Raulindo se Robério tem oportunidade de navegar na Internet para conhecer coisas novas.

Raulindo:

— O Robério entra na Internet para fazer as atividades que a Jaqueline [professora de História e Geografia] passa, navega pra conhecer outras cidades...

— Acho que ele não está sabendo a associar as perguntas à prática da Internet, diz a investigadora a Raulindo, que solicita:

— É... Eu queria que você baixasse o nível de ...

Investigadora:

— De pergunta...

Raulindo:

— É.

Investigadora:

— Então, como seria...

Raulindo interpela o menino:

— Quando tu vai pro computador, tu mexe em quê? O que é que tu vê na Internet?

Investigadora:

— O que você procura, quando entra na Internet?

Robério:

— As pesquisa, pesquisar sobre os mundiais...

Investigadora:

— Mundiais de esporte? Então, você pesquisa mais sobre esporte?

Robério:

— É.

Investigadora:

— Mas, para conhecer o que acontece em outras cidades, outros países, você nunca fez isso?

Robério:

— É difícil.

Investigadora:

— É difícil ter essa oportunidade?

Robério:

— É.

Investigadora:

— Você navega mais para pesquisas de trabalho escolares?

Robério:

— É.

— Obrigada, Roberio.

Investigadora, dirigindo-se a outro aluno:

— E você? Como é seu nome?

Estenio (12 anos).

— Acho os computador importante, porque ajuda a gente nos trabalho, a gente pesquisa sobre esporte e muitas coisa...

Investigadora:

— Você conheceu coisas novas? Conheceu, por exemplo, como é que vivem garotos da mesma idade que você, em outros lugares?

Estenio:

— Não. Ainda não.

Estenio também parece não ter muito para dizer, sobre a prática na Internet, o que é justificado por Raulindo pelo fato de não apenas ele, mas também os demais entrevistados serem novos no programa *Tomomundo*.

Investigadora:

— E você, como é que você se chama?

— José Paulo (14 anos).

Investigadora:

— Você navega na Internet para...

José Paulo:

— Pra saber mesmo sobre esporte, copa do mundo, essas coisa mesmo de pesquisa da escola...

Investigadora:

— O interesse maior é o esporte e trabalhos escolares?

José Paulo:

— Hum, hum

Investigadora:

— Nunca pesquisou, por exemplo, sobre animais...

José Paulo:

— Díficil, só animais mamíferos.

Investigadora:

— Mamíferos, também para pesquisas de trabalhos escolares?

José Paulo:

— Hum, hum...

Investigadora:

— E você?

— Meu nome é Manuel (17 anos).

Investigadora:

— Fale Manuel, o que você acha que a Internet pode contribuir para sua vida, não só de aluno, mas também para a sua vida pessoal, sua vida futura...

Manuel:

— Então, como meus amigos tava falando, que serve para os trabalho [escolares] porque agora a gente não precisa mais ir para o livro, pra ter aquela coisa toda pra caçar [pesquisar], procurar; então, a Internet serve pra isso...

Investigadora:

— Melhor que o livro?

Manuel:

— Melhor que o livro.

Raulindo pede que o menino fale sobre o campeonato de dama do qual ele participou.

Manuel:

— Achei legal, tive a chance de chegar na final, mas não tive chance de ganhar.

Investigadora:

— Chegar à final já é uma vitória!

Manuel:

— Foi, mas meu amigo ficou mais na frente do que eu.

Investigadora:

— Você participou com alunos do Rio de Janeiro?

Manuel:

— Foi.

Investigadora:

— Você chegou a trocar informações com eles pra saber como é que eles vivem lá?

Manuel:

— Não, eu só coisei [me comuniquei, falei com eles] pra saber o nome deles, saber deles, falar oi...

Investigadora:

— A Internet é mais importante nesse auxílio que ela oferece para os trabalhos escolares?

Manuel:

— Pra mim é.

Investigadora:

— E você...

— Meu nome é Gabriel (13 anos).

— Eu acho que a Internet é importante pra fazer os trabalho escolar, pesquisar sobre esporte e conhecer outros povos.

Investigadora:

— Outros povos, outras culturas?

Gabriel:

— Isso.

Investigadora:

— Você teve oportunidade de conhecer outros povos?

Gabriel

— Mais ou menos...

Investigadora:

— O que você teve oportunidade de conhecer?

Gabriel:

— Como é que eles vivem e...

Investigadora:

— Você lembra quais foram esses povos, de onde eles eram?

Gabriel:

— Sim, eram os índios e mais alguns que não lembro...

Investigadora:

— Quando você entra na Internet é mais para trabalhos escolares?

Gabriel:

— Sim e esporte também.

Investigadora:

— E você, como é seu nome?

— Joel (14 anos):

— Acho que a Internet ajuda mais sobre trabalhos escolares, e pesquisa; quando for fazer um texto é mais fácil

Investigadora:

— E sobre futuro, ninguém ver a Internet na vida de vocês, daqui a alguns anos, a Internet vai ter importância na vida de vocês?

Todos:

— Claro!

Manuel:

— Claro que vai!

Investigadora:

— Que tipo de importância a Internet pode ter?

Manuel:

— Acho que a Internet daqui a alguns anos vai ter mais evolução ainda do que já tem.

Investigadora:

— Em termos de trabalho, profissionais, vocês acham que a Internet pode ajudar?

Alguns alunos:

— Pode.

Investigadora:

— Como vocês acham que a Internet pode ajudar na vida profissional de uma pessoa?

Joel:

— Agora, o trabalho é tudo na Internet... Qualquer um trabalhador que quer trabalhar tem que saber navegar na Internet!

Investigadora:

— Você falou uma coisa muito importante. Parabéns!

A investigadora finaliza e agradece a participação dos alunos.

8.6 Outros ruídos

Essa quarta visita ao povoado de Almécegas resulta em outras inquietações, no tocante à continuidade da inclusão sociocultural e digital, levada pela Internet. A saída do professor Raulindo, transferido para a Secretaria de Educação de Trairi; a entrada de uma professora, para dirigir a E.E.F. Santa Luzia, que dirige, também, a escola do povoado de Munguba – segundo Raulindo, ela não queria esse acúmulo de funções – ; a imobilidade dos professores da Santa Luzia. Tais fatores externos colocam em dúvida a continuidade de um trabalho de inclusão social, com a qualidade e entusiasmo, no acompanhamento das atividades, realizadas pela Internet, quando da primeira visita da investigadora a

esse povoado. Somados à transferência das salas de aula para o povoado de Munguba, esses fatores nos conduzem à triste probabilidade de que o laboratório de informática, dessa escola, pode ter os seus dias contados, a despeito das declarações da Secretária de Educação. Um texto *desbotado*?

Na crença de que essa probabilidade não se torne um fato consumado, encerramos este capítulo e nos dirigimos para o seguinte, que permitirá ao leitor conhecer a via de mão dupla da Internet: um mundo de informação e comunicação para bem e para mal.

PARTE IV – A INTERNET PARA BEM E PARA MAL

**CAPÍTULO 9 – A COMPLETEZA E *INCOMPLETEZA* DA
INTERNET: O *TEOREMA* DE GÖDEL E AS METÁFORAS COMO
DISCURSOS FUNDADORES**

Quer dizer que eu me contradigo? Pois bem, então me contradigo (eu sou vasto, eu abrigo multidões).

Walt Whitman (1881)

9. A completeza e incompleteza da Internet – O Teorema de Gödel e as metáforas como discursos fundadores

Este capítulo trata dos aspectos de completeza e incompleteza da Internet, tendo como discursos fundadores o *Teorema da Incompleteza, de Gödel*, e os discursos metafóricos que, de forma explícita ou implícita, consolidam tais aspectos. A idéia de incompleteza é tratada com base em vários campos semânticos, quais sejam:

- a Internet, quando utilizada tão-somente por meio de seus próprios recursos, sem o apoio de uma metodologia pedagógica adequada, bem como sem o acompanhamento de um professor e/ou de um adulto responsável pela educação dos jovens. Aqui, caracterizamos a incompleteza no modo de utilização dos sites de busca e das redes de relacionamento, como é o caso do www.orkut.com. A escolha deste site se deve ao fato de ele ser o mais acessado no Brasil. O Facebook tem mais acesso no mundo, com destaque na Europa; nos Estados Unidos, o My space é mais acessado.
- as metáforas construídas para representar a Internet, no discurso da *história vista de cima*, que sinalizam para os dois lados dessa tecnologia, para bem e para mal;
- o processo de ensino-aprendizagem nas atividades desenvolvidas, por meio da Internet, na E.E.F. Santa Luzia.

Observamos que a característica de incompleteza da Internet não é avaliada no sentido negativo, considerando que, segundo

Santos (2002), uma das maiores características da ciência e, portanto, da sociedade atual é a incompletude. A propósito, não é assim, incompleto o mundo, desde sua criação? Não mostrou Deus ao homem o caminho do bem e do mal? Onde está, portanto, um ser formado só de completudes? Lembramos Carl Roger (2009), neste momento de reflexão, quando este afirmou que o aluno é arquiteto de si mesmo, consciente de sua incompletude interior e exterior, um ser em transformação e um agente transformador da realidade (área da psicologia do desenvolvimento).

No campo da educação, por exemplo, não existem bons e maus profissionais, boas e más estratégias de ensino? Por essa razão, no mundo virtual não poderia ser diferente, posto que, também, é constituído de igualdade/desigualdade, bondade/maldade, mais/menos; enfim, é um mundo do sim e do não, um mundo de mão-dupla.

Morin (In: Castro et al, 2002), em conferência⁸⁴ realizada no teatro Tuca, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP/SP, argumenta que o mundo no qual vivemos está cercado cada vez mais de incertezas. Para ele, a crença no determinismo universal, que antes era o dogma da ciência no século passado, desabou. Nesse contexto, o problema que hoje precisamos resolver é enfrentar e rejuntar a incerteza. Como resolução para esse problema, Morin (1999) sugere uma educação pelo pensamento complexo, ou seja, um processo de ensino-aprendizagem com base na teoria da complexidade:

⁸⁴ *Complexidade e ética da solidariedade*, conferência realizada em 23 de outubro de 1996. Tradução consecutiva de Caterina Koltai. Transcrição da fita realizada por Natalia Montebello, Mauricio R. Ferrewa e Milton Tosot Jr.

O pensamento complexo tenta religar o que o pensamento disciplinar e o compartimentado separou e parcelarizou. Ele religa não apenas domínios separados do conhecimento, como também – dialogicamente – conceitos antagônicos como ordem e desordem, certeza e incerteza, a lógica e a transgressão da lógica. É um pensamento da solidariedade entre tudo o que constitui nossa realidade; que tenta dar conta do que significa originariamente o termo *complexus*: “o que tece em conjunto”, e responde ao apelo do verbo latino *complexere*: “abraçar”. O pensamento complexo é um pensamento que pratica o abraço. Ele se prolonga na ética da solidariedade (p.7).

Nessa linha de pensamento, Demo (2000, p. 9) também reflete sobre a incerteza:

Uma vez, no tempo do racionalismo, tinha-se certeza da certeza, tanto que se prometia vencer a incerteza através do método científico e da racionalidade. A ciência mostrava, assim, que era ainda filha da teologia e da filosofia, pois trocava a certeza dogmática por outra, também dogmática. Queria vida própria, mas ainda – qual fedelho – agarrava-se à saia da mãe. Hoje, temos a certeza da incerteza, tanto que a ciência se põe, antes de mais nada, a desfazer para poder continuar científica. Persiste nossa ferramenta central para fugir da incerteza, mas não nos tornamos mais certos produzindo certeza. Tornamo-nos mais certos convivendo com a incerteza de modo inteligente.

Silva (in Lemos e Palácios, 2004), por seu turno, argumenta que é necessário um pensamento crítico para analisar as transformações proporcionadas pela Internet, no sentido de que o discurso, no tocante a essa realidade informacional e comunicacional, não implique somente o discurso *utopicamente redentor*, tão comum nos últimos tempos, pois a razão crítica ainda é o instrumento apropriado para refletir sobre a realidade.

A propósito, Kant (In: Figueiredo, 2005, p. 8), caracteriza a crítica como revolução, que ela mesma promove, com base em um recuo da razão diante de si própria. (...) *Com a crítica, a razão se torna reflexiva, ocupa-se apenas de si mesma, toma distância de si para apreender-se na totalidade de suas funções, e essa ocupação também é uma reflexão.*

Silva (idem, p. 153) cita Damásio que, em comunhão com essas reflexões afirma:

Há, portanto, necessidade de re-pensar a razão crítica porque é necessário descentrá-la da razão racional-instrumental e do modelo estritamente ocidental. É necessário re-fundar a razão crítica numa pluralidade de saberes que não têm como único modelo a racionalidade lógico-matemática, mas racionalidade(s) que entretete(m) razão e emoção, lógico e lúdico, ocidental-oriental. Sem esquecer a importância da ambiência afetiva no desenvolvimento da segurança ontológica (1995).

Dujo (et al, 2004, p. 8) Cita Carrasco, quando este educador manifesta a sua inquietação com respeito à Internet dissociada de uma metodologia pedagógica. Para Carrasco,

Estas neorevoluciones tecnocientíficas quedarán en sus efectos sociales incompletas si no alcanzan a los sistemas de educación, cerrando el ciclo de la revolución cultural, si no animan a reasumir la actitud crítica a frente a la circunstancia humana, principio de responsabilidad, si no extraen de sus oportunidades una mejora global de la calidad de vida, si no aportan al final beneficio evidente para la convivencia, principio de humanidad.

Quando entramos no debate científico sobre a emergência das novas tecnologias de informação e comunicação, aplicadas às atividades na educação, de acordo com Alava (2002), deparamo-nos com um verdadeiro paradoxo. De um lado, um discurso dominante que, ao anunciar o fim da escola, determina a sua substituição pelas novas tecnologias e anuncia também a autonomia do aluno. Por outro lado, nas práticas pedagógicas, com a utilização dessas novas tecnologias, na visão de Jacquinet (In: Alava, idem), ainda é muito comum e freqüente fazer o velho com o novo. Alava afirma também que as novas tecnologias de informação e comunicação podem significar instrumentos de inovações de práticas pedagógicas a serviço da construção de saberes. Nesses instrumentos, existem dois eixos de abordagem que se complementam fortemente: um eixo se preocupa com a midiatização tecnológica dos saberes e com a interação entre o sujeito e os saberes, estes entendidos como hipertexto, interatividade, diversidade de percursos; o outro eixo visa à restauração das condições de uma intervenção humana, segmento de interação e de construção coletiva de saberes. Assim, o paradigma predominante nessas práticas é o da responsabilidade pelo próprio percurso de formação.

Esse autor assegura, ainda, que o ciberespaço é um lugar de constante mutação, ora em conflito, ora em regulação, e sua utilização como instrumento de aprendizagem depende da vontade dos formadores e dos responsáveis pela formação no acompanhamento de suas inovações. Para tanto, é necessário evitar a abstração dos contextos sociais dos atores em questão e das resistências que cada um manifesta (Alava, *ibidem* p. 21). Nessa concepção, o ciberespaço propicia a mobilidade das práticas de formação, e sua abordagem deve ser de forma pluridisciplinar, com o propósito de revelar eixos sinalizadores das futuras inovações.

Com base na perspectiva de Lévy, Lemos (2004, p.12) refere-se ao ciberespaço como um sistema ecológico do mundo das idéias, uma noosfera abundante, em processo de mudança acelerada, que começa a controlar o conjunto da biosfera, bem como a dirigir sua evolução a seus próprios fins. A vida em sua completude eleva-se em direção ao virtual, ao infinito, pela porta da linguagem humana. Para ele, tudo isso pode ser muito bonito; entretanto, convém indagar: qual visão crítica adotar? Onde encontrar o bem e o mal nesse espaço virtual ainda tão novo, que a tradição de gerações passadas não dá conta? A cibercultura tem como um de seus grandes méritos nos confrontar à nossa própria liberdade, à nossa própria responsabilidade. Assim prossegue esse autor:

A internet é um espaço de comunicação propriamente surrealista, do qual “nada é excluído”, nem o bem, nem o mal, nem suas múltiplas definições, nem a discussão que tende a separá-los sem jamais conseguir. A internet encarna a presença da humanidade a ela própria, já que todas as culturas, todas as disciplinas, todas as paixões aí se entrelaçam. Já que tudo é

possível, ela manifesta a conexão do homem com a sua própria essência, que é a aspiração à liberdade (idem).

Marcuschi (2005) é outro estudioso com a preocupação voltada para essa sociedade informacional e comunicacional, onde *nada é excluído*. Ele nos alerta para a necessidade de ampliar esse estudo, no que diz respeito ao grave problema das novas formas de comportamento que estão surgindo dos usos incontrolados do computador. Esse autor entende a Internet como uma *espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo*. *Se bem aproveitada, ela pode tornar-se um meio eficaz de lidar com as práticas pluralistas sem sufocá-las, mas ainda não sabemos como isso se desenvolverá* (p. 13).

Diante desse cenário, a despeito dessa via de mão dupla, a escola deve somar aos livros, lousa e aulas expositivas o computador como outro contribuinte para a situação de ensino-aprendizagem. A escola deve, especialmente, habitar nessa nova sociedade de informação e comunicação, em face dos infindáveis recursos que oferece, desde que bem utilizados

A Internet, portanto, não deve ser entendida apenas por meio de seus próprios axiomas, dito de outra maneira, de seus próprios recursos, que são as suas 'verdades', mas pela associação com outros conhecimentos, pois, carente dessa metodologia, o navegador entende a Internet sem recorrer a um pensamento crítico, *complexus* (1996). Aqui, enfatizamos as reflexões de Almeida (In: Castro et al, 2002, p.21): *Sou naturalmente cúmplice de atitudes poucos disciplinares, pois sei o quanto é desafiante e gratificante dialogar com outras áreas do conhecimento*. O navegador necessita,

portanto, ser orientado a respeito dos ‘mergulhos’ nos *oceanos da Internet*, para não correr o risco de naufragar. Se assim não o for, a inclusão digital não tem razão de ser.

9.1 A Filosofia e o computador: tudo começou com Leibniz

Na busca por teóricos para fundamentar este capítulo, deparamo-nos com o interessante artigo, *O cientista Filósofo*, de Dahmen (2006). Embora a maioria dos discursos se refira à atual sociedade informacional e comunicacional, como resultado das descobertas das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC, o sistema que dá origem a essa revolução data de 1701, o *Sistema Binário* de Leibniz, uma das grandes conquistas de Gottfried Wilhelm Leibniz. De acordo com Dahmen (2006)⁸⁵ esse cientista-filósofo foi considerado o único gênio, universalmente prestigiado, depois de Leonardo da Vinci. Para Carl Friedrich von Weizäcker, nenhum cientista conseguiu unificar, de forma tão harmoniosamente profunda, a Matemática e a Filosofia como o fez Leibniz.

A primeira grande contribuição desse cientista para a Filosofia foi em 1672, por ocasião da publicação de sua *Teodicéia*, trabalho no qual tenta explicar a existência do mal em um mundo criado por um Deus bom. Se Deus era bom, o universo precisava ser imperfeito, para ser diferente de Deus. Leibniz afirma ainda que *nada existe sem uma razão de ser e todas as coisas estão para o*

⁸⁵ Silvio Renato Dahmen é professor do Instituto de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutor em Física Teórica e Matemática Aplicada pela Universidade de Bonn (Alemanha) e pós-doutorado pela Universidade de Yale (EUA) é atualmente professor visitante da Universidade de Würzburg (Alemanha) pela Fundação Alexander von Humboldt.

melhor e no melhor possível dos mundos. Trata-se do princípio da razão suficiente (apud Dahmen, 2006, p. 40).

Constam ainda do rol das descobertas de Leibniz as contribuições ao Direito, à Física, à Lingüística e, em relação ao mundo digital, que hoje conhecemos, tal realidade só é possível graças à invenção do sistema binário⁸⁶, linguagem natural responsável pela criação de todo computador moderno. O curioso é que, apesar de se tratar de uma contribuição tão presente na vida dos jovens, advinda de um filósofo, a Filosofia ainda é apresentada ao estudante como uma disciplina de conhecimentos distantes, de difícil compreensão, sem utilidade para a sua vida prática. Contrariando o que diz o senso comum, os nomes de Leibniz, Einstein, Gödel (inventor do *Teorema da Incompleteza*) estão muito próximos do nosso cotidiano, com base em suas contribuições para

⁸⁶ Dahmen (ibidem, p. 43) explica o Sistema Binário de Leibniz: Quando escrevemos um número, por exemplo, 178, estamos usando o sistema decimal, formado por 10 símbolos (0,1,2,3,4,5,6,7,8,9), com os quais podemos escrever quaisquer números. A característica fundamental do sistema decimal é que, ao aumentarmos o número em 1, simplesmente substituímos o número que aparece na coluna da unidade (no caso de 178 o dígito 8) mudando assim de 178 para 179. Completada uma dezena (daí o nome decimal), mudamos o número correspondente às dezenas (neste caso o 7) e assim por diante, sempre de dez em dez. O sistema decimal nos parece mais natural apenas porque nos acostumamos a ele desde pequenos. Entretanto, há outros sistemas que usam uma quantidade diferente de símbolos para representar números. Assim, da maneira que 178 pode ser escrito como $1 \times 100 + 7 \times 10 + 8 \times 1$ (1 centena mais 7 dezenas mais 8 unidades), a maneira mais econômica de se escrever um número (econômico no sentido de quantidade de símbolos diferentes a serem empregados) é obtida ao usarmos no lugar de 10 sinais diferentes apenas 2: 0 e 1. Podemos assim escrever 178 como $178 = 1 \times 128 + 0 \times 64 + 1 \times 32 + 1 \times 16 + 0 \times 8 + 0 \times 4 + 1 \times 2 + 0 \times 0 = 10110010$, em que escrevemos apenas os dígitos que multiplicam as potências de 2 (2,4,8,32,64,128). Se tivéssemos sido treinados desde a infância no sistema binário, reconheceríamos imediatamente em 10110010 o número 178 e teríamos grande dificuldade em reconhecer na grafia 178 o número 10110010. A razão pela qual os computadores usam o sistema binário é simples: os chips dos computadores são dispositivos que detectam impulsos elétricos em sua forma mais simples: a passagem (1) ou não (0) de corrente elétrica pelo circuito. Assim, para um chip de computador, o número 178 é visto como uma seqüência de sinais elétricos, que ora se faz presente, ora não.

a Filosofia e para Ciência, pois quando utilizamos um MP3 para ouvir ou um CD, para ouvir músicas; quando ligamos um computador e navegamos pela Internet ou, ainda, quando utilizamos um telefone celular, fazemos uso das chamadas *novas tecnologias*, resultado também dos estudos e trabalhos desses cientistas-filósofos. Em face de suas inquietações e indagações filosóficas, foi possível não apenas o desenvolvimento das TIC, mas também o conhecimento de suas limitações.

Ainda, segundo Dahmen (2006), uma marca nas indagações de Leibniz foi sua crença na unidade indivisível das ciências e dos números, a linguagem de Deus gravada na natureza, uma idéia que se solidificou depois de ter estudado o I-Ching chinês⁸⁷. As incansáveis indagações sobre as questões da natureza, das línguas e da política, permitiram que Leibniz concluísse que o pensamento humano era na realidade um processo algorítmico no cérebro⁸⁸. Em relação à linguagem, considerada nada menos do que a manifestação externa dos nossos pensamentos, bem como o motivo da desarmonia entre os seres humanos, em face dos mal-entendidos que causa,

Leibniz concluiu que seria possível acabar com as brigas entre os homens através do uso de uma linguagem de

⁸⁷ Leibniz era um grande estudioso da língua e cultura chinesa, tornando-se o pioneiro da sinologia entre os grandes intelectuais europeus.

⁸⁸ Um algorítmico é um conjunto de regras que usamos ao fazer um cálculo matemático. Um exemplo de algorítmico são as regras ensinadas na escola para multiplicar dois números de qualquer tamanho, por exemplo, 131 X 247. Uma característica dos “bons” algoritmos é que são válidos para todos os casos possíveis, como as regras de multiplicação elas valem não importa quão grandes os números (quando multiplicamos números pequenos, como 2X5, não fazemos uso de algoritmos, mas sim de nossa memória, pois em algum momento decoramos as tabuadas). Programas de computadores são conjuntos de algoritmos.

símbolos que seguisse os preceitos estritos da Lógica. Porém, contrariamente aos idiomas do planeta, com suas diferenciações históricas e geográficas, o idioma simbólico lógico era universal e deveria representar também a unidade maior do Universo: Deus. Para Leibniz fora de Deus só havia o nada; portanto, a língua universal deveria refletir essa verdade e ser formada apenas dos símbolos 1 (Deus) ou 0 (nada). Nascia aí o sistema binário e, com ele, a chamada arquitetura de todo computador moderno (p. 39).

Dahmen ressalta que Leibniz não buscava arquitetar um computador, mas uma linguagem universal. Com respeito ao lado prático da computação, da forma como hoje a conhecemos, disto Leibniz ocupou-se mais tarde, quando projetou e construiu uma das primeiras máquinas de calcular da história. Assim como Isaac Newton, e na mesma época, Leibniz inventou o seu *Cálculo Infinitesimal*, mas com uma marca de independência. A invenção do cálculo de Leibniz tornou possível todo desenvolvimento posterior da Física e, portanto, da tecnologia. Não fosse essa técnica matemática, o desenvolvimento da Física e do mundo digital seriam impensáveis.

A nosso ver, o mundo tecnológico, no qual habitamos hoje, pode ser considerado *o melhor possível dos mundos*, em face das grandes facilidades que proporciona e, em especial, pela forma democrática, igualitária com a qual distribui para todos o poder da comunicação. Não existe em toda a história das grandes revoluções e invenções, de acordo com muitas vozes discursivas, nada que se equipare à descoberta do computador, especificamente, ao

revolucionário poder de informação e comunicação oferecidos pela Internet.

9.2 Kurt Gödel e O Teorema da Incompleteza: um discurso fundador

O artigo de Dahmen (2006) nos apresentou, ainda, Kurt Gödel e o seu um teorema que trouxe consequências profundas para a consolidação da Matemática, também voltada para a computação, bem como para as nossas próprias limitações cognitivas como seres humanos; trata-se do *Teorema da Incompleteza*, que ainda hoje é motivo de debate entre filósofos, matemáticos e físicos. Einstein considerou Gödel como sendo a única pessoa capaz de combinar o trabalho de cientista com o questionamento filosófico: não era suficiente apenas entender os porquês da natureza, mas também o como e o para onde. Gödel compartilhava com Einstein uma grande paixão pela Filosofia e sabia de sua importância para o desenvolvimento da ciência.

9.2.1 Falso ou verdadeiro? A Sistematização da Lógica Formal

Para entendermos a associação feita pelo trabalho de Gödel, entre a Lógica e a Matemática, de acordo com Dahmen (idem), é necessário conhecermos um pouco de História. Em 1847, o matemático inglês George Boole publicou um importante trabalho intitulado *A Análise Matemática da Lógica*. A idéia de Boole era criar uma álgebra da lógica, com aparatos eficazes para tratar de problemas lógicos que exigissem um tipo de dedução diferente dos

tradicionais: uma “matematização da lógica”. Para melhor esclarecer tal lógica, Boole utiliza o exemplo a seguir:

Na frase “as baleias são peixes” há um conceito falso ou verdadeiro? A veracidade ou falsidade desta afirmação só é possível quando são seguidos três passos: *Todas as baleias são mamíferos. Nenhum peixe é mamífero. Logo, nenhuma baleia é peixe.* Existem aí duas verdades (axiomas) e a partir delas deduzimos que a frase “as baleias são peixes” é uma afirmação falsa. Em linguagem matemática, escrevemos essas três frases da seguinte forma:

B	C	M		
P	∅	M		
	B	∅	P	

Figura 127: Falso ou verdadeiro
 Fonte: Dahmen, S. R. O cientista Filósofo. (2006).

- C Está contido na classe de Mamíferos.
- ∅ Não está contido na classe de Mamíferos.
- ∴ Portanto, Baleias não são peixes.

Na palavra falsa temos a idéia de irreal, mentira, dissimulação, fingimento, engano, aparente, sem firmeza. Em axioma temos a premissa evidente e imediata, admitida universalmente como verdadeira, sem necessidade de comprovação. O termo *axioma* também significa máxima, sentença. O termo lógico, por sua vez, traz a idéia de estar em conformidade com as regras, a idéia de bom senso, coerência, racionalidade.

9.2.2 O Teorema da Incompleteza

O teorema de Gödel (Dahmen, idem) foi comprovado em meio a uma verdadeira revolução na lógica formal e relaciona-se a uma hipótese do matemático alemão David Hilbert acerca da *completeza* da Matemática. Para Hilbert, uma área da Matemática é dita *completa* se para toda proposição feita for possível dizer se ela é verdadeira ou falsa, baseando-se apenas em axiomas daquela área. Uma proposição é considerada verdadeira porque dela se podem deduzir as proposições de uma teoria ou de um sistema lógico ou matemático.

Na visão de Nagel e Newman (2001), os axiomas implicam os “fundamentos” do sistema; os teoremas, por sua vez, são a “superestrutura”⁸⁹ obtidos por meio dos axiomas com a ajuda exclusiva dos princípios da lógica. No que diz respeito à proposição (Dahmen, idem), todo número primo, com exceção de 2, é ímpar. A prova é simples: se um número primo fosse par, então ele seria divisível por 2. Sendo divisível por 2, ele não pode ser primo (números primos só são divisíveis por si mesmos e por 1). Portanto, para ser primo ele tem que ser ímpar. Em uma linguagem simples, o que Gödel mostrou foi que, em qualquer ramo da Matemática, sempre haverá proposições cuja veracidade não poderá ser provada usando apenas regras e axiomas daquele próprio ramo.

É possível provar que uma proposição da Geometria é falsa ou verdadeira com novas regras e axiomas trazidos de fora, ou seja, emprestadas de outro ramo da Matemática, por exemplo, a Álgebra. O que se consegue neste caso é apenas criar um novo ramo da

⁸⁹ Os dois termos foram grifados pelos autores.

Matemática chamado “Geometria Analítica”, na qual ainda haverá proposições cuja veracidade só poderá ser provada recorrendo a regras de um sistema ainda mais amplo – e assim *ad infinitum*. Se substituirmos a palavra matemática por “Sistema Lógico Formal”, então teremos uma generalização do teorema de Gödel para outros ramos do conhecimento. Na Ciência da Computação, nunca será possível criar um computador que responda corretamente a toda e qualquer pergunta que possa surgir.

No tocante à Linguística, estudiosos usam o teorema de Gödel para argumentar sobre o poder da linguagem em criar novas maneiras de expressar novas idéias. Na área da Cognição, pode-se argumentar que nunca uma pessoa será capaz de entender a si mesma. Se a mente é um sistema fechado e, tudo aquilo que uma pessoa pode saber sobre si, baseia-se naquilo que sua própria mente já sabe, então, essa seria a razão por que nunca conseguiremos entender a mente humana, uma vez que só podemos estudá-la com o auxílio do nosso próprio intelecto.

9.2.3 A relação entre o Teorema da Incompletza e a Internet

Conhecemos o poder informacional e comunicacional da Internet: transmite e expande a informação num tempo *intemporal*⁹⁰; aproxima e reaproxima pessoas, apresenta umas a outras; permite a comunicação em tempo real entre pessoas de qualquer parte do mundo; possibilita o trabalho remunerado em casa; promove o

⁹⁰ Termo utilizado por Castell (2000).

namoro, o casamento e, até, exerce o papel de ‘analista’⁹¹, pois há quem afirme que a Internet acaba com a solidão de uma pessoa. A Internet pode, até, trazer felicidade para quem não tem, sequer, uma alimentação de qualidade, conforme demonstrado nos capítulos referentes ao povoado de Almécegas. Em razão de tais benefícios, a Internet pode ser, reiteramos, *o melhor possível dos mundos* referido por Leibniz, especificamente em face do seu poder de comunicação.

Por outro lado, e considerando o teorema de Gödel, entendemos que esse aspecto positivo da Internet, por si só, não caracteriza essa tecnologia como uma ferramenta completa e a sua incompletude reside, tão-somente, na questão: como e para que utilizar a Internet?

Diante do exposto, as reflexões de Carrasco (2005, p. 46), compõem um quadro-síntese, de alerta, a respeito da completeza e *incompleteza* da Internet:

(...) la contingencia de la tecnología informacional, entendiendo que esa tecnología es virtualmente capaz de alcanzar el núcleo mismo de la praxis propiamente humana: generar, almacenar, gestionar la información con la que construye la mente sus representaciones, estudiar su funcionamiento mediante simulaciones y emular el propio proceso mental de actuar sobre la representación. Por lo tanto, lo que se plantea, como marco general de reflexión, es la virtualidad que poseen las tecnologías de modificar el potencial de humanización de la humanidad, el

⁹¹ Como é o caso de uma professora, conhecida da investigadora, que leciona em uma conceituada universidade particular no Estado de São Paulo. Em uma conversa, declarou: *depois da Internet, nunca mais senti solidão. Já fiz muitas amizades, todos os dias tenho com quem conversar e até já arrumei um namorado. Eu amo o Orkut!*

potencial de transformación de las prácticas culturales, para bien o para mal .

9.3 Metáforas

Como já mencionamos no início deste trabalho, as metáforas utilizadas por alguns estudiosos para representar a Internet, explícita ou implicitamente, sinalizam para a via de mão dupla dessa rede social, isto é, tanto sinalizam para aspectos de completeza quanto de *incompleteza*, estes como resultado de um uso inadequado. Para analisar tal incompletude, selecionamos alguns discursos metafóricos. Antes, porém, fazem-se necessárias algumas considerações sobre metáfora.

Para Ricoeur (1975), a metáfora torna cúmplices tanto a ação da imaginação quanto a ação do sentimento, por meio de um processo lingüístico. A ação imaginativa é figurativizada por semelhanças, estabelecendo uma zona de similitudes e, quando isso acontece, a metáfora é entendida como um saber-pensar e ver, isto é, uma forma de visão na qual a produção do novo significado, promovido pela metáfora, une similitudes e dissimilitudes próprias das similaridades. Essas semelhanças e diferenças são obtidas porque a imaginação passa a atuar como um gerador de imagens que retrata conicamente a inovação predicativa da metáfora. Outra característica dessa forma de ação implica a suspensão da literalidade que, pelo simples fato de ser suspensa cria a tensão com o novo. Desta coexistência entre o sentido literal com o novo significado resulta a ambigüidade, a referência que reparte a representação metafórica. Assim, o papel da ação imaginativa é

manter uma dinâmica solidária entre a suspensão da literalidade e a projeção de novos modelos para uma leitura simbólica da realidade.

Ainda em Ricoeur (idem, p.157) o sentimento é entendido juntamente com a imaginação, alcança a semanticidade da metáfora, posto que a acompanha em sua função de esquematização da nova adequação predicativa que, além de ser percebida, passa a ser sentida. Quando o autor diz que ela é sentida, enfatiza o fato de que em tal semanticidade atuam sujeitos conscientes em um processo de assimilação intencional (subjetivação), numa cumplicidade entre o sujeito e o objeto assimilado, o qual se materializa na força ilocucionária da metáfora. *Sentir es tornar de nosotros lo que fue colocado a distancia por lo pensamiento en su fase de objetivación.* Nesse sentido, a partir de uma analogia estrutural entre os componentes cognitivos, imaginativos e emocionais, esse autor atribui à metáfora uma função constitutiva.

Lakoff e Johnson (2002), por sua vez, apresentam um trabalho a respeito da metáfora, que representa uma ruptura paradigmática desde a década de 1970, ao questionar o enfoque objetivista dessa figura de estilo, e a ela atribuindo um *status* epistemológico, que rompe com a tradição retórica iniciada com Aristóteles, no século IV a.C. *Metáforas da Vida Cotidiana* é considerado hoje uma clássica pesquisa pioneira na vasta literatura sobre metáforas. Nele, os autores ao questionar o enfoque objetivista dessa figura de estilo, e a ela atribuir um *status* epistemológico, rompem com a tradição retórica iniciada com Aristóteles, no século IV a.C., contribuindo, assim, para mudar uma história de mais de dois milênios.

Na tradição retórica, a metáfora é apenas um fenômeno de linguagem, ou seja, um ornamento linguístico, sem nenhum valor cognitivo, um desvio da linguagem usual e própria de linguagens especiais, como a poética e a persuasiva. Ademais, o seu uso não era aceito pelo discurso científico, que utilizava apenas a linguagem literal, então considerada clara, precisa e determinada. Assim, a ciência se fazia com a razão e o literal e a poesia com a imaginação e a metáfora.

Em comunhão com o novo paradigma, Carrasco (2005, p.61) afirma:

(...) la explosión de metáforas acompaña a la capacidad de la mente para generar mundos de comunicación imaginarios, imprescindibles en la narrativa de la ciencia-ficción, en las diferentes modalidades de creación artística (literatura y cine), e imprescindible, según Vygotski (1982), para el desarrollo del pensamiento a través de la mediación del lenguaje; hasta en las teorías científicas las metáforas son imprescindibles, en forma de analogías preferenciales. Las metafóricas se fundan en la característica imaginación humana, “responden a necesidades y expectativas” de los seres humanos, funcionan “como persistentes arquetipos de nuestro estado preconsciente”; la capacidad imaginativa de anticipar situaciones se torna, por sobreabundancia de energía psíquica, en creación de mundos de ficción, delirios para quien pierda la capacidad de discriminarlos. Donde mejor aparece esta arquetípica ficcionalidad es en los MUD, comunidades virtuales, las Mazmorras Multiusuario.

A idéia central desse novo paradigma é de que a cognição é o resultado de uma construção mental. O conhecimento da realidade

tem a sua origem na percepção, na linguagem ou na memória e precisa ir além da informação dada. Ele emerge da interação entre essa informação com o contexto, no qual a metáfora se apresenta, e o conhecimento pré-existente do sujeito conhecedor.

9.3.1 Aspectos de completeza e incompleteza da Internet: o Teorema de Gödel fundamenta e as metáforas apresentam

O desenvolvimento deste tópico pauta-se em metáforas construídas para caracterizar a Internet como uma sociedade das certezas e incertezas – a Internet é uma sociedade *líquida*: como manter sua forma? A Internet é *labirinto*: como sair dele? A Internet é *oceano*: em que mares navegar? A Internet é *religião*: em que e em quem acreditar? A Internet é *janela*: o que existe depois dela? Por fim, a Internet é *parangolé*: autor dentro da obra ou a obra dentro do autor? Nessas metáforas, a Internet é representada como um mundo de completudes e incompletudes, formado por fluidez, curvas, ondas, desconhecimento, dúvidas, perigo, fusão.

A seguir, abrimos este espaço retórico para as argumentações metafóricas dos autores selecionados:

- ***Modernidade líquida***

No seu trabalho *Modernidade líquida*, Bauman (2001, p.8) problematiza a complexidade das contradições da sociedade contemporânea, por ele caracterizada como cambiante, maleável, excessiva, transbordante, fugaz, adjetivos que sumarizam os contextos socioculturais da sociedade moderna na substantivação sociedade líquida. A Internet está inserida nessa fluidez, ainda que

implicitamente, posto que, para esse sociólogo, o fluido contitui-se como a principal metáfora para o atual estágio da era moderna:

Os fluidos se movem facilmente. Eles “fluem”, “escorrem”, “esvaem-se”, “respingam”, “transbordam”, “vazam”, “inundam”, “borrifam”, “pingam”; são “filtrados”, “destilados”; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos — contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam o seu caminho. (...) A extraordinária mobilidade dos fluidos é o que os associa à idéia de “leveza” (...) Associamos “leveza” ou “ausência de peso”⁹², à mobilidade e à inconstância: sabemos pela prática que quanto mais leves viajamos, com maior facilidade e rapidez nos movemos. (idem).

Essa idéia de leveza, na mobilidade, está nos *softwares* dos computadores e estes abrigam a *liquidez* da Internet, que não mantém com facilidade a sua forma; esta se afigura de acordo com o objeto no qual está inserido, ou seja, a Internet toma a sua forma na relação com o seu internauta – daí a sua completude ou incompletude – .

A metáfora da fluidez ou liquidez, para apreender a natureza da sociedade moderna, evoca o *Manifesto comunista* de Marx e Engels, quando estes sinalizaram que a sociedade contemporânea derrete os sólidos e profana os sagrados, ou seja, o capital rompe com os valores alimentados pela tradição. Marx e Engels influenciaram *Tudo que é sólido desmancha no ar*, de Marshal Berman (2007, p. 11). Neste livro, o autor define o modernismo

⁹² Todos os grifos são do autor.

como qualquer esforço feito por mulheres e homens modernos para se tornarem não somente objetos, mas também sujeitos contextualizados na modernização, capazes de ler o mundo moderno e nele se sentirem como estivessem em suas casas. Sendo assim, tal concepção se abre, de forma mais abrangente para a cultura, ao contrário da visão museológica que subdivide a ação do homem em fragmentos, em contextos separados: tempo, lugar, idioma, gênero e disciplina acadêmica.

O modernismo encarado como empreendimento, que objetiva fazer que nos sintamos em casa, num mundo constantemente em mudança, nos permite concluir que nenhuma modalidade de modernismo jamais poderá ser definitiva. Esse clamor por transformações nos traz à lembrança o homem do subterrâneo, retratado por Dostoievski, em seu conflito interior, continua Berman (idem, p.12):

Julgam, porventura, meus senhores, que estou dizendo desatinos? Dêem-me licença para que eu me justifique. Concordo que o homem é um animal, geralmente criador, que tem a obrigação de perseguir um objetivo com plena consciência e fazer trabalho de engenheiro, que dizer, abrir caminho eternamente e sem cessar, seja em que direção for. [...] Que o homem tem tendência para construir e traçar caminhos é indiscutível. Mas [...] não será possível [...] que sinta um terror instintivo de chegar ao fim da obra e acabar o edifício? Não poderá suceder que goste só de ver o edifício de longe, e não de perto; *que apenas lhe agrade construí-lo, mas não habitá-lo?*

Apresentadas as concepções modernistas de Berman, retomamos Bauman (ibidem), para quem a sociedade moderna, anterior à contemporânea, denominada modernidade sólida, tinha a sua solidez sempre alterada, *molhada ou encharcada* pelos líquidos da contemporaneidade, que se mantinham intactos no seu encontro com os sólidos.

A chegada e evolução da modernidade constituem-se de significados múltiplos, com marcadores distintos, mas impondo-se, talvez, na característica “a diferença que faz a diferença”, qualidade decisiva seguida pelas demais características. A modernidade tem seu início, quando tempo e espaço são separados da cotidianidade e explicados como categorias diferentes, simultâneas e independentes da estratégia e da ação, prossegue Bauman (idem, p.15).

Na modernidade, o tempo tem *história*, tem história por causa de sua “capacidade de carga”, perpetuamente em expansão – o alongamento dos trechos do espaço que unidades de tempo permitem “passar”, “atravessar”, “cobrir” – ou conquistar. O tempo adquire história uma vez que a velocidade do movimento através do espaço (diferentemente do espaço eminentemente inflexível, que não pode ser esticado e que não encolhe) se torna uma questão de engenho, da imaginação e da capacidade humanas (idem, p.15-16)

- ***Linguagens Líquidas na era da mobilidade***

O título de Bauman deu origem ao trabalho de Lucia Santaella *Linguagens Líquidas na era da mobilidade* (2007), cujo foco de

atenção volta-se para o afluxo arrasador dos signos, para a excessiva dilatação que se estende ao infinito das bordas espalhadas do ciberespaço, bem como para as novas órbitas de circulação das linguagens, agora inabalavelmente presas aos corpos em movimento. Tudo isso representa para a autora muito mais do que revoluções na informação e comunicação, mas perspectivas evolucionárias não deterministas, livres da ingenuidade da idéia progressista, *como índices do crescimento de complexidade das ecologias midiáticas que trazem agora o conceito recriado de espaços deslizantes e intersticiais para o foco da nossa atenção* (idem, p. 26).

Nesse trabalho, Santaella metaforiza pela liquidez todas as libguagens midiáticas e, para referir-se à sociedade de informação e comunicação, metonimicamente comparada a uma máquina, utiliza a metáfora dos *universos paralelos*.

- **Metáfora dos *universos paralelos***

Santaella (idem, p.214) considera essa a mais importante metáfora, posto que abarca todas as demais. Nesses universos paralelos estão, de um lado, o mundo real; de outro, o mundo virtual. Cria-se máquina com tentáculos para todos os cantos do globo, não mais vista como mera extensão do nosso corpo, mas como um ambiente, um espaço a ser explorado. Essa máquina responde por novas formas de pensar, de interagir e de viver, por um novo ser, inserindo-o nesse mundo que se amplia para além do mundo físico. Não se trata de causalidade o fato de o termo ciberespaço adentrar nas mentes, de modo aderente e imediato, levando com ele a idéia de autonomia de um universo, imaterial, separado e livre das

atribuições do mundo físico. Ademais, trata-se de uma idéia compartilhada tanto pela visão apocalíptica como, no outro extremo, por aqueles que veem o ciberespaço de modo triunfalista.

Os triunfalistas acreditam na capacidade do universo virtual criar espaços sociais *on-line*, isentos dos constrangimentos e opressões do poder econômico-político. Os apocalípticos, por seu turno, apresentam outras razões. A autora cita Berland (*idem*) no seu exemplo de navegação na Internet: surfar na *web*, universo virtual simulado e alternativo, habitado por inteligências pós-humanas, significa um crescente esquecimento do tempo e dos entornos físicos. Tal separação do informacional do seu substrato físico remove a complexidade social e biológica da vida humana de modo a favorecer uma inteligência reificada, redutível à informação digitalmente replicável.

Assim prosseguindo, Santaella (*idem*, p. 215) apresenta as expressões icônicas do tecnonegativismo: Paul Virilio e Baudrillard. O primeiro lastima em seu livro, *A arte do motor* (1996), que as tecnologias do tempo real matem o tempo presente, quando o isola de sua presença aqui e agora e privilegia um outro espaço comutativo não mais composto *da nossa "presença concreta" no mundo, mas de uma "discreta telepresença" cujo enigma permanece para sempre intacto*. Para ele, em outros tempos, estar presente significava estar perto, fisicamente próximo do outro, face a face, acariciado pelo sopro da voz e da sedução do olhar. Hoje, vivemos outra era de proximidade midiática, com base nas propriedades das ondas eletromagnéticas, viver em forma de privação, pois a comunicação midiática implica uma interferência que leva ao

sofrimento da perda da distância que deságua no paradoxo de estar lá, aqui e agora.

O lamento de Virilio implica a perda da escala do espaço e do tempo, representada tão-somente pela realidade do corpo biológico, *como se a mente não pudesse viajar, sem que essa viagem tenha necessariamente que significar o abandono do corpo ao deus-dará*. Uma vez que o espaço geográfico foi obliterado pelas tecnologias de comunicação que atravessam o globo à velocidade da luz, sem que tenhamos que fazer o esforço de viajar fisicamente para alcançá-las, conforme Virilio, a dromosfera substitui a realidade anterior até o ponto de levar todos os seus caracteres ao desaparecimento (idem, p.216).

Baudrillard (ibidem), por sua vez, ainda acredita na persistência de um resíduo de realidade concreta sob as fosforescências das novas abstrações compostas pelas simulações hiper-reais.

Ante o exposto, não deixa de ser curioso que a temática central tanto dos tecnoeufóricos quanto dos tecnofóbicos é a do corpo. Aqueles entendem que a meta da virtualidade deveria estar na libertação humana do corpo biológico obsoleto. Estes entendem que a navegação pelos espaços digitais, por meio de um computador de mesa, ligado a um emaranhado de fios, impossibilita a mobilidade física do usuário.

Embora tenha sido bem cedo levada à pesquisa sobre o ciberespaço, felizmente não sucumbi aos atrativos dos

velhos dualismos. Desde o princípio afirmei (ver Santaella, 2003a, pp. 303-314; 2004b) que não importa qual forma o corpo virtual possa adquirir, sempre haverá um corpo biológico junto, ambos inseparavelmente atados. O virtual pode estar em outro lugar, e o outro lugar ser um ponto de vista privilegiado - mas a consciência permanece firmemente arraigada no físico. Historicamente, o corpo, a tecnologia e a comunidade se constituem mutuamente (Santaella, 2007, p. 217).

Assim visto, na perspectiva de Beiguelman (2006, In:Santaella, idem) as comunidades virtuais eletrônicas jamais renunciaram aos limítrofes entre a cultura física e a virtual, e o crescimento desses espaços não se movimenta em direção à dissolução das cidades, dos corpos, do mundo físico, mas para a interseção do físico com o virtual. O lamento pela perda imediata do corpo está, de fato, transformando-se em ritmo veloz, em um conjunto de extensões ligadas a um mundo híbrido, pautado pela interconexão de redes e sistemas *on* e *off-line*.

Assim, continuamos a habitar esferas físicas, em urdiduras nas quais várias outras esferas se misturam, sem que os ambientes físicos desapareçam. Essa é a urdidura dos espaços intersticiais, uma nova metáfora para a representação das mudanças mais recentes no mundo da comunicação e da cultura (Santaella, idem, p. 217).

Ante essas reflexões, entendemos que viver nos *universos paralelos* da sociedade de informação e comunicação, ora no mundo real, ora

no virtual, ora nos dois, ao mesmo tempo, movido por uma máquina, cujos tentáculos apontam direções distintas, indicando espaços ainda inexplorados, exige que nos transformemos, também, em sujeitos paralelos: dois eu, o eu-ético e/ou o eu-não-ético e o outro. Na relação eu-Internet, o surgimento de um desses sujeitos paralelos depende da relação entre a necessidade do sujeito que procura e o objeto a ser procurado, considerando-se as questões: o que, porque, para que e como procurar. Se nessa sociedade, corpo, tecnologia e comunidade compõem-se mutuamente; se o corpo se perde na transformação, em ritmo veloz, inserido em um mundo de misturas, nas interconexões *on* e *off-line*, diante disso, viver assim é viver na completude e/ou na incompletude. Nesse sentido, o sujeito-ético, na sua relação com a situação comunicativa, se esta não contribuir para o seu crescimento individual e/ ou coletivo, deve ser orientado para bani-la.

- ***O Labirinto da Hipermissão: a comunicação labiríntica***

Nesse estudo, Leão (2005) entende a comunicação hipermediática com base na metáfora do labirinto, imagem presente em várias culturas com sentidos diversos e muitas vezes complementares. A *busca* do labirinto também leva a caminhos tortuosos e complexos. Essa autora busca a origem do termo labirinto na versão cária ou lídia; segundo essa teoria, *labyrinthos* deriva de *lábrys* e significa machado de corte duplo. O machado que corta em dois lugares tem relação também com os caminhos que se dividem no labirinto.

Leão recorre à mitologia grega, referindo-se ao artesão

Dédalo⁹³, quando este criou o labirinto para esconder a vergonha de Minos: sua esposa Pasífae apaixonou-se pelo touro, que Minos recebeu como presente de Posídon; Minos deveria devolver o animal para sacrifício, por exigência do Deus dos mares, mas se negou a fazê-lo. Como castigo, da paixão de Pasífae pelo touro nasceu o monstro Minotauro, metade homem e metade animal, motivo da vergonha de Minos.

Outro exemplo de labirinto da cultura grega é a cidade de Creta, construída por muitos caminhos intercalados em complexas encruzilhadas, ruas sem saída, abismos intransponíveis, rios, penhascos, portas trancadas sem chaves. Esse labirinto não tinha teto, sua cobertura era o céu, imagem da construção do labirinto do Palácio de Cnossos, essencialmente paradoxal: por um lado, um cárcere; por outro, o céu como limite.

Ao relacionar a imagem do labirinto com a Internet Leão (idem, p.82) afirma:

(...) o labirinto formado por caminhos complexos construídos a céu aberto é uma boa imagem para os sistemas hipermidiáticos. O leitor, ao navegar pelo sistema, vai construindo passagens tortuosas, alterando seu rumo inicial, descobrindo recantos desconhecidos. Porém, na medida em que o céu é o limite, não se pode dizer que o aventureiro esteja preso, confinado, sem ter como sair. A saída está sempre disponível e acessível, seja retomando seus passos

⁹³Para os dicionaristas, "dédalo" significa caminho confuso, entrecortado por encruzilhadas ou, ainda, coisa complicada, obscura. O termo é usado também para se referir ao traçado de grandes cidades: "o dédalo das metrópoles", Etimologicamente, temos Dédalo: do grego *Dáidalos*, "obreiro astucioso" ou, ainda, criativo, engenhoso, hábil.

anteriores (back), seja indo em direção a ela e acionando o botão exit.

Ainda, para Leão, o labirinto constitui-se como imagem universal de busca do conhecimento e Teseu é o seu herói, que adentra seus caminhos, aventurando-se pelo desconhecido. O herói se oferece espontaneamente para embarcar no navio que levaria o tributo a Creta (sete moços e sete moças virgens). Para essa viagem, Teseu será ajudado pelo fio de Ariadne, a luz que o conduzirá até a saída; aconselhado por Ariadne, ele amarra o fio na entrada do labirinto e, por mais tortuosos que fossem os caminhos, seria possível achar o Minotauro. Convém ressaltar, contudo, que o fio de Ariadne não resolve todos os tipos de labirinto.

Por conseguinte, com base na representação metafórica feita por essa autora, a imagem do labirinto, associada à Internet, pode significar esconderijo, refúgio, fuga, caminhos tortuosos e complexos, encruzilhadas, abismos, ruas sem saída, penhascos, portas trancadas, sem chaves.

A Internet pode ser o *fio de Ariadne*, na busca do conhecimento, a *luz* que poderá contribuir para o crescimento pessoal do internauta, isto é, contribuir para a construção do Eu-social, desde que a sua caminhada por esses caminhos tortuosos seja fundamentada por uma metodologia-pedagógica apropriada, representando possibilidades de formação. Enfim, a Internet é o *machado de corte duplo* porque tanto pode apresentar benefícios quanto malefícios.

- ***A leitura nos oceanos da Internet***

Esse trabalho, coordenado por Silva (2003), reúne vários ensaios sobre a navegação na Internet, tendo como ponto de partida o texto gerador *Leitura no mundo virtual: alguns problemas*. Neste ponto, apresentaremos as reflexões de alguns ensaios, aquelas mais pertinentes para a compreensão da metáfora *oceanos da Internet*.

No texto gerador, Silva (idem, p.14) argumenta:

Numa democracia com justiça social, espera-se que todos os indivíduos sejam devidamente preparados para a compreensão e o manejo de todas linguagens que servem para dinamizar ou fazer circular a cultura. O problema é que, num país tão desigual como o Brasil, aqueles oceanos informacionais da Internet vão sofrendo restrições cada vez maiores em termos de presença e de utilização na vida concreta das pessoas. Metaforicamente falando, conforme a classe social do indivíduo e a região onde ele habita, aqueles vastos e velozes oceanos transformam-se em mares e vão se estreitando até se transformarem em rios, lagoas, ribeirões, riachos, fios d'água, meras poças d' água... ou, então, o que vale para determinadas regiões miseráveis brasileiras, como leitões secos onde não existe " água" informacional nenhuma, nem impressa e muito menos virtual. Daí a necessidade de que as discussões sobre as leituras das informações disponibilizadas pela Internet voltem-se, também, para uma dimensão fundamental do projeto de cidadania, que é a *formação* - e não o simples "adestramento" - de sujeitos sociais com condições objetivas para satisfazer as suas necessidades informacionais e participar dignamente dos destinos da sociedade.

No ensaio de Almeida, *O leitor navegador (I)*, ele afirma que a Internet, desde o seu surgimento, afigurou-se como uma fonte inesgotável de conhecimento. O *Google*, por exemplo, *elevou a busca de informação na web praticamente ao estado de arte, sem um acréscimo de complexidade ao usuário* (ibidem, p.33). Do texto de Amaral, *Internet: novos valores e novos comportamentos*, destacamos a declaração de que a alfabetização digital é condição fundamental para o surgimento de uma real produtividade, a partir de sua utilização, reiterando que tal utilização deve ter um suporte metodológico-pedagógico.

Silva (ibidem, p.53) escreveu também o ensaio *Reflexão da reflexão – navegando rumo ao espaço escolar*. Dentre suas reflexões, enfatizamos como de maior importância a que diz:

o grande problema para a superação do analfabetismo digital e / ou para a aprendizagem do manejo de computadores pelas novas gerações reside num elemento-chave: o professor. Sem que o professor esteja objetivamente habilitado para o uso dos computadores, incluindo aqui o domínio dos principais programas e das principais linguagens para a produção / recepção de informações virtuais, serão mínimas as chances de uma socialização da Internet em nosso meio ou, se quiser, será muito lento esse processo, retardando sobremaneira o usufruto dos seus benefícios pela maioria da população brasileira.

Em outro ensaio, *As novas tecnologias e as mudanças nos padrões de percepção da realidade*, Amaral (ibidem, 108) assegura que a Internet não apresenta apenas um maior e mais efetivo

acesso às informações, mas também pode interferir no modo como tais informações serão utilizadas na aprendizagem de conteúdos significativos. Afirma ainda que, nesse novo saber-comunicar:

As mensagens veiculadas devido às suas características de fluidez, numeralização, plasticidade e instantaneidade são mais facilmente suscetíveis às interferências dos receptores que podem contribuir diretamente na sua construção e se tornarem também autores-produtores do conhecimento, ou, dito de outra forma, sujeitos da comunicação e do processo cognitivo (p. 108).

Amaral também se preocupa com o papel do professor, nesse processo de ensino-aprendizagem, com a utilização do ciberespaço, e apresenta a sugestão de Lévy (ibidem, 113), no que diz respeito à postura que o professor deve assumir na Cibercultura: *arquiteto cognitivo e engenheiro do conhecimento*. Este tem a função de estrategista da aprendizagem; aqui, o professor não pode ser mais um transmissor de saberes já instituídos, mas *o animador da inteligência coletiva, estimulador da troca de conhecimentos entre os alunos*. O *arquiteto cognitivo, por sua vez*, seria, de forma geral, um profissional capacitado para desenvolver estratégias metodológicas, com a finalidade de proporcionar ao aluno a capacidade para construir *seu aprendizado contínuo, de forma autônoma e integrada, fazendo uso crítico da tecnologia* (ibidem, p.114). Ele acredita que desse processo ensino-aprendizagem resultará um re-pensar do próprio conceito de educar, retomando o que disse Ramal (ibidem, idem):

Educar será, portanto, desenvolver processos abrangentes, segundo critérios como consistência, previsibilidade, motivação, envolvimento, performance, capacidade de articular conhecimentos, de comunicar-se e de estabelecer relações. Isso ajudará a preparar o cidadão da era do ciberespaço; como a matéria-prima da produção será a informação e os conteúdos da formação inicial se tornarão rapidamente obsoletos, ele deverá ser um profissional capaz de aprender sempre; um ser consciente e crítico que dialogue com as diferentes culturas e os diversos saberes, que saiba trabalhar de forma cooperativa e que seja flexível, empreendedor e criativo para administrar sua carreira e sua vida pessoal, social e política.

Os ensaios coordenados por Silva (2003) abordam questões importantes, provocativas e reflexivas, com a finalidade de mostrar que navegar nos oceanos da Internet exige o repensar de atitudes, competências e habilidades no que diz respeito à alfabetização digital. Tais ensaios enfatizam a importância do papel do professor nesse processo de ensino-aprendizagem do texto eletrônico, bem como na forma de interatividade entre o leitor da *web* e o conhecimento ali encontrado. O termo *oceanos* remete a uma grande quantidade de água salgada, que ora apresenta mares bravios, ora a calma dos mares, às vezes conhecidos, outras vezes desconhecidos. Ao mergulhador-instrutor cabe, portanto, ensinar o seu aluno a mergulhar nesses mares, a conhecer as ondas, nas quais pode *surf*, para evitar que aqueles vastos e velozes oceanos se transformem em mares que se *vão se estreitando até se transformarem em rios, lagoas, ribeirões, riachos, fios d'água, meras poças d' água*. Esse tipo de transformação sinaliza, assim, para a *incompleteza* da Internet, se a comunicação

pela web não for empregada de forma inteligente, em conjunto com práticas educacionais aperfeiçoadas (Almeida, in Silva, p.35).

- ***A religião das máquinas***

Em seu trabalho *A religião das máquinas*, Felinto (2005, p.8) afirma que, em se tratando da chamada cibercultura - uma forma de cultura que acolhe a tecnocultura -, as novas tecnologias de informação e comunicação têm um papel de destaque. Muitas publicações, que escrevem sobre esse tipo de cultura, o fazem por meio de metáforas, recorrem a mitologias e fantasias utópicas (ou distópicas) no tocante às potencialidades futuras das tecnologias do computador e da Internet. Dessa forma, não são apenas obras de ficção científica ou filmes hollywoodianos como *Matrix* (1999) que se envolvem na teia do pensamento mítico a respeito das tecnologias digitais. *O imaginário tecnológico perpassa igualmente a ficção e a teoria*. Dentre os elementos de ficção comuns na cibercultura, é possível a identificação daquele que, talvez, implique o tema central do imaginário tecnológico contemporâneo, que é a máquina como instrumento na promoção da superação dos limites humanos.

Tal noção de transcendência sempre foi associada ao projeto tecnológico do Ocidente, posto que, desde a Idade Média, imaginava-se que o aparato tecnológico servia para aperfeiçoar o homem, *aproximando-o progressivamente de Deus*. Atualmente, esse imaginário transcendental parece munir-se de *uma força e uma dimensão inauditas*, que remetem às fantasias em curso, no tocante às possibilidades de que as tecnologias digitais se transformem em *uma verdadeira religião das máquinas, com seus credos, filosofias, sacerdotes e cultos próprios*. Como disse Philippe Breton, o

entusiasmo pela Internet acontece em um ambiente que parece verdadeiramente com o de uma nova religiosidade (In: Felinto, idem, p.8).

Com respeito a essa religiosidade, Felinto (idem, p.11) argumenta:

No já farto mercado espiritual da cultura contemporânea, uma nova forma de religiosidade parece estar surgindo. Ela possui seus sacerdotes, templos e rituais, mas seu caráter antiinstitucional não permite identificar padrões e regularidades absolutos em nenhuma dessas três instâncias. Se tem características que possam ser qualificadas como essenciais, são elas talvez a sua *espetacularidade* e *paradoxalidade*. A nova religiosidade não apenas encontrou um nicho favorável na cultura de massas espetacularizada da pós-modernidade, mas também demonstrou ser capaz de conjugar polaridades tradicionalmente tidas como inconciliáveis: corpo-espírito; visibilidade-invisibilidade; misticismo-ciência. Não seria surpreendente, em vista de tudo isso, descobrir figurações desta religiosidade nascente em produtos da indústria cultural do entretenimento.

O admirável mundo novo das tecnologias informáticas constitui também um mundo *de perplexidades, de incertezas, de imaginação exaltada e, por vezes, selvagem*. Quando uma tecnologia é introduzida em uma cultura, é natural a produção de *um dilúvio de expectativas, de insegurança ou otimismo exacerbado*. No início do desenvolvimento do rádio, da televisão, do telégrafo *não faltaram fantasias e delírios utópicos ou distópicos* (idem, p.54). Imaginou-se inclusive que essas tecnologias fossem capazes de

392

transmitir pensamentos a distância de uma mente para outra.

Felinto (idem, p.153-154) amplia suas reflexões e argumenta que, quanto maior for a resistência em relação à doação de sentido humano à técnica, em especial de sentido religioso, o mais totalitário e sedutor de todos, maior ainda será a possibilidade de nos colocarmos no horizonte de uma nova compreensão da tecnologia – aqui, a tecnologia tanto é determinante de realidades humanas quanto é determinadas por tais realidades – que passa a considerar, de forma precisa, a sua materialidade, sua poderosa ação sobre o campo das percepções e da subjetividade humana, bem como o seu papel no próprio processo de construção de sentido

Ao refletir sobre religiões, Demo (2000, p.37) declara que, na praticidade, as religiões também vivem paradoxos preocupantes, desde os fundamentalismos segregadores até à santidade capaz de doar vidas inteiras pela vida dos outros. Para ele, é muito difícil alguém ser feliz sem apelar para a religião, por mais que isso também seja paradoxal. Logo, a felicidade significa, fundamentalmente, a insistência do lado bom das coisas, sem olhar para o lado negativo, além de saber contentar-se com pouco.

De acordo com o dicionarista Houaiss (2004), um dos significados do termo religião é crença na existência de uma força ou de forças sobrenaturais. Não existe uma só religião e a crença nas forças sobrenaturais depende desta ou daquela religião. Para os adeptos de determinada religião, a verdade está com eles; para os adeptos de outras, a força sobrenatural, na qual acreditam, é detentora da verdade absoluta; cada pessoa tem a sua religião e

acredita que ela é salvadora do mundo, com a ajuda de seus diferentes líderes religiosos, nos seus ímpares espaços sagrados, com seus diferentes cultos. Portanto, na metáfora *religião das máquinas*, associada à Internet, existe tanto o sentido de completeza quanto de incompleteza, em face de suas características de espetacularidade e paradoxalidade (Felinto, 2005, p.11).

- ***Janelas do ciberespaço***

Neste trabalho, Lemos e Palácios (orgs. 2004) discutem as principais questões, no que diz respeito à cibercultura, com base nas pesquisas em andamento no Centro de Estudo e Pesquisas em Cibercultura, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. Os autores citam as reflexões de Silva (idem, 152-168), que entende a rede social como um espaço antropológico, recuperando a idéia de Levy (1997, p.86): *Os espaços antropológicos são mundo de significação e não categorias coisificadas que partilham entre si objetos corporais*, um sistema de proximidade (espaço) característico do mundo humano e, por ser assim, tem a sua dependência nas técnicas, nos significados, na linguagem, na cultura, nas convenções, nas representações, bem como nas emoções humanas. Essa autora aponta um caráter duplo da Internet, quando a compreende como uma comunicação reticular que deu existência à possibilidade de criação e desenvolvimento de um novo espaço público, uma *Nova Ágora*, cuja característica fundamental é um *Fórum Híbrido*. Para bem explicar esse caráter híbrido, ela assegura que

(...) o sujeito vive a possibilidade de ambivalência entre o local e o global, entre o eu e o anonimato, entre o eu e o outro do pseudônimo, entre a pertença e o desenraizamento, entre o ser produtor e consumidor de conhecimentos à escala global, entre a nacionalidade e o cosmopolitismo, etc (Silva, idem).

Ao ampliar as suas reflexões, Silva (idem, 152) argumenta que a Internet é, ao mesmo tempo, real e virtual (representacional), informação e contexto interacional, espaço (site) e tempo, alterando as suas coordenadas os seus *espaço-temporais a que estamos habituados, compactando-as, ou seja, o espaço e o tempo na rede existem na medida em que são construções sociais partilhadas*. Tal construção estrutura-se pelos laços e valores sociopolíticos, estéticos e éticos que tipificam este novo espaço antropológico. Argumenta, ainda, a autora, sobre a necessidade de uma visão crítica para analisar as transformações advindas da Internet, no sentido de que o discurso a respeito dessa sociedade informacional não se limite à usual utopia-redentora discursiva. A razão crítica, portanto, ainda é o instrumento apropriado para refletirmos sobre tal realidade, mas não a razão crítica cartesiana, fundada no pensamento da modernidade, por meio de um questionamento constante para buscar a verdade, mas *que apesar de levar a crítica ao seu estado hiperbólico não a estende a si própria*.

Em prosseguimento, tal espaço antropológico constitui uma nova organização sociotécnica, cuja finalidade é facilitar o caráter móbil no e do conhecimento, a troca de saberes, a construção grupal do sentido, em que a identidade sofre a extensão do eu fundamentada na dissolução da corporeidade, melhor dizendo, o

que se perde em corpo se ganha em velocidade e capacidade de disseminar o eu no espaço-tempo. *Assiste-se, assim, a uma aceleração do metabolismo social* (idem, p. 153).

A metáfora janela sempre foi utilizada como forma de representação de possibilidade de abertura para o conhecimento, para o mundo; essa metaforização também representa a tela do computador. Janelas, contudo, ora estão abertas, ora estão fechadas e, neste caso, não sabemos o que se pode encontrar além de uma janela fechada. A Internet possui um número incalculável de janelas e o internauta tem o direito de abri-las; no entanto, para encontrar os conhecimentos que poderão contribuir para a sua formação, ele deve ser orientado para saber qual ou quais deverá abrir.

- **Internet é *parangolé*: co-autoria na arte interativa**

Para Silva (2006), no cenário da teledifusão a ideia de bidirecionalidade é entendida como reversibilidade entre emissão e recepção, como conversação. Contudo, no cenário das artes plásticas, das artes cênicas e da literatura o sentido de bidirecionalidade é mais enriquecido; aqui, a noção de co-autoria é relevante e o receptor passa a ser visto como co-criador da obra. Silva cita algumas obras destacadas por Arlindo Machado⁹⁴, que sinalizam para a co-autoria quando trata da "dimensão mais propriamente semiótica"⁹⁵ da interatividade: os móveis de Calder⁹⁶,

⁹⁴ MACHADO, Arlindo. *A arte do vídeo*, 1988, p. 211)

⁹⁵ Silva (idem) observa que o aspecto ou dimensão da interatividade que Machado chama de "semiótico" é o mesmo que ele considera como bidirecionalidade-hibridação.

⁹⁶ Os móveis de Calder antecipa o movimento artístico que rompe com a estaticidade da pintura, apresentando a obra como um objeto móvel, que não

os espetáculos coletivos do Living Theatre⁹⁷, os *happenings* do grupo Fluxus⁹⁸, as instalações e os ambientes imaginados por artistas como Donald Judd, Richard Serra ou Robert Morris⁹⁹, os

traduz somente ou representa o movimento, mas o que está em movimento, cabendo ao leitor a contemplação do que está inscrito nas obras, "desenhos quadridimensionais", como os define Calder. Algumas de suas peças ocupam espaços públicos, como o Vermelho, Negro e Azul (1967), no aeroporto de Dallas, Estados Unidos. A partir de seu emprego nos anos de 1930, o uso do termo móbile se generaliza denominando outras obras de mesmo tipo, entre as quais do escultor inglês Lynn Chadwick (1914). Desde a segunda metade do século, os móveis ganharam popularização como objetos de decoração de interiores, perdendo a conotação originalmente dada por Calder (Google-www.itaucultural.org.br/).

⁹⁷ A *live art* é a arte de acontecimento, do espontâneo. Nela agrupa-se uma série de tendências que ficam no limite do que tem sido conceituado como arte. O *happening*, cuja essência é a arte como expressão, tem aqui a sua passagem para a *performance*. Esse acontecimento associa-se à ideia de um *free theatre* liberdade essa que se dá tanto nos aspectos formais quanto ideológicos. O *happening* apóia-se no experimental, no anárquico, na busca de outras formas; importa-se mais com o processo, o rito, a interação e menos com o resultado estético final. Nele não existe um superego crítico, os valores de julgamento foram abandonados e o seu contexto é o da década de 60, da contracultura, da sociedade alternativa (COHEN, p. 131-132).

⁹⁸ O grupo Fluxus, um movimento "entre meios de expressão" prosperou nos anos 60 e introduziu várias inovações em performance, filme e, por fim, vídeo. Foi um movimento internacional de artistas, escritores, cineastas e músicos liderados por George Maciunas (1931-78), provocador lituano que organizou os primeiros eventos do grupo, inicialmente na Galeria AG em Nova York (1961) e, depois, em festivais na Europa, com início em 1962. De espírito semelhante ao dadaísmo (o manifesto de Maciunas o descreveu como "neodadaísmo na música, no teatro, na poesia e na arte"), o Fluxus, como qualquer movimento de vanguarda, era antiarte, principalmente contra a arte como propriedade exclusiva de museus e colecionadores. Fez críticas à seriedade do alto modernismo e tentou, seguindo Duchamp, afirmar o que os fluxistas consideravam ser um vínculo essencial entre objetos cotidianos, eventos e arte. Os eventos do Fluxus tornaram-se, portanto, as incorporações perfeitas da máxima de Duchamp de que o espectador completa a obra de arte (RUSH, 2006, p. 18-19).

⁹⁹ De acordo com Rodrigues Neves, crítico e autor do artigo *A Forma Difícil*, no final dos anos 60, os primeiros trabalhos de Richard Serra, as Props (apoios, suportes) embora ainda ofereçam uma visão frontal e dependam da parede para existir, já apontam uma marca decisiva para o que virá depois: a interferência do observador para manter as peças em pé. Pouco a pouco, Richard Serra transfere tais deslocamentos para a própria relação das esculturas com o espaço tanto ao ar livre como em interiores. O que os minimalistas ainda entendem como relação pacificada, agora se transforma numa relação entre o observador e a obra; é na natureza dessa experiência que Serra tem a sua relevância. De acordo com Donald Judd, o importante era a busca de uma nova relação entre o observador e os trabalhos de arte. Robert Morris, por sua vez, afirma a necessidade de uma

poemas desmontáveis de Raymond Queneau¹⁰⁰, os bichos de Lígia Clark¹⁰¹, os parangolés de Hélio Oiticica são apenas alguns exemplos, dentre milhares de outros.

As obras desses autores apontam para uma co-autoria que pressupõe a participação ativa do leitor-espectador com a finalidade de completá-la e solicitam desse público a resposta inesperada. Conforme Machado (op. cit.,1) esse tipo de interatividade abole, *pelo menos nas experiências mais radicais, as fronteiras entre autor e fruidor, palco e platéia, produtor e consumidor*. No sentido de relacionar a interatividade pelo computador, Silva seleciona, entre os exemplos citados, por Machado, a cultura do *parangolé*, de Hélio Oiticica, que lhe parece representar tanto a intervenção ativa do leitor-espectador como a resposta inesperada que acaba com as fronteiras entre autor e fruidor de sua obra.

relação íntima entre observador e a obra e também com o espaço de fora no qual o objeto existe. Para ele, os melhores, dos mais recentes trabalhos, conduzem as relações para fora do trabalho e as torna função do espaço, da luz e do campo de visão do observador. O próprio objeto não deixou de ser menos importante. Ele se tornou, simplesmente, menos *auto*-importante (Google-www.itaucultural.org.br/).

¹⁰⁰ O livro mais conhecido de Raymond Queneau (1903-76), o romance de 1959 *Zazie dans le métro*, marcou não somente a literatura, mas também o metrô parisiense: uma estação da linha 5 foi batizada com o nome do escritor, privilégio dado a poucos de seus confrades, como Diderot, Victor Hugo e Alexandre Dumas. Um dos seus mais importantes trabalhos é *Exercícios de Estilo*, no qual conta a simples história de um homem que relata a sua experiência vendo um estranho duas vezes no mesmo dia. O que torna esta narrativa singular é que ela é contada de noventa e nove formas diferentes, demonstrando uma enorme variedade de estilos na qual a contação de história pode ser feita (Google-www.itaucultural.org.br/).

¹⁰¹ No começo da década de 1960, Lygia Clark revolucionou a arte brasileira e mundial ao criar algumas das primeiras obras que demandam a interação com o público. Ela começou com a série Bichos: esculturas compostas por placas de metais conectadas por dobradiças, o que permitia que o público as manuseasse, mudando a forma das obras.

Jacques (2003, p. 28) nos informa que Oiticica, ao descobrir a liberdade na Escola de Samba da Mangueira, deixa o conforto de sua comunidade familiar para viver *essa liberdade num espaço marginal, numa marginalidade efetiva*. Ele experimenta essa liberdade na prática do samba, tornando-se um dos melhores passistas brancos da ala *Vê se entende*. A paixão pela vida do morro, em especial pela favela e pela malandragem marca toda a sua obra posterior, numa mistura vida-arte, arte-pensamento, em três aspectos que caracterizam esse artista:

Para começar, o samba, que é um mito coletivo da Mangueira [...]; as relações sociais do povo da comunidade da Mangueira entre eles e com a sociedade externa; e a arquitetura das favelas, as casa construídas pelos próprios habitantes com o material do lixo que foi encontrado e que eles adaptam livremente à sua necessidade e vontade (Guy Brett, *idem*).

A seguir ilustrações de Capas *Parangolés*.



Figura 128: Capas *parangolés*
Fonte: www.itaucultural.org.br



Figura 129: Capa *parangolé*: o leitor dentro da obra
Fonte: www.itaucultural.org.br

El parangolé es una «propuesta de participación activa del espectador», dice Oiticica. Participación «sensorio-corporal» y «semántica» que «no se reducen al puro mecanismo de participar, sino que se concentran en significados nuevos, diferenciándose de la pura contemplación trascendental». Al espectador «se le solicita completar los significados» propuestos en el parangolé. Son «propuestas cada vez más abiertas en el sentido de esa participación, incluso las que tienden a dar al individuo la oportunidad de *crear* su obra». El individuo «*viste* una capa constituida, a su vez, de diversas capas de pano de color que se revelan a medida que se mueve corriendo o bailando». Su acción se transforma en elemento del parangolé, el cual invita a participar «accionando los elementos contenidos en él». El autor estructura tales elementos «arquitectónicamente». Crea «caminos o espacios a recorrer» y «los *datos transformables* que exigen una participación inventiva cualquiera del espectador» (Silva, 2005, p. 239).

Silva (idem) apresenta um diálogo possível entre a interatividade parangolé e a interatividade digital [aqui entendida como Internet]. Nesse contexto, o artista não concebe a si mesmo como um criador de obras destinadas à contemplação, mas como alguém que motiva a criatividade dos espectadores. Dessa forma, a criação somente se completa na participação do espectador [internauta]. Este é convidado para participar da criação de sua obra e oferece múltiplas entradas, um convite à imersão e à intervenção do participante, o qual inscreve nela a sua emoção, sua intuição, seus desejos, seus gostos, sua imaginação, sua inteligência. Sendo assim, la obra es algo inacabado, algo incompleto, y no una obra concebida (idem).

Capas *parangolés*, o entrelaçamento entre objeto-arte e autor-leitor, ou seja, o autor-leitor dentro da obra e esta dentro do autor-leitor; somente por meio de tal entrelaçamento a obra ganha existência, completude. Ao vestir-se com a capa *parangolé*, o leitor assume a co-autoria da obra, na sua forma de dançar com a capa: os movimentos do corpo criam diferentes formas de arte. Ao manusear o *mouse*, os movimentos de busca, realizado pelo internauta, quando ‘dança’ com o *mouse*, na tela do computador, o internauta cria e completa a sua obra.

Isto posto, os discursos metafóricos apresentados caracterizam a Internet como um mundo da comunicação e da informação, cuja interatividade entre usuários e o computador é dual: o isso e aquilo, o bem e o mal.

Como ilustração, apresentamos, a seguir, uma teia com as significações tecidas pelos autores estudados que, metaforicamente, representam a internet como *parangolé*, *labirinto*, *religião*, *sociedade líquida*, *janela*, *oceanos*, ou seja, um mundo de completudes e incompletudes.

9.3.2 A internet metaforizada

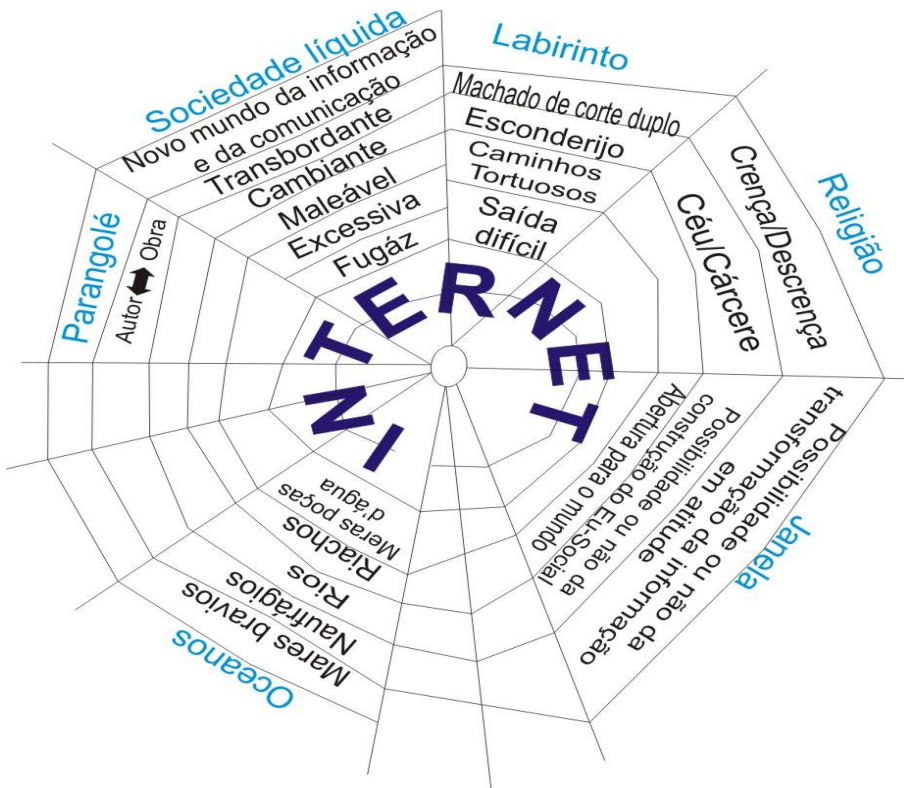


Figura 130: Uma teia de significações

9.4 Sites de relacionamento: um novo Imaginário

9.4.1 O Imaginário da Internet

Flichy (2001) representa as comunidades virtuais como sendo *un nuevo imaginário de Internet*. Para ele, ainda que a cultura da Internet tenha se desenvolvido nos anos 70/80, dentro do seio de uma comunidade universitária, fechada em si mesma, existiam à margem desse mundo universitário comunidades autônomas que

praticavam a informática de forma diferente, como é o caso dos *hackers*, *Community Memory* e outras.

Dentre essas comunidades virtuais, os sites de relacionamento, também chamados de *comunidades de membros*, pela empresa de pesquisas Nielsen (BBC Brasil, 2009) ¹⁰², constituem, atualmente, um tipo de ferramenta, cada vez mais popular no mundo, usada por 70% de internautas. O Brasil é o país que mais navega em sites de relacionamento, afirma essa empresa; hoje, 80% dos brasileiros, que navegam na internet, estão ligados a blogs e redes de relacionamento como é o caso do Orkut. São os internautas brasileiros, também, os que passam mais tempo nesses sites – em média, um a cada quatro minutos de navegação na internet. Nesse patamar de navegação, a Nielsen divulga que a Espanha aparece em segundo lugar, com 75% de navegadores em redes de relacionamento, Itália, 73% e Japão 70%.

A BBC Brasil (*idem*), com base nas informações da Nielsen, afirma que as *comunidades de membros* apresentam hoje maior popularidade que o e-mail, com 66,8% de alcance global, classificadas em quarto lugar entre os recursos mais utilizados na internet. Todavia, os sites de busca continuam sendo a atividade mais procurada, utilizados por 85,9% dos internautas mundiais, seguidos dos portais e comunidades de interesse geral, com 85,2% de navegação, e dos sites de fabricantes de softwares, com 73,4%.

¹⁰² Empresa global de informações e mídia com posições de liderança na indústria de informações de mercado e consumidor, televisão, inteligência online. br.nielsen.com/

De acordo com o jornal *Correio Brasiliense* (online, 2009) o site de relacionamento mais acessado no mundo é o Facebook, com 175 milhões de membros e mais de 130 milhões de visitas semanais, o que agrava a ocorrência de crimes online. Segundo o *Estudo Norton Online Living Report*, aplicado em 12 países, dentre eles o Brasil, metade dos adultos usa esse tipo de serviço. O professor de Telecomunicações da Universidade de São Paulo – USP e da Universidade Mackenzie, também na cidade de São Paulo, Márcio Eisencraft, diz que não é possível uma segurança total:

Existe um risco a pagar por usar esses sites. As pessoas precisam estar cientes de que seus dados estão sendo acessados. O que você coloca é divulgado para o mundo inteiro. Ninguém obriga as pessoas a darem suas informações, mas elas acabam imaginando que são apenas seus amigos que as acessarão.

Nos estudos realizados em junho de 2009, pelo Institute for Business Value (IBV), da IBM, os usuários de redes sociais já representavam cerca de dois terços dos usuários de internet no mundo e o número de internautas em sites de relacionamento deve passar dos 800 milhões, até 2012, com um tráfego na internet de 20 mil petabytes ao mês. Este estudo alerta para a necessidade de fornecedores de soluções de telecomunicações produzirem novos serviços que atendam às práticas dos navegadores das redes sociais. A estatística é que, no período de três a quatro anos, 90% do consumo de banda larga do tráfego da internet seja direcionado para as redes sociais.

Ainda, segundo esse estudo, a aplicação que deve apresentar maior crescimento neste período é a TV pela internet, com um crescimento de 104%, seguida pelas comunicações por vídeo, 44%, games, 30% e VoIP (voz sobre IP, ou telefonia via Internet banda larga), 24%. O estudo destaca, também, que as redes sociais já estão sendo usadas para a interação entre empresas, clientes e parceiros de negócios. Eis alguns dados interessantes:

- 69% dos profissionais utilizam aplicativos para aumentar a colaboração;
- 55% agilizam o tempo de resposta com eles;
- 36% pretendem diminuir os custos de TI com o uso de ferramentas colaborativas.

9.4.2 Alguns dados sobre a Internet e outros meios de comunicação no Brasil e no mundo

As informações, a seguir, extraídas do banco de dados do Ibope Nielsen Online, apresentam a atuação dos brasileiros na Internet. Esses dados tiveram a sua última atualização em 10.02.2010:

- **Número de usuários**

Em dezembro de 2009, 66,3 milhões de brasileiros acessavam a Internet, representando um aumento de 16% em relação a 2008^[1]. O Brasil é o 5º país nesse tipo de atuação^[2]. Nos centros urbanos, 44% dos brasileiros conecta-se à Internet^[3]; 97% das empresas^[4] e 23,8% dos domicílios brasileiros também fazem essa conexão^[5].

- **Internautas ativos**

Nessa atividade, 27,5 milhões de brasileiros acessam regularmente de suas casas, numa subida de 36,4 milhões, considerando-se também as conexões feitas nos locais de trabalho (jul/2009)^[6]. 38% das pessoas acessam à web diariamente; 10% de quatro a seis vezes por semana; 21% de duas a três vezes por semana; 18% uma vez por semana. No total, 87% dos internautas brasileiros entram na internet semanalmente^[7].

De acordo com Alexandre Sanches Magalhães, gerente de análise do Ibope//NetRatings, o ritmo de crescimento da internet brasileira é intenso. A entrada da classe C para o clube dos internautas deve contribuir para a manutenção desse crescimento^[8].

- **Tempo médio de navegação**

<u>Tempo médio de navegação</u>		
Posição	País	Tempo
1º	Brasil	48h26m
2º	Estados Unidos	42h19m
3º	Reino Unido	36h30m
4º	França	33h22m
5º	Japão	31h55m
6º	Espanha	31h45m
7º	Alemanha	30h25m
8º	Itália	28h15m
9º	Austrália	23h45m

Figura 131: Quadro-tempo navegação

- **Comércio eletrônico: a crise não chegou aqui**

No primeiro semestre de 2008, as compras on-line apresentam R\$ 3,8 bilhões (45% mais do que igual período de 2007)^[10]. O ano fechou em R\$ 8,2 bilhões (crescimento de 30% na comparação com 2007). A previsão para o primeiro semestre de 2009 era de R\$ 4,5 bilhões^[11], mas, mesmo com crise, o faturamento foi de R\$ 4,8 bilhões, 27% a mais em relação ao mesmo período de 2008. O valor médio das compras é de 323 reais^[12]. A previsão é que o ano feche em R\$ 10,6 bilhões.

- **Publicidade on-line**

A internet tornou-se o terceiro veículo de maior alcance no Brasil, atrás apenas de rádio e TV^[13]. 87% dos internautas utilizam a rede para pesquisar produtos e serviços^[14]. Antes de comprar, 90% dos consumidores ouvem sugestões de pessoas conhecidas e 70% confiam em opiniões expressas online^[15].

- **Venda de Computadores**

São 60 milhões de computadores em uso, segundo a Faculdade Getúlio Vargas – FGV –, devendo chegar a 100 milhões em 2012^[16]. 95% das empresas brasileiras possuem computador^[17].

- **Banda larga**

Atingimos 10,04 milhões de conexões em junho de 2008: um ano e meio antes do previsto, já que essa era a projeção para 2010^[18]. Quanto ao volume de dados, o incremento foi de 56 vezes

de 2002 até 2007. E a projeção é de um aumento de 8 vezes até 2012^[19]; o número de conexões móveis cresceu de 233 mil para 1,31 milhão em um ano^[20].

No tocante aos sistemas gratuitos de banda larga, sem fio (*Wi-Fi*), damos o exemplo da cidade do Rio de Janeiro: esses sistemas estão nas orlas de Copacabana, Leme, Ipanema e Leblon, nos Morros Santa Marta^[21] e Cidade de Deus^[22] e na Praça Roberto Silveira, em Duque de Caxias^[23]. Estão nos planos: São João de Meriti, Belford Roxo, Mesquita, Nova Iguaçu, Nilópolis, Rocinha, Pavão-Pavãozinho, Cantagalo e 58km da Avenida Brasil^[24].

- **A conexão no Mundo**

O número de usuários de computador vai dobrar até 2012, chegando a 2 bilhões. A cada dia, 500 mil pessoas entram pela primeira vez na Internet^[25], a cada minuto são disponibilizadas 20 horas de vídeo no *YouTube*^[26] e cada segundo um novo *blog* é criado^[27]. 70% das pessoas consideram a Internet indispensável^[28]. Em 1982 havia 315 sites na Internet^[29]. Hoje existem 174 milhões^[30].

9.5 Orkut: o machado de corte duplo

Em face do fenômeno sociocomunicacional, que é Internet e, também, em face do seu aspecto de incompletude, assuntos problematizados neste capítulo, entendemos a pertinência da expansão das informações, a respeito do Orkut. Esta rede de relacionamento constitui um imaginário da Internet, um novo *modus vivendi* de interação, onde o saber-fazer a comunicação não está sujeito a restrições, o que permite ao orkutiano a prática do bem e/ou do mal.

O Orkut aponta para uma relação de amor e ódio, pelo fato de promover não apenas alegrias, mas também tristezas, no seu modo de saber-fazer a informação e a comunicação. Na visão de Taitelbaum (2006, o *Orkut é um universo feito de confiança e falsidade, boas intenções e vaidades, riscos e oportunidades*. Nesse universo, o orkutiano cria a sua própria comunidade, além de ser convidado para participar de outras; encontra amigos que não via há muito tempo, conhece os amigos desses amigos, aumentando, assim, seu rol de amizades virtuais que, muitas vezes, tornam-se reais, de fato. A nosso ver, é nesse fenômeno tecnológico que verificamos a grande mudança sociointeracional, mais do que verificamos nas inovações de caráter econômico e laborativo.

A despeito disso, esse saber-fazer-comunicar aponta, ainda, para uma verdade epistêmica, e não para uma *dóxa*, uma vez que não deixa dúvidas sobre o protagonismo que oferece, seja para bem ou para mal, ora construindo, ora desconstruindo, razão por que se faz necessário a urgência de um trabalho conscientizador, no que diz respeito a uma navegação responsável, com objetivos claros e precisos, capazes de contribuir para o crescimento pessoal do eu e do outro, desde que atenda a padrões éticos adequados tanto para o bem-estar dessa grande massa orkutiana como de toda uma coletividade – muitas pessoas, mesmo não sendo membros dessa rede, já foram vítimas de maus navegadores – .

Na acepção do dicionarista Aurélio (1975, p. 542), *epistême* vem do grego e significa ciência; teoria da ciência; teoria do conhecimento e metodologia. Dias e Silva (2010) explicam de outra forma: a verdade epistêmica implica o que é conhecido como verdadeiro. O termo *doxa*, também de origem grega, é o que se

410

acredita verdadeiro. Logo, o conhecimento epistêmico não necessita ter a sua veracidade investigada, pelo fato de já constituir uma verdade constatada. Se numa avenida de grande fluxo de carros, um homem morreu atropelado, a morte por atropelamento não exige verificação de verdade. No entanto, a causa dessa morte necessita de investigação da veracidade: foi atropelado e morreu porque estava embriagado: porque atravessou o sinal vermelho? Porque estava fugindo de uma perseguição policial? O motorista que o atropelou atravessou o sinal vermelho? Dirigia com excesso de velocidade? Logo, o conhecimento epistêmico, a morte por atropelamento, já tem a sua verdade constatada e a doxa é um conhecimento que necessita de verificação de verdade, por ser avaliativo, opinativo – o que causou a morte por atropelamento.

Quando estava com apenas cinco meses de inauguração, nos Estados Unidos (criado em 22 de janeiro de 2004), esse site já representava o mais novo fenômeno da Internet. Seu criador é um dos analistas de sistemas do Google (site de buscas), o engenheiro projetista chefe, Orkut Büyükkökten. No Brasil, é muito difícil encontrar alguém que ainda não ouviu falar sobre o Orkut, considerado um fenômeno, nesse país, e nem mesmo o seu criador sabe explicar a razão. Por isso, não apenas essa rede de relacionamento, mas também as demais – Facebook (o mais acessado no mundo), My Space, Twitter, etc – necessitam de avaliações.

9.5.1 Por que o Orkut faz tanto sucesso entre brasileiros?

A participação do internauta, em qualquer forma de interação pela Internet, exige um mínimo de leitura e/ou de escrita, conforme a interação. O Brasil, de modo geral, é tido como um país de não-leitores e não-escritores. Além disso, o brasileiro gosta do relacionamento face a face, ou seja, gosta de estar próximo da pessoa com quem se comunica, pois ele é genuinamente comunicativo e, por essa razão, faz amizades com facilidade. No entanto, embora ele prefira estar próximo da pessoa com quem interage, seu relacionamento face a face é limitado a alguns amigos, colegas de trabalho e de escola, com os quais nem sempre pode conversar. No Orkut, contudo, ele pode relacionar-se com um número ilimitado de pessoas e aumentar o seu rol de amizades virtuais - aqui, há sempre alguém com quem falar sobre emoções, desejos e admirações; neste caso, a interação à distância, pelo Orkut, satisfaz a necessidade do brasileiro de comunicação ilimitada.

O imaginário social da cultura brasileira, em relação ao ato de ler, ou seja, os discursos que apresentam os pontos de vista, sobre o hábito de leitura do brasileiro, são formalizados por grupos sociais específicos, como professores e educadores, em geral, e autores teóricos. Para tais grupos, o brasileiro não sabe ler, porque não lê, não sabe escrever, porque não escreve e as escolas não estimulam o hábito de leitura e a prática da escrita. Portanto, ler e escrever bem, no Brasil, são tarefas difíceis, complicadas e tanto o bom leitor quanto o bom escritor só são encontrados em escolas de alto padrão, pois o nível de ensino das escolas públicas brasileiras não é adequado para formar leitores e escritores com o perfil ideal: crítico, autocrítico, capaz de questionar o texto lido e de interferir no meio em que vive para transformá-lo.

O brasileiro pode não ser um bom leitor de textos e de livros, os quais, em geral, lhes são impostos na escola e não apresentam temas de seu interesse. Por outro lado, o brasileiro tem-se mostrado um bom leitor do mundo, quando se trata de falar sobre emoções, sentimentos, prazeres, enfim, de falar sobre coisas que conhece e das quais gosta ¹⁰³. Assim, por ser um bom leitor da *palavramundo* (Freire, 1996), o brasileiro tornou-se o maior leitor do mundo orkutiano. Neste espaço, tem liberdade para apresentar seus pontos de vista, a respeito dos mais variados assuntos, e pode fazê-lo sem cobranças e críticas, sem o compromisso com a língua padrão, normativa, uma vez que utiliza a linguagem do internauta: simples, desobrigada de pontuação e acentuação, abreviada, ou seja, a variante linguística internetez. Toda essa descontração contribui para a formação desse leitor proficiente *orkutiano*.

9.5.2 Orkut: o 'divã' analista

Para muitos orkutianos que vivem sozinhos ou ficam grande parte de seus dias sozinhos, a solidão é apenas física, pelo fato de não dividirem seus espaços físicos com outras pessoas; para eles, o Orkut os tirou do estado de solidão. Alice, por exemplo, professora universitária, com mais de 50 anos de idade, mora sozinha com o seu cachorro; em conversa descontraída, com a Investigadora desta tese, declarou que o Orkut a tirou da solidão. Ana, brasileira, 39 anos, Agente de Turismo, morou em Madrid até final de 2006; para ocupar parte de seu tempo, pois seu esposo só voltava do trabalho à

¹⁰³ Nos exames vestibulares, processo que seleciona o ingresso nas universidades, a partir de 2000 os temas das redações voltaram-se para os sentimentos. Nesse mesmo ano, o tema da redação vestibular solicitou que o candidato falasse a respeito das pessoas responsáveis (pais, avós, padrastos, professores) por sua educação. As notas, neste ano, foram melhores do que nos anteriores, quando os temas eram distantes do universo dos alunos.

noite, criou no Orkut a comunidade *Mulheres de Negócio de Madrid* que contava, até à sua volta para o Brasil, com mais de duzentas participantes; essa comunidade não se limitava apenas à interatividade online, pois realizavam atividades presenciais, tais como jantares, coquetéis; formaram, inclusive, um time de futebol feminino, descoberto pelo periódico *El Mundo* (2006, p.13), quando disputavam uma partida em uma parque de Madrid.



Figura: 132: Página El Mundo Ana, em pé, de camista preta e óculos escuros, à esquerda, é a criadora da comunidade virtual *Mulheres de Negócios de Madrid* e continua como sua mediadora, mesmo morando no Brasil.

Ressaltamos que uma das participantes dessa comunidade tem um cargo público, em Madrid, e tenta transformar essa rede social em *Associação das Mulheres de Negócios de Madrid*, tamanha a sua repercursão.

Assim, foi nesse 'divã' que, não apenas Ana, mas também muitas participantes de sua comunidade encontraram a solução para a solidão de quem está em outro país, longe dos entes queridos.

9.5.3 O vício orkutiano

O mundo das comunicações mudou, disso ninguém duvida. Também é fato recorrente que essa mudança se deve à globalização e ao vertiginoso desenvolvimento econômico-tecnológico. Existe uma parceria de cumplicidade entre globalização e novas tecnologias, pois um não vive sem o outro, um acelera o processo de desenvolvimento do outro, com a finalidade de, cada vez mais, interferir no nosso pensamento, adentrar a nossa casa, modificar nosso jeito de ser, alterar culturas, sociedades. Tal processo de transformações socioculturais é irreversível, o que também não deixa dúvidas. Circunscrito nesse processo está o Orkut.

Segundo Oliveira (2004, p.1), poucas pessoas não *sucumbem ao vício de gastar horas e horas navegando nas páginas do Orkut*. Para ela, não se trata apenas de uma ferramenta de *comunicação*, mas de uma forma *fascinante de interação social* (idem), pois todo o site apresenta uma estrutura tal, que permite ao seu navegador entrar em contato com o maior número possível de pessoas, não só

no Brasil, mas em qualquer parte do mundo. Essa página web é, de fato, viciante e quem nela entra dificilmente consegue sair.

Oliveira apresenta depoimentos sobre algumas fases do vício *Orkutiano* (p. 3):

- No início, você não consegue parar de olhar a lista de amigos dos seus amigos. Clicando de uma em uma, você pode achar pessoas do arco da velha!¹⁰⁴ (e até pessoas que você jurava que não se conheciam).
- Em seguida, a compulsão é por ler detalhadamente o perfil dos conhecidos que encontrar, atrás de alguma informação curiosa (dependendo do caso, dá até para descobrir quem namora com quem, quem estudou com quem, etc).
- Depois, vem a febre das comunidades. Você se cadastra em inúmeras delas.
- Então, mais familiarizado com o site, você começa a participar ativamente das comunidades, acompanhando suas discussões, criando tópicos, etc.
- Nesse meio tempo você já chamou vários amigos para entrar no Orkut também.
- Por fim, o vício estabiliza. Ou começa tudo de novo.

Devido a um grande número de pessoas viciadas nessa rede social, já existem no Brasil clínicas e hospitais com atendimentos psicológicos para orkutianos, que chegam a ficar mais de 12 horas conectados, negligenciando nos seus compromissos de trabalho e estudos, bem como nos afazeres domésticos: mulheres que não trabalham fora de casa, mas esquecem de fazer o próprio almoço e o jantar do marido; estudantes que negligenciam nos estudos; jovens que faltam ao trabalho, pois não conseguem levantar-se da

¹⁰⁴ Expressão popular utilizada no Brasil para explicar algo muito antigo, um passado distante.

cama, pelo fato de terem ficado na Internet até o dia amanhecer; casal jovem, no Japão, que se esqueceu de alimentar o filho, de apenas três meses de vida, levando-o à morte, conforme noticiado há uma semana nos noticiários televisivos da cidade de São Paulo, Brasil; casal se separa porque a mulher descobre que o marido se relaciona com outra mulher pelo Orkut, dentre outros exemplos.

Telles (2006), por sua vez, afirma que a maior vantagem do Orkut é, sem dúvidas, a certeza de poder encontrar velhos amigos¹⁰⁵ – até mesmo do tempo da escola primária e da faculdade – amigos atuais e fazer novas amizades –. Afirma esse autor que *a facilidade para estreitar relacionamentos no Orkut é imensa, impensável em outras épocas* (idem, p.17).

Segundo Rheingold (1993), as comunidades virtuais permitem reunir pessoas nos quatro pontos do planeta. Essas pessoas mantêm conversas intelectuais e emocionais com a mesma qualidade que o fazem no mundo real. Para ele, elas representam um mundo de intercâmbios equilibrados entre iguais. Nesse sentido, a Internet pode, de fato, obter êxito na reconstituição de um laço social que está desmoronando, dinamizar de novo o debate público e, de forma mais ampla, a vida democrática.

Ainda, para Telles,

O sistema fornece um enorme banco de dados repleto de informações demográficas abrangentes, preferências pessoais e informações sobre o meio social. Ferramenta valiosa para a seleção de candidatos a empregos, o Orkut

¹⁰⁵ A própria experiência da investigadora comprova o que diz Telles: há pouco tempo, foi localizada por duas ex-alunas para quem deu aulas na década de 70. Uma delas, hoje escritora, a convidou para prefaciá-lo seu último livro de contos.

possibilita ao empregador conseguir informações que jamais poderiam ser obtidas na entrevista de emprego, pois seria ilegal perguntar. A maioria das pessoas, no entanto, não se importa em fornecer essas informações na comunidade: etnia dos familiares, perfil das amizades, gostos pessoais, orientações políticas e opiniões diversas. (...) O sistema também serve para coleta de material intelectual. Concordando com os termos de uso, o membro da comunidade cede os direitos autorais sobre tudo o que é postado no Orkut ao Google, que pode fazer uso da produção intelectual alheia sem pagar por isso. (p. 23)

9.5.4 O lado 'vilão' do Orkut

Muitos orkutianos ao descrever o seu perfil, na sua página, expõem a sua intimidade, e aproveitam-se da virtualidade para se desnudarem e mostrar a cara que esconde da família, dos amigos, professores e colegas de trabalho: a cara da violência, do estelionato, da pedofilia, da invasão de privacidade, da prática do crime, enfim. Assim navegando, o orkutiano é o *minotauro*: homem, no seu habitat natural: casa, escola, trabalho; animal, quando se encontra navegando nesse labirinto hipermediático.

Os fragmentos abaixo são mensagens enviadas para uma orkutiana que exibiu em sua página inicial uma foto sensual, de biquíni. Outros orkutianos fizeram montagens com essa foto, nada agradáveis, por sinal, conforme consta das mensagens originais, na linguagem internetez:

- Vc viu a sacanagem q fizerão com as fotos do seu perfil? pow maior sacanagem esse Blog ! vc não viu ??? olha ai o Blogão.

- não coloquei nos scraps (espaço para recados) porq todos ia ver. ai poderião te zuar mais ainda. mas todos já estão comentando.
- Olha a montagem q fizerão com a sua foto...Nem acreditei quando vi. Veja vc msm (mesma)...
- Oi Achei uma sacanagem o que fizerão com suas fotos na internet
coisa de muito mal gosto, sinceramente se fosse você dava um geito de tirar, olha pra você ver, um abraço!!! (28/02/2007)

Esse tipo de violência aconteceu devido à auto-exposição dessa orkutiana. A propósito, apresentamos alguns títulos da mídia on-line sobre essa questão, antes observando que alguns deles foram também divulgados na mídia impressa e falada: jornais, revistas, rádio e televisão.

- 23/03/2010, 12:42 — Assaltante atraía vítimas através de anúncios na Internet
- DE MARÇO DE 2010 — Moradores de São Paulo têm sido vítimas de golpistas que prometem limpar o nome de quem tem dívidas sem que a pessoa precise pagar as contas.
- 03 de Março de 2010 — Mulheres são maiores vítimas de crimes contra a honra na Internet

Com a vinda das novas tecnologias de comunicação -como celulares equipados com câmeras de vídeo e internet –várias [mulheres] já se depararam com uma situação nada agradável. A saia justa de ter fotos ou vídeos em momentos íntimos divulgados na web. Entretanto, o que mais tem chamado a atenção de pesquisadores, é que este não é mais um ‘privilégio’ apenas das artistas famosas. A intimidação deixou o universo do tapete vermelho e se alastrou como um vírus na vida real.

O ato de fotografar ou filmar corpos nus ou seminus e depois postar o registro na internet através de e-mails, sites de relacionamento e torpedos de celulares está se tornando tão comum, que ganhou até um nome: sexting -junção de sex e texting. No bom e velho português seria algo como sexo e envio de mensagem por celular ou web.

- 2009/6/1 — Vítima de injúrias on line, UFMS, discute crime via Internet

Nesta terça-feira, dia 2 de junho, às 14 horas, na sala de Atos da Reitoria acontece reunião para o planejamento do workshop "A intensificação do crime na Internet". O objetivo é discutir o conteúdo e a intensificação de mensagens enviadas pela Internet com teor centrado na difamação e injúria.

- Folha Online - 06/02/2006 — *Adolescentes se arriscam na web, dizem autoridades*

Autoridades norte-americanas voltaram suas atenções para os perigos da internet, depois que sete meninas disseram terem sido enganadas por internautas que conheceram via redes de relacionamento. O principal motivo para estes riscos é a grande exposição. Pessoas mal-intencionadas podem encontrar, em minutos, informações como: a escola onde um internauta estuda, o bairro onde moram, quais são seus interesses e quem são seus amigos. O alerta de especialistas norte-americanos tem como foco a página MySpace.com - que permite a criação de diários virtuais, entre outros serviços, mas no Brasil se aplica principalmente ao popular Orkut. "Os jovens se exibem o quanto podem nestas páginas e não têm qualquer idéia das possíveis conseqüências desta exposição", afirmou Parry Aftab, responsável pelo site WiredSafety.org (em inglês), que dá dicas sobre o uso seguro da internet. Segundo a agência de notícias Associated Press, autoridades dos EUA recebem diversas ligações de pessoas perguntando como as crianças podem ser protegidas no universo virtual. "A grande quantidade de informações disponíveis na internet é a realização do sonho dos

criminosos", afirmou o sargento Bill McKenna, de Middletown (onde vivem as garotas que deram queixa).

- Espanhol é preso por oferecer fotos da irmã de 11 anos nua

A polícia espanhola prendeu nesta quarta-feira um rapaz de 18 anos acusado de oferecer na internet fotos da irmã dele de 11 anos nua em troca de um carro usado importado. O acusado, cujo nome não foi divulgado, queria um automóvel modelo Hyundai Coupe como pagamento pelas fotografias caseiras da menor nua em seu quarto ou no banheiro, de acordo com os investigadores. Segundo o comunicado da polícia, o rapaz participava de bate-papos em sites de relacionamento e oferecia um álbum virtual da irmã a pedófilos, além de dizer que havia mais imagens, de maior conteúdo erótico. Na investigação, foram encontradas várias fotografias da menor enviadas por email. Os detetives da cidade de Pamplona (nordeste da Espanha) disseram que o jovem já estava negociando com um homem de 25 anos, que foi também preso com vários arquivos de computador contendo pornografia infantil. O homem, que também foi preso, estava sendo procurado pela polícia desde novembro de 2008 depois da denúncia da mãe de uma menor. Foi por meio dele que os detetives da Brigada de Informação Tecnológica acharam o anúncio. A brigada é um setor da polícia especializado em crimes virtuais, principalmente relacionados com a pornografia infantil. No ano passado, a brigada prendeu 649 pessoas, 60% delas acusadas de delitos de abusos a menores.

Fonte: BBC Brasil

Abaixo, comentários de orkutianos sobre essa última notícia:

- QUANDO EU TINHA 14 COMI UMA PRIMA DE 13, SERÁ QUE EU ERA PEDÓFILO E NÃO SABIA?

Autor: xxxxxx 3/08/2009 às 15:02

Com tanto mulherão por aí, esses pedófilos vão ter tesão logo pelas crianças !!! Isso é um absurdo !!! Vagabundo ... safado ...

Autor: Eu msm- 13/08/2009 às 14:33

Ô loco meu... Pior que é um de 18 negociando com um de 25 anos... os caras são jovens com tanta coisa pra fazer e arrumam uma merda dessa pra sujar o nome deles; cada uma... pedofilia virando moda.

Autor: xxxxxx 13/08/2009 às 13:35

ESSES FATOS POSSUEM MUITA POPULARIDADE, EMBORA POUCO OFENSIVOS. MUITOS FALAM DOS CRIMES SEXUAIS, MAS TREMEM DIANTE DOS HOMICÍDIOS, ROUBOS, QUADRILHAS E BANDIDOS QUE ANDAM DE

ANTIAÉREAS. NINGUÉM FALA DESSES ÚLTIMOS PORQUE É MORTE NA CERTA.

Autor: xxxxxx 13/08/2009 às 11:54

O que me grila é ler esses comentários. A maior parte dos crimes de pedofilia vem da própria família. A PRÓPRIA FAMÍLIA, ENTENDERAM???

Autor: xxxxxx- 13/08/2009 às 11:43

Devemos tomar cuidado com esse tal de msn e orkut tbém e com nossos filhos em casa, e na escola tbém que a criança fica boa parte do dia, e até na própria casa existem pedófilos, que mundo vamos dar pra nossos filhos???? Meu Deus.

Autor: xxxxxx 13/08/2009 às 16:51

que horror, pelo menos na Espanha a justiça funciona, não é como no Brasil, que favorecem os criminosos pedófilos e a internet tá cheio deles, e ainda tem advogado safado que defende esta corja.

Autor: xxxxxx 13/08/2009 às 11:39

o mundo tem bilhões de irmãos, um deles vende as fotos da irmã criança... e vc generaliza desse jeito??? Tá doida tá? rs

Autor: xxxxxx 13/08/2009 às 10:49

A Polícia Espanhola agiu rápido e mostrou-se eficiente, infelizmente aqui no DF e adjacências meninas menores são abusadas sexualmente diariamente e quase ostensivamente, pois não vê-se tanto empenho em combater tais crimes.

Autor: xxxxxx 13/08/2009 às 09:22

Não estamos seguros nem em nossas próprias casas... não pode-se confiar mais nem nos irmãos. Isso é um absurdo!

Autor: xxxxxx 13/08/2009 às 09:00

Que camarada mais mau caráter.

Autor: xxxxxx 13/08/2009 às 08:46

esse tipo de monstro tem que ser expurgado da sociedade, não no meio familiar. Quem sabe ele não abusou até da irmã.

Autor: xxxxxx 13/08/2009 às 08:46

Monstro.

Autor: xxxxxx 13/08/2009 às 08:36

Finalmente estamos vendos esses animais serem pegos. Espero que a lei seja cumprida para servir de exemplo tanto lá quanto aqui.

Autor: xxxxxx 13/08/2009 às 08:18

É o fim mesmo! o próprio irmão!sem comentarios.

14 julho, 2009

Autor: xxxxxx

Os textos acima são alguns exemplos de perigo a que os internautas estão expostos e mesmo aqueles que não navegam na Internet podem ser vítimas de práticas antisociais, como é o caso de uma foto publicada sem que a pessoa saiba. Quanto às crianças e adolescentes, o cuidado, por parte da família e da escola deve ser

contínuo. Segundo dados fornecidos pela Equipe Sismo Web, divulgados no dia 4 de janeiro de 2008, um estudo da *eMarketer* revelou que 70% dos adolescentes americanos, entre 12 e 17 anos, usou redes sociais pelo menos uma vez ao mês em 2007 e prevê que esse número aumente para 84% em 2011.

Ao navegar na Internet, além das redes sociais, os adolescentes buscam os sites de cinema, televisão, música e esportes, lêem notícias e conversam por comunicadores instantâneos, como o MSN, Skype, Chats e Fóruns.

9.5.4.1 Perfis falsos (*fakes* ou *bogus*)

Os perfis falsos são criados com alguns possíveis objetivos: fazer uma brincadeira, como fazer se passar por uma pessoa famosa; difundir conteúdo ilegal, como racismo, pedofilia, etc.; discutir e criticar política, sem ser identificado.

9.5.4.2 Comunidades ofensivas

Esse tipo de comunidade constitui um dos maiores problemas sociais do Orkut, pois favorece práticas legalmente condenáveis em certos países, dentre eles o Brasil, como é o caso de comunidades preconceituosas, que pregam homofobia, racismo, xenofobismo, neo-nazismo, tortura e violência contra animais, fazem apologia ao consumo e venda de drogas, à pedofilia. Eis alguns exemplos:

- Eu odeio Direitos Humanos — 1.859 membros
- Eu sei dirigir bêbado — 1.853 membros
- Campanha Linchamento Já — 1.517 membros

- Eu chuto pombos – 1.002 - membros .
- A Volta da ditadura militar – 947 membros -
- Sou de menor, mas adoro dirigir – 892 membros –
- Subversão – 666 membros (dados de 2006), cujo objetivo é organizar qualquer tipo de subversão: arrombamentos, invasões, vandalismos, falsificação de documentos. Aqui, tudo é permitido. Discutem, ainda, que método utilizar, quando, a que horas, que ferramentas utilizar e como se proteger.
- Eu odeio a Igreja Universal - 83.697 membros – (Nº da comunidade: 56698)
- Odeio pobre - 39.354 membros – (Nº 121960)
- Eu odeio as Minas Mano - 32.049 membros – (Nº 267420)
- Eu quero um Tsunami na Argentina - 7.909 membros – (Nº 1040466)
- Eu odeio a menininha do 21 - 2.655 membros – (Nº 5414174)
- Odeio viados – 896 – (Nº 908486)

Ademais, existem as comunidades das torcidas uniformizadas e organizadas, cadastradas em associações de clubes de futebol, que utilizam o *Orkut* para registrar as suas atividades. Elas se organizam, especialmente, quando são realizadas partidas de decisão de campeonatos, para arquitetarem encontros de violência entre os torcedores dos times rivais. Tais confrontos têm acabado em assassinatos de torcedores, com requintes de violência. E, ainda, várias comunidades têm sido observadas por apologia ao terrorismo. Simpatizantes de Bin Laden e da organização terrorista Al Qaeda tem possibilitado trocas de informações. Instituições internacionais de combate ao terrorismo rastreiam regularmente o website em busca destas atividades consideradas ilegais.

Criar e/ou participar de uma comunidade no Orkut, portanto, significa lidar com um *machado de corte duplo*, entrar num *labirinto* e

não encontrar a saída, navegar nos *oceanos*, sem saber que mares enfrentará, etc. Essa rede social afigura-se na prática do bem e do mal: de um lado, um caráter construtivo, quando o objetivo da comunidade criada é a discussão de temas importantes e a interação com pessoas de outros estados, cidades e países; de outro lado, um caráter destrutivo, quando a prática objetiva práticas ilegais. Outro recurso que permite a comunicação para bem ou para mal é a facilidade para conhecer pessoas novas ou reencontrar outras, pois essa facilidade tanto pode trazer um bem, quando significa a reaproximação de pessoas já conhecidas, mas que não se viam há muito tempo, como trazer um mal, pois, muitas vezes, o objetivo da pessoas que procura a outra é fazer ameaças, ofensas e, até mesmo, praticar um crime mais grave.

Isto posto, a própria configuração do Orkut favorece essa dualidade: possibilita a construção de perfis falsos (*fakes* ou *bogus*), a liberdade absoluta para a criação ilimitada de comunidades, por um só usuário, para fins diversos; a velocidade da troca de informações propicia a organização de práticas criminosas, antes da providência de alguma intervenção policial e/ou judicial. E, ainda, possibilita a desnudez, pela autoexposição da intimidade. Ainda que tudo isso possa ser representado por alguém, como democraticidade, liberdade de expressão, objetivos perseguidos durante duas décadas, pelos jovens brasileiros, não elimina as lacunas (aspecto de *incompleteza*) que só serão preenchidas se família e escola derem as mãos, no sentido de transformarem os jovens internautas em sujeitos éticos.

9.6 Teoria¹⁰⁶ dos Seis Graus de Separação

Na visão de Marcelo Santiago, presidente da *IAB Brasil*, diretor de projetos especiais da *Agência Click* e mantenedor do blog *Poucas e Boas*, quase todos os sites de redes sociais têm a sua origem na famosa teoria *Seis Graus de Separação* desenvolvida na década de 60. Essa teoria também ajudou a estruturar os sites de busca como Google e Yahoo. Por meio de seis relacionamentos você pode ter acesso a qualquer pessoa no mundo – *todo mundo conhece alguém que conhece alguém que conhece o Kevin Bacon*.

A teoria dos *Seis Graus* surgiu a partir do *Small World*, de Stanley Milgram em 1967, para fazer uma carta chegar a uma pessoa sem que lhe fosse endereçada. Com isso, Milgram concluiu que seis pessoas nos separam de qualquer indivíduo, do qual desejamos nos aproximar, por meio de uma correspondência postada, pelo fato de existirem pessoas que servem de conexões entre diferentes grupos, que nos permitem entrar em contato com qualquer pessoa em qualquer lugar. Daí, nasceu o mito de que, no mundo, são necessários no máximo seis laços de amizade para que duas pessoas estejam ligadas.

Nesse estudo feito nos Estados Unidos, buscou-se identificar o número de laços de conhecimento pessoal existente entre duas pessoas, por meio de envio de cartas. Cada pessoa receberia uma carta e deveria enviar uma nova carta para o remetente, caso o conhecesse, ou para uma pessoa qualquer de suas relações que conhecesse esse remetente. O remetente, por sua vez, após

¹⁰⁶ Os dados retirados sobre a teoria dos *Six degrees* têm origem na página web Wikipédia, a enciclopédia livre, e no site www.observatório.da.imprensa.com.br.

receber a carta, deveria enviar outra carta para os responsáveis pelo estudo. O estudo de Milgram foi largamente repetido em 2002 por Duncan Watts, através do envio de e-mails. O resultado foi o mesmo: a Internet nos separa uns dos outros por seis pessoas e essa é uma das bases dos sites de relacionamentos.

Em gráfico, essa teoria é assim representada:

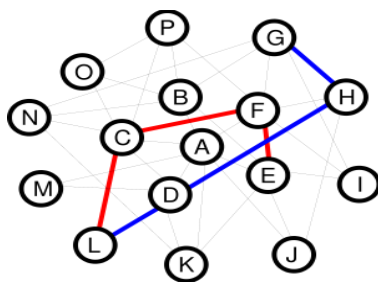


Figura 133: Rede social
Fonte: wikipedia.org

Esse gráfico é um exemplo de rede social. As ligações em destaque, ainda que apresentem uma distância relativamente longa, têm um caminho que pode ser percorrido com poucos passos. Cada letra corresponde a uma pessoa e cada traço corresponde a uma amizade. A distância entre **L** e **G** (em azul) é de dois degraus, e de **L** a **E** (em vermelho) é de três.

A popularidade da crença de que o número máximo de passos entre duas pessoas é 6 (seis) gerou, em 1990, uma peça de nome *Six Degrees of Separation*, de John Guare. Um resultado

interessante pode ser visto num jogo para a Internet denominado *Oráculo de Bacon (The Oracle of Bacon)*. O jogo, criado por Brett Tjaden, um cientista da computação da Universidade de Virgínia, é mantido atualmente por Patrick Reynolds. Esse jogo mostra como o ator Kevin Bacon se relaciona com os demais artistas, sejam de filmes americanos ou não.

Os estudos sobre os *seis graus de separação* estão incluídos entre os modernos estudos de análise de redes sociais, dentre os quais se destacam as várias pesquisas que vêm sendo realizadas na identificação da estrutura das redes de colaboração de cientistas, redes de cooperação e de transmissão de doenças e redes de páginas e sítios na web. Uma iniciativa de pesquisa recente no Brasil inclui a análise de redes de co-autoria dos pesquisadores de *Ciência da Informação*, denominada Rede CI. Tais estudos, assim como a rede social Orkut, circunscrevem-se no novo imaginário da sociedade informacional e comunicacional, que é a Internet. A propósito, e a título de ilustração, o canal de televisão a cabo, GNT transmite o seriado *Seis graus de separação*, com base nessa teoria.

A Internet tem sido representada com uma das grandes maravilhas deste século, cuja inevitabilidade na sociedade já é fato consumado, na demonstração da grande valoração do poder de sua comunicação, conforme declarações de Castells:

A Internet é o tecido de nossas vidas. Se a tecnologia da informação é hoje o que a eletricidade foi na Era Industrial, em nossa época a Internet poderia ser equiparada tanto a uma rede elétrica quanto ao motor elétrico, em razão de sua

capacidade de distribuir a força da informação por todo o domínio da atividade humana. (2001, p.7)

Diante desse quadro, e comungando com os discursos, dos autores referenciados, esta tese faz um convite à reflexão, no tocante à introdução da Internet na educação, para que esta não se limite apenas ao número de computadores na escola, às aulas de informáticas já tem, especialmente, ao uso da internet apenas pelos recursos que oferece.

Não obstante os contextos de des-construção apresentados, este capítulo não se propõe a ensinar como utilizar a Internet na sala de aula, mas sinalizar para a necessidade de uma metodologia pedagógica, ética, no sentido de evitar que o aluno-internauta mergulhe nos *oceanos* da Internet com o risco de 'naufragar'. Por essa razão, observamos que, embora exista o lado negativo, das redes de relacionamento, as comunidades virtuais, se bem utilizadas, propiciam uma interatividade motivadora, rica em oportunidades para se discutir temas relevantes, em especial para os jovens, numa sociointeracionalidade que ultrapassa as fronteiras de cidades, Estados, países.

Por conseguinte, sob uma orientação ética, as comunidades virtuais constituem uma ferramenta-processo eficaz para uma situação de ensino-aprendizagem e não deve ser desprezada por nenhum educador. Para melhor fundamentar essa visão, convém citar Rheingold (In: Filho, 2002, p. 88), considerado especialista pioneiro em comunidades virtuais: *[...] a conexão de grupos de pessoas via Internet não só é um fato social inegável atualmente, como também pode ser uma das mais ricas fontes de aprendizado*

para esses indivíduos. A conexão de pessoas em grupos, tanto na relação via Internet quanto em qualquer tipo de relação, configura-se pela prática da ação de se comunicar. Dessa forma, ao considerarmos que, segundo Wenger (2001, p. 23-4), las comunidades de práctica están por todas partes, a nosso ver, a prática de comunicação, por meio das comunidades virtuais, nas escolas, constitui essa riqueza de aprendizado postulada por Rheingold. Assim escreve Wenger sobre as práticas de comunidade:

Las comunidades de práctica son una parte integral de nuestra vida diaria. Son tan informales y omnipresentes que rara vez son un centro de interés explícito por las mismas razones también son muy familiares. Aunque el término no puede ser nuevo, la experiencia no lo es. La mayoría de las comunidades de práctica no tiene nombre y no expide carnés a sus miembros. Sin embargo, si durante un momento consideramos nuestra propia vida desde esta perspectiva, todos podremos construir una imagen bastante buena de las comunidades de práctica a las que pertenecemos ahora, de aquellas a las que pertenecemos en el y de aquellas a las que nos gustaría pertenecer en el futuro. También tenemos una idea bastante buena sobre quién pertenece a nuestras comunidades tica y por qué, aunque esta afiliación rara vez se explicita en una lista o relación de criterios que cumplir. Además, es probable que podamos ir aquellas comunidades de práctica de las que somos unos miembros de muchas otras comunidades de las que somos unos miembros más periféricos (idem).

As reflexões sobre esse mundo da informação e comunicação, constituído de completudes e incompletudes,

conforme a prática da ação do internauta, ao interagir com o mouse, nos remete, também, às reflexões de Maturana (2006, p.197):

A tecnologia não é a solução para os problemas humanos, porque os problemas humanos pertencem ao domínio emocional, na medida em que eles são conflitos em nosso viver relacional que surgem quando temos desejos que levam a ações contraditórias. É o tipo de ser humano, Homo sapiens amans, Homo sapiens aggressans ou Homo sapiens arrogans, no momento em que tivermos acesso a uma nova tecnologia, seja como usuários ou observadores, o que irá determinar como a utilizaremos ou o que veremos nela.

Essas reflexões de Maturana encerram este capítulo. O seguinte, por seu turno, apresenta ao leitor o Programa *Tonomundo*, desenvolvido na E.E.F. Santa Luzia, em Almécegas. As atividades de ensino-aprendizagem, constantes desse programa, foram elaboradas com base em uma metodologia transdisciplinar, pautada na ética, para ser desenvolvida, também, por meio de uma Internet-ética. Logo, o *Tonomundo* configura-se como ferramenta-processo completa. Por outro lado, a investigadora constatou exemplos de situações de ensino-aprendizagem, com a utilização de uma Internet incompleta, nessa mesma escola, quando dissociada do Programa *Tonomundo*.

**CAPÍTULO 10 – *TONOMUNDO*: UM PROGRAMA DE
COMPLETUDES**

Yo, en cuanto ente que realmente razona y es responsable por el acto de su raciocinio, no puedo encontrarme a mí mismo en un juicio de validez universal. El juicio teóricamente válido es en todos sus momentos impenetrable para mi actividad individual y responsable. No importa qué momentos distingamos en un juicio con validez teórica - su forma (las categorías de la síntesis) y su contenido (la materia, la dación experimental y sensorial), objeto y contenido-, la significación de todos estos momentos es absolutamente impenetrable para con el momento de acto individual, concebido como acto ético del (sujeto) pensante (Bakhtin, 1997, p.9).

10. *Tonomundo*: um programa de completudes

10.1 Apresentação

Na explicação dos coordenadores do *Tonomundo* este programa não é só de inclusão digital. Trata-se de uma experiência que integra escola, família e comunidade, por meio das novas tecnologias em telecomunicações, sendo pioneiro no Brasil, no desafio e na experiência de implementar uma das maiores Comunidades Virtuais de Escolas de todo o território nacional. As escolas participantes têm laboratórios de informática equipados com computadores, scanners, impressoras e acesso à Internet. Existe um programa de formação para os educadores envolvidos, para o desenvolvimento de projetos que incluam a utilização pedagógica destas ferramentas no dia-a-dia das escolas.

Esses projetos são especialmente desenvolvidos de acordo com as realidades e necessidades locais e têm como objetivo final contribuir para a auto-sustentabilidade das comunidades atendidas. Nesses 9 anos de atuação, foram postos em prática centenas de projetos, que, concretamente, estão mudando a vida de muitos brasileiros. Um exemplo deste tipo de resultado é a atuação de professores/formadores que se tornam agentes comunitários capazes de desenvolver projetos permeados pela transdisciplinaridade. A partir de 2005/2006 a meta foi o registro de sua sistematização para que as escolas participantes tornem-se Escolas de Excelência Tonomundo, a partir de parâmetros e subsídios teóricos e operacionais definidos através de suas Práticas Formativas e utilizando novas mídias facilitadoras. O resultado deste trabalho possibilita a universalização dos conteúdos e das

metodologias desenvolvidas, para outras escolas públicas brasileiras (Equipe do *Tonomundo*).

A missão do *Tonomundo* é desenvolver, apoiar e reconhecer ações educacionais e culturais, cuja finalidade é promover o desenvolvimento humano, utilizando tecnologia de informação e comunicação. Sua visão é uma escola pública de qualidade que contribua para a realização do Projeto da Nação Brasileira: uma sociedade livre, justa e solidária, pautada nos valores co-formação, vínculo e oportunidade, para atingir a meta de promover a evolução das escolas de acordo com a Espiral de Co-Formação, tornando-as um modelo de Escola de Excelência, um Foco irradiador de sustentabilidade em sua comunidade, um Foco de expansão do *Tonomundo* em sua localidade.

O *Tonomundo* objetiva promover a formação de agentes de transformação, para a melhoria da realidade local, a partir da escola pública, por meio da participação em uma Comunidade Virtual, para atender a Gestores (Diretores e Coordenadores), professores, alunos e membros da comunidade. Sua concepção pedagógica é permeada pela Transdisciplinaridade, na abordagem do que está ao mesmo tempo *entre, através e além* das disciplinas, bem como na articulação das diferentes áreas de conhecimento, no exercício da visão, da atitude e da prática transdisciplinar.

10.2 A premiação

O Instituto Oi Futuro recebeu, no dia 13 de junho de 2007, mais um prêmio por sua atuação na área de educação, com o Projeto *Tonomundo*, contemplado com o prêmio *Liberdade*,

Igualdade e Fraternidade – LIF, concedido pela Câmara de Comércio França-Brasil, às empresas que mais se destacaram nas áreas de Meio Ambiente, Cultura, Saúde e Educação. Os critérios para a contemplação de tal premiação implicaram os valores de liberdade, igualdade e fraternidade, a promoção de oportunidades, dentro da comunidade assistida, bem como a abrangência do projeto, informa Ana Karina de Souza (membro da equipe *Tonomundo*).

Essa premiação demonstra o reconhecimento e a valorização de um projeto de inclusão digital, que extrapola os limites do laboratório de informática e transforma a escola em um centro irradiador de Projetos Comunitários, forma professores e alunos em líderes atuantes. O *Tonomundo* atua em localidades com baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), desde 2002, utilizando a tecnologia como ferramenta educacional em escolas públicas, contribuindo com a democratização do conhecimento, com a inclusão social e digital, com o reconhecimento, a valorização e desenvolvimento colaborativo da comunidade escolar com a melhoria da qualidade de vida da escola e de sua localidade.

Ainda, para Ana Karina de Souza,

Os membros do *Tonomundo* integram uma das maiores Comunidades Virtuais de Aprendizagem e Prática (CVAP) do Brasil, onde são desenvolvidas práticas formativas - cursos e atividades lúdicas *on line* - que visam a formação-técnico-pedagógico-transdisciplinar de seus membros. A metodologia do *Tonomundo* já foi implementada nas 68 escolas do Projeto Inicial e nas Secretarias de Educação do

Estado de Pernambuco e nos municípios de Fortaleza - CE, Natal - RN, Aracaju - SE e Itaituba - PA. Em 2007, o *Tonomundo* levará a sua metodologia para escolas de Moçambique.

10.3 *Tonomundo*, na visão de sua Diretora Educacional

A seguir, apresentamos fragmentos da carta que a atual Diretora do *Tonomundo*, Sâmara Wener, escreveu para todos os envolvidos nesse programa. Tais fragmentos permitem maior visão desse trabalho, que o caracteriza como um exemplo de completude:

Em quase uma década de atuação, diminuindo distâncias e aproximando as pessoas, o programa *Tonomundo* dobrou de tamanho: das 16 escolas em cada um dos 16 estados do projeto original, o programa já está em praticamente todo o território nacional, em 680 escolas. Este é um momento especial em que desponta um *Tonomundo* ainda mais forte, em consonância com a nova geografia do Oi Futuro.

Nos próximos três meses, nossa comunidade virtual de aprendizagem vai acompanhar um período de transição onde o Oi Futuro apresenta uma nova configuração ao *Tonomundo*. Para tanto, o instituto deu início a um novo modelo de gestão do programa que passa a contar com a assessoria da Universidade Federal do Rio de Janeiro, através do seu Núcleo de Computação Eletrônica – NCE, com a equipe de pesquisadores do GINAPE - Grupo de Informática Aplicada à Educação.

A equipe da EF [Escola do Futuro]-USP, em novo formato, continua presente neste trimestre acompanhando todas as atividades que acontecem no portal. Depois desse último ano em que nos envolvemos num processo de sistematização e avaliação externa, chegaremos ao final de 2009 tendo concluído o projeto comunitário Aki, Lá & Akolá, a atividade lúdica Caleidoscorpis e os cursos online que hoje contam com 5.345 estudantes e 1.492 professores.

Quem somos nós¹⁰⁷

O TONOMUNDO é o mais antigo programa do Oi Futuro. Antes mesmo da existência do instituto, o PTE (Programa Telemar Educação) foi criado e, pessoalmente, foi emocionante participar da instalação de cada um dos 16 laboratórios, em 16 estados, durante o projeto-piloto. Até hoje sinto o mesmo orgulho dos primeiros tempos diante de um programa que cresceu, se consolidou, foi premiado e agora amadurece para, novamente, iniciar uma pequena revolução edutecnológica em nosso país e no exterior.

É oportuno lembrar que são pessoas que fazem a diferença. A nossa diretoria de Educação no Oi Futuro conta com uma equipe de gestores comprometidos com a inovação e com a crença que a educação de nossos jovens é o que garantirá um futuro sustentável para nosso país. Maíra Pimentel, gerente de Tecnologias Educacionais, é comunicóloga, tem MBA em gestão socioambiental e, acima de tudo, é uma educadora. Trabalhando conosco há pouco mais de cinco anos, liderou várias conquistas do instituto na área de educação, como o lançamento do NAVE (Núcleo Avançado em Educação), referência nacional em modelo de parceria público-privada para a educação. Como eu, Maíra também já coordenou o Tonomundo e reconhece seu potencial transformador nas escolas onde é implementado.

Atualmente, a coordenação geral é feita por Alessandra Moura, mestre em direito e evolução social, com MBA em gestão social e sete anos de experiência na área de educação. Como responsável pela gestão de tecnologia e administração do programa, contamos com Karina Roeckner, formada em administração de empresas e experiente em planejamento e processos de auditoria.

Quem chega

Instituição criada em 1987 por pesquisadores do NCE, o GINAPE reúne professores de outras sete unidades da UFRJ que atuavam no projeto interdisciplinar EDUCOM - O Computador na Educação - proposto pelo MEC em 1983. Desde a sua criação, esse grupo participa de projetos de pesquisa e de desenvolvimento com enfoque na formação de pessoal especializado na utilização das Tecnologias de Informação e de Comunicação (TICs) em situações de ensino e treinamento e desenvolvimento de cursos tanto de forma presencial quanto a distância.

Este grupo de pesquisadores foi responsável pela criação do primeiro curso de pós-graduação em serviço do Estado do Rio de Janeiro (1993) e uma das primeiras formações neste modelo do país. Esta é uma característica relevante e que foi considerada na escolha desta equipe, uma vez que já para 2010 objetivamos desenvolver cursos de formação em serviço para os Formadores Mediadores Locais que

¹⁰⁷Os grifos em negrito são da equipe coordenadora do *Tonomundo*.

atendam os parâmetros necessários para reconhecimento como extensão universitária.

A arquitetura do programa TONOMUNDO nesta nova fase será desenvolvida por profissionais-pesquisadores das áreas de educação, tecnologia, psicologia pedagógica e neuropedagogia, com especializações em tecnologias educacionais, comunidades virtuais de práticas, educação à distância, metodologia da pesquisa, avaliação, softwares e games educativos. Somente na equipe de Coordenação, contamos com cinco doutores (Ph.D ou D.Sc) e quatro mestres (M.Sc). Dependendo das ações em curso, até 67 pesquisadores da UFRJ poderão estar atuando no programa Tonomundo.

O novo modelo de gestão do Tonomundo também passa pelo aspecto tecnológico. A empresa Sonda é a nova consultora de Tecnologia da Informação (TI) do programa, dando suporte para nosso parque tecnológico próprio (137 laboratórios e 1.700 máquinas), e mais: oferece ao Oi Futuro/Tonomundo uma assessoria permanente sobre informática e novas tecnologias. Como um dos produtos desta contratação, serão criados blogs, fóruns e wikis para discussão de diversos assuntos de TI de interesse de todas as escolas TONOMUNDO (sementeiras e políticas públicas). O primeiro blog já está no ar!

Em 2010 o programa completa dez anos. Certamente um marco de longevidade na história dos programas de responsabilidade social deste país. O Oi Futuro agradece aos companheiros desta primeira jornada e dá boas-vindas aos novos parceiros.

10.4 *Tonomundo*: uma proposta pedagógica humana

Em entrevista concedida a Evelane Barros, repórter da Universidade Solidária – UNISOL, Raulindo declara que *a chegada dos computadores não trouxe apenas uma disciplina a mais e sim uma perspectiva educacional*. Outro aspecto positivo, segundo ele, é o apoio da comunidade local ao trabalho desenvolvido que, como resultado de uma reunião, aceitou o projeto da Internet Solar, e, *acima de tudo, se engajaram e ajudaram a construí-lo*.

Raulindo declara, ainda, que a unidade trabalha com três tópicos: família e escola, auto-sustentabilidade e meio-ambiente.

Enfim, trabalha-se a questão pedagógica humana, explica o professor. No Núcleo Digital, os estudantes, além de aula de informática básica, uma vez por semana, têm aula no laboratório para cada disciplina, com o objetivo é integrar o conteúdo dado pelo professor com as informações colhidas na Internet. Por meio de pesquisas, os estudantes se aprofundam nos assuntos.

O coordenador diz que mais de 300 alunos já passaram pelo projeto *Tomomundo*. Um deles foi Adelino Marques da Silva, de 17 anos. Por cursar o primeiro ano do Ensino Médio, teve que ir estudar na sede de Trairi, mas, a sua ligação com a Escola Santa Luzia é algo que parece não acabar:

A experiência foi muito boa. Elaborar projetos, desenvolvê-los e, ainda, compartilhar com pessoas de outros lugares foi muito importante. O que eu não sabia, pesquisava. De vez em quando eu venho aqui pesquisar. Quero ser um monitor.

A ideia atual é trabalhar a transdisciplinaridade: *Não se trabalha mais só a disciplina, mas, também, o ser humano, a sua formação como cidadão*, diz Raulindo. Ele comentou que a escola participa da Comunidade Virtual de Aprendizagem (CVA), na qual se compartilha as características do Ceará com outros estados brasileiros e vice-versa.

Raulindo finaliza essa entrevista afirmando que *a educação é algo vivo, não somente uma palavra ou conceito, mas uma ação transformadora, vivida e compartilhada.*

10.5 Questionário sobre a prática do *Tonomundo* na Internet

O questionário, em questão, foi aplicado pela investigadora com o professor Raulindo por e-mail.

Investigadora:

– Quantas vezes por semana os alunos praticam o *Tonomundo* e durante quanto tempo, em hora-aula?

Raulindo:

– Duas vezes por semana, 45 minutos.

Investigadora:

– Quantas vezes por semana os alunos desenvolvem os projetos que você mesmo criou?

Raulindo:

– Três vezes por mês, devido à carga horária curricular ser bastante puxada e, logo agora, que as avaliações em larga escala, querem de nós educadores mais foco nesse âmbito. Estamos trabalhando com simulados constantemente.

Investigadora:

– Algum aluno tem computador em casa?

Raulindo:

– Não.

Investigadora:

– E professor?

Raulindo:

– Não.

Investigadora:

– Quantos alunos fazem parte do *Tonomundo*? Ano em que estão e suas idades.

Raulindo:

– O Programa *Tonomundo* tem como público alvo, os alunos dos anos finais, mas sempre incorporamos alunos dos anos iniciais e da Ed. Infantil, mas nos projetos on-line, somente alunos dos anos finais (7º, 8º e 9º ano). A faixa etária desses alunos varia de 10 a 17 anos.

Investigadora:

– Algum aluno que não faz parte do *Tonomundo*, usa a Internet? Ano e idade.

Raulindo:

– Sim, como citei acima, todos os alunos da escola tem acesso à Internet. Cada faixa etária/ turma é atendida dentro de suas especificidades. De 3 a 17 anos. Também atendemos os membros da comunidade e circunvizinhança.

Investigadora:

– Qual o tempo de prática, diária, do professor na Internet?

Raulindo:

– Os professores passam em média, 1h ou 1h30m. Geralmente em site de busca ou em site que são indicados nos livros didáticos (MEC) utilizados na grade curricular.

10.6 A Internet na E.E.F. *Santa Luzia*: completeza ou incompleteza?

Neste tópico apresentamos trechos da entrevista realizada pela investigadora com o professor Raulindo, com a finalidade de verificar se a Internet é utilizada nessa unidade escolar de forma completa ou incompleta.

Investigadora:

— Raul, a minha tese apresenta um capítulo sobre a incompletude da Internet. Esse capítulo tem como discurso fundador o *Teorema* de Gödel, o qual assegura que nenhuma proposta é completa, se for baseada apenas em seus axiomas (verdades); é preciso associá-la, também, a outras áreas de conhecimento. Em se tratando da Internet, se esta tecnologia for usada, por si só, por meios apenas de suas ‘verdades’, isto é, dos recursos que ela oferece, pode trazer malefícios para o navegador. Considerando que você foi preparado pela USP, para desenvolver o programa *Tonomundo* na sua escola e, neste caso, a universidade de São Paulo é responsável pelas atividades realizadas, por meio da Internet, pergunto: as atividades desse programa pautam-se em uma Internet completa ou incompleta?

Professor Raulindo:

— Bom, Maria, realmente, os projetos, as atividades anuais que a USP nos coloca, são projetos que tem uma vida curta. Eles contemplam, sim [refere-se a uma Internet completa]. A Internet é apenas um veículo pra que a gente trabalhe. Nós trabalhamos em cima da cidadania, da inclusão, da identidade cultural, em cima de valores: amizade, honestidade, altruísmo, a questão do belo... Trabalhamos com a transdisciplinaridade, a TransD, como é falada. E o belo, que é um valor, é muito trabalhado; conseguir fazer que o navegador consiga enxergar o belo em tudo, não é só a beleza estética, mas é a coisa funcional, o benefício que ele traz. Tem atividades lúdicas, gostosas de fazer, atividades presenciais, mas baseadas, fundamentadas nesses valores: cidadania, respeito, altruísmo, o belo.

— O projeto Comendo, Trocando e Aprendendo – CTA trata de identidade cultural, mas dentro disso se trabalha a alimentação saudável, a questão do regionalismo, da divisão política, da ética; os projetos permeiam vários valores. Então, realmente, essas atividades, colocadas pela Escola do Futuro, da USP, pois é ela que cuida da Internet educativa do programa *Tonomundo*, são fundamentadas em valores e os pilares que a gente tá trabalhando são a inclusão,

a cidadania, identidade cultural. Esse ano vai ser lançado outro pilar, que a gente vai ter que trabalhar, se eu não me engano, é o Pro-saúde da Juventude; a gente vai ter que trabalhar bastante, falando sobre a questão da sexualidade, das doenças, sexualmente transmissíveis, da gravidez na adolescência, o cuidado que a gente tem que ter [com a saúde].

— Então, sempre todas as atividades, elas são lúdicas? São, porque partem do princípio de que tem que ser prazeroso – como Freire diz: *brincar aprendendo, aprendendo brincando* – mas tem um fundamento, tem um valor, ali, como base pra que aquela atividade seja realizada. Tudo o que a gente faz acaba demonstrando, o aluno acaba percebendo que tem que ter respeito pelo próximo, que não pode ter preconceito: porque eu sou negro e você é branco, isso não te dar a qualidade de ser melhor do que eu; se o outro é hetero e o outro é homossexual, isso também não te dar o direito de ser melhor do que eu; se você tem mais dinheiro do que o outro, você não é melhor do que ele por causa disso; então, nos trabalhamos valores, em todas as atividades nós trabalhamos valores.

— O projeto Resgatando Ontem e Construindo o Amanhã e Comendo, Trocando e Aprendendo – CTA foram projetos criados nessa escola, de minha autoria, então é assim: nós sabemos que os idosos eram esquecidos na comunidade, então criaamos um projeto pra que traga esse idoso pra dentro da escola e que ele se sinta vivo. Convidamos esse idoso pra sentar numa roda, uma roda de anedotas ¹⁰⁸. Nessa roda os idosos contam para os alunos as suas histórias, que já contavam nas suas casas. Você sentia, você via que eles estavam emocionados; você via que ele saía alegre; até a questão da própria saúde do idoso, quando ele é valorizado, melhora. Então, aquele senhor, aquela senhora, que ficam o dia inteiro deitado numa rede, vindo pra escola e percebendo que nós estávamos ali, querendo ouvir dele a sua história, valorizando os seus cabelos brancos, ele se sentia melhor. E a questão de trazer o idoso pra parte ativa da sociedade é uma questão de cidadania.

¹⁰⁸ No nordeste as pessoas ainda têm o hábito de, no final da tarde, sentarem-se nas calçadas, em frente às suas casas, em forma de círculo, para contar anedotas, que são narrativas curtas e engraçadas, histórias curiosas, piadas, cf. dicionário Houaiss.

Investigadora:

— Esses projetos têm alguma relação com a Internet?

— Sim, porque a gente sempre faz pesquisas primeiro. Antes de a gente fazer um projeto, primeiro a gente faz um diagnóstico na comunidade, porque esses projetos, eles são comunitários, são pedagógicos e comunitários. E aí, o que é que é que a Internet vai nos dar? Ela vai nos dar a parte teórica, a parte científica, a gente vai procurar saber opiniões de estudiosos, de como trabalhar com o idoso, como é a vida do idoso, quando é a terceira idade – você sabe que já mudou o termo; agora, é a *melhor idade*, não se fala mais em terceira idade – . Então, a Internet dá o embasamento da base teórica, científica, pra que a gente crie os projetos comunitários; a gente primeiro faz a sensibilização, faz o diagnóstico, o que é que tá precisando na comunidade e a Internet nos dar essa base, essa bagagem que a gente tá procurando, que é o conhecimento científico, opiniões de estudiosos sobre determinado assunto, aquele assunto que a gente vai trabalhar. E aí, sim, depois, seguros da informação, do conteúdo, aí, sim, elaboramos o projeto, colocamos em prática.

Investigadora:

— Raul, já entrevistei vários alunos e, quando a entrevista versa a respeito da importância que eles veem na Internet, de modo geral, argumentam que a Internet é muito boa para pesquisas, para os trabalhos escolares. Para eles, esta é a importância primeira. Ontem, conversei com os ex-alunos, Hugo e Ivone, entrevistados pela revista *Época* e jornal *O estado de S. Paulo* em 2004 e 2006, sobre a Internet, pois eles continuam a frequentar esta escola para navegar, porque não têm computador em casa; hoje, entrevistei o Sebastião, aluno do 9º. Ano. Para esses alunos, a maior importância da Internet é essa ajuda para os trabalhos escolares. Por conta disso, gostaria de saber:

— Em relação à utilização da Internet, para esse fim, existe a preocupação, a participação do professor, na questão do respeito à autoria dos textos pesquisados, por exemplo? Esses alunos são, devidamente, orientados no sentido de como pesquisar, como utilizar o texto pesquisado, de ser fiel à autoria

do texto, informando a sua fonte? Sabemos que informação dessa fonte é o que garante o respeito à autoria.

Raulindo:

— Em relação a isso, realmente, a gente está deixando a desejar, porque o professor não consegue ainda compreender isso, entender essa questão dos direitos autorais. Simplesmente, ele manda o tema, mas não orienta é o meu papel que entra pra fazer isso. Apesar de alguns professores, a maioria, na verdade, já ter sentado, ter orientado, ter dito, mais ou menos, como tem que ser feita uma pesquisa, infelizmente ainda não existe esse acompanhamento pra respeitar a questão dos direitos autorais, sobre a fonte pesquisada. Eu não vejo, realmente, quando o professor, lá na sua sala de aula, passa a pesquisa – não é sempre no contraturno, às vezes, é durante a própria aula – não vejo esse acompanhamento.

— Nós temos também a preocupação que o professor esteja aqui dentro do laboratório; então, o tema da pesquisa é dado ao aluno durante a sua aula. Eu oriento que, uma vez por semana, em cada disciplina, o professor dê uma aula aqui dentro do laboratório, principalmente, aquelas disciplinas que podem e devem utilizar a Internet. Então, não vejo, no esquema da pesquisa, a fonte, o autor. Não tem. Simplesmente, o aluno vem com o tema da pesquisa, somente isso; e aí a gente tem que fazer esse papel. Apesar de já ter sido repassado isso para os professores, conversado que eles têm que ter esse cuidado, que têm que ser mais específico nas suas pesquisas, no assunto que quer que seja pesquisado, porque, senão, se deixar a coisa aberta, o aluno vai ficar o dia todo na Internet e não vai encontrar aquilo que realmente tá procurando, o que o professor quer que ele procure, porque a Internet é muito abrangente e esse cuidado que você me perguntou, apesar de já ter sido orientado, não tem.

— Na Internet, você tem que interagir. É uma coisa que falo para os alunos, quando vem pesquisar. Eles vêm com um tema, colocam lá, eles não leem, a maioria, simplesmente eles começam a copiar, copiar, copiar, um texto enorme, se eu fosse deixar que eles fizessem isso, eles iam ficar o dia inteiro só copiando; mas por quê? Porque tem preguiça de ler. O exemplo que eu te dei ontem, um trabalho de história, que a professora tava passando e dentro desse

tema tinha a questão do regionalismo, a questão das culturas e foi orientado pela professora pra vir pesquisar sobre alguma comida típica, comida de alguma raça. Então, veio um aluno aqui no laboratório pesquisar sobre comidas indígenas brasileira e, logo que saiu o resultado, logo abaixo da pesquisa saiu: nenhum resultado encontrado, mas, logo abaixo do título, num tom cinza tinha uma receita de brigadeiro e esse aluno começou a copiar a receita de brigadeiro. Aí, eu tive que parar; chamei o aluno à atenção:

— Você acha que brigadeiro é uma comida indígena? Você sabe o que é brigadeiro? Ele disse que sim.

— Então, brigadeiro se compra em lata. Você acha que foram os índios que inventaram a lata e que colocaram e industrializaram o brigadeiro? Você chegou a olhar bem aqui, logo abaixo do título, que não tem nenhum resultado encontrado? Então, ele disse:

— Ah, é mesmo, Raul.

— Pois é, então, você tem que ler, gente! Eu já expliquei mil vezes! A Internet, se você colocar qualquer pergunta na Internet, ela vai te dar milhões de informações. Você tem que saber selecionar as informações, você tem que saber qual é a correta, você tem que ler!

Esse tipo de doce, o brigadeiro, ao qual se refere Raul, é muito usado em festas infantis, feito com leite condensado, manteiga e chocolate em pó, ingredientes industrializados, depositados em latas de alumínio e/ ou em embalagens a vácuo, vendidos em supermercados, realidade que em nada condiz com a cultura indígena. Na página seguinte, fotos do doce brigadeiro:



Figura 134: Doce brigadeiro.

Fonte: www.wordpress.com/tag/brigadeiro/

Investigadora:

— Entra aí, também, a isenção do professor, não é? Esse caso que você citou, da pesquisa sobre a cultura indígena, se você não estivesse atento, acompanhando a navegação desse aluno, ele teria copiado a receita do brigadeiro e apresentaria como sendo um exemplo de culinária indígena. A ausência do professor, a falta de acompanhamento, durante a navegação, ou mesmo antes, essa falta de orientação precisa, do professor, contribuiu para chegar a esse resultado negativo. O que você me diz sobre isso?

Raulindo

— É fácil, Maria, fazer isso? Não é. Colocar a Internet como uma ferramenta ética, política, filosófica, que passa alguma coisa pro aluno, não só a pesquisa daquele momento, mas que seja mais abrangente, que ele consiga ver o mundo de outra forma... É complicado. Mas estamos tentando. É difícil, mas estamos tentando, estamos levando isso como um objetivo maior dentro desse laboratório: conseguir com que o aluno veja a Internet pelo lado prazeroso, não só pelo lado do jogo, que é o que a gente vê, que a gente presencia muito, mas como uma forma dele crescer intelectualmente, crescer como pessoa, como cidadão, que ele consiga tirar da Internet as informações necessárias para que ele seja um agente histórico na sociedade, um agente político, um agente que consiga ser

uma pessoa crítica, que consiga adquirir, apreender as informações da Internet, de uma forma que seja para o seu bem como uma pessoa que vive dentro de uma sociedade.

Investigadora:

— Esse processo de conscientização é demorado, é lento e deve ser desenvolvido continuamente, nessa relação professor ⇔ aluno e não professor => aluno. Ao observar a biblioteca, vi que não existem títulos que permitam ao professor um aperfeiçoamento da sua prática na sala de aula, para uma capacitação profissional. De modo geral, são livros didáticos ou paradidáticos; mas, livros teóricos, voltados para a formação do professor, especialmente sobre ética não vi. A Internet poderia suprir essas lacunas. Considerando o isolamento do povoado, como você falou, o distanciamento com os grandes centros urbanos e, ainda, a falta de oportunidades para esse professor fazer cursos de aperfeiçoamento, a Internet poderia preencher essa lacuna. O professor pode buscar na Internet conhecimentos teóricos, que poderão contribuir para a sua formação; ela pode contribuir para a formação de um leitor proficiente. Essa é a consciência que deve ser passada para professores, alunos e até para a comunidade.

Raulindo:

— No nosso planejamento, que é semanal, eu sempre tô orientando: olha, tá aí a Internet, um meio de você pesquisar x informações, planejamentos, aulas; aprimorar a sua aula, a sua prática em sala de aula. Isto é estimulado, realmente. O professor, aqui nessa escola, é estimulado a procurar na Internet uma melhoria para o seu crescimento profissional, pra sua sala de aula. Agora, o que não pode acontecer é uma imposição. Eu não posso, como coordenador pedagógico, impor que aquele professor utilize a Internet como esse meio para melhorar a sua prática na sala de aula. Eu coloco a Internet à sua disposição, oriento, busque na Internet, existe o site do professor e lá tem aulas prontas, dicas [exemplos, conselhos, informações...] e tudo para que ele se aperfeiçoe, tenha aulas mais criativas, porém existe rejeição por alguns professores; e é como lhe digo, eu não posso

impor: você tem que ir, sente no computador, acesse a Internet e faça assim..., porque trabalhamos com profissionais, com adultos. A chance é dada, aceita quem quer; mas a orientação existe, realmente, aqui.

Continua Raulindo:

— Nós temos dentro do programa Tonomundo cursos voltados tanto para o professor como para os alunos, para melhorar a sua prática em sala de aula; cursos que vão melhorar o seu crescimento intelectual, pessoal. Mas, como eu lhe falo: infelizmente, ou felizmente, eu não posso impor. Eu oriento, existem cursos, onlines, que professor tem aquela prática pra fazer, responder as atividades. Eu falo: olha, eu vou te inscrever, vai ser bom pra você, pro seu currículo, sua prática. Vejo que alguns aceitam, não gostando muito; aceitam, mas não aceitam lá dentro [dentro de si mesmo, de seu interior].

— O professor diz: tá bom, me coloca. E, aí, não cumpre. Eu digo: já fez [o curso on-line]? Já entrou [na Internet]? Respondeu algumas das questões? Então, essa é uma questão muito delicada. A Internet é, como você falou, é um meio para que o professor cresça, profissionalmente, na área da educação, na sua prática em sala de aula. Mas, a questão é de querer tanto do aluno como do professor; então, a parte de orientação, de estimular, eu faço tanto como FML quanto como coordenador; mas o que eu não posso, isso realmente eu não faço, é impor que ele tenha que querer fazer; tem que partir dele. A gente diz: olha, isso vai melhorar a sua prática, isso vai te enriquecer mais, mas se ele não quer, fica difícil a gente trabalhar nesse sentido, nessa linha de que a Internet vai ser uma ferramenta – já que a gente não tem na biblioteca, e realmente, não temos [refere-se aos livros adequados para o aperfeiçoamento do professor] –, a Internet pode servir de apoio a mais para o seu crescimento, sua capacitação.

Investigadora:

— Você tem observado se seus professores têm a prática de leitura? É parte do cotidiano deles essa prática, ou seja, eles já adquiriram o hábito de leitura?

Raulindo:

— Olha Maria, o que eu tenho observado, ao longo desses anos, com esse grupo, que eles sempre alegam a questão do tempo. Não têm tempo hábil pra ter aquele costume de leitura, uma leitura prazerosa, pegar um livro pra ler naquele tempo disponível. Nessa questão da leitura teórica, para sua capacitação, eles têm, vem da secretaria [Secretaria de Educação], a leitura que a gente tem que fazer, porque tem que elaborar um plano de aula, tem que elaborar uma avaliação, isso existe; mas, aquele leitor fluente, aquele leitor constante, o hábito mesmo da leitura, eles alegam que não têm tempo, porque trabalham dois expedientes, são casados, em casa têm os afazeres... Então, realmente, esse hábito da leitura, como você perguntou, não têm, ainda não tá satisfatório, ainda estamos trabalhando pra isso.

As dificuldades por que passam Raulindo, professores e alunos não são peculiares apenas do contexto de ensino, da E.E.F.Santa Luzia. Tendo como base a minha própria experiência, como professora e tutora de professores, em curso de educação continuada, testemunhei realidades semelhantes em escolas públicas sem as características de exclusão social que vitimam a escola Santa Luzia.

10.7 A Internet na E.E.F. Santa Luzia: aspectos de *incompleteza*

A considerar-se a premiação do programa *Tonomundo*, como reconhecimento pela sua qualidade pedagógico-educacional; a considerar-se que, segundo o professor Raulindo, em sua escola valoriza-se o ser humano e não só a disciplina, visando à sua formação como cidadão; a considerar-se, também, que todos os entrevistados, pela investigadora, apontaram vários aspectos positivos da Internet, como poderosa ferramenta auxiliadora dos

454

professores e alunos, como entender que a Internet na E.E.F. Santa Luzia é utilizada de modo incompleto?

O professor Raulindo, treinado pela USP para desenvolver as atividades por meio da Internet, com professores e alunos, argumenta que não é tarefa fácil considerar a Internet *como recurso ético, político, filosófico*, capaz de ultrapassar a importância da pesquisa escolar para chegar a algo mais abrangente que possibilite ao aluno ver o mundo de outra forma. Apesar de seus esforços para conscientizar a sua equipe docente, ele diz que é complicado. Em face dessa dificuldade apresentada por Raulindo, perguntamos: existe uma teoria metodológico-pedagógica, específica, para auxiliar a aprendizagem pela Internet, diferente daquela utilizada em uma situação de sala de aula presencial, convencional?

De modo geral, com base nas leituras realizadas pela investigadora, os estudiosos que se dedicaram a estudar a respeito de uma metodologia pedagógica, voltada para a Internet em sala de aula e/ou em uma situação de ensino a distância, sinalizam para as correntes teóricas, as quais já conhecemos, como por exemplo, o construtivismo e socioconstrutivismo. Quanto a uma especificidade teórica, a nosso ver, o que existe são as inúmeras e relevantes reflexões que apontam para a preocupação, no tocante à interatividade existente nas diversas relações que envolvem escola, professor, aluno e Internet. Logo, o que se faz relevante, nesse contexto, é o posicionamento ético do professor.

A seguir, apresentamos algumas posturas teóricas de autores preocupados com as relações escola-professor-aluno-Internet, professor-Internet-aluno e aluno-internet:

Filatro (2008) apresenta como teorias pedagógicas fundamentais, para uma situação de ensino-aprendizagem, na qual se relaciona educação e tecnologia [no caso, a Internet], as *perspectivas pedagógicas dominantes*:

- *A perspectiva associacionista*: Pavlov (1906), Watson (1913) e Thorndike (1890), ressaltam as mudanças observáveis e mensuráveis do comportamento, decorrentes de respostas a estímulos internos. Wilson e Myers (1999, In: Filatro, idem, p. 97) salientam que, não obstante a perspectiva associacionista tenha uma base teórica séria, voltada para a educação, é frequente e erroneamente associada a um modelo centrado no professor. Entretanto, essa perspectiva tem na sua essência a preocupação com uma aprendizagem ativa (aprender-fazendo), com avaliação cuidadosa e feedback imediato de resultados e, sobremaneira, estabelece objetivos, estratégias e métodos avaliativos alinhados.

- *A perspectiva cognitiva*: de acordo com Mizukami (1986, In: Filatro, idem), a perspectiva cognitiva, em oposição à teoria associacionista, estuda cientificamente a aprendizagem como sendo mais que um produto do ambiente das pessoas ou de fatores externos ao aluno. Essa teoria tem a sua representação em Piaget (esquemas mentais), Ausubel, que aprofunda a idéia de Piaget sobre a aprendizagem significativa, em Dewey, que refutou os métodos tradicionais, salientando o engajamento da educação com as experiências de vida, Bruner, com seu modelo de aprendizagem, um dos marcos do construtivismo, *Toward a theory of instruction* (1967). Ultrapassando tais concepções, surge Vygotsky com sua perspectiva socioconstrutivista da aprendizagem.

- *A Perspectiva situada*: em consonância com os princípios socioconstrutivistas estão os pressupostos da perspectiva situada, para a qual o conhecimento localiza-se na ação de pessoas e grupos (uma comunidade), ou seja, é distribuído socialmente e enfatiza o contexto social da aprendizagem; no entanto, esse contexto deve ser muito mais próximo, ou idêntico, à situação na qual o aluno desenvolverá a aprendizagem adquirida (a prática). Nessa perspectiva encontramos as comunidades de práticas de Wenger (1998), para quem não basta que o significado da aprendizagem tenha vínculo com as atividades advindas de uma comunidade de prática, uma vez que *a identidade do indivíduo como um aluno é moldada em seu relacionamento com a comunidade* (Filatro, idem, p. 98).

Em prosseguimento, apresentamos as reflexões Sancho (2006, p. 19-20) e também indicamos o livro no qual tais reflexões estão contidas, *Tecnologias para transformar a Educação*. A razão dessa escolha se dá pela força semântica da palavra transformar. De acordo com o dicionarista Caldas Aulete, transformar significa: metamorfosear; mudar a forma de; converter; trocar; reduzir; dar uma nova forma; tornar diferente do que era; variar, dentre outras. Os autores, em questão, bem como seus colaboradores, ao escolherem essa palavra para titularizar esse livro, implicitamente falam de tecnologias que podem contribuir para o renascimento de professores e escolas-educação mudados, diferentes, novos, dispostos para trocar, converter, reduzir, quando se fizer necessário.

Destacamos, aqui, algumas concepções de Sancho (2006, p. 19), extraídas do capítulo, *De tecnologias da informação e*

comunicação a recursos educativos. Segundo essa autora, as inúmeras pessoas preocupadas com a educação compreenderam as TIC como um novo mundo decisivo, uma nova oportunidade para repensar e melhorar a educação. Em outros estudos (1998), Sancho evidencia que a recente história da educação está cheia de *promessas rompidas*, de expectativas não-cumpridas, geradas a cada inovação de produção tecnológica: do livro de bolso ao vídeo ou ao próprio computador. Para ela (idem), faz-se necessário considerar os problemas associados *ao fracasso na incorporação às aulas de cada um destes meios* e refletir quanto ao melhor modo de planejar a integração de tais recursos nos processos de ensino e aprendizagem.

Salienta, também Sancho (idem), que a principal dificuldade para transformar os contextos de ensino, com a incorporação de tecnologias diversificadas de informação e comunicação parece *se encontrar no fato de que a tipologia de ensino dominante na escola é a centrada no professor*. Considerando a progressiva complexidade da sociedade, as tentativas de pontuar a aprendizagem dos alunos e suas necessidades educativas, *na escola da ação pedagógica*, ainda são muito tímidas (Cuban, 1993) e as situações educativas também não mostram resultados positivos, no que diz respeito às novas representações e à forma de construção do conhecimento, às formas alternativas de avaliação, bem como ao papel da comunidade nos processos de ensino e aprendizagem.

Tal contexto afigura-se problemático, assegura essa autora, pelo fato de a escola ter de enfrentar as diferentes

demandas, por vezes contraditórias. Por um lado, diferentes organismos internacionais (Unesco, OCDE, Comissão Européia, etc.) alertam sobre a importância de educar os alunos para a *Sociedade do Conhecimento*, capacitando-os para pensar de forma *crítica e autônoma, resolver problemas, comunicar com facilidade, reconhecer e respeitar os demais, trabalhar em colaboração e utilizar, intensiva e extensivamente as TIC* (idem, 20). Tal orientação necessita não apenas de professores bem formados, autônomos e profissionalmente criteriosos, mas também de escolas, adequadamente equipadas, com currículos atualizados, flexíveis, capacitado para atender às necessidades dos alunos, além de um sistema avaliativo, autêntico, capaz de mostrar o que os alunos tenham, de fato, aprendido.

Entretanto, o que se verifica em vários países, que desenvolveram programas voltados para a utilização das TIC, é o paradoxo de uma política educativa sem criatividade, *expressão do próprio conhecimento e autonomia intelectual*, na qual se intensifica a legislação em matéria pedagógica, cuja seqüela constitui-se no processo de desprofissionalização e alienação dos professores; o foco é a avaliação dos resultados demonstrados pelos alunos em provas padronizadas, distantes dos contextos de ensino. Tal situação de ensino-aprendizagem não possibilita que as escolas eduquem o aluno para os dias de hoje, afirma Hargreaves (2003, In: Sancho, *ibidem*).

Deste modo, no momento em que, em diferentes setores da sociedade são valorizadas a criatividade e a iniciativa, na escola se fomenta a homogeneidade. Quando se defende a desregulamentação como forma de aflorar a

criatividade, a escola se torna cada vez mais controlada e com menos espaço para abordar sua própria transformação (ibidem).

A nosso ver, existe uma dialogicidade entre as reflexões desses autores com as de Nietzsche, postuladas em 1874, ao criticar o sistema de ensino alemão, acusando-o de não educar o espírito do aluno para o novo e o extemporâneo. Dialogam, também, com as reflexões de Morin (2005, p. 30), ao evidenciar que somos surpreendidos pelo inesperado, acostumados que estamos a nos instalar, confortavelmente, em nossas teorias e ideias, as quais não estão preparadas para acolher o novo conhecimento.

Sancho convida o leitor à reflexão, bem como à ação:

Se o sistema educacional em que trabalha o leitor está na mesma encruzilhada, convido-o a situar estas problemáticas em seu próprio contexto, a começar a vislumbrar as possibilidades e dificuldades que encontrarão as TIC em seu caminho até a sala de aula e a elaborar o sentido das transformações necessárias no pensamento pedagógico, as políticas educacionais e a prática docente (ibidem).

Colombo¹⁰⁹ (2006, p. 102) por seu turno, resgata as reflexões de Comenius (Apud Covello, 1999, p. 5) como norteadoras pedagógicas da tecnologia na educação. Na Didática Magna de Comenius, já está inserida a sua proposta daquilo que o homem

¹⁰⁹ Arquiteto e Designer, professor mestre em Educação, Arte e História da Cultura, na Universidade Mackenzie e professor de Designer nas Faculdades de Campinas – FACAMP.

deveria aprender durante toda a vida; no entanto, é na *Pampædia*¹¹⁰ que ele desenvolve o tema central da educação permanente:

Importa demonstrar que nas escolas se deve ensinar tudo e a todos. Isto não quer dizer todavia que exijamos a todos o conhecimento de todas as ciências e de todas as artes (sobretudo se se trata de um conhecimento exato e profundo). Com efeito, isso nem de sua natureza é útil, nem pela brevidade da nossa vida é possível a qualquer homem [...] Pretendemos apenas que se ensine a todos a conhecer os fundamentos, as razões e os objetivos de todas as coisas principais, das que existem na natureza e das que os homens fabricam, pois não fomos colocados no mundo só para sermos espectadores, mas também atores [...]. Deve ensinar-se a todos aquelas coisas que dizem respeito ao Homem, embora mais tarde umas venham a ser mais úteis a uns e outras a outros.

Para finalizar esses pareceres teóricos, cuja finalidade é melhor situar o papel das novas tecnologias de informação e comunicação na educação, apresentamos Dowbor (2005, p. 11) nas suas reflexões de que *não é apenas a técnica de ensino que muda, incorporando uma tecnologia. É a própria concepção de ensino que tem de repensar os seus caminhos*, uma vez que o mundo de hoje constitui, simultaneamente, um desafio e uma oportunidade ao mundo da educação. Desafio pelo fato de o universo de conhecimentos implicar tal profunda revolução, que a educação sequer será consultada se deseja atualizar-se. Declara, ainda,

¹¹⁰ *Pampædia* ou a cultura do espírito universal.

Dowbor (idem):

A mudança é hoje uma questão de sobrevivência, e a contestação não virá de “autoridades”, e sim do crescente e insustentável “saco cheio” dos alunos, que diariamente comparam os excelentes filmes e reportagens científicos que surgem na televisão, nos jornais e com as apostilas e repetitivas lições da escola.

Em relação à oportunidade, esta surge pelo fato de que o conhecimento, matéria-prima da educação, representa-se como o recurso estratégico do desenvolvimento humano.

Diante do exposto, tendo como ponto de partida-chave, a palavra transformação, e retomando a pergunta feita pela investigadora, se existe uma metodologia pedagógica, específica, para a utilização das TIC na educação, entendemos que a teoria metodológica-pedagógica adequada, para se implementar as TIC na educação, é aquela capaz de formar professores e escolas *parangolés*, em constantes transformações, uma *metamorfose ambulante*¹¹¹, pautada em valores éticos. Assim, as respostas para essas questões ecoam da ausência da ética na relação Professor-Internet-Aluno, acostumados que estamos apenas a ouvir que não existe ética na política, o governo não é ético, o médico não exerce a medicina com ética, o policial não é ético. Não ouvimos, contudo, o motorista não é ético, o padeiro não é ético, o lixeiro não é ético, nosso pai, mãe, irmão, colega não são éticos etc.. A ética tem características de totalidade social, e deve estar em tudo e em

¹¹¹ Termo tomado de empréstimo do compositor e cantor brasileiro Raul Seixas.

todos. Nesse sentido, os professores de Almécegas, talvez, pela falta de oportunidade de leituras, conforme já mencionado pela investigadora, desconhecem que viver é um ato ético e, portanto, um ato da cotidianidade. O homem deve ser um sujeito-ético.

O que diz Bakhtin sobre ato ético:

Cualquier pensamiento mío, con su contenido, es mi acto ético [POSTUPOK] individual y responsable, es uno de los actos éticos de los cuales se compone mi vida única, concebida como un actuar ético permanente, porque la vida en su totalidad puede ser examinada como una especie de acto ético complejo: yo actúo mediante toda mi vida, y cada acto y cada vivencia aislada es un momento de mi vida en cuanto actuar ético. Este pensamiento en cuanto acto ético es integral: tanto su contenido semántico, como el hecho de su presencia en mi conciencia real de hombre singular, de hombre totalmente determinado, que actúa en un tiempo determinado y en determinadas condiciones, es decir, toda la historicidad completa de mi pensamiento: ambos momentos, pues, tanto el semántico como el histórico individual (fáctico) están unidos indivisiblemente en la valoración de mi pensamiento concebido como acto responsable (1997, p. 9).

O professor de História da E.E.F. Santa Luzia solicitou a seus alunos uma pesquisa no google, a respeito de culinária brasileira indígena. De acordo com o depoimento de Raulindo, apenas *deu o tema*. Agindo assim, esse professor tão-somente praticou uma ação e esta, para ser configurada como ético, deveria ser contextualizada por uma orientação precisa e necessária do professor para o aluno, com base nas questões: por que e como utilizar o google? O que

significa a palavra típica? Como trabalhar o texto extraído do google? Por que é necessário fazer a referência do autor do texto pesquisado? O professor deve, enfim, ensinar para os seus alunos que agir assim é agir com ética, é agir com responsabilidade. Agir assim significa responder aos anseios dos alunos que, nem sempre, são verbais.

Nessa questão do papel do computador e da Internet na escola, André, da Oi Futuro, já referido nesta tese, para responder a pergunta da investigadora, de que forma uma aula, por meio da Internet, pode contribuir para que os alunos sejam capazes, não apenas de identificar situações-problemas, mas também de solucioná-las, responde:

O computador é uma ferramenta, seja administrativa, seja pedagógica. Não por acaso é chamado de “ordenador” em outros idiomas. Sua função é essencialmente gerencial. A escola, sendo um corpo organizacional dos mais complexos, não pode abrir mão de um instrumento como esse. No Oi Futuro acreditamos ser ingênua a postura de que a internet é a solução para todos os males da educação. No entanto, a internet é um aspecto fundamental da vida contemporânea e a escola não pode estar dissociada da vida daqueles que ela pretende formar: os jovens. Esse jovem precisa ser solidário, autônomo e responsável. Nesse sentido, temos trabalhado com uma linha de pesquisa que aposta numa educação que se vale da didática tradicional (expositiva), da didática colaborativa (entre os jovens) e da autodidática. A entrada da Internet na dinâmica da aula reordena a posição do professor. Um aluno que escuta do professor que na próxima semana o tema da aula será Revolução Francesa, tem condições de

baixar uma tese de doutorado sobre o tema em minutos e chegar para aula sabendo mais que o “mestre”. No entanto, pode acontecer de ele chegar com informações imprecisas. O papel do professor, então, é o de orientar e validar as informações para produzir conhecimento, que já não tem o livro como fonte hegemônica. A postura crítica dos jovens frente à informação é algo que pode e deve ser construído, sobretudo na escola.

A capacidade de solucionar problemas é uma competência que pode ser adquirida e potencializada pelo uso da Internet, contanto que as próprias bases de funcionamento da Internet também sejam objeto de discussão.

O que falta, então, aos professores de Almécegas, na relação com seus alunos e a Internet? A nosso ver, falta esses professores tornarem-se sujeitos éticos e responsivos, posto que seus alunos são textos à espera de uma compreensão leitora com *responsividade*, pois a ausência de respostas implica uma violência ao eu-social. Convém refletirmos, contudo, que esses professores são, também, textos à espera de leitores proficientes, os responsáveis pelo sistema de ensino.

Diante dessas reflexões, a teoria metodológico-pedagógica para fundamentar a relação professor-Internet-aluno, com qualidade, deve ter como pontos de partida, e também de saída, o discurso fundador da ética. Portanto, o professor deve agir como sujeito-ético-responsivo, na prática da Transdisciplinaridade, por meio de uma metodologia pedagógica ética e de uma informática ética, o que conduz ao desenvolvimento do conteúdo de sua disciplina, também de forma ética. Somente agindo assim, o professor será capaz de

formar outros sujeitos éticos-responsivos, cujas repostas serão capazes de transformar a si próprios, bem como o seu contexto sociocultural.

A seguir, na conclusão desta tese, apontamos a adequação dos resultados obtidos aos objetivos propostos, bem como à hipótese apresentada.

CONCLUSÃO

Um dia virá em que só se terá um único pensamento: **A Educação.**

Nietzsche, Fragmentos póstumos (1875).

Conclusão

Na contemplação do percurso desta tese, retomamos alguns passos dados, com a finalidade de verificar se tal percurso se fez completo. Esta tese construiu-se numa relação dialógica entre a teoria revisitada e a *observação participante* em Almécegas. O objetivo geral estabelecido, cuja pretensão é contribuir com os estudos sobre as novas tecnologias, em face de sua generalidade, como lhe indica o próprio termo, não pode ser mensurado e, se alguma contribuição houver, não nos cabe dizer. Somente o leitor, tão-somente ele, poderá percebê-la e dizer se a pesquisa aqui apresentada implica algum conhecimento novo e de valia para a sua prática cotidiana. A propósito, lembramos Maingueneau (1996) ao dizer que cabe ao leitor dar legibilidade ao texto. Lembramos, também, Manguel (1999, p. 19, 201,207):

(...) é o leitor que lê o sentido; é o leitor que confere a um objeto, lugar ou acontecimento uma certa legibilidade possível, ou que a reconhece neles; é o leitor que deve atribuir significados a um sistema de signos e depois decifrá-lo. (...) Por mais que os leitores se apropriem de um livro, no final, livro e leitor tornam-se uma só coisa. (...) A relação primordial entre escritor e leitor apresenta um paradoxo maravilhoso: ao criar o papel do leitor, o escritor decreta também a morte do escritor, pois, para que um texto fique pronto, o escritor deve se retirar, deve deixar de existir. Enquanto o escritor está presente, o texto continua incompleto. Somente quando o escritor abandona o texto é que este ganha existência. Nesse ponto, a existência do texto é silenciosa, silenciosa até o momento em que o leitor o lê. Somente quando olhos capazes fazem contato com as

marcas na tabuleta é que o texto ganha vida ativa. Toda escrita depende da generosidade do leitor.

No tocante à especificidade dos objetivos, cuja finalidade é a de auxiliar o leitor a compreender a importância da Internet, em local de exclusão social e, ainda, avaliar o grau de importância dessa tecnologia, por meio dos grandes e pequenos-grandes discursos, constatamos que os significados extraídos dos discursos orais das pessoas observadas, em Almécegas, ou seja, os significados extraídos do discurso da *história vista de baixo*, contribuem tanto para traduzir a importância dessa revolução informacional e comunicacional, para esse povoado, quanto para traduzir a valoração dessa tecnologia para todo e qualquer contexto social. Ao considerarmos que a Internet trouxe melhorias socioculturais para uma comunidade que não tem, sequer, as oportunidades básicas para seu desenvolvimento humano, entendemos que a contribuição dessa tecnologia para outros contextos sociais, especificamente, para as instituições de ensino, como um todo, é algo inquestionável, a despeito das resistências que existem.

Logo, os objetivos específicos confirmam a hipótese apresentada e as significações de importância da Internet, traduzidas pela *história vista de baixo*, são tão ou mais importantes do que as traduzidas pela *história vista de cima*. Existe uma zona de similitude entre esses dois modos de contar a história da Internet, posto que, para ambos, o poder da informação e comunicação transforma vidas e sociedades. Convém ressaltar, contudo, que o grau de valoração atribuído a esse poder é traduzido com maior força, a força da emoção, pela *história vista de baixo*, pelo fato de

representar para os moradores do povoado a única possibilidade de ultrapassar os muros da escola, bem como as divisas e fronteiras do povoado. Aqui, evocamos alguns fragmentos discursivos dessas duas histórias:

A Internet é o tecido de nossas vidas. Se a tecnologia da informação é hoje o que a eletricidade foi na Era Industrial, em nossa época a Internet poderia ser equiparada tanto a uma rede elétrica quanto ao motor elétrico, em razão de sua capacidade de distribuir a força da informação por todo o domínio da atividade humana. (Castell, 2001, p.7)

O professor e coordenador Raulindo (2009), em uma das entrevistas concedida à investigadora, por sua vez, dialoga com Castell ao salientar:

(...) essa questão da Internet ter trazido essa luz do conhecimento, conseguiu, realmente, transformar as pessoas, transformar os sujeitos, porque, hoje, ela [a pessoa] consegue ter confiança, a autoestima dela melhorou, porque ela tem conhecimento e quando você tem o conhecimento, você se sente mais forte. Então, Maria, a Internet, como eu falei, é uma luz que tirou as pessoas da escuridão, da ignorância; ela consegue, realmente, transformar o ser num agente transformador.

Os depoimentos dos sujeitos observados, no povoado de Almécegas, por ocasião das quatro visitas da investigadora, apontaram para aspectos, socialmente transformados,

demonstrando que a inclusão digital, nessa nova sociedade, elevou a auto-estima desses sujeitos, trouxe contribuição para a formação de um leitor crítico, autocrítico, adquirente de uma nova consciência política e interferente na sociedade para transformá-la por meio de conquistas: a mudança da 'cara' da escola, a construção de um novo laboratório de informática, a integração escola-comunidade, a coleta de lixo, os projetos comunitários, a rádio-escola. Sendo assim, o evento Internet-Almécegas, mais do que uma inclusão digital configurou-se como uma inclusão sociocultural transformadora, instauradora de seres no mundo da informação e comunicação. .

A propósito dessa transformação social, André, um dos responsáveis pela introdução da Internet em Almécegas, declara, em depoimento dado à investigadora por e-mail em 11 de junho de 2008:

A transformação social da internet está ligada à sua capacidade integradora e à sua estrutura horizontal. Na história dos meios de comunicação, nenhum meio alcançou tão rapidamente um número tão grande de usuários (hoje, se não me engano, estimado em mais de 1 bilhão), com a diferença de que a internet é um meio que exige do usuário uma postura mais ativa. Uma vez estabelecida, a internet tem se transformado num espaço extraordinário para a troca de conhecimento e informações. A diferença é que o papel de produtores e consumidores está amalgamado. A nosso ver o poder de concentração da produção de saber foi relativizada. O poder da informação, nas sociedades que conhecíamos até então, sempre esteve na mão de poucos. A internet altera profundamente essas relações. Nesse sentido ela pode, sim, ser vista como uma das mais importantes transformações sociais da história. As

manifestações contra as Olimpíadas na China, em função das questões com o Tibet, não seriam possíveis sem a articulação da rede. Os professores do Tonomundo jamais teriam uma formação com a USP, se não fossem as plataformas de LMS e a estrutura de comunidade virtual de aprendizagem que alicerça o trabalho que desenvolvemos.

Incluídos nessa nova sociedade, professores, alunos e, em especial, o professor Raulindo, fazem uma nova leitura do texto comunidade de Almécegas ao expandirem os conhecimentos apreendidos, com base na Internet, cuja finalidade é privilegiar os idosos, as crianças, as donas de casa, os chefes de família, por meio dos projetos sociocomunitários ali desenvolvidos. Portanto, os benefícios levados pela Internet foram individuais e coletivos. Aqui, destacamos o projeto *Resgatando Ontem e Construindo o Amanhã*, de autoria do professor Raulindo, cujo objetivo é elevar a autoestima da pessoa idosa, *esquecida na comunidade*, integrando-a na escola, *para que ela se sinta viva*. Para tanto, o idoso é convidado para partilhar a sua história de vida com os alunos. Aqui, consideramos oportuno retomar um dos depoimentos de Raulindo:

Você sentia, você via que eles estavam emocionados; você via que ele saía alegre; até a questão da própria saúde do idoso, quando ele é valorizado, melhora. Então, aquele senhor, aquela senhora, que ficam o dia inteiro deitado numa rede, vindo pra escola e percebendo que nós estávamos ali, querendo ouvir dele a sua história, valorizando os seus cabelos brancos, ele se sentia melhor. E a questão de trazer o idoso pra parte ativa da sociedade é uma questão de cidadania.

Raulindo esclarece que a Internet contribuiu para elaboração de tal projeto; por meio dela, coletou opiniões de estudiosos para saber como trabalhar com o idoso, como é o seu jeito de viver e em que idade essa fase da vida é caracterizada. A Internet informou também que, atualmente, o termo utilizado para nominar a velhice é a *melhor idade* e não mais *terceira idade*. Outro relevante projeto comunitário é o *Comendo, trocando e aprendendo* – CTA. Para o desenvolvimento deste, tem-se como objeto de estudo a merenda escolar, na pesquisa da origem das receitas que compõem o cardápio da merenda, realizada na Internet para se estudar a identidade cultural do local de onde provém determinada receita: localização, tradições, etc., sem a priorização do produto alimentício servido. O projeto aborda, ainda, tipos de alimentação saudável, o regionalismo, a divisão política, a ética, num exercício da Transdisciplinaridade pela Internet.

Reiteramos que a representação de significação de importância da Internet, demonstrada nesta tese, pauta-se nos pontos de vista dos moradores de Almécegas e de autores que escreveram a esse respeito. Ressaltamos, contudo, que a manifestação de um ponto de vista nem sempre é tarefa simples, mesmo para pessoas acostumadas a isso. Entretanto, a grande contribuição da Internet tornou essa tarefa fácil para os moradores desse povoado, pelo fato de eles terem muito para dizer a respeito de tal revolução tecnológica, responsável pela mudança do *modus vivendi* das pessoas. Tal revolução atribuiu-lhes um novo saber-poder, um novo endereço, uma nova identidade. Quando vivenciamos experiências, emoções, especificamente aquelas que nos trazem benefícios e nos possibilitam ultrapassar o nosso próprio

mundo, as palavras fluem naturalmente, ainda que não atendam às estruturas da língua normativa. Assim, as pessoas simples e anônimas de Almécegas, na sua variação linguística, sem o apuro da língua padrão, sabem a que veio, quando se trata de falar das emoções vividas pela chegada da Internet. Evocamos, neste espaço, um poema de Oswald de Andrade¹¹² que, a nosso ver, dialoga com o contexto do saber-dizer sobre a Internet, das pessoas residentes em Almécegas:

VÍCIO NA FALA

(Poesia reunidas)

Para dizerem milho

Dizem mio

Para dizerem melhor

Dizem mió

Para pior

Piό

Para telha dizem teia

Para telhado dizem teiado

E vão fazendo telhados.

Em suas andanças, por esse povoado, a investigadora direcionou o seu olhar para as novas experiências e significados, vivenciados e interpretados pelos sujeitos observados, agora sujeitos históricos conectados, plugados, informatizados e duplamente iluminados: primeiro, através da luz da informação e

¹¹² Poeta modernista brasileiro, de grande expressão no evento cultural Semana de Arde Moderna.

comunicação, levada pelos raios solares; depois, através da luz da energia elétrica.

Esta última fonte de iluminação trouxe a televisão, outra novidade para o povoado, em face de sua programação hipnotizante que, de certa forma, em determinados contextos, ilumina mais do que a Internet, por conta de sua única razão de ser: a informação e o entretenimento dos telejornais, das novelas, dos filmes, dos jogos de futebol, dos *reality shows*, à disposição do usuário, 24 horas, que não precisa sair de casa para assistir ao programa desejado. Além disso, um aparelho de televisão custa menos do que um computador, especialmente, os modelos antigos, pesados, agora ultrapassados pela nova tecnologia digital LED e Full HD, de alta definições, cujos valores são acessíveis a alguns moradores do povoado.

Essa novidade televisa preocupa o professor Raulindo, principal sujeito-histórico da Internet-Almécegas. Entendemos, contudo, que tal preocupação não tem razão de ser, pois, no contexto atual, se a Internet perdeu um pouco de seu protagonismo, isto se deve à limitação de horário e tempo de sua utilização na escola que, em geral, é para fins de aprendizado e de prestação de serviços para a comunidade, situação agravada pelo fato de professores e alunos não possuírem computador em casa. A despeito de mais esse novo sucesso de informação e comunicação, que é a televisão, a Internet tem mostrado o seu poder transformador nesse povoado. Televisão e Internet são tecnologias distintas e sua utilização depende do contexto no momento da procura pelo usuário.

Apontamos na introdução deste trabalho que a Internet, em Almécegas, como inclusão digital, recebeu a parceria da Escola Oi Futuro, da Universidade de São Paulo, que implantou na E.E.F. Santa Luzia o Programa *Tonomundo*. Conforme demonstrado no capítulo 9, este programa pauta-se numa proposta tecnológico-pedagógica e educacional, nos moldes do *Teorema* de Gödel; associado que está a outras áreas de conhecimento, esse Programa não se limita tão-somente a equipar essa escola com computadores, conexão Internet e aulas de informática. O *Tonomundo* propõe atividades com base nos valores éticos-morais: a amizade, a honestidade, a verdade, o altruísmo, o belo, a pureza, a cidadania, a igualdade, a justiça, a liberdade. O desenvolvimento de tais atividades é feito com a utilização da Internet, não apenas como ferramenta facilitadora, mas como processo tecnológico-pedagógico e educacional. Logo, a Internet, quando conduzida pelo programa *Tonomundo*, afigura-se como uma interatividade informacional e comunicacional completa.

Por outro lado, embora caracterizada nessa completude, de acordo com os depoimentos do professor Raulindo, e de alguns alunos, a Internet na E.E.F. Santa Luzia, quando conduzida na relação professor-Internet-aluno, dissociada do *Tonomundo*, tem sido privilegiada apenas pelos seus recursos de pesquisas a sites de buscas, para realização de trabalhos escolares: o aluno recebe a proposta de atividade do professor e, de forma solitária, sem nenhuma orientação ético-didático-pedagógica, o aluno fica à mercê do resultado que se lhe apresenta, sem noção de como utilizá-lo de forma correta e coerente. Reiteramos, aqui, o relato de Raulindo, no exemplo da atividade sobre uma culinária brasileira, indígena. Não

fosse a intervenção desse professor, um aluno apresentaria a receita do doce brigadeiro, como sendo um exemplo típico de culinária da cultura dos índios.

Por conseguinte, ao solicitar essa atividade, o professor praticou apenas uma ação e, por não orientar seu aluno, no tocante à forma correta de como pesquisar na Internet, não praticou um ato ético; sem esta prática, não se fez, também, sujeito ético nem formou em seu aluno outro sujeito-ético.

A propósito, Baktin (1997) diferencia ato de ação. A ação constitui-se de um comportamento qualquer, às vezes mecânico, às vezes impensado. O ato, por seu turno, é responsável e assinado: o sujeito pensa um pensamento e assume que, ao fazê-lo, pensa em relação ao outro, ou seja, ele se responsabiliza por esse pensamento. Uma ação pode ser um embuste, sem a responsabilidade e a assinatura do sujeito que a pratica. Logo, ele se esconde na ação. O ato é um gesto ético revelador do sujeito que, para a sua prática, atira-se inteiramente nele; o ato constitui-se de integridade. Nele, o sujeito atuante responsabiliza-se pelo pensamento e, mais do que isso, o sujeito é, dito de outra forma, convidado a pensar o pensamento e este não é casual, não é apenas uma opinião, pois o lugar no qual o sujeito pensa – o lugar da argumentação e da reflexão –, somente pode pensar aquele pensamento.

Visto sob essa perspectiva, embora todos os sujeitos discursivos, observados em Almécegas, reconheçam a legítima importância de se ter acesso à Internet, os professores da E.E.F Santa Luzia ainda não se apropriaram do legítimo significado ético,

dessa oportunidade de informação e comunicação, no modo de utilizá-la, especialmente, quando se trata da relação professor-Internet-aluno. Tal contexto de ensino-aprendizagem nos remete às reflexões de Nietzsche (In: Larrosa, 2005, p. 15): o leitor moderno, ciente de “sua pessoa e de sua cultura” compreende-se “como uma medida segura e um critério de todas as coisas”. Nessa concepção, os professores dessa unidade escolar compreendem que ensinam os seus alunos a navegar na Internet.

O que falta, não apenas a esses professores, mas também aos responsáveis pela educação de nossos jovens? A mim me parece que lhes falta tornarem-se leitores proficientes, leitores de Nietzsche, por exemplo, para entender o que é ser leitor de si e do outro, pois a

(...) tarefa de formar um leitor é multiplicar suas perspectivas, abrir seus ouvidos, apurar seu olfato, educar seu gosto, sensibilizar seu tato, dar-lhe tempo, formar um caráter livre e intrépido e fazer da leitura uma aventura. O essencial não é ter um método para ler bem, mas saber ler, isso é: saber rir, saber dançar e saber jogar, saber interiorizar-se jovialmente por territórios inexplorados, saber produzir sentidos novos e múltiplos. A única coisa que pode fazer um mestre de leitura é mostrar que a leitura é uma arte livre e infinita que requer inocência, sensibilidade, coragem e talvez um pouco de maldade. O resto será decidido pelo discípulo seguindo seu próprio temperamento, seu próprio estilo, sua própria curiosidade, suas próprias forças, seu próprio caminho e o "que tira" de seus próprios encontros. Todos os livros ainda estão para serem lidos e suas leituras possíveis são múltiplas e infinitas; o mundo está para ser lido de outras formas; nós mesmos ainda não fomos lidos (Nietzsche, In: Larrosa, idem, p. 27).

Ainda que os professores da E.E.F. Santa Luzia deslizem em algumas de suas atitudes, os pequenos-grandes sujeitos-históricos de Almécegas, contadores da história da importância da Internet, embora carentes das necessidades mais básicas, para o seu desenvolvimento humano, receberam as oportunidades de novas informações e comunicações, como quem recebe um novo alimento para o corpo e para alma, conforme foi possível observar nas suas manifestações discursivas, por ocasião das quatro visitas da investigadora ao povoado.

De modo geral, a teia de significações construída pelos sujeitos-leitores discursivos, da *história vista de baixo*, em seus pequenos-grandes discursos, revelam um senso comum, no tocante à chegada dessa tecnologia em suas vidas: a Internet constitui uma inclusão sociocultural-digital, representada com grau maior de valoração, nas oportunidades de aquisição do novo conhecimento e da comunicação com outros universos socioculturais.

Salientamos que, em qualquer situação de ensino-aprendizagem, com a utilização ou não da Internet, professores e alunos devem ser *obras abertas*, corpos em movimento, completos nas suas incompletudes, porque não fragmentados, não acomodados, pois *a forma completa reconstrói-se pouco a pouco na memória e na imaginação* (Eco, 2008, p 152), na leitura do eu e do outro. Professores e alunos *parangolés*, móveis de Calder, movimentando-se: abrindo-se, trocando-se, tocando-se um ao outro, um dentro do outro, como autor-obra-leitor, criador-criatura.

A respeito de Calder, escreve Eco (idem, p. 52-53):

Calder dá um passo à frente: agora a própria forma se move sob nossos olhos e a obra torna-se “obra em movimento”. Seu movimento compõe-se com o do espectador. A rigor jamais deveria haver dois movimentos, no tempo, em que a posição recíproca da obra e do espectador pudessem reproduzir-se de modo igual. O campo das escolhas não é mais sugerido, é real, e a obra é um campo de possibilidades.

A seguir, ilustrações dos móveis de Calder:



Figura 135: Móviles de Calder

Assim visto, urge que formemos professores e alunos-leitores, nos moldes nietzscheano, calderianos; professores e alunos-leitores, *obras abertas* (Eco, 2008, p. 150):

Obra aberta como proposta de um ‘campo’ de possibilidades interpretativas, como configuração de estímulos dotados de uma substancial indeterminação, de maneira a induzir o fruidor a uma série de “leituras” sempre variáveis; estrutura, enfim, como “constelação” de elementos que se prestam a diversas relações recíprocas.

Professores e alunos-leitores, num saber-fazer não-*fixo*, mas, isto sim, em constantes modificações, revelando-se seres *selvagens*, seres abismos, marcados por infinitas transformações (Merleau-Ponty, 1980). Professores e alunos-leitores, infinda metamorfose, na busca de novas possibilidades. Na relação professor-Internet-aluno, o navegar, tão-somente, com a finalidade de cumprir as tarefas escolares, deve ser substituído pela *curiosidade* (Freire, 1996) e pela *discussão* (Eco, 2008).

Nessa questão da educação cultural, como arte, Nietzsche (In: Dias, 2003, p. 87), compreende um povo, uma nação, uma cultura, uma civilização a partir do modelo de arte, isto é, como atividade criadora de belas *possibilidades de vida*. Convicto de submeter-se à nova pedagogia, com a finalidade de opor-se à educação de sua época, o filósofo propõe outra concepção de educação e cultura. Para ele, cultura e educação sinonimizam com *adestramento seletivo e formação de si*; adestramento no sentido de tornar-se capaz, ter habilidades, de acumulação de forças da humanidade, de tal maneira que as gerações continuem a construir, com base no trabalho das que as antecederam, bem como a desenvolver-se e tornar-se mais fortes, não apenas *exteriormente*, mas *interiormente, organicamente (Ibidem)*

Ao referir-se à educação moderna Nietzsche afirma que esta é sinônimo de domesticação, cujo objetivo é formar o estudante para o erudismo, para ser comerciante ou funcionário do Estado e transformá-lo em uma pessoa dócil e frágil, indolente e obdiente aos valores em questão. Adestrar um jovem, por sua vez, implica fazê-lo obdecer determinadas regras, adquirir novos hábitos, permitir que esse jovem se torne senhor de seus instintos e hierarquizá-los, de forma que o instinto de *saber a qualquer preço* não se sobreponha. O resultado de tal adestramento é a formação de um ser autônomo, forte, capaz de crescer, a partir do legado de forças deixadas pelas gerações passadas, capaz de mandar em si mesmo, sem necessitar recorrer a qualquer instância autoritária. Tem-se, assim, um jovem audacioso o suficiente para ser ele mesmo e sobrepor-se ao homem comum; um jovem com o olhar para o futuro e não somente para a sociedade existente.

Em prosseguimento à paráfrase das reflexões de Nietzsche , Dias (idem) escreve que o sentido da vida não está na preservação das instituições, nem no progresso destas; o sentido da vida está nos indivíduos. A vida deve ser o reflexo de nossa originalidade, posto que cada um no fundo é gênio, na medida em que existe *uma vez* e lança um olhar inteiramente novo sobre as coisas. O gênio *multiplica* a natureza, cria por este novo olhar. *Salvem seu gênio!* Isto é o que se deve gritar para as pessoas: liberem o gênio, façam tudo para libertá-lo. É preciso refazermos tudo para nós e somente para nós; *por exemplo, medir a ciência com esta questão: o que é a ciência para nós?, e não: o que somos para a ciência* (ibidem)?

Uma cultura autêntica pressupõe a fusão da vida e da cultura, a partir da necessidade vital de um povo e do desenvolvimento, na justa proporção, de todos os seus instintos e dons, de modo que frutifiquem em ações e obras e criem, no estilo da obra de arte, uma unidade viva (idem).

A questão da incompletude, discutida nesta tese, quer dizer para o professor de Almécegas, e também para outros prováveis professores-leitores, que é bom reconhecermos a nossa incompletude, pois, se assim o fizermos, perceberemos e aceitaremos que somos seres mutantes, razão por que é preciso renovar. A Propósito, na introdução à edição brasileira de *Obra Aberta*, diz Eco (idem, p. 16):

(...) mas se continuo a reescrever este livro é justamente porque não pretendo que ele sobreviva: ele foi e permanece a tentativa de explicar algo que acontecendo sob os nossos olhos, e muda continuamente: quando não muda o objeto da indagação, mudam os métodos para interpretá-lo. Se este livro, que não deverá sobreviver para dar lições aos pósteros, pode no entanto servir de lição a alguém, deverá então ensinar que vivemos num período de evolução acelerada: e a única palavra que a cultura deve proferir para poder defini-lo será uma palavra de recusa das definições estáveis e catedráticas. Enquanto escrevo, os estudantes de meu país estão colocando em crise, definitivamente, as estruturas de um poder cultural professoral, dogmático, administrador de verdades incontrovertíveis, e estão substituindo a “lição” pela “discussão”. Assim, no discurso que neste livro dirijo a mim mesmo, resolvi, faz tempo, jamais acreditar no que dissera na vez anterior.

A questão da incompletude implica, ainda, um convite à reflexão, pelo fato de não ser apenas o aluno de Almécegas, mas também milhares de outros, quem sabe, do Brasil e do mundo afora, que necessitam dizer para seus professores: Ei! Professor, estou aqui! Olha para mim e leia-me. Faz histórias de mim, professor, e conte-as tanto para mim quanto para você.

Esta tese não se pretende conclusiva, porque está aberta para outras histórias sobre as Novas Tecnologias da Informação e Comunicação - TIC. A propósito, na região do Nordeste existe a inclusão digital em outros locais de exclusão social, com diferentes peculiaridades de instalação. São os chamados *Centros Rurais de Inclusão Digital – CRID: Uma janela para o mundo*, nascidos na Universidade Federal do Ceará – UFC (cf. folder anexo).

Assim, na incompletude desta tese, sua autora a abandona e a entrega ao leitor, para que este lhe atribua *existência*, no momento em que seus olhos generosos *bailarem* sobre suas páginas.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia

- Adorno, H. (1985). *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Almeida, J.A. (2005). *Educação e Informática*. São Paulo: Cortez.
- Alava, S. & Colaboradores. (2000). *Ciberespaço e formações abertas – rumo a novas práticas educacionais? [Cyberespace et formations ouverts – vers une mutation des pratiques de formation?]*. Porto Alegre: Artmed.
- Althusser, L. (2001). *Aparelhos Ideológicos de Estado*. 8 ed. Rio de Janeiro: Graal - Biblioteca de Ciências Sociais.
- Araújo, J. C. (Org.). (2007). *Internet e ensino. Novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- Bakhtin, M. (2009). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 13 ed. São Paulo: Hucitec.
- Bakhtin, M. (1997). *Hacia una filosofía del acto ético. De los borradores y otros escritos*. 1 ed. Rubí, Barcelona: Anthropus, San Juan, Universidad de Puerto Rico.
- Bakhtin, M. *Estética da Criação verbal*. (2003) São Paulo: Martins Fontes.
- Barros, B. F. (2001). *Que Brasil é este? Um depoimento*. São Paulo: Senac.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Benjamin, W. (1996). *Obras Escolhidas. Magia e Técnica, arte e política*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed., 10ª. Reimpressão, São Paulo: Brasiliense.
- Berman, M. (2007). *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tadução: Carlos Freire Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras.

- Brait, B. (2005). *Bakhtin: Conceitos-Chave*. São Paulo: Contexto.
- Brandão, N.N. (2005). *Introdução à análise do discurso*. São Paulo: Unicamp.
- Briggs, A. & Burke, P. (2006). *Uma História Social da Mídia*. Rio de Janeiro: Zahar. lecao
- Bronckart, J.P. (2008). *O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores*. Tradução Anna Rachel Machado, Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas-SP: Mercado das Letras.
- Burke, P. (Org.). (1992). *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. 7ª. Reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.
- Carrasco, J.G. (2005). *Virtualidad formativa de las prácticas mediadas por la tecnología informacional*. In: GREGÓRI, S. I. (Coord.). *Nuevos espacios y nuevos entornos de Educación*. San Vicente, Alicante: Editorial Club Universitario-ECU.
- Castel, M. (2001). *A Sociedade em Rede*. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra.
- Castel, M. (2002). *A Galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Castro, G. de et al (orgs.). (2002). *Ensaio de complexidade*. 3. ed. Porto Alegre-RS: Sulina.
- Charaudeau, P. e Maingueneau, D. (2008). *Dicionário de Análise do discurso*. 2. Ed. São Paulo: Editora Contexto.
- Charaudeau, P. (2003). *El Discurso de La Informacion. La construccion Del espejo social*. Barcelona: Gedisa.
- Chauí, M. (2001). *Convite à Filosofia*. 12ª. ed., 3ª. Reimpressão, São Paulo: Ática.
- Cohen, R. (2007). *Performance como Linguagem*. 2.ed., São Paulo: Perspectiva.

- Colombo, L.A.B. (2006). *Comenius, a Educação e o Ciberespaço*. São Paulo: Comenius.
- Cortella, M.S. e Yves, L.T. (2009). *Nos labirintos da Moral*. 6. ed. Campinas, São Paulo: Papyrus 7 Mares.
- Costa, R. (2008). *A cultura Digital*. São Paulo : Publifolha.
- Damata, R. (1988). *O que faz o Brasil, Brasil?* 9.ed. Rio de Janeiro: Rocco.
- Damata, R. (2001). *Globalização e identidade nacional: considerações a partir da experiência brasileira*. In: *Pluralismo cultural, identidade e globalização*. Rio de Janeiro: Record.
- Demo, P. (2000). *Certeza da incerteza: ambivalências do conhecimento e da vida*. Brasília-DF: Plano.
- Dias, R. M. (2003). *Nietzsche Educador*. São Paulo-SP: Scipione.
- Dick, P.K. (2009). *Ubik*. São Paulo: Aleph.
- Dosse, F. (2003). *A História em migalhas*. Bauru, São Paulo-SP: Edusc.
- Dowbor, L. (2005). *Tecnologias do Conhecimento*. 3 ed. Petropolis-Rio de Janeiro : Editora Vozes.
- Ducrot, O. (1987). *O dizer e o dito*. Campinas-SP: Pontes.
- Dujo, Á. G. et al. (2004). *Procesos de Formación On Line*. Salamanca, ES: Amarù.
- Eco, U. (2008). *Obra Aberta*. 9. ed. Título original: *Opera aperta*. São Paulo: Perspectiva.
- Marx, K. e Engels, F. (2007). *O Manifesto Comunista*. São Paulo: Paz e Terra.
- Fares, C. (2001). *Alguma Coisa está Fora da Nova Ordem Mundial: a Construção de uma Identidade*. In: Mendes, C. (Org.) *Pluralismo cultural, identidade e globalização*. São Paulo: Record.

- Febvre, L. (1989). *Combates pela História*. 3. ed. Lisboa: Editorial Presença.
- Felinto, E. (2005). *A religião das máquinas: ensaios sobre o imaginário da cibercultura*. Porto Alegre, RS, Brasil: Sulina.
- Figueiredo, V. de. (2005). *Kant & a crítica da razão pura*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Filatro, A. (2009, In: Litto, F.M. e Formiga, M.M.M. , orgs.). *Educação a Distância, o estado da arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil.
- Filho, J. T. (2002). *Comunidades Virtuais. Como as comunidades de práticas na Internet estão mudando os negócios*. Rio de Janeiro: Senac.
- Flichy, P. (2001). *Lo imaginário de Internet*. Madrid-Espanha:Editorial Tecnos.
- Foucault, M. (1987). *Vigiar e punir. nascimento da prisão*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Freire, P. (1996). *A importância do ato de ler*. São Paulo-SP: Cortez.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freyre, G. (1942). *Uma cultura ameaçada: a Luso-Brasileira*. Rio de Janeiro: CEB.
- Freyre, G. (2004). *Nordeste*. 7.ed., São Paulo: Global Editora.
- Gadet, F. e Pecheux M. (2004). *A língua inatingível: O discurso na História da Linguística*. Tradução: Bethania Mariani e Maria Elizabeth chaves de Mello. Campinas-São Paulo: Pontes.
- Geertz, C. (1973). *The Interpretation of Cultures*. New York, NY: Basic Books.
- Geertz, C. (2001). *Nova luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro:Zahar

- Gibson, W. (2008). *Neuromancer*. São Paulo:Aleph.
- Ginzburg, C. (1986). *O queijo e os vermes*. São Paulo-SP: Companhia das Letras. HH
- Ginzburg, C. (1989). *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. 2. ed., Tradução Federico Carotti, São Paulo:Companhia das Letras.
- Hernandez, F. (2007). *Catadores da Cultura Visual. Proposta para uma nova narrativa educacional*. Porto Alegre-RS: Mediação.
- Junior, O.G. (2000) *Nietzsche*. São Paulo : Publifolha.
- Llano, J.G. e Adrian, M. (2006). *A informática educativa na escola*. São Paulo : Loyola.
- Koch, I. V. & Travaglia, C. (2000). *A coerência textual*. 10. ed. São Paulo: Contexto.
- Lakoff, G. & Johnson, M. (2002). *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: Mercado de Letras.
- Laplantine, F. (2007). *Aprender Antropologia*. São Paulo:Brasileiense.
- Leão, L. (2005). *O Labirinto da hipermídia. Arquitetura e navegação no ciberespaço*. 3. ed. São Paulo:Iluminuras.
- Lemos, A. (2004). *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. 2. ed. Porto Alegre-RS:Sulina.
- Lemos, A. e Palacios, M. (orgs). (2004). *Janelas do ciberespaço*. Porto Alegre-RS: Sulina.
- Machado, A. (2007). *Arte e Mídia*. Rio de Janeiro : Zahar.
- Maingueneau, D. (2008). *Análises do Discurso Hoje*. Rio de Janeiro: Lucerna.

- Mainueneau, D. (1996). *Pragmática para o discurso literário: leitura e crítica*. São Paulo-SP: Martins Fontes.
- Marcondes, D. (2005). *Iniciação a História da Filosofia. Dos Pré-Socráticos a Wittgenstein*. 9 ed. Rio de Janeiro : Zahar.
- Mazzeo, A. C. (1995). *Sociologia Política Marxista*. São Paulo: Cortez.
- Merleau-Ponty, M. (2006). *A Natureza*. São Paulo: Martins Fontes.
- Malinowski, B. (1978). *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril, Coleção Os Pensadores.
- Manguel, A. (1999). *Uma história da leitura*. São Paulo-SP: Companhia das Letras.
- Marcuschi, L. A. e Xavier, A. C. (Orgs.). (2005). *Hipertexto e Gêneros Digitais*, Rio de Janeiro-RJ: Lucerna.
- Maturana, H. (2006). *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Organização e tradução Cristina Magro, Victor Paredes (2001). Belo Horizonte: UFMG.
- Maturana, H. e Sima, N. R. (2008). *Formação Humana e Capacitação*. 5. ed., Petrópolis, RJ: Vozes.
- Merleau-Ponty, M. (1999). *Fenomenologia da percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Merleau-Ponty, M. (2006). *A Natureza*. 2. ed., São Paulo: Martins Fontes.
- Morin, E. (2005). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 10.ed., São Paulo-SP: Unesco.
- Nagel, E. e Newman, J. R. (2001). *A prova de Gödel [Gödel's proof]*. São Paulo-SP: Perspectiva.
- Negroponte, N. (1995). *A vida Digital*. São Paulo : Companhia das Letras.

- Nietzsche, F. W. (2004). *Alem do Bem e do Mal*. São Paulo : Escala - Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal, vol. 31.
- Nietzsche, F. W. (2006). *Humano, Demasiado Humano*. Escala - Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal, vol. 42.
- Nietzsche, F. W. (2006). *Ecce Homo*. Escala - Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal, vol. 57.
- Nietzsche, F.W. (2005). *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Rideel.
- Oliveira, M. dos A. M. de. (2004). *Orkut: somente convidados*. Rio de Janeiro-RJ: Brasport
- Oliveira, I.B. (2006). *Boa Ventura & a Educação*. Belo Horizonte : Autentica.
- Perroti, E. (1990). *Confinamento cultural, infância e leitura*. São Paulo- SP: Summus.
- Pêcheux, M. (1990). *A Análise do Discurso: três épocas*. (In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.). *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas-São Paulo:UNICAMP.
- Perisse, G. (2004). *Filosofia, Ética e Literatura, uma proposta pedagógica*. Barueri, São Paulo: Manole.
- Pochman, M. e Amorim, R. (orgs.). (2004). *Atlas da Exclusão Social no Brasil*. 3.ed. São Paulo-Cortez.
- Queiroz, R. e Maria, L. (1996). *O nosso Ceará*. Fortaleza-CE: Fundação Demócrito Rocha.
- Reis, J. C. *Tempo, História e Evasão*. (1994). Campinas: Papirus Editora.
- Rheingold, H. (1993). *The Virtual Community: homesteading at the eletronic frontier*. Reading: Addison-Wesley Publishing Company.
- Ricoeur, P. (1975). *La métaphore vive*. Paris-França:Rès Editorial.
- Rogers, C. R. (2009). *Tornar-se pessoa*. São Paulo:Martins Fontes.

- Rush, M. (2007). *Novas Mídias na Arte Contemporânea*. Tradução: Cássia Maria Nasser. São Paulo: Martins Fontes.
- Santaella, L. (2007). *Linguagens Líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paullus.
- Santaella, L. (2002). *Comunicação e Pesquisa*. São Paulo : Hacker – Coleção Comunicação.
- Sancho, J. M. e Hernández, F. (2006). *Tecnologias para transformar a Educação*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Santos, B. de S. (2002). *Um discurso sobre as ciências*. Porto-Portugal: Edições Afrontamento.
- Shalins, M.(2003). *Ilhas de Histórias*. Tradução Bárbara Sette, Rio de Janeiro: Zahar.
- Sahlins, M. D. (2007). *Cultura na Prática*. Tradução Vera Ribeiro, 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Silva, E. T. (Coord.). (2003). *A leitura nos oceanos da Internet*. São Paulo-SP: Cortez.
- Silva, M. (2006). *Sala de Aula Interativa*. 4.ed., Rio de Janeiro: Quarte.
- Silva, M. (2005). *Educación Interactiva. Enseñanza y Aprendizaje Presencial Y On-line*. Tradución: Grabiél Zadunaisky. Barcelona-ES: Gedisa.
- Spink, M. J. et al. (2004). *Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano: Aproximações Teóricas e Metodológicas*. São Paulo: Cortez.
- Stork, Y. R., Echevarria, A. J. (2005). *Fundamentos de Antropologia: Um ideal de excelência humana*. Tradução Patrícia Carol Dwyer.

São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência "Raimundo Lúlio".

Taille, Y. et al. (2001). *Computador e Ensino. Uma aplicação à língua portuguesa*. 2 ed. 3ª. Reimpressão. São Paulo: Áteracionista.

Telles, A. (2006). Orkut.com - Como você e sua empresa podem tirar proveito do maior site de relacionamento do Brasil. São Paulo-SP: Landscape.

Turner, V. (1974). *O Processo Virtual. Estrutura e Antiestrutura*. Tradução de Nancy Campi de Castro, Petrópoles. Rio de Janeiro: Editora Vozes.

Vigotsky, L.S. (2004). *Psicología Pedagógica*. Título original: *Pedagoguítcheskaya Psikhológuiya*. Tradução e introdução Paulo Bezerra. 2.ed., São Paulo: Martins Fontes.

Vieira, I. L. (2007). *Internet e ensino. Novos gêneros, outros desafios. Leitura na Internet: mudanças no perfil do leitor e desafios escolares*. In: Araújo, Júlio César (Org.). Rio de Janeiro-RJ: Lucerna.

Villardi, R. e Oliveira, E.G. (2005). *Tecnologia na Educação: uma perspectiva sócio-interacionista*. Rio de Janeiro: Qualitymark.

Wenger, E. (2001). *Comunidades de Prática. Aprendizaje, significado e identidad*. Título original: *Communities of practice: Learning, meaning, and identity*. Tradução: Genís Sánchez Barberán. Barcelona-ES: Paidós.

Outras fontes:

Comunicações em congresso e simpósio:

Catalão, V. L. A. *redescoberta do pertencimento à natureza por uma cultura da corporeidade*. II Congresso Mundial da Transdisciplinaridade, Espírito Santo, Cirete/Cetrans, edição em Cdrom, 2002.

Caderno Educacional

Dawsey, J. C. Victor Turner e Antropologia da Experiência. (2005). *Cadernos de Campo (USP)*, São Paulo, 13, 163-176.

Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN. (2002). Brasília: Ministério de Educação e Cultura – MEC. São Paulo: Ática

Cópias xerografadas:

Bourdé, G. Martin, H. (2000) *As Escolas Históricas*. Lisboa:Europa-América.

Ibañez, R. M. (1991). *La creatividad y Educación*, artigo.

Dicionários:

Ferreira, A. B. H. (1975). *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Garcia, H. e Nascentes, A. (1987). *Caldas Aulete. Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. 5.ed., Rio de Janeiro: Delta.

Houaiss, A. (2004). *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Jornal:

Vasce, E. (2006). *El mundo*. Madrid-ES, 05 jun., p. 13.

Páginas eletrônicas Internet:

Birardi, A. et al. *O Positivismo, Os Annales e a Nova História. Disponível* em: www.klepsidra.net/klepsidra7/annales.html, acesso em: 2 abril, 2007.

Cruz, R. (2003). Internet vem antes da luz. *O Estado de S. Paulo* (periódico), São Paulo, 25 ago. Disponível em: www.google.com.br, acesso em 20 maio, 2006.

Patriota, F. Dia de São José. Disponível em: <http://www.auniao.pb.gov.br>. Acesso em 17março, 2007.

Wikipedia.org. Acesso em: julho/2007

www.itaucultural.org.br. Acesso em: maio/2010

Revistas:

Dahmen, S. R. O cientista Filósofo. (2006). *Revista Ciência & Vida – Filosofia*, 4, 36-43, São Paulo-SP:Escala.

Fraga et al. São José. (2000). *Lambendo a cria*. Fortaleza,CE: Íntegra Comunicação.

Freitas, R. (2006). Luz da inclusão. *Época*, 444, 58-59, São Paulo: Abril.

Mendes, M. I. S.B. e Nóbrega, T. P. (2002). Corpo, natureza e cultura: contribuições para educação. *Revista Brasileira Ciências e Esporte*, 24, 9-22, São Paulo:Unicamp.

Taitelbaum, P. (2006). Orkut, dois anos depois. *Claudia*, 540, p. 46.

ANEXOS

Anexos

De acordo com Iskandar (2007), os anexos constituem partes extensivas ao texto, destacadas com o propósito de evitar descontinuidade na sequência lógica das seções, implicando contribuições necessárias para documentar, esclarecer, provar ou confirmar as idéias apresentadas no texto, importantes para sua perfeita compreensão, tais como modelo de formulários, questionários, fotografias, plantas, radiografias, mapas, etc.

Os anexos desta tese apresentam outras informações pertinentes ao tema desenvolvido, por meio de gêneros textuais diversos. Trata-se de artigos, transcrição completa das entrevistas realizadas, textos compilados de sites e fotos.

Anexo A – Sobre a questão da hipótese

A título, quem sabe, de contribuição, consideramos pertinente algumas considerações sobre o que é hipótese, considerando que, de modo geral, as pessoas acham que é fácil encontrar uma hipótese para uma investigação científica. No falar cotidiano, pelo menos no Brasil, utilizamos a palavra hipótese em nosso vocabulário do dia-a-dia: por hipótese alguma farei isso; na minha hipótese...; às vezes, costumamos, também, ouvir alguém perguntar: qual é a sua hipótese sobre isso? No entanto, o que se quer saber é apenas a opinião sobre algo. Levantar uma hipótese, especialmente num curso de pós-graduação, não é tarefa tão fácil assim, razão por que existem estudos que sinalizam para a importância de refletirmos sobre o sentido da hipótese. Aqui, apresentamos algumas reflexões

do professor Onésimo de Oliveira Cardoso¹¹³, em seu artigo *Hipótese na pesquisa científica: conjecturas necessárias*.

Não é difícil constatar a insegurança, e até mesmo uma certa angústia quando, num exame de qualificação, um examinador faz, para o mestrando ou doutorando, a pergunta implacável: afinal, qual é a sua hipótese? Apesar de o questionamento ser feito, na maioria das vezes, de maneira categórica e com certa altivez, nem sempre quem pergunta tem clareza a respeito do que é questionado e de qual seria a resposta mais razoável. Isso ocorre não só por uma questão de incompetência acadêmica, que reduz a problemática da hipótese a uma pergunta simplista, mas, sobretudo, porque se trata de um termo intrinsecamente escorregadio, cheio de ambigüidades, possuidor de diferentes sentidos, papéis e funções no âmbito do conhecimento do científico. A maioria dos livros de metodologia, alguns com a pretensão de serem tratados metodológicos, descreve a hipótese, e também sua confirmação e refutação, como se fosse um conceito simples, claro, bem definido e que possui propriedades de fácil avaliação e interpretação. A hipótese é tratada como catálogo de normas, que deveria ser cumprido com obediência e devoção. Todavia, essa não é a maneira adequada de lidar com o tema, pois não existe o “caminho das pedras”, o porto seguro, nem o conceito, nem a fórmula que tire desse tema a sua complexidade, suas interconexões, suas contradições e imprecisão. É preciso, dessa maneira, “batalhar” com o tema, sem que isso implique garantia de sucesso. Apesar de o conceito de hipótese pertencer a diferentes formas de conhecimento, tais como senso comum, teológico, filosófico etc, é no âmbito da Ciência que ele ganha *status e complexidade*. Hipótese torna-se, assim, elemento fundante na discussão do sentido e relevância do conhecimento científico. Dessa maneira, refletir sobre hipótese significa aprofundar a discussão sobre o sentido e a relevância do pensamento científico. A tentativa, pois, de isolar o conceito hipótese, neste artigo, é uma estratégia didática, uma vez que, epistemologicamente, hipótese é abordar, concomitantemente, teorias, leis, enunciados e preposições. Tratar tudo isso, em suma, é falar de método e conhecimento científico.

¹¹³ Doutor em Comunicação pela Universidade de Münster, na Alemanha; Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Administração da PUC-SP; Professor Titular e Assessor Pedagógico da Área de Comunicação da Social da UNICSUL; Editor da Revista UNICSUL. O artigo *Hipótese na pesquisa científica: conjecturas necessárias* foi publicado Nº 5 da Revista UNICSUL, 1999.

Anexo B – Uma descrição densa

Apresentamos abaixo o texto completo de Ryle sobre o que é uma descrição densa:

Ryle: *descrição densa* (segundo vol. da reimpressão *Collected Papers*). *Pensando e Refletindo e O Pensar dos Pensamentos*: Vamos considerar, diz Ryle, dois garotos piscando rapidamente o olho direito. Num deles, esse é um tique involuntário; no outro, é uma piscadela conspiratória a um amigo. Como movimentos, os dois são idênticos; observando os dois sozinhos, como se fosse uma câmera, numa observação *fenomenalista*, ninguém poderia dizer qual delas seria um tique nervoso ou uma piscadela ou, na verdade, se ambas eram piscadelas ou tiques nervosos. No entanto, embora não retratável, a diferença entre um tique nervoso e uma piscadela é grande, como bem sabe aquele que teve a infelicidade de ver o primeiro tomado pela segunda. O piscador está se comunicando e, de fato, comunicando de uma forma precisa e especial: (1) deliberadamente, (2) alguém em particular, (3) transmitindo uma mensagem particular, (4) de acordo com um código socialmente estabelecido e (5) sem o conhecimento dos demais companheiros. Conforme salienta Ryle, o piscador executou duas ações – contrair a pálpebra e piscar - enquanto o que tem o tique nervoso apenas executou uma – contraiu a pálpebra. Contrair as pálpebras de propósito, quando existe um código público no qual agir assim significa um sinal conspiratório, é piscar. É tudo o que há a respeito: uma partícula de comportamento, um sinal de cultura e – *voilà!* – um gesto. Todavia, isso é apenas o princípio. Suponhamos, continua ele, que haja um terceiro garoto que, *para divertir maliciosamente seus companheiros*, imita o piscar do primeiro garoto de uma forma propositada, grosseira, óbvia, etc. Naturalmente, ele o faz da mesma maneira que o segundo garoto piscou e com o tique nervoso do primeiro: contraindo sua pálpebra direita. Ocorre, porém, que esse garoto nem está piscando nem tem um tique nervoso, ele está imitando alguém que, na sua opinião, tenta piscar. Aqui também existe um código socialmente estabelecido (ele irá *piscar* laboriosamente, superobviamente, talvez fazendo uma careta – os artifícios habituais do mímico), e o mesmo ocorre com uma mensagem. Só que agora não se trata de uma conspiração, mas de ridicularizar. Se os outros

pensarem que ele está realmente piscando, todo o seu propósito vai por água abaixo, embora com resultados um tanto diferentes do se eles pensassem que ele tinha um tique nervoso. Pode ir-se mais além: em dúvida sobre a sua capacidade de mímica, o imitador pode praticar em casa, diante de um espelho, e nesse caso ele não está com um tique nervoso, nem piscando ou imitando – ele está ensaiando. Entretanto, para a câmara, um behaviorista radical ou um crente em sentenças protocolares, o que ficaria registrado é que ele está contraindo rapidamente sua pálpebra direita como os dois outros. As complexidades são possíveis, se não praticamente infundáveis, pelo menos do ponto de vista da lógica. O piscador original poderia, por exemplo, está apenas fingindo para levar os outros a pensarem que havia uma conspiração, quando de fato nada havia, e nesse caso nossas descrições do que o imitador está imitando e o ensaiador ensaiando mudam completamente. O caso é que, entre o que Ryle chama de *descrição superficial* do que o ensaiador (imitador, piscador, aquele que tem o tique nervoso...) está fazendo (*contraindo rapidamente sua pálpebra direita*) e a *descrição densa* do que ele está fazendo (*praticando a farsa de um amigo imitando uma piscadela para levar um inocente a pensar que existe uma conspiração em andamento*) está o objeto da etnografia: uma hierarquia estratificada de estruturas significantes em termo das quais os tiques nervosos, as piscadelas, as falsas piscadelas, as imitações, os ensaios das imitações são produzidos, percebidos e interpretados, e sem as quais eles de fato não existiriam (nem mesmo as formas zero de tiques nervosos as quais, como *categoria cultural*, são tanto não-piscadelas como as piscadelas são não-tiques), não importa o que alguém fizesse ou não com sua própria pálpebra.

Anexo C – Textos da mídia impressa, na sua totalidade, cujos fragmentos constam do *corpus* desta tese.

A matéria do jornal O Estado de S. Paulo

Internet vem antes da luz em Almécegas.

Hugo Henrique Marcos da Silva, de 10 anos, cursa a 6ª série. Ele usa a internet na escola e não tem computador em casa. Também não tem telefone,

energia elétrica, água encanada ou esgoto. Ele mora no vilarejo de Almécegas, a 130 quilômetros de Fortaleza, onde cerca de 800 pessoas vivem sem acesso aos serviços públicos. Na localidade, todas as casas são como a do menino.

Os cinco computadores da Escola de Ensino Fundamental Santa Luzia funcionam à energia solar, instalada pelo Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Energias Renováveis (Ider), de Fortaleza. “Temos que trabalhar uma hora e deixar os micros desligados por meia hora, para carregar as baterias”, explica o professor Raulindo Ramos Menezes, de 28 anos, responsável pelo laboratório. São seis baterias de caminhão que armazenam energia para a escola.

Instalado há dois anos, o centro de acesso tornou-se uma janela para o mundo para os habitantes de Almécegas, localidade que pertence ao município de Trairi. 'A gente fala com pessoas de outros lugares', aponta Hugo, um dos quatro alunos da escola que estão sendo preparados para se tomar monitores. Recentemente, ele participou, com seus colegas, de um bate-papo via internet com alunos de escolas da Bahia e de Rondônia. Em 19 de abril, Dia do Índio, fizeram uma videoconferência com a tribo Fulni-ô, de Águas Belas (PE), que dançou para as crianças de Almécegas.

Hugo mora ao lado da escola, com a mãe Cristina, o padrasto Pedro, e três irmãos menores: Pedro Ivo, Ivan e Yuri. A mãe trabalha como auxiliar na escola. O padrasto está desempregado. 'Saber usar o computador é importante', afirma Pedro, padrasto de Hugo, que participou do mutirão que construiu o centro de informática. 'É o que vale hoje.' Pedro, assim como a maioria da população local, vive da agricultura.. O programa Bolsa Família, do governo federal, é fundamental para a sobrevivência da comunidade.

O laboratório, que faz parte de um projeto do Instituto Telemar, não tem ventilador ou ar-condicionado. Este ano, três computadores tiveram que ser trocados. Eles começaram a travar e dar mensagens de erro e, quando o técnico os abriu para ver o que acontecia, descobriu que as placas estavam derretendo. Não teve jeito. A escola entra na rede por uma conexão via rádio, instalada pela operadora, com velocidade de 128 quilobits por segundo, o que equivale a pouco mais de duas vezes uma conexão discada. A outra alternativa de comunicação da comunidade é um orelhão, instalado próximo da antena do rádio.

Com dois anos de funcionamento, o centro de internet já deu alguns resultados. 'As crianças desenvolveram mais visão crítica', explica Raulindo. 'Antes, ficavam acanhadas na sala de aula. O professor perguntava e elas não

respondiam. Com os computadores, passaram a ter mais facilidade de se comunicar.' Mas não foi só isso. A coleta do lixo chegou há um mês à escola. Para o professor, um dos motivos foi o trabalho desenvolvido pelas crianças pela internet. A escola participa do Almanaque Digital, uma espécie de gincana pela Internet que a Telemar promove para as escolas que apóia. Um dos trabalhos tratava de reciclagem de lixo e as atividades envolveram representantes da prefeitura. 'Antes, tínhamos que enterrar o lixo, apesar de saber do impacto negativo no ambiente. Havíamos mandado vários ofícios para prefeitura, sem resposta', lembra Raulindo. Foi a gincana eletrônica que acabou por sensibilizar a administração local.

À noite, o centro de informática da Escola Santa Luzia não funciona, para não descarregar as baterias e permitir que as crianças possam usar os computadores logo de manhã. A escola, porém, ministra cursos de ensino fundamental para adultos, os pais das crianças que lá estudam durante o dia. Nas casas, o mais comum é a luz do candeeiro¹¹⁴. Nas ruas de terra, a escuridão contrasta com um céu estrelado como nunca é visto nas grandes cidades. A casa de Maria Ivone da Silva, de 12 anos, tem televisão. Um aparelho pequeno, com imagem em preto e branco. Alberto, pai de Ivone, liga a TV em uma bateria de carro, para assistir com a mulher e os cinco filhos. A cada período de 12 ou 15 dias, Alberto tem que ir ao centro de Trairi para recarregar a bateria da televisão. O que eles assistem? As novelas, o jornal e o jogo de futebol.

Alberto está animado com os progressos da filha no domínio do computador. 'Rapaz, a Ivone diz que acessa a internet, faz desenho, conhece outras pessoas lá de fora', conta o pai da menina. 'É muito importante para ela e para gente'. É um orgulho muito grande ver que, na idade em que ela está, a Ivone consegue conhecer, pelo computador, várias coisas que existem no mundo'. Ele espera que os outros filhos possam seguir pelo mesmo caminho.

Ivone pertence à quarta geração da família a morar em Almécegas. Seu pai trabalha como agricultor, como fizeram antes seu avô e seu bisavô. 'Quero ser professora', afirma Ivone, que cursa a 6ª série, pela manhã. Seu pai Alberto e sua mãe Elita freqüentam a Escola Santa Luzia, à noite, onde também cursam a 6a. série.

¹¹⁴ Candeeiro: utensílio para iluminação provido de líquido combustível, em geral, querosene, e uma mecha feita de algodão. Esta explicação foi introduzida pela autora deste trabalho.

Para Alberto, a internet é muito importante para a comunidade.

A gente já consegue cadastrar o CPF aqui mesmo, sem ter que ir para o centro de Trairi', explica o pai de Ivone. 'Já pode fazer um pedido de salário-maternidade ou aposentadoria, sem pegar fila. Ele teve contatos com o computador, onde viu fotos das praias da região, mas ainda não sabe como usá-lo. 'É bom demais para a gente' (CRUZ, 2005, p. 6)

Anexo D: Internet chega a povoado sem luz elétrica do Ceará, copyright *O Estado de S. Paulo*, 25/08/03

Carmem Pompeu

"Em Almécegas, distrito do município de Trairi, a 137 quilômetros de Fortaleza, a internet chegou antes da luz elétrica. O povoado ainda utiliza lamparinas e é o primeiro do Brasil a conseguir usar energia de placas solares para se conectar à rede mundial de computadores. O espanto foi geral na comunidade de quase 600 pessoas. Todos já viram. Mesmo assim, alguns ainda duvidam. 'Disseram que a gente pode tirar CPF, saber o que acontece lá do outro lado do mundo. Mas, não sei não...', comenta, meio ressabiada, Lídia Nunes, de 42 anos, mãe de 13 filhos. Durante o dia, ela trabalha como auxiliar de serviço e à noite cursa a 5.^a série na Escola de Ensino Fundamental Santa Luzia, onde foram instalados os três computadores e toda a parafernália, como placas solares e antenas, que garantem o funcionamento deles. A festa de inauguração aconteceu no dia 18, uma segunda-feira. A população fez fila para entrar na sala onde está a 'novidade', pomposamente batizada de Núcleo Digital Solar das Almécegas. Analfabeta, a agricultora Maria Carneiro da Silva, de 58 anos, ficou maravilhada ao escrever o nome no teclado e, em seguida, vê-lo estampado na tela luminosa do computador. O único eletrodoméstico em que já tinha mexido na vida era uma televisão - também movida a energia solar -, que fica na escola, ligada apenas uma vez por semana. 'É uma beleza!', disse, abismado, o agricultor Raimundo Mariano da Silva, de 70 anos. 'Eles (os computadores) vieram para legalizar tudo.' Instaladas no quintal, dez placas solares de 85 watts garantem o funcionamento dos três micros por oito horas diárias, suficientes para cursos com os alunos pela

manhã e à tarde e, à noite, para atendimento social com a comunidade - pedidos de CPF, consultas à Caixa Econômica Federal e ao Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), além de credenciamento nos programas sociais do governo. As placas captam luz do sol e um aparelho chamado inversor transforma a energia armazenada em uma corrente elétrica de 220 volts. Uma torre montada em frente da escola comunica-se, por meio de ondas, com uma outra, em Trairi. De lá, as informações seguem por cabos de fibra ótica para Fortaleza, onde entram na internet por uma rede da Telemar. Foi desse modo que os moradores do interior cearense passaram a ter acesso à internet gratuita e em alta velocidade.

Esperança - Para a agricultora Cristina Marques da Silva, de 38 anos, os computadores darão aos quatro filhos as chances que ela e o marido, Pedro, de 29 anos, não tiveram. 'Ave Maria! Vai ser um passo à frente que eles vão dar na vida', diz, segurando uma lamparina e com olhos refletindo esperança. 'Este aqui tem 9 anos e está na quarta série', gaba-se, apontando para o filho mais velho, Hugo Henrique, que começou a ter aulas de informática e sonha em ser dentista. A família Silva mora ao lado da Escola Santa Luiza, numa pequena casa de taipa com três cômodos (sala, cozinha e quarto) e sem nenhuma mobília. 'Comida? Só a do dia e quando alguém traz', responde Cristina, ao ser perguntada sobre onde conserva os alimentos. A iluminação, assim como em todas as casas do lugarejo, é garantida por lampiões a querosene. Cristina e o marido nasceram em Almécegas. Quando moça, ela trabalhou em Fortaleza como doméstica em uma casa de família. Decidiu voltar para a terra de origem, formou família e, agora, com a chegada da internet, faz planos para os filhos ajudarem a melhorar a vida na comunidade. 'Para sofrer no meio do mundo, no lugar dos outros, prefiro ficar aqui', justifica. Não há igreja e nem posto de saúde. O maior bem da comunidade e também a melhor edificação do lugar é a escola. Não existe uma residência ou um bar que tenham geladeira ou TV. Aliás, a maior ambição do comerciante José da Silva Marques, de 67 anos, dono de um boteco pouco sortido, é comprar um congelador 'para o negócio e para guardar comida fresca para a família'."

Anexo E – A luz da inclusão digital

Ronald Freitas, de Lagoa das Almécegas

BRASIL – CENAS BRASILEIRAS

20/11/2006 - 11:35 | Edição nº 444

Como a internet mudou a vida de Lagoa das Almécegas, comunidade pobre de 800 habitantes no Ceará - onde não há nem conexão com a rede de energia elétrica

Quando Valdenir Freires foi tentar a vida em São Paulo, a comunidade de agricultores de onde ele saía - Lagoa das Almécegas, a 145 quilômetros de Fortaleza, no município de Trairi, Ceará - vivia às escuras. Só havia contato com o resto do mundo por carta, que precisava ser retirada no posto dos Correios na sede do município, a 17 quilômetros de distância. Depois de 28 anos, tudo continua praticamente igual. Nem os postes de luz nem os carteiros chegaram ao lugarejo. Mas, hoje, as tomadas da escola do povoado são alimentadas pela preciosa energia gerada por placas solares. E o isolamento chegou ao fim em agosto de 2003. Na ocasião, a escola de ensino fundamental Santa Luzia, a única da comunidade, ganhou cinco computadores conectados com a internet por banda larga, por meio de ondas de rádio. As máquinas foram instaladas para melhorar as condições de ensino das crianças e jovens e da alfabetização de adultos. Fizeram bem mais que isso.

Elas trouxeram uma revolução para a vida da pequena comunidade - inclusive para a família de Valdenir. Sem notícias dele desde 1978, sua irmã mais nova, Neci, teve a idéia de procurá-lo pela internet. Acabou descobrindo seu endereço e telefone. Casado, pai de um filho, Valdenir vive em Araçatuba, interior de São Paulo. Por ironia, o retirante que foi em busca de uma vida melhor hoje só fala com a família por telefone. É ele, morador da cidade grande, quem não está conectado com a internet. A população de Almécegas, estimada em 800 pessoas, vive da pesca, da agricultura de subsistência e das aposentadorias dos mais velhos. Para quem nem TV ou liquidificador tem em casa, um computador assusta. Aos poucos, a timidez deu lugar à curiosidade. As crianças e os adolescentes de Lagoa das Almécegas foram os primeiros a se aproximar do computador, ávidos

por ver na tela animais selvagens e exóticos de que sempre ouviram falar nos livros didáticos. "Ainda hoje é muito grande a curiosidade por baleias, leões, focas, elefantes", diz Antônio Marques, professor da escola Santa Luzia. "É muito melhor baixar um filme que apenas mostrar fotos de bichos tão distantes de nossa realidade."

O entusiasmo dos mais jovens atraiu os mais velhos. No início, eles iam à escola apenas conhecer o laboratório, ver um computador. Aos poucos, começaram a buscar conteúdo com a ajuda dos professores. O maior sucesso foram fotos do Rio de Janeiro. "Já vi gente com os olhos cheios d'água ao ver fotos do Pão de Açúcar, do Cristo Redentor, da Praia de Copacabana", diz Raulindo Ramos, coordenador do laboratório da escola, financiado pela Telemar. Como os computadores funcionam com energia solar, para cada hora de uso, eles precisam ser desligados na meia hora seguinte para recarga das baterias. Além dos 200 alunos da escola Santa Luzia, seus usuários são os vizinhos e moradores de outros povoados. Desde setembro, além de pesquisas na internet e conversas por e-mail, o equipamento tem sido usado para cadastramento do CPF dos moradores. É também por meio do computador que foram desenvolvidos projetos de preservação ambiental.

Um programa de coleta de lixo foi elaborado a partir de um projeto desenvolvido a 3 mil quilômetros de distância, na Escola do Futuro da Universidade de São Paulo. Até a chegada dos computadores a população enterrava ou queimava o lixo doméstico. Com material didático elaborado pela Escola do Futuro, os moradores do vilarejo começaram a recolher o lixo. Organizados, exigiram da Prefeitura a coleta regular. Desde 2005, o caminhão do lixo percorre o povoado toda terça-feira. Nenhuma dessas facilidades, porém, pode ser comparada ao contato em tempo real com gente de outros lugares do Brasil. Em abril, para comemorar o Dia do Índio, o professor Raulindo conectou Almécegas com uma tribo de Pernambuco por microfone e webcam. Os índios dançaram diante de alunos incrédulos. "É um negócio meio sério, a gente aqui e eles lá, todo mundo se vendo", diz João dos Santos, de 18 anos, aluno do penúltimo ano do ensino fundamental.

LAGOA DAS ALMÉCEGAS
População: 800 habitantes
Educação: 1 escola de ensino fundamental
Atividade econômica: pesca e agricultura de subsistência (feijão, milho e mandioca)
Transporte público: não existe (como meio de locomoção são usados caminhões, os paus-de-arara)
Distância de Fortaleza: 145 km

Em três anos, o laboratório ficou pequeno. Para ampliá-lo, a comunidade se mobilizou e ergueu uma sala maior, mais clara e arejada. O material de construção e os novos computadores foram doados. A mão-de-obra é da própria comunidade. Lagoa das Almécegas é uma exceção num país em que a maioria da população não tem acesso à internet.

Em lugares assim, o computador é uma raridade. De acordo com o Comitê Gestor de Internet do Brasil, dos 180 milhões de brasileiros, apenas 14% têm acesso à internet. Menos de 20% das casas têm computador. Nas áreas rurais, a situação é ainda pior, segundo o Ministério das Comunicações. Somente 0,98% da população rural brasileira tem computador. O governo federal tem 11 programas de inclusão digital, executados por seis ministérios, pelo Serpro e pelo Banco do Brasil. Segundo os especialistas, falta uma política de expansão do acesso à rede. "Não existe no Brasil um projeto coordenador de inclusão digital", diz Vilson Vedana, do conselho consultivo da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel).

"O que há hoje é uma lei que determina a universalização da telefonia, um retrocesso se comparado às possibilidades oferecidas pela internet." Há cerca de R\$ 5 bilhões acumulados desde 2001 no Fundo de Universalização dos Serviços de Telecomunicações (Fust), verba recolhida das operadoras de telefone e de TV a cabo. Uma controvérsia judicial impede a aplicação desse dinheiro em programas que poderiam, por exemplo, popularizar o acesso à banda larga. O projeto de Orçamento da União para 2007 prevê o investimento de apenas R\$ 10 milhões do Fust. "As verbas do fundo estão servindo apenas para a formação do

superávit primário", diz o deputado Sérgio Miranda (PDT-MG), da Comissão de Ciência e Tecnologia, Comunicação e Informática da Câmara dos Deputados. Depois de décadas de promessa, Lagoa das Almécegas deve ser ligada à rede nacional de energia até o final deste mês.

A chegada da luz elétrica deverá provocar nova revolução no povoado onde geladeira e TV são artigos de luxo e esgoto e água encanada miragens. Por via das dúvidas, Neci ainda não contou a novidade ao irmão que vive em São Paulo. "Já prometeram muito e a gente continua no escuro", diz ela. "Só acredito nisso no dia em que a gente não precisar mais de lamparina."

FORA DA REDE Acesso à internet no Brasil é privilégio de minoria
19,63% dos domicílios brasileiros têm computador
14,49% têm acesso à internet
54,35% dos brasileiros nunca usaram um computador
66,68% nunca acessaram a internet
A renda média dos incluídos digitais é R\$ 1.677
A renda média dos excluídos digitais é R\$ 569

Fonte: Ministério das Comunicações e Comitê Gestor da Internet do Brasil

Fotos: Drawlio Joca/ÉPOCA

Anexo F – Transcrição das entrevistas filmadas

1ª. Visita (2007)

Os textos das entrevistas realizadas na primeira (2007) e na quarta (2010) visitas, por serem mais curtos, se encontram, integralmente, nos capítulos 5 e 8 desta tese. Quanto aos textos das segunda e terceira visitas, por serem muito extensos, alguns fragmentos foram selecionados, para análise, e estão inseridos nos capítulos 6 e 7. Abaixo, os textos, na sua totalidade, das entrevistas realizadas nas segunda e terceiras visitas.

2ª Visita (2008)

1ª. Entrevista: Investigadora e Antonio, secretário da escola

Investigadora:

— Antonio, de acordo com depoimentos de vocês, em janeiro de 2007, a Internet teve uma função de transformadora social em Almécegas. Vocês disseram que antes não havia coleta de lixo e a partir da Internet a comunidade, não só a comunidade, mas também alunos e professores, passaram a reivindicar esse serviço de saneamento junto à prefeitura de Trairi. A própria construção deste laboratório, feito em mutirão, pela comunidade, também é um indício de que a Internet contribuiu como transformadora social. Na sua opinião, em um ano, e mesmo a partir da introdução da Internet, em 2003, você acha que essa transformação tem tido continuidade?

Antonio:

— Na verdade, a educação por si só, ela já tem um papel social muito profundo em qualquer setor da comunidade. E quando na educação existe uma ferramenta tão importante como a Internet, essa responsabilidade social aumenta e muito. No caso da nossa comunidade não é diferente. Aqui, a gente continua como transformador social, por meio da Internet, que é um meio de comunicação muito forte, é bem mais fácil a gente reivindicar nossos direitos, mostrar também para os alunos seus deveres de ir buscar os seus direitos, junto aos órgãos sociais públicos e órgão também independente, privado, que tem ajudado muito a nossa escola e a nossa comunidade como um todo. Hoje nós trabalhamos muito no social, com a questão ambiental; a energia solar por si ela já representa uma questão ambiental e a gente faz questão hoje mesmo, depois da chegada da energia elétrica, de manter a energia solar, por uma questão econômica, economizar energia, principalmente, pela questão educacional, ambiental, dentro da escola. Isso representa um fator claro e direto para os alunos; é bem mais forte eles presenciarem esse fator aqui dentro da escola do que simplesmente estudar em livros a questão do meio ambiente e preservação. Então, se torna muito mais prático e eficiente quando eles convivem com essa questão ambiental dentro da escola. E também não deixa de ser um fator social muito importante pra comunidade, hoje, que é a questão ambiental, muito além de uma questão educacional, porque é também uma questão de sobrevivência social.

Investigadora:

— Você tem observado, nesses quase 5 anos, mudança de hábitos, mudanças comportamentais, sociais, nos alunos e até nos professores e demais funcionários da escola, e na comunidade? Essa transformação, você acha que ela tem uma contribuição da Internet?

Antonio:

— Com certeza. O desenvolvimento de qualquer ser humano inicia com a comunicação. Nossos alunos, antigamente bem reservados – eu posso até ser um pouco, vamos dizer, um pouco radical, mas é a realidade – , eles eram bem primitivos, mas com a chegada Internet eles começaram a se comunicar entre si e até entre outras pessoas de estados diferentes do Brasil e até de outros países. Então, aí, começou todo o desenvolvimento pela comunicação, porque é o fator principal de desenvolvimento ser humano. Então, eles começaram a se desenvolver intelectualmente, na questão de se expressar com outras pessoas, de buscar temas na Internet para estudar e divulgar, conhecimentos gerais, como um todo. Então, foi um desenvolvimento completo para os alunos e até para a comunidade, porque, quando os alunos saem da escola, com o conhecimento, eles passam para seus pais, seus irmãos, e foi expandido o conhecimento na comunidade, que até então era muito difícil chegar na comunidade. A chegada da Internet, na nossa escola, não é assim um fator que veio como novidade para todo mundo e depois todo mundo saiu. Ela continua sendo uma novidade até hoje, porque a gente continua através dela... A gente consegue muitos projetos, consegue fazer eventos, por meio dela, porque também ela é uma ferramenta muito importante; fazemos projetos de grande valor; por exemplo: temos aqui uma rádio-escola e foi através dela que tivemos contato com uma ONG, em parceria com a Internet, porque, na verdade, ela é uma rádio-web, ela serve tanto pra entretenimento como para pesquisa, e na verdade uma estação rádio não tem só a função de música e entretenimento, ela tem também a função pedagógica para debates, com a sala de aula, debates com professores e alunos e divulgação de eventos pra comunidade. Temos aqui uma rádio-escola, graças a Internet, que contribuiu para fazermos contato com essas ONGs e é isso que a gente pretende continuar, buscando novos projetos pra escola e pra comunidade e não deixar que outras coisas venham a substituir o valor da Internet, em uma comunidade, em uma escola, principalmente, o valor pedagógico da Internet.

2ª. Entrevista: Investigadora e professora Maria Maria

Maria Apolônio

— Meu nome é Maria Apolônio da Silva. Sou prof da Educação Infantil, Maternal Pré 1 e Pré 2. A Internet trouxe uma parte boa pra gente, porque ela ajuda a gente a pesquisar novos estudos pra criança. Por exemplo, na Educação Infantil, eu pesquiso pequenos vídeos pra passar pra eles, pesquiso o modo de como repassar a Educação Infantil pra eles. Então, ela favorece muito a gente. Nesses quatro anos, foi muito rica a presença da Internet na Escola.

Investigadora:

— Como transformadora social, já sabemos algumas melhorias que a Internet trouxe pra comunidade e pra escola. Mas, você acha que essa transformação social, pela Internet, tem tido continuidade?

Professora Maria Apolônio:

— Sim, porque a vinda da Internet os alunos conheceram o mundo, que não conheciam antes, o mundo virtual. Eles pesquisam pra fazer as tarefas escolares. E, agora, com a radio, eles estão super desenvolvidos, toda semana eles estão aqui pra fazer o programa de radio deles. Eu sinto que eles se desenvolveram muito e há mais integração entre a comunidade e a escola, porque, através da Internet, a com se integrou mais na escola, porque tem o laboratório e esse laboratório a gente usa pra fazer vários tipos de pesquisa, a comunidade vem pra escola pra saber alguma coisa. No tempo do cadastro do CPF, a comunidade vem pra fazer o cadastro, não paga nada; então, melhorou muito a integração da comunidade com a escola.

3ª. Entrevista: Investigadora e professor Raulindo

Investigadora:

— Raulindo, nessa minha segunda visita a esta escola, eu gostaria que você falasse, mais uma vez, sobre o que a Internet significou e continua significando para a escola e para a comunidade.

Raulindo:

— A Internet chegou em nossa comunidade há quatro anos e foi um marco porque, aqui em Almécegas, não existia energia elétrica, não existia tv, algumas

peças tinham rádio a pilha e a comunicação era muito restrita, o conhecimento, em geral, era realmente muito restrito, porque as pessoas não tinham um meio de comunicação e a Internet acabou sendo, realmente, um marco social, educacional na comunidade por isso. Quando a Internet chegou na escola ela conseguiu abrir um leque de informação e conhecimento muito grande e a comunidade chegou junto da escola em forma..... É assim... É social porque a comunidade entrou junto pra construir o laboratório de informática, com as nossas ONGs, que são parceiras, e a prefeitura de Trairi. E trouxe isso, realmente. Trouxe esse lado social, de envolver a comunidade dentro da escola, a informação ficou mais rápida, mais precisa, ela ficou democrática, a informação, porque todo mundo tem acesso a esse laboratório, à Internet: os alunos, os professores... A comunidade vem aqui se informar, vem cadastrar seu CPF, vem ver se a aposentadoria já saiu, como é que tá o seu processo; o curso de informática, nós tivemos um projeto chamado *Arroba Info*, que foi um curso que durou um ano, pra jovens carentes, que não tinham condições de pagar esse curso. Então, foi oferecido esse curso pra comunidade.

Os alunos, como já falei, tem uma fonte de pesquisa muito grande, os professores, eles participam, mesmo que não usem a Internet eles usam o computador para elaborar as suas provas; usam a Internet pra pesquisar suas aulas; às vezes, o livro didático tem um link, então eles vêm aqui e pesquisam, eles entram nesse site e cresce mais ainda as suas aulas, conhecem mais sobre suas aulas; nós tivemos recentemente, em 2007, o projeto *Damas*; foi um projeto inteiramente online, na 1ª fase; alunos da escola de Almécegas, a nossa escola, jogava com alunos da escola Pixinguinh, do Rio de Janeiro. Foram selecionados 18 alunos daqui e 18 do Rio de Janeiro. A 1ª. Fase foi disputada aqui dentro, onde os alunos usavam o MSN para disputar o jogo, aqui na escola, e eles faziam o mesmo no Rio de Janeiro. Depois, foram 8 alunos daqui de Almécegas, no Ceará, jogando com 8 alunos de Duque de Caxias, no Rio de Janeiro; então, a Internet possibilitou isso, esse intercâmbio. E não era apenas um jogo; os alunos tinham que falar o seu nome... Então, era assim: os alunos se apresentavam, diziam o nome, idade, em que série estavam, perguntavam para o outro: aluno: — como é a sua cidade? — Ah, eu moro na zona rural, na zona urbana. — E qual é a diferença? Então eles viam as diferenças entre as cidades; houve uma grande interação entre esses alunos, entre saber o que era uma zona rural e a zona urbana; a gente conseguia perceber a diferença entre alunos da zona rural e urbana no Rio de Janeiro. Logo em seguida a esse jogo, inclusive, o vencedor foi a escola Duque de Caxias, do Rio de Janeiro, o segundo lugar foi daqui de Almécegas e o terceiro lugar foi também da Duque de Caxias de Caxias. Então, a Internet possibilitou isso, esse intercâmbio entre os Estados. E esse projeto teve

toda uma parte pedagógica, porque eles iam pesquisar a origem do jogo de damas, quem criou o jogo de dama, fazer redações, publicar no *blog* da escola, discutir..... Nós tivemos, aqui também, um jogo manual mesmo de damas. Mas a Internet é isso aí. Ela possibilita essa informação, a democratização do conhecimento, que acho é o mais importante e democrático, porque todo mundo pode acessar, adquirir conhecimento.

E mudou, justamente, essa questão de Almécegas, esse trabalho não ficou só em 2003, ele tá até hoje, graças a Deus, tá dando certo, e a gente tá continuando esse projeto. E nós estamos sendo reconhecidos, inclusive por essa tese, é um reconhecimento do nosso trabalho, divulgou Almécegas. Ela [refere-se à investigadora] tá vindo lá de Salamanca, na Espanha, para fazer a tese sobre a nossa escola, que é uma honra pra gente. Porque é um reconhecimento do nosso trabalho, que mostra que a Internet pode, realmente, modificar vidas, comunidades. E, futuramente, nós estaremos recebendo, também a visita do embaixador dos Estados Unidos, agora, no final de fevereiro, para realmente conhecer esse projeto, pra saber, pra saber ver como esse projeto da Internet, à energia solar, que somos o 1º do Brasil, modificou a realidade da escola, a realidade pedagógica da escola, a realidade social, a realidade cultural da comunidade de Almécegas. Bom, então, é até uma honra pra gente essa questão da escola ser tema de... ser um assunto de tese da Sra. Maria do Socorro Bandini, ela que tá fazendo a sua tese em Salamanca, na Espanha, porque, assim, mostra realmente que a Internet é uma transformadora social. Inclusive, à continuação da Internet, nesse laboratório de informática, veio junto a radio-escola, que é uma radio feita, também pelos alunos. Nós ganhamos esses equipamentos da ONG Catavento, comunicação e educação, porque a gente já fazia esse trabalho e de divulgação pela Internet, no nosso portal e agora a gente tá continuando na radio e o nosso trabalho, o nosso produto vai ser divulgado pelo nosso portal.

Então, a radio-escola é resultado da Internet na nossa escola. Então, é assim, a radio, na nossa escola e comunidade, isso, com a Internet, houve um aumento da autoestima para a população, os nossos alunos. Hoje, se você comparar a postura dos nossos alunos, em 2003, antes da chegada da Internet, e a postura atual, você percebe a diferença. Antes, os alunos eram acanhados, não se manifestavam; era complicado a gente trabalhar porque eles tinham vergonha de falar, de perguntar. E hoje – não q a Internet seja uma varinha de condão, que tocou e transformou cempor cento, porque a gente sabe que a educação é um processo lento, é gradativo, que demora bastante – ; mas melhorou. Hoje, percebe que o aluno, a comunidade em si, os professores têm a autoestima elevada. Hoje, você percebe que o aluno se expressa melhor, ele escreve melhor; isso já mudou; podia ser melhor, mas tá melhorando; já é válido. Hoje, a gente percebe que isso

aqui [aponta para o laboratório e seus equipamentos]... O aluno, hoje, na sala de aula, melhorou, porque isso aqui conseguiu possibilitar isso; a Internet conseguiu trazer conhecimento pra ele se expressar melhor, procurar, pesquisar, que fosse descobridor de seu próprio conhecimento. Lógico, que tem toda uma orientação da gente; eu, como coordenador desse projeto e coordenador da escola; tem o Antonio, que ajuda, também; os próprios professores, que vêm aqui ... O professor de historia vem pra cá e elabora uma aula pela Internet, o vídeo é visto aqui, ao vivo, em tempo real. Então, Internet trouxe toda essa informação, conhecimento cognitivo, conhecimento de mundo. Então, a Internet é sim, uma transformadora social.

3ª Visita (2008)

1ª. Entrevista: Investigadora e o Secretário Antonio

Investigadora:

— Antonio, qual a relação entre a Internet e a Rádio-escola?

Antonio:

— Existe toda uma relação com a Internet e a chegada rádio-escola. Tudo começou com a comunicação que a gente teve a procura de novos parceiros e isso é possível através da Internet, fica até mais fácil. Então, a gente encontrou a ONG [Organização Não-Governamental] Catavento que é a responsável pela implantação da rádio-escola através da Internet. Então, também para a execução, para o funcionamento da rádio-escola a Internet também continua até hoje sendo muito importante. Mas voltando ao assunto da questão da implantação, existiu toda uma preocupação ambiental; no projeto *Tomundo*, a partir daí, a comunicação também para essa preservação do meio ambiente na comunidade, aí surgiu a rádio-escola como uma parceria nessa preservação ambiental da comunidade e a conscientização da escola; então, foi através da Internet mesmo, foi um ponto primordial para a chegada da rádio-escola na comunidade.

Investigadora:

— Qual a contribuição da rádio para comunidade, que serviços a rádio presta para comunidade?

Antonio:

— Um dos principais serviços da rádio-escola é a comunicação da rádio pra comunidade, que a gente pode fazer através mesmo da rádio, em vez de tá mandando recado pelos alunos, comunicado, assim, por exemplo, na questão de reunião na escola. Mas, além disso, existe toda uma informação além da escola; na questão de informação cultural são feitas apresentações com os alunos para a comunidade, são feitas divulgações de evento na escola, também; na questão ambiental, principalmente porque a gente trabalha muito na questão ambiental, os alunos fazem rádio-teatro, rádio-novela, fazem enquetes; saem na comunidade, conscientizando também sobre as questões sociais, no caso para evitação de doenças, como dengue, por exemplo. A gente faz todo um processo e isso é possível através da rádio-escola. A gente faz todo um movimento para evitar alguns problemas sociais e isso é possível através da rádio-escola.

2ª. Entrevista: Investigadora e Professor Raulindo

Investigadora:

— Professor Raulindo, quando eu estive aqui, em janeiro de 2007, para iniciar minha pesquisa em Almécegas, a respeito da chegada da Internet, você, juntamente com professores e pessoas da comunidade, falaram a respeito da importância da Internet como transformadora social. Na visão de vocês, a Internet contribuiu para mudar não só a cara da escola, mas como também a vida da comunidade; falaram, inclusive, a respeito de uma nova consciência política na comunidade a partir da Internet. Então, eu gostaria de saber se vocês continuam pensando do mesmo jeito, se a Internet ainda continua com essa representação de transformadora social para o povoado de Almécegas.

Raulindo:

— Bom, Maria, realmente a Internet ela lembra um pouco... Vamos lembrar lá quando ela chegou aqui, em 2003. Quando a Internet chegou aqui, antes da energia elétrica, ela realmente causou um impacto muito grande na comunidade. Porque assim: éramos isolados realmente do resto do mundo, vamos dizer assim – lógico, nós somos uma ilha fisicamente, mas uma localidade rural, longe da sede, distante da sede, 17km, onde não tinha energia elétrica, aonde não tem ainda saneamento básico, pouquíssimas pessoas tem um rádio a pilha em casa, então assim, éramos isolados do resto do mundo no sentido de informação; de comunicação; então a Internet quando chegou foi um impacto muito grande; mudou pôquer, assim, conseguimos ter informações muito rápido, muito imediatista; as pessoas passaram a ter conhecimento do que acontecia no resto

mundo; ali mesmo na sede do município, coisas que não sabíamos; então é isso, a informação, a Internet trouxe isso realmente pra comunidade. O impacto foi esse, a questão da informação.

Éramos uma comunidade perdida, em relação ao conhecimento e, de repente, veio a Internet, que hoje sabemos que é o canal mais rápido de informação e é uma coisa que é real: aconteceu tá na Internet. Então, o foco, o *boom* da Internet naquela época foi isso. Hoje, em 2009, já chegou a energia elétrica na comunidade. Chegando a energia elétrica, veio a televisão – quase todas as casas, que você já deve ter notado, no seu percurso, quando veio pra cá, que as casinhas de taipa, a maioria já tem uma parabólica. Com a televisão, com a energia elétrica, o acesso à Internet, ao nosso laboratório pela comunidade diminuiu um pouco, porque a televisão é uma novidade. A energia chegou em 2006. Compreendemos que é uma novidade a televisão em casa, a energia em casa. Esperávamos que isso passasse, que o acesso à Internet, por ser uma coisa prazerosa, quando ela é bem orientada, continuasse novamente a ter o acesso que tinha antes, um acesso maciço da comunidade, mas infelizmente, novamente, devido à televisão – não sou contra a televisão, pelo contrário, acho que é outro meio de comunicação, de educação, também muito rápido e acessível a todas as pessoas; inclusive, aqui, é um exemplo disso, você vê uma casa de taipa com uma televisão; é um paradoxo, mas ela é acessível – então, assim, a questão da Internet hoje está menos acessível, não porque a escola não ofereça, mas porque, realmente, as pessoas não estão vindo mais; agora, lógico, os alunos têm acesso à Internet; você pode ver, o Sebastião tá navegando, agora, na Internet, no contraturno [significa estar fora do horário das aulas], tem pessoas de fora que vem fazer pesquisas aqui; turista que passa em frente à escola vem para o laboratório, entram e navegam na Internet; alunos de outras escolas de localidades vizinhas, também frequentam a escola. Mas, respondendo a sua pergunta, novamente, a Internet continua dando essa visão política, essa informação; continua, não com a mesma intensidade que tinha quando chegou, porque era novidade, todo mundo queria conhecer, queria navegar queria se informar, mas hoje em dia ainda continua, mas não com a mesma intensidade.

Investigadora:

— Mas isso me parece um processo natural. Da mesma forma que a Internet significou uma novidade – por três anos era essa a única novidade que o povoado tinha – com a chegada da energia elétrica veio a televisão, que também passou a ser uma novidade pra eles; E tem outro fator atraente, que é a sua programação: o futebol, as novelas, os filmes. Pode ser que, depois de satisfazer-se com esses

impactos da novidade televisiva, a comunidade volte para a Internet... Esse distanciamento não se dá, simplesmente, pelo fato de a televisão representar, também, uma grande novidade pra eles, especialmente, como já disse, por conta dos atrativos da programação que oferece. Você acredita que eles possam voltar a procurar a Internet como procuravam antes?

Raulindo:

— Olha Maria, é difícil porque o que a gente percebe que as pessoas, elas são acomodadas. É mais fácil sentar em frente a uma televisão e só receber a informação. A Internet, você tem que interagir também: optar por esse site ou não, por aquela informação... Mas você tem que ler, se você não gostar: não, acho que não achei a resposta que tava procurando, tem que ir atrás da outra. A televisão, não, você senta e só recebe.

Nós temos projetos, nós pensamos muito nisso, em criar projetos utilizando a Internet, como um veículo pra trazer a comunidade novamente pra cá. Inclusive, nessa evolução, na linha da evolução Internet-escola, nós conseguimos essa rádio-escola, *A Atitude Jovem* [título de uma atividade do *Tonomundo*], que traz os alunos dos anos finais a pesquisar na Internet informações de vários tipos. Dando o exemplo de um programa que vai ao ar, já que você falou de futebol, que é um atrativo que a televisão oferece, tem um programa, que é chamado *Esporte na Área*. Os alunos vêm aqui e pesquisam na Internet o campeonato que tá em evidência, os jogos, como estão os times; a questão da própria comunidade... Os times da comunidade, quem vai jogar em que dia... Então, eles fazem toda essa programação, utilizando a Internet; pesquisam os campeonatos nacionais e internacionais, editam no computador o programa de rádio e colocam na nossa rádio- poste, porque nossa rádio é uma rádio-escola que tem corneta nos postes de energia elétrica e ai eles passam pra comunidade, é semanal. Temos também o programa *Planeta Culinário*, que fala de culinária e alimentação saudável; temos o *Fique Sabendo*, que fala sobre o tema do dia e atualidade: o aluno é orientado a vir pra Internet, pesquisar a notícia, mas ele também pode trazer essa notícia da televisão – a tv como já falei também é educativa – .

Então, aquele assunto que tá em pauta naquele momento ele pode trazer da televisão ou ele pode pesquisar na Internet. Um assunto muito falado foi a questão da dengue, quando teve aquele foco imenso no Rio e em outras capitais; então, trabalhamos essa questão da dengue; tem o programa *Era uma Vez* que é um programa voltado para o público infantil que são contos e músicas; os alunos leem os livros que têm na biblioteca de contos infantis e eles chegam aqui e recontam

essa historinha na rádio-escola. Esse programa eles fazem ao vivo, é chamado de rádio-teatro.

Então os alunos primeiro leem o livro, a historinha de chapeuzinho vermelho e outros, e aqui recontam de uma maneira resumida para os alunos de educação infantil, mas fica em toda a escola. Tem o *Fé na Escola*, que foi um pedido da comunidade e dos alunos, um programa voltado... como nossa comunidade, ela é, não vou dizer cem por cento, mas quase isso, católica – realmente, faz 8 anos que trabalho aqui e não conheço nenhum evangélico, protestante, né? Cem por cento católico, acredito – então, tem esse programa, que é voltado pra tirar o terço, todas as terças-feiras, às três horas da tarde e, no final da noite, tem uma mensagem bíblica; então, é convidado sempre um aluno do 8º. ou 9º. anos para convidar uma pessoa da capela, no caso, a D. Ídia, que é a responsável pela igreja e pela capela; então, eles vem aqui ao vivo e eles todas as quartas-feiras tiram o terço e aí é irradiada para toda comunidade pela rádio-poste.

Temos o programa *Músicas Marcantes*, e eles gostam muito; nós temos uma caixinha e o aluno, todos os dias, coloca a sua música preferida; eles colocam o nome do autor, o nome da música, o cantor e a dedicatória, já estimulando a questão da escrita, da leitura; nós falamos pro aluno que a sua música só vai tocar se nos entendermos a sua letra, se você preencher todos os campos; e aí, é assim: eles colocam essa musicazinha e a equipe da rádio, que é formada pelos alunos, vai lá antes, seleciona essa música, coloca na Internet e aí toca naquele horário, no intervalo, pela manhã e tarde. Tem também a *Radio-notícia*, que é feita pelo núcleo gestor, no caso, o Antonio, secretário da escola, e eu; nós damos notícias da escola, quando vai acontecer as reuniões, as avaliações; também falamos sobre algum serviço comunitário de saúde, da comunidade. Como às vezes o médico só vem uma vez por semana, então às vezes a gente utiliza a radio; as vezes também só vem o enfermeiro; então, a gente também informa: olha, tal dia, comunidade, o médico ou enfermeiro vem na casa de D. Maria – porque não tem um posto [posto médico] aqui; então, é na casa de alguém, que o médico ou enfermeiro vai consultar, de tal hora a tal hora. Então, também a radio faz esse serviço de utilidade pública, né?

Então, é assim... A Internet, ela trouxe muitas coisa boas, foi uma grande mensageira de informações, está sendo, e veio também com ela a evidencia da nossa escola. Também nós ganhamos essa radio aqui, que foi pela ONG [Organização Não Governamental] *Catavento*, que trabalha com educação e comunicação em fortaleza, que tem como sua diretora a Francisca Marilac, que veio aqui; os alunos foram capacitados em fortaleza – aliás, os professores foram

capacitados em Fortaleza e os alunos, vinham professores de Fortaleza pra cá, capacitar os alunos, aos sábados e domingos durante seis meses –. O Sebastião, que tá aqui navegando, foi um dos que participou dessa capacitação –. E ela [a radio-escola] tem todo apoio, toda assistência técnica, e a programação orientada por esses professores era feita por um jornalista, um pedagogo e um psicólogo, trabalhando junto aqui com eles durante por seis meses.

Bom, Maria, esse projeto, como você sabe, na verdade, hoje, atualmente, em 2009, ele foi alterado para programa, não é mais projeto, é o programa *Tomomundo*, financiado pela *Oi Futuro* e os computadores, Internet educativa, está aqui desde 2003. É um programa bonito, nós somos um projeto piloto no Brasil; nossa escola, foi a primeira escola a receber uma Internet educativa à energia solar no Brasil, somos pioneiros, só que, infelizmente, eu quero q fique claro, não sou contra a tv, mas, um programa tão bonito, um programa que dá acesso livre, gratuito da comunidade à Internet, mas com a energia elétrica, e com a tv na comunidade, houve um distanciamento dos alunos e da comunidade; como você pode assistir ontem, uma reunião com os pais dos alunos, eu comentava exatamente isso; não é que eu seja contra a tv, eu acredito que a tv é um meio de comunicação muito rápido, acessível a todos, haja vista as casas de taipas, como falei, antes, com parabólicas em casa; só que, realmente, a tv conseguiu distanciar os alunos da Internet, por mais que a gente oriente o uso da Internet, incentive, fale na radio: gente o laboratório tá aberto pra comunidade, venha, acesse, tenha mais conhecimento...

Mas a tv, realmente, como falei, que é uma coisa mais fácil, de você sentar e assistir, e apenas ouvir, e apenas receber aquela informação, torna uma coisa mais fácil, mas cômoda pra todo mundo; inclusive tem alunos que fingem estar doentes, inventam qualquer desculpas pra tá em casa porque vai passar um jogo, ou um filme interessante, que eles acham, e aí mandam dizer que tá doente, ou dizem pra mãe que tá doente; então, é assim, a tv é maravilhosa, quando ela é bem usada, da mesma forma da Internet; ela tem duas vias, ela é boa e é ruim; quando a Internet é orientada, como disse antes, usada com ética, usada pro bem, usada pra que tenha um objetivo, realmente sadio, ela é positiva, da mesma forma da tv; a tv, ela é um meio de com? É. Mas se o aluno deixa de cumprir suas tarefas escolares, e fica a maioria do tempo assistindo tv, assistindo programas, que não vão contribuir pro seu crescimento educacional, aí ela se torna negativa; temos exemplos aqui claríssimos na comunidade: tem criança que levanta às sete horas da manhã – estudam a tarde – ligam a tv e ficam ate 11:00h, 12:00h na tv assistindo desenhos animados, tendo vários deveres pra concluir, terminar, e vem pra escola sem nenhum dever pronto; e aí entra a questão da família e aí a gente

se pergunta: cadê o pai? cadê a mãe dessa criança, que não orienta: — meu filho, você tem que ter horário pra tudo, pra fazer seu dever, pra assistir tv, pra tomar banho, pra almoçar... Mas, não o que a gente vê aqui é que não tá tendo esse acompanhamento.

Então, a tv, ela em casa é prazerosa, é uma novidade como você falou; apesar de já ter três anos, você me fez uma pergunta antes: será que vai voltar, depois que todo mundo ficar saciado? Bom, já faz três anos... Nós aqui da escola pensávamos o quê? Não, um ano, vamos dá um ano pra todo mundo se acostumar com a tv, os pais não tão vindo mais pra reunião, as crianças estão faltando, e a gente sempre orientando nas reuniões, mas e a gente, não, vamos dar um tempo, vamos dar um ano pra se acostumar e a gente ver que, realmente, não é assim, não é um prazo curto, pra que a tv se torne uma coisa já familiarizada pra que a gente possa passar sem ela naquele dia.

E como eu falei, a Internet você tem que interagir... É uma coisa que falo para os alunos, quando vem pesquisar. Eles vem com um tema, colocam lá, eles não leem, a maioria, simplesmente eles começam a copiar, copiar, copiar, um texto enorme, se eu fosse deixar que eles fizessem isso, eles iam ficar o dia inteiro só copiando; mas por quê? Porque tem preguiça de ler. O exemplo que eu te dei ontem, um trabalho de história, que a professora tava passando e dentro desse tema tinha a questão do regionalismo, a questão das culturas e foi orientado pela professora pra vir pesquisar sobre alguma comida típica, comida de alguma raça; então, veio um aluno aqui no laboratório pesquisar sobre comidas indígenas brasileira e, logo que saiu o resultado, logo abaixo da pesquisa saiu: nenhum resultado encontrado; mas, logo abaixo do título, num tom cinza tinha uma receita de brigadeiro e esse aluno começou a copiar a receita de brigadeiro. Aí, eu tive que parar, chamei o aluno à atenção:

— Você acha que brigadeiro é uma comida indígena? Você sabe o que é brigadeiro? Ele disse que sim.

— Então, brigadeiro se compra em lata...

— Você acha que foram os índios que inventaram a lata e que colocaram e industrializaram o brigadeiro? Você chegou a olhar bem aqui, logo abaixo do título, que não tem nenhum resultado encontrado? Então, ele disse:

— Ah, é mesmo, Raul.

— Pois é, então, você tem que ler, gente! Eu já expliquei mil vezes! A Internet, se você colocar qualquer pergunta na Internet, ela vai te dar milhões de informações. Você tem que saber selecionar as informações, você tem que saber qual é a correta, você tem que ler!

E aí é que eu falo: entre a tv e na Internet: a tv você apenas liga o botão, senta na sua cadeira, sua poltrona, e assiste, sem compromisso nenhum com a verdade, muitas vezes; porque o que tá recebendo ali, ele não tá muitas vezes – não é sempre, nem todos – mas, muitas vezes, a maioria das pessoas elas não tão se importando se o que ela está ouvindo é verdade ou não, apenas estão ouvindo, apenas estão recebendo aquela informação, e a Internet você tem que filtrar. Imagina se eu tivesse deixado esse aluno colocar o brigadeiro como uma receita indígena – lógico que eu não iria fazer isso, porque não sou irresponsável, mas isso mostra que o aluno, ele não tá nem ai; ele tem preguiça de ler e isso, há seis anos, que estou aqui, dentro do laboratório, na função de Fundador Mediador Local – FML, eu vejo isso: os alunos, a cada dia que passa, e falo também, como coordenador pedagógico, dessa escola, a cada dia q passa, o aluno tem preguiça de ler, de escrever; a Internet, ela é assim: contribui desse lado negativo – já que falamos do lado positivo, vamos falar também do lado negativo também – ; muitas pesquisas, eles querem só copiar, colar, sem ter compromisso se aquela aquele texto, aquela informação estão corretos; sem querer copiar, praticar a escrita; hoje, a gente vê aluno do 9º. ano com uma escrita que você não compreende, você tem que fazer um curso pra poder interpretar a escrita do aluno, porque não entende o que ele quis escrever. Muitos alunos, aqui, tiram nota baixa porque o professor não consegue identificar o que ele quis escrever porque a letra é péssima. Então, assim, esse lado negativo da Internet – aliás, não é nem da Internet, é do próprio aluno não querer pesquisar, não querer conhecer a verdade.

Investigadora:

— Entra aí, também, a isenção do professor, né? Esse caso que você citou, o ex da pesquisa sobre a cultura indígena, onde apareceu a receita do brigadeiro, se você não estivesse atento, se você não estivesse acompanhando a navegação desse aluno, na Internet, ele teria copiado a receita do brigadeiro e iria apresentar como sendo um exemplo de culinária indígena. Então, a isenção, a ausência do professor, a falta do acompanhamento, durante a navegação, ou mesmo antes, a falta de uma orientação precisa do professor contribui para chegar a esse resultado. Agora, professor, há um fator, que também é muito importante e, talvez, explique essa questão, esse interesse pela tv em detrimento da Internet: é mais fácil ter um aparelho de televisão em casa, como observei, durante a minha vinda pra cá; você também mencionou isso, casas de taipa com uma parabólica, o que

significa que tem uma tv em casa; como dizia, é mais fácil adquirir um aparelho de tv, principalmente, esse que não é LCD, Plasma... Esses mais antigos – ontem mesmo, quando vim de pau-de-arara, uma família tinha ido a Trairi comprar uma tv de 20 polegadas, porque é mais fácil comprar uma tv do que um computador. E a tv presta dois serviços: informação e entretenimento. A Internet é muito maior, mais abrangente; o serviço de informação que ela oferece é muito maior do que o da tv. Na Internet, por exemplo, você pode encontrar uma pessoa que você não vê há vinte anos; eu tenho uma amiga, que localizou um aluno, de quem ela foi professora, quando ele tinha três anos de idade; por meio do *Orkut*, ela localizou esse aluno que, hoje, é pai de um adolescente, depois desse reencontro, passou a haver uma comunicação entre eles; a tv não oferece isso, mas ela tem um apelo mais forte, que é o entretenimento e, como hoje muitas pessoas, em Almécegas, tem um aparelho de tv, isso, de fato, conquista mais e pode explicar o distanciamento da Internet.

Raulindo:

— Então, Maria, é aquela questão que eu falei pra você. É ser um ouvinte passivo. Tem o entretenimento, tem a questão do futebol, da novela, do programa de domingo, que são interessantes; tem programas maravilhosos na tv brasileira que, assim, são de um bom gosto, são de uma informação precisa, que dá prazer de você assistir, porque são conhecimentos. O *Domingo Espetacular*, na tv Record, é maravilhoso; é dia de domingo, eu não perco; começa às 5 horas e eu tô lá pra assistir, porque, é assim, enriquece o meu conhecimento. Agora, em relação à questão da tv, é fácil, você falou, é mais fácil ter uma tv, realmente, é mais fácil ter uma tv do que ter um computador, você tem que pagar pra ter Internet; mas o que eu digo é assim: esse é o ouvinte passivo; porque muitas pessoas não têm essa consciência, que aquele programa, se não tá bom pra mim, eu posso mudar; geralmente, tem as pessoas que tem uma tendência de gostar das coisas ruins, de mau gosto; infelizmente a gente sabe que isso é realidade. Se tiver um programa na tv, de baixaria [baixo nível sociocultural], de briga entre famílias, como a gente ver uns que tem na tv brasileira, que a apresentadora tá lá, chama a família, começa a *quebrar pau* [brigar] na tv. Qual é o que a pessoa vai assistir? Um programa que tá falando sobre a educação ou esse programa de baixaria? Com certeza, vai ser o de baixaria, não vai estar lá assistindo o programa educacional.

Quando eu falo da Internet, é justamente porque o aluno não quer ter o trabalho de pensar, de procurar... Ele quer uma fórmula mágica; ele quer colocar a pesquisa e quer que já saia na Internet, em poucas palavras, o que ele tá procurando. Então, é por isso que começou a diminuir o acesso. Porque, também,

nós passamos por um período, inclusive esse ano, que o laboratório... Eu tava percebendo que o laboratório estava começando a virar uma *Lun House*. Ainda mais num laboratório educacional. Porque os alunos começavam a vir pra cá, pesquisavam um pouquinho, pouca coisa e lá estavam nos jogos. Nós temos regras, que estão até fixadas na parede, são as normas do Núcleo Digital Solar – NDS, que não podem entrar em sites pornôis, que preguem o racismo, a apologia à droga, o preconceito; inclusive, jogos violentos, como os jogos japoneses que, se você for olhar, todos são violentos, que transpassa o corpo com a espada, é sangue pra lá e pra cá; então, os alunos estavam começando a fazer isso na Internet. Fiquei num dilema: eu tenho que trazer de volta, eu tenho que resgatar esses alunos pra Internet, mas eu comecei a ver... Não, não posso deixar isso acontecer, porque não sou irresponsável, deixar que o laboratório seja uma *Lun House*. Então, eu fui em todas as salas e expliquei pra eles q eles não iam mais entrar em jogos violentos.

Nós colocamos pra eles jogos educacionais que são divertidos; não é um jogo que é chato, que é cansativo, que o aluno vai ficar entediado. Não, tem jogos educacionais interessantes. É assim: o que a gente percebe é que, deu trabalho, tem que pensar, não quer. É a questão da leitura que eu falei na reunião, quando eu tava dando dicas pra mães: se o pai, se a mãe coloca [diz]:

— Senta aqui e vai ler.

Ele não ler, porque é uma obrigação e toda obrigação pra criança e adolescente é chato. Então, use [no caso, a mãe, o pai do aluno]. Essa forma de orientar, de uma forma lúdica: olhe, leia essa história pra mim porque estou interessado, só um pouquinho, amanhã você continua, porque estou gostando. A mesma coisa é a Internet: quando você diz que é um trabalho, uma tarefa, não vem mais; vem, às vezes, e vem de uma forma que você percebe na fisionomia do aluno que ele ta indo ali forçado. Então, estamos trabalhando isso; eu, o Antonio, os professores... Eu, especificamente, como FML, saindo da minha função de coordenador pedagógico, justamente eu tenho que fazer essa mediação entre o conhecimento e a Internet, entre o professor e o aluno, pra que a Internet educativa seja uma ferramenta de informação, de comunicação, prazerosa.

É fácil, Maria, fazer isso? Não é. Colocar a Internet como uma ferramenta ética, política, filosófica, que passa alguma coisa pro aluno, não só a pesquisa daquele momento, mas que seja mais abrangente, que ele consiga ver o mundo de outra forma... É complicado. Mas estamos tentando. É difícil, mas estamos tentando, estamos levando isso como um objetivo maior dentro desse laboratório: conseguir

com que o aluno veja a Internet pelo lado prazeroso, não só pelo lado do jogo, que é o que a gente vê, que a gente presencia muito, mas como uma forma dele crescer intelectualmente, crescer como pessoa, como cidadão, que ele consiga tirar da Internet as informações necessárias para que ele seja um agente histórico na sociedade, um agente político, um agente que consiga ser uma pessoa crítica, que consiga adquirir, apreender as informações da Internet, de uma forma que seja para o seu bem como uma pessoa que vive dentro de uma sociedade.

Investigadora:

— Não só essa questão do prazeroso, como você falou, não só o lado lúdico, mas esse processo da conscientização, realmente, é demorado, é um processo lento e que deve ser feito continuamente, nessa relação professor com aluno e não professor-aluno. Eu estava observando na biblioteca, não existem – lá no acervo dos livros – não existem títulos que permitam ao professor um aperfeiçoamento da sua profissão, uma capacitação profissional. De modo geral, são livros didáticos ou paradidáticos; mas, livros teóricos, voltados para a capacitação profissional eu não observei, não vi. A Internet poderia suprir essas lacunas. Considerando o isolamento do povoado, como você falou, o distanciamento com os grandes centros urbanos e, considerando, ainda, a falta de oportunidade desse professor fazer um curso, para sua capacitação profissional, a Internet seria um excelente recurso. Ele pode buscar na Internet conhecimentos teóricos, que vão contribuir para a sua formação profissional. Seria a Internet contribuindo na formação de um leitor proficiente. Essa é a consciência que deve ser passada, principalmente, para os professores, para os alunos e até para a comunidade – é lógico que para pessoas da comunidade que já sabem ler –. Você falou, também, que o índice de analfabetismo é muito alto em Almécegas, que existe uma tradição cultural, na comunidade, entre os idosos, entre as pessoas mais adultas, que não concluíram os estudos, e essa tradição acaba passando para os filhos, no sentido de não valorizarem os estudos; se não veem essa valorização, por parte dos pais, eles também – alguns, é lógico –, não aprendem a valorizar os estudos. Mas, aquelas pessoas da comunidade, que são já são alfabetizadas, que já conseguem ler e entender a palavra, elas podem, também, buscar leituras na Internet, que sejam interessantes pra elas, até mesmo para resgatar o passado histórico; talvez, esse processo, embora lento, acho que não está perdido. Vocês ainda podem conquistar esse espaço.

Raulindo:

— Isso, Maria... Assim, essa questão do incentivo, do estímulo, existe. No nosso planejamento, que é semanal, eu sempre tô orientando: olha, tá aí a Internet, um meio de você pesquisar x informações, planejamentos, aulas; aprimorar a sua aula, a sua prática em sala de aula. Isto é estimulado, realmente; o professor, aqui nessa escola, é estimulado a procurar na Internet uma melhoria para o seu crescimento profissional, pra sua sala de aula. Agora, o que não pode acontecer é uma imposição. Eu não posso, como coordenador pedagógico, impor que aquele professor utilize a Internet como esse meio para melhorar a sua prática na sala de aula. Eu coloco a Internet à sua [dele, o professor] disposição, oriento, busque na Internet, existe o site do professor e lá tem aulas prontas, dicas [exemplos, conselhos, informações...] e tudo para que ele se aperfeiçoe, tenha aulas mais criativas, porém existe rejeição por alguns professores; e é como lhe digo, eu não posso impor: você tem que ir, sente no computador, acesse a Internet e faça assim..., porque trabalhamos com profissionais, com adultos; a chance é dada, aceita quem quer; mas a orientação existe, realmente, aqui.

Os alunos, também, nós temos dentro do programa *Tonomundo* cursos voltados tanto para o professor como para os alunos, que vão melhorar a sua prática em sala de aula, tanto para o professor quanto para o aluno; cursos que vão melhorar o seu crescimento intelectual, pessoal. Mas, como eu lhe falo: infelizmente, ou felizmente, eu não posso impor. Eu oriento, existem cursos, onlines, que professor tem aquela prática pra fazer, responder as atividades. Eu falo: olha, eu vou te escrever, vai ser bom pra você, pro seu currículo, sua prática; vejo que alguns aceitam, não gostando muito; aceitam, mas não aceitam lá dentro...:

— Tá bom, me coloca.

— E, aí, não cumpre.

— Eu digo:

— Já fez? Já entrou? Respondeu algumas das questões? Então, é muito delicada essa questão. A Internet, é como você falou, é um meio para que o professor cresça, profissionalmente, na área da educação, a sua prática em sala de aula. Mas, a questão é de querer tanto do aluno como do professor; então, a parte de orientação, de estimular, eu faço tanto como FML quanto como coordenador; mas o que eu não... , isso realmente eu não faço... Agora, o que eu não posso é impor que ele tenha que querer fazer; tem que partir dele. A orientação a gente dá, mas

a gente diz: olha, isso vai melhorar a sua prática, isso vai te enriquecer mais, mas se ele não quer, fica difícil a gente trabalhar nesse sentido, nessa linha de que a Internet vai ser uma ferramenta – já que a gente não tem na biblioteca, e realmente, não temos [refere-se aos livros adequados para o aperfeiçoamento do professor] –, que a Internet sirva como um apoio a mais para o seu crescimento, sua capacitação.

Investigadora:

— Raulindo, você tem observado se seus professores têm a prática de leitura, se faz parte do cotidiano deles essa prática, ou seja, eles já adquiriram o hábito de leitura?

Raulindo:

— Olha Maria o que eu tenho observado, ao longo desses anos, com esse grupo, que eu trabalho, o que eles sempre alegam é a questão do tempo. Eles não um têm tempo hábil pra ter aquele costume de leitura, uma leitura prazerosa, ou pegar um livro, realmente, pra ler naquele tempo que eles têm disponível. Nessa questão da leitura teórica, para sua capacitação, eles têm, assim, quando, realmente, vem da secretaria, que a gente tem que fazer aquela leitura, porque tem que elaborar um plano de aula, tem que elaborar avaliação, isso existe; mas, aquele leitor fluente, aquele leitor constante, o hábito mesmo da leitura, eles alegam que não têm tempo, porque trabalham dois expedientes, são casados, em casa têm os afazeres, então, não têm esse tempo; então, realmente, esse hábito da leitura, como você perguntou, não têm ainda, não tá satisfatório, ainda estamos trabalhando pra isso.

Investigadora:

— Para finalizar, Raul, essa nossa conversa, eu gostaria que você falasse, mais uma vez, as suas observações, a partir da introdução da Internet na sua escola, sobre o que representa essa ferramenta tecnológica pra comunidade. Pra você, acumulando funções de diretor, coordenador pedagógico, FML, coordenador das atividades na Internet, do programa *Tonomundo*, que você conclua falando a sua opinião, o seu ponto de vista sobre o significado da Internet pra uma coletividade, porque, como pesquisadora, eu tenho lido sobre essa representação nos discursos científicos, nos discursos dos livros, nos congressos, em palestras... Eu gostaria, portanto, que você apresentasse seus pontos de vista, não só a respeito do que você, realmente pensa, mas do que tem observado nas pessoas da

comunidade; pela interação que você já teve, todo esse tempo com a comunidade, quando participou da chegada Internet, desde o início, quando construiu esse laboratório, deu pra você perceber o que essa tecnologia tem representado pra comunidade? Que você fizesse um apanhado geral sobre essas significações.

Raulindo:

— Eu posso, realmente, fazer uma síntese de tudo isso numa frase. Eu já falei essa frase na inauguração desse laboratório, há seis anos, e eu acho que ela consegue ilustrar o sentimento que eu tenho em relação à Internet ter chegado na comunidade de Almecégas. Eu acredito que a Internet, ela conseguiu tirar a comunidade da escuridão da ignorância, a ignorância, no sentido de conhecimento, de informação; quando ela chegou aqui, a comunidade era isolada de conhecimento, não tinha acesso ao conhecimento; não existia nem uma biblioteca, quando eu cheguei aqui, quando vim trabalhar aqui nessa escola – ; que diga de passagem, a biblioteca que nós temos hoje, foi uma atividade dentro do programa *Tonomundo*; nós conseguimos arrecadar livros com algumas escolas e universidades de fortaleza, dentro da atividade *Farol do Saber*. Então, a Internet, pra mim é isso: ela conseguiu tirar a comunidade da escuridão da ignorância, porque, hoje, percebemos que tem uma informação, que uma pessoa tá em casa, ver uma informação de maneira sucinta, e aí ela quer saber mais e ela corre aqui e diz:

— Não, é porque eu vi na tv.

Então... lógico, isso a gente tá falando de algumas pessoas. Ela teve a curiosidade de entender mais sobre aquilo e ela corre pra cá, na Internet, porque ela sabe que, aqui, ela vai ter mais informação. Então, a Internet é isso: ela conseguiu tirar as pessoas do anonimato, dessa questão da ignorância, de não ter conhecimento, de não ter informação; hoje, as pessoas podem sentar numa roda de conversa e conversar sobre vários assuntos, que você consegue ver na Internet e, antes, não; porque, aqui, é uma comunidade rural, só se falava de que? De pesca, de lavoura, de agricultura, alguma coisa desse tipo; hoje, não, você consegue perceber nas pessoas que elas conseguem falar de assuntos mundiais, conseguem falar da crise mundial, mesmo não entendendo muito; conseguem falar das guerras, da fome que tá no mundo; conseguem falar da questão educacional mesmo: Ah, por que lá no Rio de Janeiro é diferente? Por que em São Paulo é diferente e aqui não é [refere-se à questão educacional]? Por que em Belo Horizonte investem tanto em educação e aqui, em Trairi não investem? Isso porque ela leu na Internet. Então, a Internet conseguiu isso, ela conseguiu dar uma luz à comunidade, em

relação à informação e eu acredito, Maria, que a informação é tudo. Quando uma pessoa é bem informada, ela faz a coisa errada, se ela quiser, ou ela não faz, se ela também não quiser.

É isso, Maria, essa questão da Internet ter trazido essa luz do conhecimento, conseguiu, realmente, transformar as pessoas, transformar os sujeitos, porque, hoje, ela consegue ter confiança, a autoestima dela melhorou, porque ela tem conhecimento e quando você tem o conhecimento, você se sente mais forte. Então, Maria, a Internet, como eu falei, é uma luz q tirou as pessoas da escuridão, da ignorância; ela consegue, realmente, transformar o ser num agente transformador, porque, quando ele tem o conhecimento, ele tem informação, ele fica seguro, a autoestima é elevada, a autoconfiança também; então, tem uma segurança de expor suas idéias, porque ele buscou primeiro. Mas, antes da Internet – também não vou dizer q a Internet foi cem por cento causadora disso... Lógico, aí eu estaria sendo muito pretencioso –, mas, há seis anos atrás, eu tô aqui há sete anos, quando chegou a Internet, aqui, os alunos, realmente, eles eram, como aqui a gente chama no interior, no nordeste, eles eram acanhados, era aquele aluno que não tinha coragem de expor sua opinião, de dar sua idéia; andavam, realmente, de cabeça baixa, literalmente, porque tinham vergonha; eles tinham vergonha de falar porque, se abrisse a boca iam falar uma besteira, iam falar algo errado e hoje, não. Porque, hoje, ele consegue, realmente, andar de cabeça levantada e olhar no seu olho e conversar com você, porque ele tem a informação e isso dá segurança; quando você tem informação, qualquer pessoa, em qualquer âmbito: escolar, trabalho... não sei, social, se você ta numa roda de amigos e você não tem segurança, não tem conhecimento daquele assunto, você fica inseguro de falar sobre alguma coisa, não é verdade?

Então, é assim... Hoje, a comunidade, ela tem essa segurança – as pessoas que procuram, evidentemente, que vêm aqui, que buscam essa informação – , elas, com certeza, a autoestima delas, a gente percebe que é elevada, elas conseguem falar, elas debatem... Você viu ontem, o depoimento de um pai¹¹⁵, ele até estudou no EJA – Educação de Jovens e Adultos –, mas você percebe a maneira dele de falar; ele é um agricultor, mas você percebe que ele tem uma postura diferente das outras pessoas, mas por quê? Porque ele procurou, ele teve a oferta, ele aceitou essa oferta, e ele procurou. Então, você percebe que ele consegue, realmente, se destacar das outras pessoas, porque ele tem confiança do que ele tá falando, porque se ele se informou. Então a Internet, ela tem o lado positivo dela, que é

¹¹⁵ Raulindo refere-se ao Sr. Alberto, pai da aluna Ivone, ambos entrevistados, em 2004, pelo repórter da Revista Época, a respeito da Internet Solar em Almécegas.

esse, de dar autoconfiança. Aqui, tô falando, especialmente, da comunidade de Almécegas.

Investigadora:

— Você percebe essa autoconfiança, mesmo nas pessoas analfabetas?

Raulindo:

— Também, também. Justamente, eles vêm aqui, são analfabetos, mas perguntam, a gente navega junto com eles e eles acreditam, realmente; eles têm a consciência de que a Internet é algo bom, é algo que consegue tirar a pessoa da escuridão, como eu falei antes, da ignorância, e dar uma informação, que é necessária pra formação desse agente transformador, né? Tem pessoa, aqui na comunidade, que você até já conversou com ela, que tirou o chapéu, não é isso? O seu Dionísio, ele tem 76 anos e ele dá graças a Deus porque a Internet está na comunidade; e ele sabe ler, sabe ler pouco, ele é um agricultor, mas ele tem a consciência que isso, que a Internet foi algo muito grandioso na comunidade, algo que transformou a comunidade, que veio pra melhorar a escola, pra melhorar a educação, pra melhorar, realmente, a qualidade de vida da comunidade. Porque a gente tá falando sempre de aluno, aluno, algumas coisas da comunidade, mas nós também prestamos serviços pra comunidade. Por exemplo, quando havia cadastramento do CPF [Cadastro de Pessoa Física, exigido pela Receita da Fazenda], todos os anos, aqui, a gente tinha uma relação, as pessoas assinavam; há anos que davam 500 pessoas que passavam por aqui, às vezes, 300 pessoas, cadastrando, pela Internet. Em Trairi, era pago; aqui, não, tudo é de graça; ela [a pessoa] vinha, sentava, esperava a sua vez, a gente fazia o cadastramento, dava o comprovantezinho.

E, quando a gente chegava no final do cadastramento, tinha passado 400, 500 pessoas aqui pelo nosso laboratório. Pessoas que vêm saber sobre a *Bolsa Família*: por que foi bloqueada? Traga o seu cartão da *Bolsa Família* e a gente verifica... Pessoas com deficiência física, que vêm saber como é que tá o seu processo: venha aqui, traga o seu número que gente entra com o número do processo pra ver como é que tá o andamento, se ta parado. Então, a Internet, também, ela tem esse lado social, inclusive, na nossa comunidade, porque, aqui, qualquer pessoa, se ela quer ir ao correio, quer saber de sua situação cadastral, em relação ao CPF, ela tem que sair daqui muito cedo, no pau-de-arara, como você veio, tem que pagar pra ir e vir, tem que lanchar; então, tem custo: chega lá,

tem que pagar. E aqui, não, ela sai de casa a hora que ela quer chegar aqui, vem caminhando, faz o cadastramento e vai embora.

Investigadora:

— Quando estive aqui, em fevereiro do ano passado, você me falou a respeito de um cadastramento agrícola, se não me engano nesse sentido, era algo relacionado à agricultura e a escola, também, foi um posto de cadastramento. Você poderia repetir? É que, aquela filmadora que usei, na época, estava com problemas e perdi essa gravação.

Raulindo:

— Isso, foi no ano passado, mas acredito que seja todos os anos. Como é da área da agricultura, eu não tenho, assim, uma informação precisa, mas o nosso laboratório foi solicitado pela prefeitura e pela Secretaria de Agricultura do município de Trairi, para que cedêssemos os computadores, porque nós temos banda larga [conexão de Internet a cabo], para ser feito o cadastramento – eles chamam de seguro-safra – ; cadastrar os agricultores; acredito que era pra receber verbas, receber sementes; eu não tenho a precisão dessa informação. E, aí, nosso laboratório foi usado duas vezes, durante dois anos, pra fazer esse seguro-safra, devido à nossa Internet ser melhor; então vinham os técnicos da Secretaria da Agricultura pra cá; eles trabalhavam até de madrugada, entravam a meia noite e passavam a madrugada todinha, saiam às cinco horas da manhã, cadastrando os agricultores de Trairi. Realmente, a Internet é muito útil: serviu pra isso, ela serve pra comunidade, serve pro alunos, para os professores, ela serve pra mim, como pessoa, como Raulindo. Eu preendi muita coisa com a Internet; como profissional eu me capacito dentro do programa, eu leio muita coisa sobre gestão escolar, porque sou pós-graduado em gestão escolar; então, eu procuro sempre buscar alguma coisa nessa área, para o meu crescimento pessoal. Como profissional está sendo muito útil, porque sempre to buscando: como coordenador pedagógico, eu busco, como gestor escolar, eu busco... Sempre busco algo que tem na Internet para acrescentar no meu crescimento.

Você falou sobre a questão de uma amiga que tinha encontrado um aluno... Aqui, tivemos um exemplo também. Um vizinho aqui da escola, a sra. Neci, ela me procurou, há alguns anos atrás e falou: olha, eu tenho um irmão que foi pra Belo Horizonte e não temos mais contato, eu só tenho essa carta; então, colocamos na

Internet e encontramos o irmão dela, aqui pelo nosso laboratório, pela Internet... Isso foi até assunto da Revista Época.

Você falou também em Orkut... O orkut é muito bombardeado, porque, infelizmente, ele é usado pro mal. Discutimos ontem... Essa questão de torcidas organizadas marcarem confrontos pelo Orkut, pedofilia pelo Orkut, isso é lastimável, mas eu também encontrei... Fazia muito tempo que eu não falava com uma sobrinha, uma sobrinha que, hoje, é casada e tem filhos; a gente acabou se encontrando, eu coloquei na Internet, ela tinha Orkut e, hoje, a gente se fala pelo Orkut.

Investigadora:

— Li o depoimento de uma professora de São Paulo, da PUC-SP, no qual ela fala sobre os benefícios do Orkut, principalmente, quando se trata da criação de comunidades; existe uma maneira, que é formativa, educacional e educativa de você criar uma comunidade, que contribui para a formação do aluno. E nessa troca, também de informações, há um projeto, se não me engano, da UFC, em que os alunos trocam informações culturais com alunos de países da Europa, através do Orkut. Eles também criaram comunidades e discutem esses assuntos; trocam informações por meio dessa comunidade. Você sabe que, quando criamos uma comunidade, nós temos um fórum, não é? E nesse fórum, você tem esse bate papo que é altamente positivo.

Agora, Raul, queria resgatar algo que conversamos e, devido a uma pane na minha máquina, não pode ser filmado... Foi quando eu falei que a minha tese apresenta um capítulo sobre a incompletude da Internet. Esse capítulo tem como fundamento teórico um discurso da filosofia, que é o Teorema de Gödel e nesse teorema ele diz que nenhuma proposta é completa, se for baseada apenas em suas verdades; é preciso que ela seja, também, associada a outras áreas de conhecimento. É o caso da Internet: se for usada, usada por si só, ou seja, por meios de apenas suas 'verdades', que são os recursos que ela oferece, pode trazer muitos malefícios para o navegador. Então, ela precisa ser utilizada, de forma responsável e associada a outras áreas de conhecimento. Como você foi preparado pela USP, para desenvolver o programa *Tonomundo* na sua escola e, nesse caso, a universidade de São Paulo, é responsável pelas atividades com a Internet, eu gostaria que você dissesse se você ver nessas atividades, do *Tonomundo*, uma Internet completa, ou seja, uma Internet utilizada não apenas por meios do seus próprios recursos, mas também associada a outros conhecimentos.

Raulindo:

— Bom, Maria, realmente, os projetos, as atividades anuais que a USP nos coloca, são projetos que tem uma vida curta. Eles contemplam, sim [refere-se a uma Internet completa]. A Internet é apenas um veículo pra que a gente trabalhe. Nós trabalhamos em cima da cidadania, da inclusão, da identidade cultural, em cima de valores: amizade, honestidade, altruísmo, a questão do belo é muito falada. A transdisciplinaridade, a TransD, como é falada, nós trabalhamos em cima da TransD....E o belo, que é um valor, é muito trabalhado; conseguir fazer que o navegador, ele consiga enxergar o belo em tudo, não é só a beleza estética, mas é a coisa funcional, o benefício que ele traz; então, trabalhamos realmente a amizade, a honestidade, o altruísmo, trabalhamos a questão da cidadania, do respeito; trabalhamos em cima disso.

Os projetos são voltados, tem atividades lúdicas, gostosas de fazer, atividades presenciais, mas baseadas, fundamentadas em cima disso, de valores, como: cidadania, como respeito, como altruísmo, o belo; temos projetos – conversávamos, ontem, também, sobre isso – , como o *CTA – Comendo, Trocando e Aprendendo*, que é um projeto que trata de identidade cultural, mas dentro disso se trabalha a alimentação saudável, a questão do regionalismo, da divisão política, da ética; os projetos permeiam, eles passam por vários valores; então, realmente, essas atividades, que são colocadas pela *Escola do Futuro*, da USP, pois é ela que cuida da Internet educativa do programa *Tonomundo*, eles são fundamentados em valores e os pilares que a gente tá trabalhando são a inclusão, a cidadania, identidade cultural; esse ano, vai ser lançado outro, outro pilar, que a gente vai ter que trabalhar, se eu não me engano, é o *Pro-saúde da Juventude*; é um que a gente vai ter que trabalhar bastante, falando sobre a questão da sexualidade, das doenças, sexualmente transmissíveis, da gravidez na adolescência, o cuidado que a gente tem que ter [com a saúde].

Então, sempre todas as atividades, elas são lúdicas? São, porque partem do principio de que tem que ser prazeroso – como Freire diz: *brincar aprendendo, aprendendo brincando* – mas tem um fundamento, tem um valor, ali, como base pra que aquela atividade seja realizada. Tudo o que a gente faz acaba demonstrando, o aluno acaba percebendo que tem que ter respeito pelo próximo, que não pode ter preconceito: porque eu sou negro e você é branco, isso não te dar a qualidade de ser melhor do que eu; se o outro é hétero e o outro é homossexual, isso também não te dar o direito de ser melhor do que eu; se você tem mais dinheiro do que o outro, você não é melhor do que ele por causa disso; então, nos trabalhamos valores, em todas as atividades nós trabalhamos valores.

A questão da cidadania: o projeto *Resgatando Ontem, Vivendo Hoje* e o CTA - *Resgatando Ontem e Construindo o Amanhã*, foram projetos criados nessa escola, de minha autoria, então é assim: nós sabemos que os idosos eram esquecidos na comunidade, então vamos criar um projeto pra que traga esse idoso pra dentro da escola e se sinta vivo. Convidávamos esse idoso pra sentar numa roda, uma roda de anedotas [no nordeste as pessoas ainda têm o de, no final da tarde, sentarem-se em forma de círculo para contar anedotas, que são narrativas curtas e engraçadas, histórias curiosas, piadas, cf. dicionário Houaiss]. Nessa roda os idosos contavam as suas histórias, que já contavam nas suas casas, para os alunos. Você sentia, você via que eles estavam emocionados; você via que ele saía alegre; até a questão da própria saúde do idoso, quando ele é valorizado, a saúde melhora. Então, aquele senhor, aquela senhora, que ficam o dia inteiro deitado numa rede, ele vindo pra escola e ele percebendo que nos estávamos ali, querendo ouvir dele a sua história, valorizando os seus cabelos brancos, ele se sentia melhor. E a questão de trazer o idoso pra parte ativa da sociedade, é uma questão de cidadania.

Investigadora:

— Esses projetos têm alguma relação com a Internet?

Raulindo:

— Sim, porque a gente sempre faz pesquisas primeiro. Antes de a gente fazer um projeto, primeiro a gente faz um diagnóstico na comunidade, porque esses projetos, eles são comunitários, são pedagógicos e comunitários. E aí o que é que é que a Internet vai nos dar? Ela vai nos dar a parte teórica, a parte científica, a gente vai procurar saber opiniões de estudiosos, de como trabalhar, como é a vida do idoso, quando é a terceira idade – você sabe que já mudou o termo; agora, é a *melhor idade*, não se fala mais em terceira idade – ; então, a Internet ela nos dá o embasamento da base teórica, científica, pra que a gente crie os projetos comunitários; a gente primeiro faz a sensibilização, faz o diagnóstico, que é o que ta precisando na comunidade e a Internet nos dar essa base, essa bagagem que a gente ta procurando, que é o conhecimento científico, opiniões de estudiosos sobre determinado assunto, aquele assunto que a gente vai trabalhar. E aí, sim, depois, seguros da informação, do conteúdo, aí, sim, elaboramos o projeto, colocamos em prática.

Investigadora:

— De modo geral, Raul, já entrevistei vários alunos e, quando a pergunta é: qual a importância que você vê na Internet? De modo geral, eles respondem: a Internet é muito boa pra gente fazer pesquisas para os trabalhos escolares. Esta é a importância primeira que eles veem na Internet. E, entrevistando os três alunos, aqui dessa escola, ontem, o Hugo e a Ivone, ex- alunos que continuam procurando a escola para navegar na Internet, hoje, o Sebastião, aluno do 9º. Ano. Eles também apontam como importância primeira a ajuda da Internet para os trabalhos escolares. Eu gostaria de saber o seguinte:

Em relação à utilização da Internet, para esse fim, existe a preocupação, a participação do professor, na questão do respeito à autoria dos textos pesquisados? Esses alunos são, devidamente, orientados no sentido de como pesquisar, como utilizar o texto pesquisado, para garantir, para ser fiel, para respeitar, enfim, a autoria daquele texto pesquisado, informando a fonte? Porque a informação dessa fonte é que garante o respeito a essa autoria.

Raulindo:

— Em relação a isso, realmente, a gente está deixando a desejar, porque, realmente, o professor não consegue ainda compreender isso, entender essa questão dos direitos autorais. Simplesmente, ele manda o tema, mas não orienta, então é assim; e é o meu papel que entra pra fazer isso. Apesar de que alguns professores, a maioria, na verdade, já ter sentido, ter orientado, de ter dito mais ou menos como tem que ser feita uma pesquisa, infelizmente ainda acontece; não existe esse acompanhamento pra respeitar... A conscientização da questão dos direitos autorais, sobre a fonte onde é pesquisado não existe. Eu não vejo, realmente, quando o professor, lá na sua sala de aula, ele passa a pesquisa – não é sempre no contraturno, às vezes, é durante a própria aula – não vejo esse acompanhamento. Nós temos também a preocupação que o professor esteja aqui dentro do laboratório; então, o tema da pesquisa é dado ao aluno durante a sua aula. Eu oriento que, uma vez por semana, em cada disciplina, o professor dê uma aula aqui dentro do laboratório, principalmente, aquelas disciplinas que podem e devem utilizar a Internet. Então, assim, eu não vejo, no esquema da pesquisa, a fonte, o autor... Não tem. Simplesmente, o aluno vem com o tema da pesquisa, somente isso; e aí a gente tem que fazer esse papel. Apesar de que já foi repassado isso para os professores, conversado que eles têm que ter esse cuidado, que têm que ser mais específico nas suas pesquisas, no assunto que quer que seja pesquisado, porque, senão, se deixar a coisa aberta, o aluno vai ficar o dia todo na Internet e não vai encontrar aquilo que realmente tá procurando, o que o professor quer que ele procure, né? Porque é muito ampla, é abrangente

demais a Internet e esse cuidado que você me perguntou, apesar de já ter sido orientado, não tem.

A investigadora agradece ao professor Raulindo o tempo dedicado ao seu trabalho de campo.

Raulindo:

— Eu fico muito feliz e também agradeço. Foi muito rico pra mim... Eu sei como é difícil... Eu também já fiz a minha monografia e sei o quanto é difícil... Não cheguei ainda ao doutorado, pretendo.. Mas, também, quando fiz a fiz a minha monografia na pós, foi muito difícil.

A investigadora quer saber se o curso de pós-graduação, a que se refere Raulindo, foi em nível de mestrado. O professor explica que fez o curso em dois anos, mas o grau era de *latus senso*.

Raulindo continua:

— Então, assim, foi muito rico pra mim passar esses anos todos participando de sua tese. Você tá levando o nome de Trairi pra Espanha, pra Europa... Ta levando o nome de Almecegas que, apesar de ser pequenininho, ser zona rural ela tem um atrativo turístico muito rico; nós nos temos uma vegetação muito rica, que tem o nome de Almécegas. Aproveito, já que nossos amigos vão estar assistindo esse depoimento, que nos visite, que venham ao Ceará, venham ao Brasil e que conheçam Almécegas, a lagoa das Almécegas que é muito rica, e é também uma fonte de renda para o nosso povoado; que conheçam a nossa escola, que é pequenininha, mas grande nos seus trabalhos, rica em informação. Como já foi visto, temos Internet, rádio-escola, temos biblioteca, pequena, mas temos; tem escola que não tem biblioteca aqui no município de Trairi e nós temos.

Depois dessa entrevista, Raulindo leva a investigadora para conhecer alguns vizinhos da Escola Santa Luzia. Chegam à casa de D. Geralda.

Anexo G – Notícias compiladas das páginas Web

Regional - Rádio-escola chega em *Almécegas* - Diário do Nordeste

A Escola de Ensino Fundamental Santa Luzia, em *Almécegas*, distrito do município de ... por meio do programa *Tonomundo* —, conta, agora, com mais um *projeto*: ...

diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo...

ATITUDE JOVEM (19/11/2008)

Rádio-escola chega em *Almécegas*

*Depois do acesso à Internet por meio de energia solar, os alunos de *Almécegas*, em *Trairi*, ganharam uma rádio.*

Fortaleza. A Escola de Ensino Fundamental Santa Luzia, em *Almécegas*, distrito do município de *Trairi*, depois da energia solar implantada na unidade que favoreceu a criação de um laboratório de informática com acesso gratuito à Internet — iniciativa, que partiu do Oi Futuro, instituto de responsabilidade social da Oi, por meio do programa *Tonomundo* —, conta, agora, com mais um projeto: “Segura essa onda: rádio-escola digital”, da ONG *Catavento*.

A notícia da chegada de uma rádio-escola, que começou a ser implementada no segundo semestre de 2007, foi bem aceita pelos professores e alunos da Santa Luzia. A empolgação foi tanta que homens e mulheres da comunidade construíram o espaço físico da rádio. Propor a união das técnicas de comunicação radiofônica com as tecnologias de informação oferecidas pelo acesso gratuito à internet, num só ambiente, a escola, é um dos objetivos do projeto. As oficinas de técnicas de rádio ministradas pela ONG *Catavento* permitem que a rádio-escola funcione como ferramenta de aprendizado, estimulando o desenvolvimento das habilidades orais e escritas dos alunos.

A intimidade com o microfone, gravador, tape deck, fitas cassetes, entrevistas e enquetes chegou à medida que os alunos tomaram gosto pelo assunto. A estréia do primeiro programa, que teve a participação dos alunos, professores e comunidade,

levou os moradores de Almécegas ao delírio. Um alto-falante instalado em frente à escola e caixinhas de som fora das salas de aula permitiram levar a todos as primeiras notícias da cidade e do mundo pela rádio “Atitude Jovem”. Para assegurar a audiência dos ouvintes, a programação vai ao ar todas às manhãs, tardes e noites. Esporte, educação, saúde, meio ambiente, moradia, trabalho são alguns dos temas.

A rotina na vida dos quase 600 habitantes de Almécegas foi quebrada com a presença da rádio. O novo instrumento de comunicação se tornou um importante meio de reivindicar, anunciar, proclamar as necessidades, vitórias, apelos e esperanças da comunidade. A rádio-escola também garantiu, pela primeira vez, ao município de Trairi cumprir mais um item do concorrido Selo Unicef 2008, já que entre as peças de comunicação comunitária exigidas pela agência está a rádio-escola e o jornal impresso.

A Escola Santa Luzia foi visitada por um articulador do Selo Unicef - Município Aprovado, que conheceu a rádio-escola e pôde participar do primeiro programa ao vivo sobre “Educação do semi-árido”.

Anexo H – A Escola Santa Luzia, localizada em Almécegas- Trairi (CE) continua realizando os projetos e oficinas pedagógicas, que estão tornando uma prática gostosa e ...

www.tonomundo.org.br/.../br.usp.futuro.portal.sv.ChainNewsDetail?...

A Escola Santa Luzia, localizada em Almécegas- Trairi (CE) continua realizando os projetos e oficinas pedagógicas, que estão tornando uma prática gostosa e eficiente de ensinar, se afirmando cada vez mais no cotidiano da escola. Para o Formador Mediador Local (FML) da escola, Raulindo Meneses, A educação precisa ser renovada constantemente, reinventada, otimizada e estimulada, e é nesse momento que as oficinas e projetos se encaixam, oportunizando aos educadores aflorarem sua criatividade e suas competências, e por outro lado, propiciando aos educando, de maneira prazerosa e clara, uma aprendizagem significativa. O formador Raulindo está firmando parcerias fortes com organizações governamentais (ONGs) e organizações não-governamentais (ONGs) para o desenvolvimento de projetos comunitários. Vários projetos foram criados e desenvolvidos durante esses três anos

de existência do Projeto Telemar Educação (PTE) na escola. Entre os projetos desenvolvidos, estão a Feira de Ciências; a Oficina de Português, enriquecida com vários jogos educativos; Oficina de Arte e Reciclagem ministrada pela artista plástica e “Amiga da Escola”, Nilza Marta Di Carlo, que em suas aulas de artes conseguiu com os alunos modernizar a fachada da escola, deixando o muro da escola mais alegre e atraente. Ela também compartilha com os professores e alunos da escola o seu talento e experiência de vida. Atualmente, está sendo construído o novo Núcleo Digital Solar (NDS) que é produto do projeto comunitário Construindo o Amanhã. Com o apoio de Josimar Moura Aguiar, prefeito de Trairi, de José Cavalcante Arnaud, secretário de educação de Trairi, do Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Energias Renováveis (IDER) , do Instituto Telemar, da Escola do Futuro da USP e com o grande apoio da Comunidade de Almécegas, a realidade local está em transformação. Outra grande vitória foi a parceria firmada com a ONG Catavento, que em breve, implantará uma rádio-web (rádio via internet) na escola. Além disso, o IDER está construindo, com a ajuda da comunidade, uma cisterna de 20mil litros, para atender a escola e a comunidade, que não possuem água encanada. Até hoje ainda puxamos água na bomba manual, porque não temos energia elétrica, é um paradoxo, bomba manual e Internet. Mas temos um laboratório de informática movido a energia solar. O novo e o velho, caminhando lado a lado. A educação é algo vivo, não somente uma palavra ou conceito, mas uma ação transformadora, vivida e compartilhada?. Finaliza Raulindo. Clique no arquivo abaixo e veja as fotos dos projetos.

Anexo I – Alunos do *Tonomundo* participam de campeonato de Damas com alunos do Rio de Janeiro

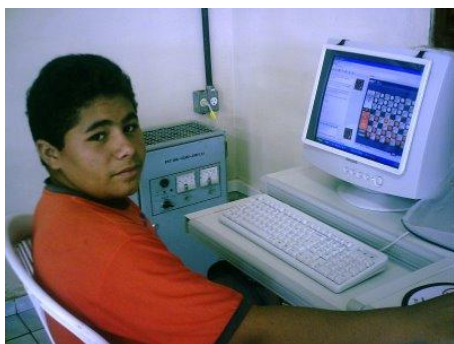


Figura 136: Participante 1

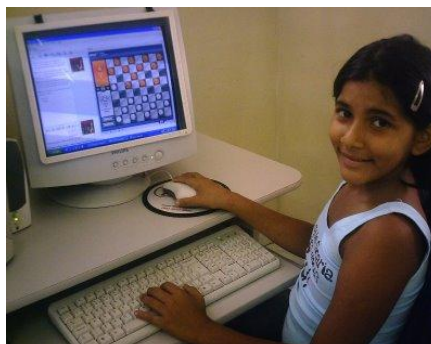


Figura 137: Participante 2



Figura 138: Participante 3



Figura 139: Mais participantes

**Anexo J – Apresentação em power point do Programa
*Tonomundo***



Figura 140: Slide *Tonomundo* 1

T O N O M U N D O



CARTÃO TONOMUNDO
2006

Figura 141: Slide *Tonomundo 2*



Figura 142: Slide *Tonomundo 3*.

Anexo K – Outras fotos com alunos da E.E. Santa Luzia



Figura 143: Entrevista com Marina



Figura 144: Entrevista com Samara



Figura 145: Entrevista com Janaina



Figura 146: Entrevista com Jeferson

Anexo L – A Revista Época investiga sites de relacionamentos

COMPORTAMENTO – Revista Época – 21 de Novembro de 2005

Rede de intrigas

No mundo virtual, o hábito de falar mal dos outros ganha proporções (e efeitos) globais.

Um casal se separa porque a moça descobre que o namorado a trai. Ela conta o fato às amigas. Um aluno de faculdade, antes de se matricular numa matéria, pesquisa entre os colegas se o professor é legal ou durão. Um grupo de estudantes de uma escola irrita um garoto tímido e espalha boatos sobre ele. Essas desagradáveis situações cotidianas se transformam em pesadelos quando

atingem a internet. Em lugar de fazer intriga com as amigas, a moça traída tece na rede um perfil do traidor. Uma página de comentários sobre professores exhibe palavrões sobre um docente em particular. O estudante incomodado descobre montagens de fotos suas num blog ofensivo. Na rede, a fofoca é amplificada - e mais destrutiva.

Nos Estados Unidos, o site www.dontdatehimgirl.com (algo como 'não saia com ele, garota') tem dado o que falar. É uma espécie de catálogo on-line de traidores: mulheres rancorosas postam perfis com foto, nome, cidade e até peso e altura dos homens que as magoaram. E contam em detalhes as cafajestagens cometidas por eles. No perfil de um americano do Estado de Oklahoma, por exemplo, há um alerta: 'Se ele disser que tem dois filhos, não acredite: ele tem cinco crianças de quatro mães diferentes'. A autora do perfil é anônima, como a maioria das mulheres que delatam ex-companheiros. A criadora do site, a relações-públicas Tasha Joseph, clama que o objetivo é oferecer um serviço público às mulheres que queiram prevenir-se de futuras dores de cabeça. O site tem 630 cadastros de supostos traidores e recebe mais de 2.500 acessos diários. Os homens 'fichados' podem contestar as informações e têm suas respostas publicadas juntamente com seus perfis. A moda já chegou por aqui. O blog Homem É Tudo Palhaço, criado pelas cariocas Ana Paula Mattos, Nara Franco, Roberta Carvalho e Vanessa Teixeira, também é dedicado a abominar os deslizes masculinos. Mas, no lugar do rancor das americanas, as brasileiras escrevem com humor. No blog, relatam as desventuras com os homens. Não citam os nomes dos 'palhaços' porque não têm intenção de alertar outras mulheres. 'A idéia não é expor os homens, e sim rir das situações ridículas', explica Nara, de 33 anos recebem e-mails que vão desde histórias das leitoras - posteriormente publicadas no site - até mensagens agressivas de homens que se identificaram com os autores das 'palhaçadas' relatadas.

Se nessas homepages os parceiros são execrados, há quem faça o oposto. É o caso do site americano www.greatboyfriends.com, em que desfilam ex-maridos e ex-namorados altamente recomendados. Os perfis ilustrados com foto são criados por ex, irmãs e amigas que desejam desencalhar homens 'lindos e com bom coração', expressão campeã no site. Há também a parte para as ótimas

namoradas: nesse caso, não são os ex que costumam fazer as indicações, mas as amigas.

Os sites fofoqueiros não se alimentam apenas de assuntos do coração. O www.ratemyprofessor.com tem listadas várias faculdades dos EUA. Na página, os alunos avaliam seus professores - são mais de 600 mil cadastrados - e postam comentários anônimos sobre suas performances em aula. O desenho de uma pimentinha indica se o mestre em questão é fisicamente atraente. Comentários do tipo 'um livro, além de ser um professor mais competente, tem uma personalidade melhor' são comuns. Tamanho foi o sucesso que se criou uma mesma versão da homepage para estudantes do Ensino Médio e Fundamental (www.ratemyteacher.com). Algumas escolas bloquearam o acesso a esse site, pois consideraram as críticas ofensivas. Na opinião da psicóloga e antropóloga Ivelise Fortim, do Núcleo de Psicologia e Informática da PUC-SP, sites como esses têm vantagens e desvantagens. 'Podem servir tanto para trocar informações úteis como para fazer crueldades.'

O Orkut, site de relacionamentos do qual mais de 75% dos cadastrados são brasileiros, é uma fonte inesgotável de fofocas virtuais. Há inúmeras comunidades no estilo 'eu odeio', em que adultos e adolescentes desfiavam improperios contra seus desafetos. Na comunidade 'Aquele fdp', com 30 mil integrantes, os tópicos de discussão exibem o mal falar de cunhadas, sogras, e ex-namorados. Tem até gente rogando praga contra vizinhos barulhentos. Poucos optam por postar as mensagens de forma anônima - a maioria deixa um link para seu perfil. Não imagina que o vizinho pode entrar na comunidade e ler o post. 'As pessoas não têm noção do alcance dessa exposição e das conseqüências que ela pode gerar', diz Andréa Nolf, do Núcleo de Psicologia e Informática da PUC-SP. A paulistana Eliana Ananias se envolveu numa trama virtual novelesca para fazer uma 'fofoca benéfica'.

Conversando com uma colega pelo MSN (programa de mensagens instantâneas), Eliana descobriu que seu ex-marido havia engravidado duas mulheres e estava enganando ambas. Ela e essa amiga (que por sinal também já havia namorado o garanhão) resolveram avisar a uma delas que a outra estava grávida e, assim, alertá-las sobre o mentiroso. Como sabia que uma das grávidas visitava o perfil da amiga no Orkut, Eliana colocou lá um recado comentando o fato de a outra estar

esperando um bebê. Logo a amante/segunda mulher soube. 'Ele tinha de ser desmascarado, e eu fiz minha parte', diz Eliana, que não sabe como a situação do marido múltiplo ficou após a revelação. Nas teias da internet, o drama mexicano pode também dar lugar a uma tragédia grega. É o caso do cyberbullying, versão informatizada do bullying. Este é o nome técnico para a agressão física ou psicológica feita entre crianças e adolescentes nas salas de aula – como os ataques de bolinhas de papel e as surras no recreio. Já o cyberbullying ocorre num ambiente irrestrito: por MSN, mensagens de celular ou e-mail, Orkut, blogs ou qualquer novidade cibernética que agrupe a garotada. A prática abrange desde a mensagem ofensiva até a publicação de difamações on-line. Uma pesquisa da Clemson University, nos Estados Unidos, apurou que 21% dos alunos de 8ª série passavam pelo problema.

Não há dados no Brasil, mas muitos adolescentes estão expostos às ofensas on-line. Juliana Ravagnani, de 14 anos, Pedro Schilling, de 14, e Jonas Semiatzh, de 15, estudantes da 7ª série do Colégio Assunção, em São Paulo, passam grande parte de seu tempo na frente do computador. Juliana presenciou brigas on-line entre colegas que a xingavam e a defendiam em seu próprio flog (blog de imagens). Já Pedro deixou de entrar em salas de bate-papo virtuais por se incomodar com o assédio. 'Tem conteúdo sexual em todas as salas, até para as destinadas aos menores de 15 anos', reclama. Jonas, por sua vez, passou meses recebendo ameaças diárias de um desconhecido por mensagens de celular. 'Tive de trocar de número', conta. O Colégio Humboldt, em São Paulo, decidiu intervir contra o cyberbullying. A coordenadora Lucy Wenzel foi avisada de que o blog de uma aluna da 6ª série exibia ofensas de baixo calão a professores e alunos de sua sala. 'Fiquei estupefata, pois a menina acusada nunca havia dado problema', diz Lucy. Quando chamaram a garota para conversar, descobriram que alguém havia postado as mensagens em seu nome. Após muito debate na sala, os alunos que publicaram as ofensas confessaram e pediram desculpas.

O cyberbullying é tão nocivo quanto o bullying. 'As conseqüências são as mesmas: gerar baixa auto-estima, vergonha, ansiedade', explica o pediatra Aramis Lopes Neto, da Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência. Daniele Vuoto, gaúcha de 19 anos, sofreu ambas as formas de violência. Após passar por situações de desprezo e humilhação em diferentes

escolas, a garota entrou em depressão e parou de estudar. Enquanto tratava a doença, colocava seus pensamentos num blog pessoal. Mas não teve paz. Uma desconhecida passou a postar diariamente insultos no site. 'Aquelas agressões me levavam ainda mais para o fundo do poço', conta Daniele, que resolveu explicar à menina, por ICQ (programa mais antigo de troca de mensagens), a situação delicada que estava vivendo. Os insultos acabaram. Superada a depressão, Daniele engajou-se na luta contra o bullying. Criou um blog sobre o assunto, mas nem ele ficou a salvo. 'No fórum de discussão, em que muitas pessoas postavam suas histórias, começaram a aparecer vários ataques e xingamentos. Tive de tirá-lo do ar', conta Daniele. O blog continua ativo, mas agora ela atende os leitores por e-mail.

Como se proteger de ataques na rede

No Orkut ou em seu blog pessoal, não deixe informações que você não queira que todos leiam. Um casal pode evitar brigas por ciúme se combinar como vão se apresentar em seus perfis no Orkut: casados, namorando, relacionamento aberto etc. Apague constantemente seus scraps (recados do Orkut) ou mensagens postadas em seu blog. Faça sua parte: não publique mensagens embaraçosas nos perfis ou blogs de seus amigos. Não saia comentando sobre a vida alheia em comunidades virtuais. Um conhecido pode ler.

Em sites específicos ou no Orkut, espalham-se comentários (bons e maus)



Figura 147: BULLYING: Daniele foi vítima de ataques a seu site.



Figura 148: Vítima de fofoca

COMUM

Jonas, Pedro e Juliana afirmam que é cada vez mais usual receber ofensas virtuais. Eliana (à esq.) se envolveu numa complicada fofoca no Orkut.



Figura 149: Amigas esgracham os homens

RINDO DOS PALHAÇOS

As amigas cariocas têm um blog para esgrachar os homens.

Anexo M – Texto que representa o humor cearense

Molecagem e cearensidade

Mais do que entender a questão da molecagem como algo inerente à cultura cearense, o sociólogo Francisco Secundo defende o humor como uma construção social.

Francisco Secundo

especial para **O POVO**

26 Jul 2008 - 16h13min

O que há de construção social e circunstância histórica nesta idéia de "Ceará Moleque" ou de "molecagem cearense" que desde o século XIX é gestada simbolicamente em romances, narrativas, textos memorialísticos, jornais e revistas? O que sabemos de fato é que tais expressões designam um dado "modo

de ser cearense", uma cearensidade. Ao lado dos ícones do vaqueiro, do jangadeiro, da rendeira e do retirante, a gaiatice do cearense é uma marca que caracteriza aquilo que para alguns constitui nossa "identidade cultural". Grosso modo, falar de uma cearensidade é se referir ao pertencimento ou filiação a um determinado espaço social e simbólico onde nos sentiríamos como parte de um todo, como membros de uma cultura. Noutra sentido, o termo assenta raízes num imaginário e memória coletivos que tem na nossa literatura regional uma de suas fontes.

Contudo, a lógica mais comezinha desqualificaria de pronto as recorrentes referências a uma "gaiatice cearense", à "decantada irreverência do povo do Ceará", à "molecagem que é própria do povo" ou simplesmente ao "Ceará moleque" como sendo clichês ou estereótipos. Agarrados a uma espécie de rigor crítico os mais apressados nos afirmariam que essa molecagem do cearense é vazia de certa comprovação real. Seria uma tipificação redutora. Porém, prefiro encarar de um ponto de vista sociológico e antropológico o assunto e ver nossa gaiatice como uma representação coletiva que doa sentido a uma realidade social. Não importa aqui descortinar ou desvelar estereótipos, nem muito menos discutir se uma "molecagem cearense" existe ou não. Ela é um dado social, não um "dado empírico", mas simbólico, "falso" ou "verdadeiro" não interessa. Trata-se, portanto, de uma construção social passível de uma interpretação buscando conexões de sentido da sua existência.

Romances

Destarte, é marcante no Ceará a sina moleque através do tempo, quem nos assegura é Tarcísio Matos, escritor e compositor cearense. E as referências à "decantada irreverência cearense" se encontram presente: nos romances *A Normalista* (1893), de Adolfo Caminha, e *O Cajueiro de Fagundes*, de Tristão de Alencar Araripe Júnior (1909); nos pasquins *O Moleque* (1890), *Ceará Moleque - Revista Caricata* (1897), *O Charutinho - Jornal Amolecado* (1900); nas crônicas dos memorialistas Raimundo de Menezes (*Coisas que o tempo levou...*), João Nogueira (*Fortaleza Velha*), Herman Lima (*Imagens do Ceará*); no relato jornalístico da vaia ao Sol na Praça do Ferreira em 1942 noticiada pelo **O POVO** na época; e, por fim, no empalhado Bode loiô do acervo do Museu do Ceará tomado como "símbolo da irreverência da terra de Iracema", como diz Otávio

Menezes no seu folheto em verso popular A história do bode que foi parar no Museu.

Todavia, reafirmamos que para falar, no geral, sobre uma cearensidade é necessário termos em mente que existe uma simbolização coletiva do real onde vivemos, para que este faça sentido. Assim, a molecagem não está numa das condições de ser cearense, mas sim no modo como essa condição - no caso, "ser moleque" ou "ser gaiato" - é organizada e interpretada simbolicamente. Porém, é mister afirmar, o "Ceará Moleque" ou a molecagem tiveram uma determinada origem social, ela sempre foi associada com os populares, coisa típica do "povo pobre" ou daquela "gentinha canalha" sem educação e que gostava de fazer chacota com tudo e bisbilhotar a vida alheia. Os "pés-de-poeira", a "arraia miúda", o "povo chimfrim" ou a população pobre e miserável que habitou uma Fortaleza do passado, foram eles que levaram a fama da molecagem.

Hoje são aqueles profissionais que a partir de meados da década de 1980 passaram a fazer apresentações humorísticas em bares, pizzarias e teatros de Fortaleza e de outras cidades pelo Brasil que são tomados como os atuais representantes desse "Ceará Moleque". Eles obtiveram relativo sucesso de público e passaram então a ter ressonância também nos meios de comunicação de massa - Falcão, Rossicléia, Raimundinha, Tiririca, Zé Modesto, Tom Cavalcante só para citar alguns. Mas, o que é relevante nos humoristas do Ceará é como eles conseguiram que o fazimento de pouco e o achamento de graça em cima dos outros não só virasse meio de vida e propaganda turística para o Estado, mas também um modo de perpetuar, de alguma maneira, com a canalhice daquela "gentinha" que viveu a Fortaleza de antanho. E isso nem que seja só pra encardir o canelau intelectual ou os abestados.

Francisco Secundo é mestrando em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará. Desenvolve sua dissertação sobre as apresentações dos humoristas no Ceará.

Anexo N – Centros Rurais de Inclusão Digital - CRID

Apresentamos maiores informações a respeito da inclusão digital em outros locais de exclusão social, por meio do folder-explicativo a seguir:

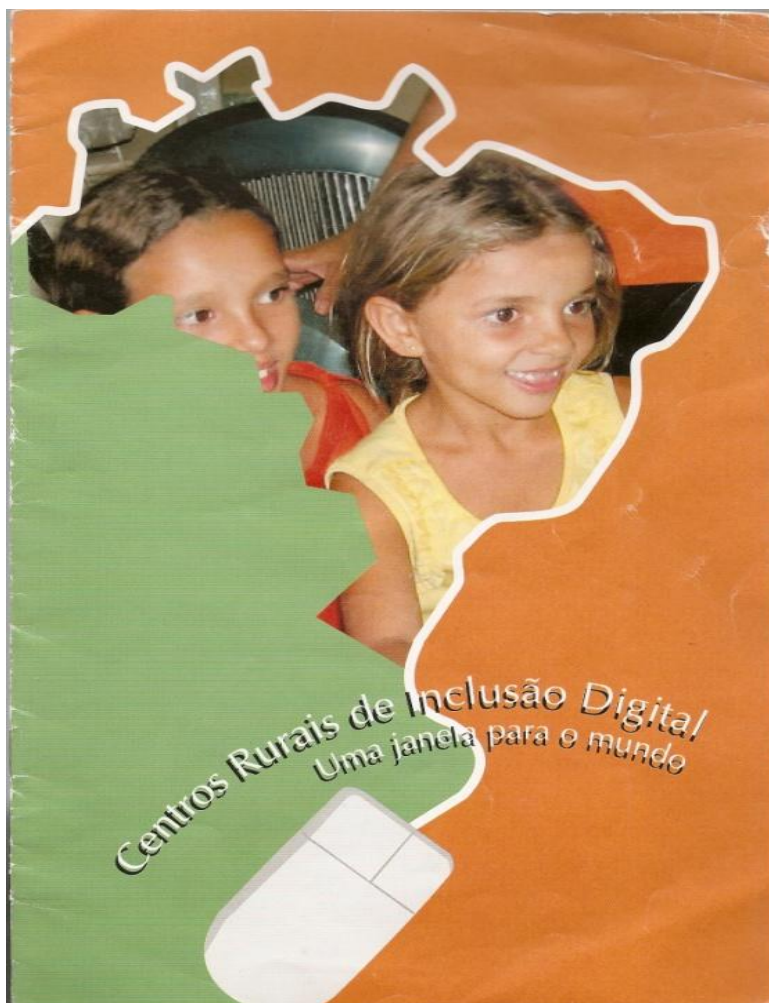


Figura 150: Folder-capa

Fonte: Universidade Federal do Ceará - UFC

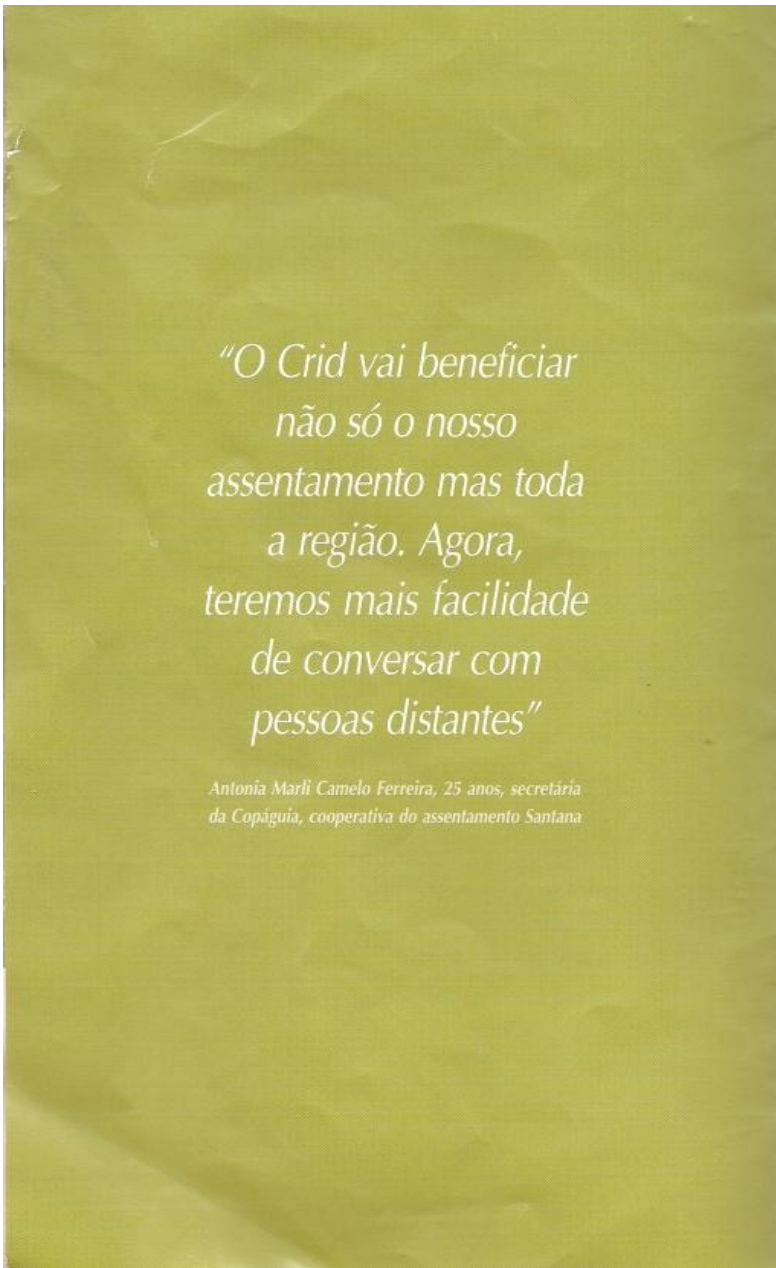


Figura 151: Folder-capa 2

Fonte: Universidade Federal do Ceará - UFC

Ambiente virtual de ensino

Os Centros Rurais de Inclusão Digital (Crid) são laboratórios de informática educativa que funcionam como ambientes virtuais de aprendizagem instalados em locais de acesso público, mantidos sob a responsabilidade das comunidades rurais e mediados pelas escolas.

O Crid nasceu na Universidade Federal do Ceará (UFC), como um projeto de extensão concebido no Laboratório de Pesquisa Multimeios da Faculdade de Educação (Faced/UFC), e tem como parceiros a Superintendência Regional do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra/CE) e o Banco do Nordeste do Brasil (BNB). O projeto conta também com o

apoio do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), por meio do Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural (Nead). Seu projeto-piloto está sendo desenvolvido no assentamento Santana, no município de Monsenhor Tabosa, e envolve mais nove comunidades do entorno.

O Crid oferece serviços de inclusão digital, informática, informática educativa, educação a distância e telecomunicações, num contexto de desenvolvimento social e pessoal, econômico e cultural.

O projeto mobiliza a comunidade por meio do processo de cultura digital, passando prioritariamente pela

Figura 152: Folder p. 1

Fonte: Universidade Federal do Ceará - UFC

escola, baseando-se na convicção das instituições parceiras de que homens e mulheres têm a sua capacidade de articulação fortalecida quando acessam à informação, transformando-a em conhecimento.

Trata-se de uma iniciativa pioneira, marcada pela ousadia de romper distâncias e conceitos. São prioritárias para o projeto as comunidades de difícil acesso e meios de comunicação escassos.

O Crid, que promove a cultura digital e não somente o acesso

digital, apresenta baixo custo orçamentário diante dos elevados benefícios que proporciona.

A iniciativa pretende facilitar a formação de uma rede nacional de troca de experiências e saberes relacionados à reforma agrária e ao desenvolvimento rural.

DESENVOLVIMENTO HUMANO E ECONÔMICO

Entre os objetivos do Crid estão a promoção do



Figura 153: Folder, p. 2

Fonte: Universidade Federal do Ceará - UFC

desenvolvimento em comunidades rurais – viabilizando o acesso de crianças, jovens e adultos à cultura digital e a uma rede de informações – e a capacitação e os serviços por meio da implantação de laboratórios. A idéia é estimular tanto o desenvolvimento humano quanto o desenvolvimento econômico dessas populações.

Além de iniciar a formação de uma rede de troca de experiências, oportunizando o acesso a vários tipos de serviços, o Crid vem estimular a pesquisa de usuários e usuárias, oferecendo mapeamento de oportunidade de informações acerca de entidades e instituições de pesquisa e estudos que lidam com a questão agrária.

Essa rede propõe assegurar uma interface direta com linhas de financiamento, facilitando um conjunto de informações para escolha de crédito e, por fim, propiciando um canal direto das comunidades com as instituições.

METODOLOGIA

As comunidades participantes do Crid são estimuladas a criar conteúdo próprio (*sites* locais e pessoais, projetos educativos, jornais comunitários, atividades culturais etc.). Os laboratórios também funcionam como centros de informação e serviços voltados para o desenvolvimento comunitário, oferecendo informações nas áreas de saúde, educação, negócios, além de ampliar os canais de comunicação com o governo e a sociedade.

As comunidades utilizam ainda serviços de informática num contexto de desenvolvimento social e econômico, a partir das ações de formação de gestores, informática educativa, cursos a distância e inclusão digital.

Todas essas ações são acompanhadas por um grupo formado por bolsistas da graduação e pós-graduação em Educação, Ciências Humanas e Exatas, ligados ao Laboratório de Pesquisa Multimeios da UFC.

Figura 154: Folder, p. 3

Fonte: Universidade Federal do Ceará - UFC

Os monitores capacitados desenvolvem habilidades para serem mediadores pedagógicos. Eles atendem usuários e usuárias e estimulam ações que possam potencializá-los com o auxílio da tecnologia e aprendizagem colaborativa.

Grupo de Gestão

Realiza manutenção preventiva dos equipamentos computacionais, *hardware e software*, e favorece a mediação do processo de inclusão digital da comunidade.

A metodologia utilizada tem como princípio que “nada é proibido, nem tudo é permitido” e o procedimento de atendimento ao usuário é chamado de “mão no bolso”, ou seja, os gestores que estão sendo formados são instruídos a não tocar no *mouse*, nem no teclado quando surgir alguma dificuldade. A idéia é permitir que o usuário e usuária percorram o seu próprio caminho.

Formação em Informática Educativa

A capacitação dos professores é baseada em quatro linhas de atuação: recursos básicos da Internet; formação técnico-pedagógica; ensino mediado por computador; e ensino inter/transdisciplinar assistido por computador.

Grupo de Inclusão Digital

Por meio de cursos e oficinas, são utilizadas tecnologias digitais de comunicação e informação em prol do desenvolvimento pessoal, interpessoal e profissional.

Grupo de Educação a Distância

Realiza cursos a distância abertos à comunidade. Os temas são escolhidos a partir de uma metodologia adaptada da Pedagogia de Paulo Freire, em comum acordo com as comunidades envolvidas.

Figura 155: Folder, p. 4

Fonte: Universidade Federal do Ceará - UFC

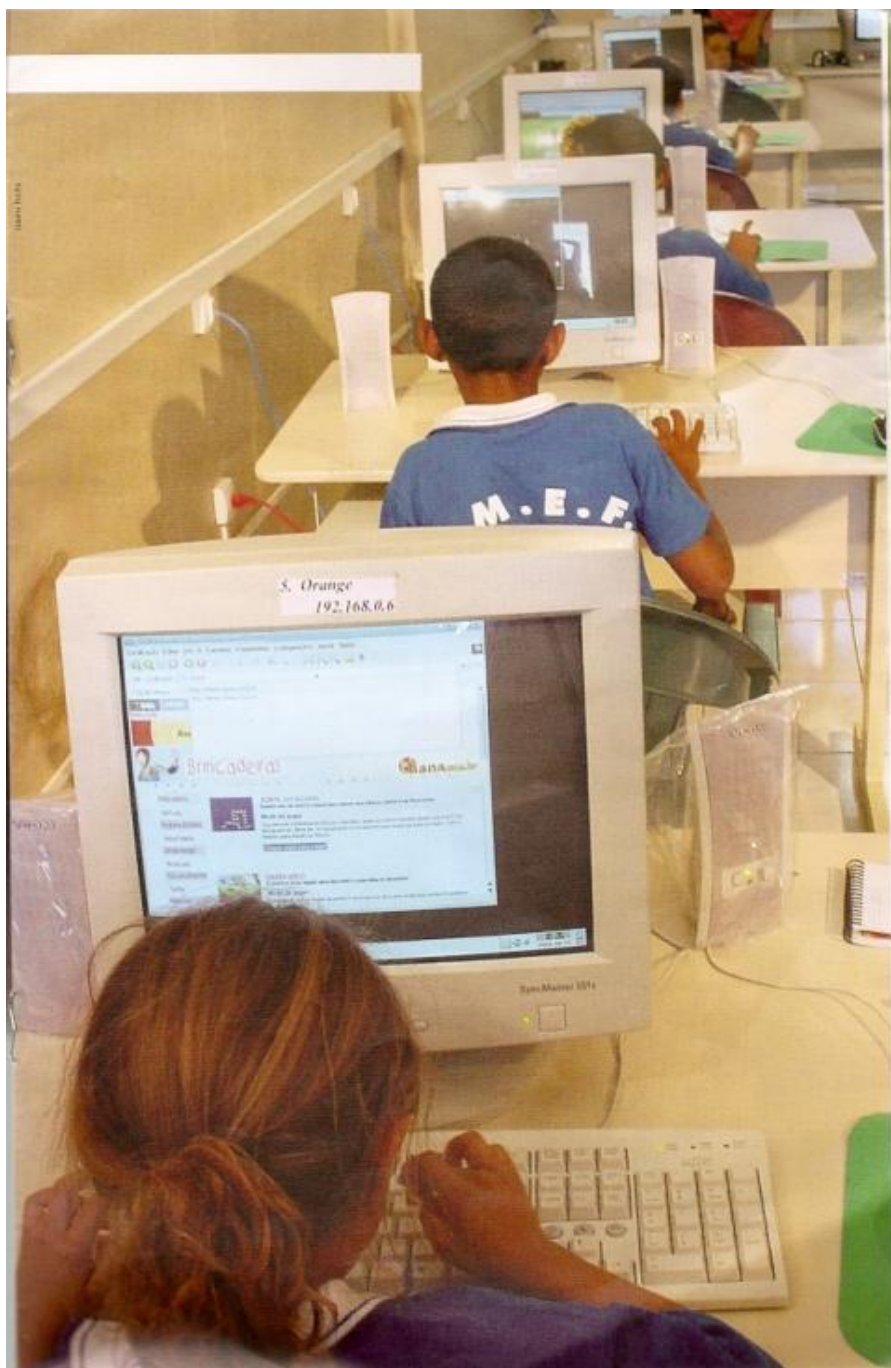


Figura 156: Folder, p. 5

Fonte: Universidade Federal do Ceará - UFC



Uma janela para o mundo

Um laboratório de informática educativa está mudando a realidade de um assentamento de reforma agrária em pleno Sertão Cearense. Pela primeira vez, as 77 famílias que vivem em Santana acessaram a rede mundial de computadores sem sair da própria comunidade.

Localizada no município de Monsenhor Tabosa – a 335 km de Fortaleza – Santana foi selecionada para ser o primeiro Centro Rural de Inclusão Digital (Crid), um projeto inovador que não oferece apenas o acesso à Internet, mas uma educação e informática,



Figura 157: Folder, p. 6

Fonte: Universidade Federal do Ceará - UFC

visando desenvolvimento social, econômico e cultural das comunidades.

A maior vocação do assentamento é a pecuária, que tem um significado cultural e econômico muito forte. Os rebanhos coletivo e individual contam com 1.734 animais. A comunidade, que não usa agrotóxicos, produz dois tipos de mel: o do marmeleiro e o silvestre.

Desde a conquista da posse da terra em 1987, Santana desenvolveu uma característica que passou a ser a sua marca forte: a autonomia. Toda a história do assentamento é construída a partir da tomada de decisões pela própria comunidade, desde o processo de escolha das famílias, o tipo de gestão e uso da terra, as formas de produção, até a convivência com órgãos e entidades.

Não é à toa que, em julho de 2004, a própria comunidade montou o laboratório – que dispõe de 10 computadores, impressora, *scanner*, máquina digital e câmera de videoconferência – e o administra com ajuda de estudantes bolsistas da Universidade Federal do Ceará. A sala, que funciona diariamente das 7h às 22h na sede da cooperativa, recebe gente de todas as idades.

A escola da comunidade conta com 300 alunos matriculados e também oferece o Telecurso 2000 e a Educação de Jovens e Adultos (EJA), coordenada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST). Santana se orgulha de seus professores, 12 deles já concluíram ou estão cursando nível superior.

Endereços para informações e contatos

Crid – www.multimeios.ufc.br/crid e crid_br@yahoo.com.br
Assentamento Santana – crid_santana@yahoo.com.br

Figura 158: Folder, p. 7

Fonte: Universidade Federal do Ceará - UFC



Figura 159: Folder, p. 8

Fonte: Universidade Federal do Ceará - UFC

*“O Crid é um
tesouro para o nosso
assentamento. Já
pensou quem nunca
teve a oportunidade
de poder está
conectado ao
mundo?”*

Virgínia Pereira da Luz, 67 anos, aposentada

Figura 160: Folder, p. 9

Fonte: Universidade Federal do Ceará - UFC

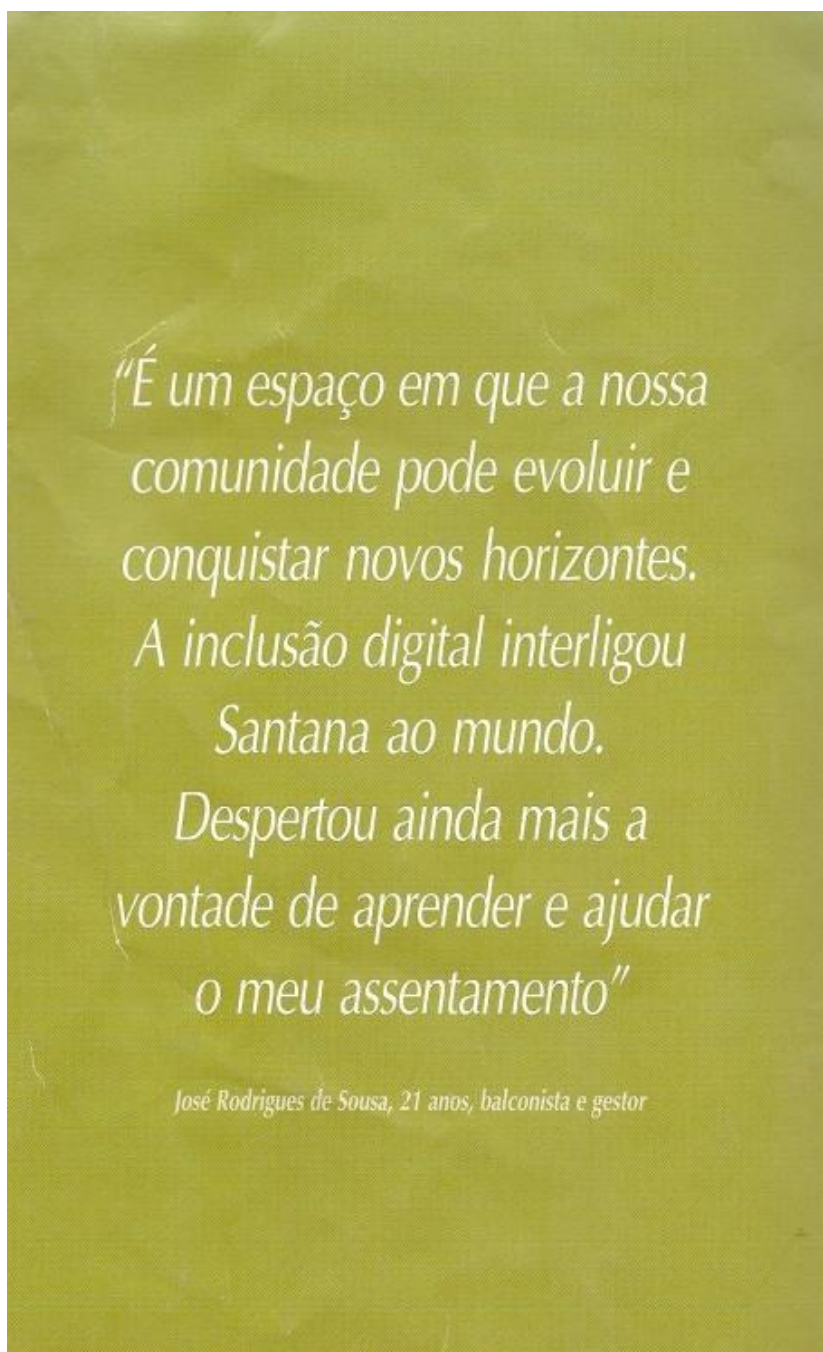


Figura 161: Folder-contracapa

Fonte: Universidade Federal do Ceará - UFC